BRASILIANA

5.a SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

1 — Baptista Pereira: *Figuras do Imperio e outros ensaios* — 2.ª edição.
2 — Pandiá Calogeras: *O Marquez de Barbacena* — 2.ª edição.
3 — Alcides Gentil: *As Idéas de Alberto Torres* (synthese com indice remissivo).
4 — Oliveira Vianna: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição (augmentada).
5 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo* (1822) - Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay.
6 — Baptista Pereira: *Vultos e episodios do Brasil.*
7 — Baptista Pereira: *Directrizes de Ruy Barbosa* — (segundo textos escolhidos).
8 — Oliveira Vianna: *Populações Meridionaes do Brasil* — 3.ª edição.
9 — Nina Rodrigues: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
10 — Oliveira Vianna: *Evolução do Povo Brasileiro* — 2.ª edição illustrada.
11 — Luiz da Camara Cascudo: *O Conde d'Eu* — Vol. illustrado.
12 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Vol. illustrado.
13 — Vicente Licinio Cardoso: *A' margem da Historia do Brasil.*
14 — Pedro Calmon: *Historia da Civilização Brasileira* – 2.ª edição.
15 — Pandiá Calogeras: *Da Regencia á queda de Rozas* — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
16 — Alberto Torres: *A Organização Nacional.*
17 — Alberto Torres: *O Problema Nacional Brasileiro.*
18 — Visconde de Taunay: *Pedro II.*
19 — Affonso de E. Taunay: *Visitantes do Brasil Colonial* (Sec. XVI-XVIII).
20 — Alberto de Faria: *Mauá* (com tres illustrações fóra do texto).
21 — Baptista Pereira: *Pelo Brasil Maior.*
22 — E. Roquette-Pinto: *Ensaios de Anthropologia Brasileira.*
23 — Evaristo de Moraes: *A escravidão africana no Brasil.*
24 — Pandiá Calogeras: *Problemas de Administração.*
25 — Mario Marroquim: *A lingua do Nordeste.*
26 — Alberto Rangel: *Rumos e Perspectivas.*
27 — Alfredo Ellis Junior: *Populações Paulistas.*
28 — General Couto de Magalhães: *Viagem ao Araguaya* — 3.ª edição.
29 — Josué de Castro: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
30 — Cap. Frederico A. Rondon: *Pelo Brasil Central* — Ed. illustrada.
31 — Azevedo Amaral: *O Brasil na crise actual.*
32 — C. de Mello-Leitão: *Visitantes do Primeiro Imperio* — Ed. illustrada (com 19 figuras).
33 — J. de Sampaio Ferraz: *Meteorologia Brasileira.*
34 — Angyone Costa: *Introducção á Archeologia Brasileira* — Ed. illustrada.
35 — A. J. Sampaio: *Phytogeografia do Brasil* — Ed. illustrada.
36 — Alfredo Ellis Junior: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 2.ª edição.
37 — J. F. de Almeida Prado: *Primeiros Povoadores do Brasil* — (Ed. illustrada).
38 — Ruy Barbosa: *Mocidade e Exilio* (Cartas ineditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. illustrada.
39 — E. Roquette-Pinto: *Rondonia* — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
40 — Pedro Calmon: *Historia Social do Brasil* — 1.º tomo — *Espirito da Sociedade Colonial* — 2.ª Ed. illustrada (com 13 gravuras).
41 — José Maria Bello: *A intelligencia do Brasil.*
42 — Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil* — 2.ª edição (com 3 mappas fóra do texto).
43 — A. Saboya Lima: *Alberto Torres e sua obra.*
44 — Estevão Pinto: *Os indigenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mappas) — 1.º volume.

45 — Basilio de Magalhães: *Expansão Geographica do Brasil Colonial.*
46 — Renato Mendonça: *A influencia africana no portuguez do Brasil* — Ed. illustrada.
47 — Manoel Bomfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
48 — Urbino Vianna: *Bandeiras e sertanistas bahianos.*
49 — Gustavo Barroso: *Historia Militar do Brasil* — Ed. illustrada (com 50 gravuras e mappas).
50 — Mario Travassos: *Projecção Continental do Brasil* — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
51 — Octavio de Freitas: *Doenças africanas no Brasil.*
52 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.
53 — A. J. de Sampaio: *Biogeographia dynamica.*
54 — Antonio Gontijo de Carvalho: *Calogeras.*
55 — Hildebrando Accioly: *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.*
56 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penalva.
57 — Flausino Rodrigues Valle: *Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.*
58 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem á Provincia de Santa Catharina* (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
59 — Alfredo Ellis Junior: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.*
60 — Emilio Rivasseau: *A vida dos Indios Guaycurús* — Edição illustrada.
61 — Conde d'Eu: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição illustrada.
62 — Agenor Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — Edição illustrada.
63 — Raymundo Moraes: *Na Planicie Amazonica* — 4.ª edição.
64 — Gilberto Freyre: *Sobrados e Mucambos* — Decadencia patriarchal rural no Brasil — Edição illustrada.
65 — João Dornas Filho: *Silva Jardim.*
66 — Primitivo Moacyr: *A Instrucção e o Imperio* (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.º volume.
67 — Pandiá Calogeras: *Problemas de Governo* — 2.ª edição.
68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz* — 1.º tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
69 — Prado Maia: *Atravez da Historia Naval Brasileira.*
70 — Affonso Arinos de Mello Franco: *Conceito de Civilisação Brasileira.*
71 — F. C. Hoehne — *Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI* - (Pesquisas e contribuições).
72 — Augusto de Saint-Hilaire — *Segunda viagem ao interior do Brasil* — *"Espirito Santo"* — Trad. de Carlos Madeira.
73 — Lucia Miguel-Pereira — *Machado de Assis* — (Estudo Critico-Biographico) — Edição illustrada.
74 — Pandiá Calogeras: *Estudos Historicos e Politicos* - (Res Nostra...) 2.ª edição.
75 — Affonso A. de Freitas: *Vocabulario Nheengatú* (vernaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) - Lingua Tupy-guarany (com 3 illustrações fóra do texto).
76 — Gustavo Barroso: *Historia secreta do Brasil* — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicação de Pedro I" — Edição illustrada.
77 — C. de Mello-Leitão: *Zoologia do Brasil* — Edição illustrada.
78 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz* — 2.º tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
79 — Craveiro Costa: *O Visconde de Sinimbú* — Sua vida e sua actuação na politica nacional - 1840-1889.
80 — Oswaldo R. Cabral: *Santa Catharina* — Edição illustrada.
81 — Lemos Brito: *A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio* — *Frei Caneca* — Ed. illustrada.
82 — C. de Mello-Leitão: *O Brasil Visto Pelos Inglezes.*
83 — Pedro Calmon: *Historia Social do Brasil* — 2.º Tomo — *Espirito da Sociedade Imperial.*
84 — Orlando M. Carvalho: *Problemas Fundamentaes do Municipio* — Edição illustrada.
85 — Wanderley Pinho: *Cotegipe e seu Tempo* — Ed. illustrada.
86 — Aurelio Pinheiro: *A' Margem do Amazonas* — Ed. illustrada.
87 — Primitivo Moacyr: *A Instrucção e o Imperio* — (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil

— 2.º volume — Reformas do ensino 1854-1888.

88 — Helio Lobo: *Um Varão da Republica: Fernando Lobo.*

89 — Coronel A. Lourival de Moura: *As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.*

90 — Alfredo Ellis Junior: *A Evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Edição illustrada.

91 — Orlando M. Carvalho: *O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.*

92 — Almirante Antonio Alves Camara: *Ensaio sobre as Construcções Navaes Indigenas do Brasil* — 2.ª edição illustrada.

93 — Seraphim Leite: *Paginas de Historia do Brasil.*

94 — Salomão de Vasconcellos: *O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia* — Edição illustrada. ..

95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: *Viagem ao Brasil* - 1865-1866 - Trad. de Edgar Süssekind de Mendonça — Ed. illustrada.

96 — Osorio da Rocha Diniz: *A Politica que convem ao Brasil.*

97 — Lima Figueiredo: *Oeste Paranaense* - Ed. illustrada.

98 — Fernando de Azevedo: *A Educação Publica em São Paulo* - Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

99 — C. de Mello-Leitão: *A Biologia no Brasil.*

100 — Roberto Simonsen: *Historia Economica do Brasil* - Ed. illustrada em 2 tomos - 100 e 100-A.

101 — Herbert Baldus: *Ensaios de Ethnologia Brasileira.* - Ed. illustrada.

102 — S. Froes Abreu: *A riqueza mineral do Brasil* - Ed. illustrada.

103 — Souza Carneiro: *Mythos Africanos no Brasil* — Ed. illustrada.

104 — Araujo Lima: *Amazonia — A Terra e o Homem* — (Introducção á Anthropogeographia) — 2.ª edição.

105 — A. C. Tavares Bastos: *A Provincia* — 2.ª edição.

106 — A. C. Tavares Bastos: *O Valle do Amazonas* — 2.ª edição.

107 — Luis da Camara Cascudo: *O Marquez de Olinda e seu tempo* (1793-1870) — Ed. illustrada.

108 — Padre Antonio Vieira: *Por Brasil e Portugal* — Sermões comentados por Pedro Calmon.

109 — Georges Raeders: *D. Pedro II e o Conde de Gobineau* (Correspondencia inedita).

110 — Nina Rodrigues: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.

111 — Washington Luis: *Capitania de São Paulo* - Governo de Rodrigo Cesar de Menezes - 2.ª edição.

112 — Estevão Pinto: *Os Indigenas do Nordeste* — 2.º tomo (Organização e estructura social dos indigenas do nordeste brasileiro.

113 — Gastão Cruls: *A Amazonia que eu vi* — Obidos Tunnuc-Humac — Prefacio de Roquette Pinto - Illustrado — 2.ª edição.

114 — Carlos Süssekind de Mendonça: *Sylvio Romero* — Sua formação Intellectual — 1851-1860 — com uma indicação bibliographica - Edição illustrada.

115 — A. C. Tavares Bastos — *Cartas do Solitario* — 3.ª edição.

116 — Agenor Augusto de Miranda: *Estudos Piauhyenses* — Edição illustrada.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

O MARQUEZ DE OLINDA

Serie 5.ª -- BRASILIANA -- Vol. 107
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

LUIS DA CAMARA CASCUDO
do Instituto Historico Brasileiro

O MARQUEZ DE OLINDA

E SEU TEMPO (1793 - 1870)

(Prefacio do conde Affonso Celso)

1 9 3 8
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO - RECIFE - PORTO ALEGRE

Pedro de Araujo Lima, Senador do Imperio e Marquez de Olinda

(Copia do original existente na Faculdade de Direito do Recife)

INDICE

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

PREFACIO

O norte apresenta hoje alguns escriptores, que, em varios generos, exploram deveras as letras nacionaes.

Figuram entre elles não poucas senhoras, como, por exemplo, Edwiges Pereira de Sá, Rachel de Queiroz, Palmira Wanderley, Eneida de Moraes.

Dos homens basta lembrar aquelle cujo grande triumpho, num romance de costumes regionaes, muito concorreu para a elevada situação politica em que ora se encontra, dirigindo uma das pastas do Governo Provisorio.

No grupo dos que melhor aptidão têm revelado, e mais amplo conhecimento manifestam das nossas cousas, fructo opimo de acuradas pesquizas historicas, sobre as quaes elaboram ensaios, tão recommendaveis pela substancia quanto pelo apuro da fórma, está o Dr. Luiz da Camara Cascudo, residente em Natal.

Publicou elle, ha tempos, um livro sufficiente para lhe grangear, — Lopez no Paraguay, — em que trouxe a lume documentos inéditos e fez conceituosas ponderações relativamente á guerra do Brasil com aquella Republica, episodios relevantes

dos nossos factos, ainda tão mal apreciados por historiadores patrios.

Gentilissimamente, proporcionou-nos agora a leitura do novo trabalho, apenas dactylographado — O Marquez de Olinda e o seu tempo — 1793-1870.

De modo assim completo como instructivo e deleitoso, relata e commenta o Dr. Luiz da Camara Cascudo a vida do illustre pernambucano que, desde as côrtes portuguezas de 1820 até adiantada phase do segundo Imperio, isto é, no correr de meio seculo, exerceu os mais eminentes cargos politicos, deputado, presidente da Camara, senador, conselheiro de Estado, numerosas vezes ministro e presidente do Conselho, director da Faculdade de Direito de Olinda, regente do Imperio, eleito directamente pelo paiz, no ultimo periodo de menoridade de D. Pedro II, a quem entregou o poder.

Mereceu as mais altas distincções, sempre em destaque, acatado pela opinião, considerado uma das nossas figuras primaciaes.

Declara o Dr. Luiz da Camara Cascudo que esse volume custou-lhe quatro annos de labor.

"Durante esse tempo, — absorvido numa época ruidosa não dei olhos senão áquellas figuras grandes que eu via construir e erguer a minha patria... Para o livro não creio existir editor nem publico. Mas o encanto de evocar todos os velhos mi-

nistros, o Imperador, as eleições, a lealdade, o brilho, a graça, o perfume dum ambiente que não conheci e do qual vivo exilado, tudo isso de sobejo dispensa qualquer recompensa".

Na verdade, o Dr. Luiz da Camara Cascudo, embora, o que não acreditamos, deixe de imprimir e divulgar a sua obra, e possue titulos para a mais lisongeira acceitação, deve estar satisfeito, pois recebeu da propria consciencia a segurança de haver executado excellente e desinteressada tarefa, servindo a verdade e a justiça.

Para espiritos nobres é quanto basta.

Accresce o applauso, a admiração de quantos o lerem.

Surprehende, e, a um tempo, incute respeito o facto de que, trabalhando "num fundo de provincia, sem animo e sem estimulo para essa actividade que não é politica nem louvaminheira" *(phrases do autor) desprovido de bibliothecas, archivos, pontos de informação, raras e difficeis mesmo em nossos centros intellectuaes, tenha elle adquirido tamanha e tão exacta noção dos debates parlamentares, das facções partidarias, dos personagens, não já superiores mas subalternos, de datas, nomes, de incidentes descuidados dos chronistas mais em vóga.*

Qual teria sido no Brasil reino e nos tempos do Imperio o papel de Marquez de Olinda?

Qual o seu lugar na galeria dos nossos estadistas?

Quaes os meritos e serviços que lhe angariaram a confiança dos contemporaneos e o designaram para os postos de direcção e commando?

Afim de responder a estas interrogações, descreve o Dr. Luiz da Camara Cascudo o seu biographo, filho de abastado senhor de engenho, desde os estudos primarios e secundarios em Pernambuco; a sua ida aos 20 annos, para Coimbra, onde se doutorou em canones; as suas viagens á Inglaterra, França e Italia; as assembléas de que foi membro, os ministerios de que fez parte, sendo o primeiro durante tres dias, sob o fundador do Imperio; os suffragios que conseguiu para os cargos electivos; o seu prestigio constante, a ponto de o compararem a um rei constitucional e o chamarem vice-imperador.

E, a proposito de tudo isto, examina, de fórma incisiva e pittoresca, os varios meios em que o Marquez agiu e as invidualidades com quem lidou, — Barbacena, Evaristo da Veiga, Feijó, Euzebio, Uruguay, Abaeté, Caxias, Octaviano, Nabuco, etc.

Quantos impressionantes perfis psychologicos!

E não era orador, nem escriptor, nem agitador, mas retrahido, hirto, secco, não buscando

impor-se a ninguem, sem ambição apparente de poderio e popularidade.

Applicava-se-lhe a phrase de Chateaubriand: não ia aos acontecimentos; os acontecimentos vinham a elle.

O Dr. Luiz da Camara Cascudo busca explicar com observações engenhosas, convincentes, ás vezes, tão afortunada carreira.

Para nós, Olinda dispunha de peregrinos dons de intelligencia e caracter, aperfeiçoados pela meditação e experiencia.

Possuia, sobretudo, o tacto, a medida, a discreção, a paciencia, invulgares dos politicos ibero-americanos.

Entendia, como abalizado pensador, que governar é pactuar e pactuar não é ceder.

Pensava, como outras summidades no assumpto, que o proprio dom do homem de Estado é saber escolher entre grandes inconvenientes; que a verdadeira sciencia consiste no bom senso organizado; que os grandes acontecimentos historicos não se podem realizar mediante calculos humanos; que o homem politico não deve encerrar-se num systhema immutavel, de sorte que, não procedendo immortalmente, deve tirar partido das circumstancias; que o homem póde governar a embarcação que navega no rio; que não lhe é dado produzir os successos decisivos, mas observar o

curso natural das cousas e colher o que houver sido por ellas amadurecido.

Olinda tinha, sobretudo, o mysterioso dom da autoridade, a maxima qualidade dos dominantes, — o haver nascido sob um signo abençoado, o da predestinação, o de ser feliz.

E foi tão feliz que, sessenta annos após o seu desapparecimento, num paiz onde, mais de que noutros, — les morts vont vite, — *eis-lhe um biographo, como o Dr. Luiz da Camara Cascudo, numa biographia artistica e solida, qual um monumento.*

CONDE DE AFFONSO CELSO

PRELIMINAR

Mentalidade dirigente e massa dirigida. O Brasil e a Europa. O Brasil e America. Influencias e sugges tões. Espirito da formação nacional. A figura do marquez de Olinda.

Qual teria sido no Brasil reino e nos dois tempos do Imperio o papel do marquez de Olinda? Seu lugar na galeria, o ponto na situação politica, a praça na fila dos homens que crearam o espirito do paiz e a superstição de partido no Brasil?

Os dois partidos, Liberal e Conservador, eram lados d'um angulo recto. O Imperador significava o vertice. Seus programmas copiavam-se mutuamente. Seus chefes eram os mesmos na pratica, na identidade de acção, na coordenada technica das aptidões pessoaes. Nem por voarem em direcções diversas perdiam elles a vista do mesmo horizonte e o alcance ao mesmo sol deslumbrante.

O partido Conservador recebera o paiz que os liberaes libertaram de dom Pedro I°. Libertaram daquelle "meneur" impetuoso e moço que levaria a patria nova a constituir-se reino militar no continente. O Conservador surgiu lastreando o empuxo irresistivel do Sete de Abril. O impeto fôra desmarcado e, apeiadas as duas primeiras

regencias (Feijó, ministro da Regencia, já é liberal.), o "partido de Regresso", em bloco, repetia a unidade que Evaristo da Veiga representava. A confusão mental entre uns e outros dava em Bernardo de Vasconcellos o contraforte Saquarema, a medida exacta das pretenções liberaes. Para derribar o castello conservador só o poderia fazer Antonio Carlos, tribuno do povo, technico de influencias populares, demagogico e calculado, vasto e medido. Logo apóz a maioridade os conservadores retomam o pouso usurpado.

Era de esperar fosse doutrina conservadora esse espirito de resistencia, de cohesificação, de consolidamento da autoridade, repousando nas classes cultas e ricas. Uma solidariedade feita de permuta de graças e de dedicações nada mais seria que a defeza commum. Desmente esse possivel programma a pratica conservadora na administração. Os mais serios golpes ao proprietario e ao Episcopado surgiram na vigencia de organizações conservadoras. Um conservador, Rio Branco, liberta os nascituros e prende os bispos de Olinda e do Pará. Outro conservador, Cotegipe, desvincúla do elo da posse os sexagenarios. Outro conservador, João Alfredo, herdeiro de Rio Branco, dá liberdade incondicional á multidão escrava que povoava os cannaviaes e fazendas de café. E a maioria conservadora no Senado recebeu ironicamente a tentativa de indemnisação que Cote-

gipe apresentara num gesto de baldada e tardia defeza ao regime.

Os liberaes, curiosamente, dão as figuras disciplinares de Nabuco e de Ouro Preto. Os typos de autoridade reverente, de respeito ao throno e as classes latifundiarias; os typos rigidos, altivos, desdenhosos, donos da popularidade e por isto mesmo desprezando-a, eram quasi sempre os liberaes. Zacarias e Cotegipe, os dois eternos duelistas, desnorteiam uma classificação immediata. O conservador é, psychologicamente e physionomicamente, o liberal. A reciproca é certa tambem.

Os homens extranhamente decididos, dispostos a jogar a suprema cartada entre o Povo e a Corôa, são sempre os liberaes. Saldanha Marinho, os Ottonis, Silveira Martins, Nabuco, Souza Franco, Saraiva são muito mais possuidores do espirito da grey que os proprios a ella pertencentes.

A idéa entre os dois partidos (notada explendidamente por Joaquim Nabuco) é que elles bastavam para dirigir o Brasil e qualquer chefe, sozinho, annularia uma tentativa que vizasse a mudança do regime.

A noção de Imperio e de Imperador andavam irmanadas. Julgavam-na tão enraizada n'alma que desconheciam a necessidade de verificar sua segurança. No minuto em que cada um pro-

curou sua propria dedicação encontrou o vazio. Evaporara-se. A maré rompêra o dique cuja fortaleza ninguem cuidara em revigorar. Não prova que fosse terrivel o embate do Mar. A defesa é que se enfraquecera por abandono e demasiada confiança na eternidade de sua resistencia material. Esse espirito ainda se confundia com a dispersão de sympathia na politica imperial. Ninguem possuia firmeza nos partidos. Queria-se melhorar e progredir. Mas a Republica não estava dentro desses calculos. A desconfiança pelos partidos não attingia o Imperio.

Nos derradeiros mezes de 1889, o liberal de 7 de junho é o mais activo conservador que já teve a monarchia. O liberal do ultimo gabinete estava na situação moral dos conservadores na ascenção de 1848.

Não sendo as inevitaveis e altissimas barreiras que a ambição mascára de amor-proprio, coisa alguma existia de intransponivel entre os partidos politicos. Faltou a cada um o que ia fazendo a França perder a guerra — a unidade de commando, a unidade de doutrina, a unidade de programma administrativo. Os gabinetes conservadores de Olinda-Monte Alegre ou Rio Branco, realizaram quasi todas as ideas liberaes. Os gabinetes liberaes de Saraiva e Ouro Preto constroem quasi

todas as ideas conservadoras. Mas o fizeram guerreados pelo partido, cuja bandeira lhes era adversa e cuja doutrina vivia inconscientemente em acção continua e franca. Faltou-lhes unidade de commando que equivalia unidade de responsabilidade e de disciplina. A doutrina dum partido politico nunca expressa um corpo homogeneo de principios mas uma somma de predilecções pessoaes dos chefes componentes. No Imperio, depois de 1870, o que distinguia um partido do outro era apenas o nome dos chefes.

Que os partidos não possuiam resistencia prova-o Nabuco em 1868. Zacarias cai com maioria. Itaborahy dissolve e terá uma Camara com maioria conservadora. Cai João Alfredo com maioria conservadora e Ouro Preto, dissolvendo terá maioria liberal.

Ficavam, como nodulos inassimilaveis, os lugares-tenentes esparsos nas provincias, obstinados de fé, esperando a "subida do chefe"...

*

* *

A indisciplina não era factor de menor efficiencia. Os liberaes derribam Paula Souza, Zacarias, Furtado, Dantas, Martinho Campos. Os conservadores derrotam Cotegipe, Olinda, Caxias, Ferraz. O unico golpe sem parada possivel que Rio Branco recebeu na Camara veio justamente

dum chefe saquarema, Paulino de Souza. E para governar Rio Branco teve que dissolver...

Todas as grandes campanhas parlamentares reuniram entre os da offensiva homens dos dois partidos. Na defeza via-se o elemento hecterogeneo, a expressão das duas correntes adversas, unidas como em face de inimigo commum.

A lei dos circulos, a lei de 28 de setembro, a da eleição directa, a da abolição total, deram a Paraná, Rio Branco, Saraiva e João Alfredo o nivel das solidariedades precarias, a desagregação dos partidos, a desunião dos componentes, frios e distantes, indifferentes á solicitação do chefe numa hora de batalha decisiva.

*

*   *

O estado espiritual do Brasil Imperio foi de desequilibrio. Seus mentores, desde o Reino, Independencia, Primeiro Imperio, Regencia, Maioridade, vieram de Coimbra, dos codigos manuelinos, affonsinos e felippinos. Vieram da Europa do congresso de Vienna. A terra brasileira só lhes surgia como entidade geographica. O povo significava um elemento indifferente ao seu destino politico. A liberdade de imprensa espalhava, entretanto, toda semente num terreno fertil. A vegetação surgida era antagonica. Era a liberdade sem disciplina, parlamento sem eleição, abolição sem ensino profissional, bacharelismo sem prati-

ca, burocracia absorvente, monopolisadora, tentaculisante. Nada de regulamentação agricola, industrial, economica.

Depressa o Brasil ficou erudito, palavroso, parlamentar, astronomo, viajante, lendo em francez e inglez, discutindo, suggerindo, insinuando e jamais fazendo, plantando, realizando. Ficamos depressa vivendo vida da Europa e sem a idade della. Ficamos na Europa e estavamos enkystados, distanciados, ignorados pelos nossos visinhos. Inda atravessavam esses os diversos periodos de formação nacional onde o espirito revolvido e incendiado imitava a convulsão ignea dos periodos plutonicos e nós já estadeavamos em pleno parlamentarismo.

O brasileiro não era nada daquillo que se discutia e citava nas Camaras. Elle era um povo de yáyás e yôyôs, com azeite de dendê e samba, sensual e cupido, bailaricando lundús, dando facadas, raptando moças, fazendo vida feudal nos engenhos ornamentaes onde seu orgulho gritava no mar-montante dos cannaviaes, morros de café, e manadas mugidoras que se detinham no momento de parar-o-rodeio. O brasileiro era o barão eleitoral, o vaqueiro, o filho-familia que casava com a prima, as mucamas, o moleque de recado, o commerciante portuguez, a imprensa com direitos e sem deveres, o exercito abstracto na contemplação do Paraguay e sem esperanças

duma guerra que lhe distendesse os musculos impacientes de lucta. Só se lembrava da patria nas eleições e nas guerras. Dahi a primeira recordar a segunda.

Para governar o Brasil tinhamos dom Pedro, sereno, doce, recatado, socio do Instituto de França, lendo hebraico, vestindo negro, sem beber, sem fumar, sem ter bastardos. Para um povo polycolor, berrante, gente de carnaval, de entrudo, de bailes e lapinhas doidas, de cavalgatas, de pégas-de-toiro, de eleições a tiro, sinão-não-tem-graça. havia um dirigente sizudo, grave, impeccavel, sem arroubos, com uma falinha de menino manhoso e viciado. Havia uma desproporção esmagadora.

No Senado e na Camara havia o sopro dos partidos que os politicos namoravam lendo em francez e inglez. A França e a Inglaterra explicavam tudo. Citar um periodo, uma época, era desculpar uma attitude. Pouco se lhes importava o ambiente crioulo do Rio de Janeiro. Impavam de orgulho ingenuo e platonico na possivel comparação entre elles e seus collegas distantes de Paris e Londres. A citação vinha sempre emudecendo o antagonista useiro na mesma arma. Era uma facil erudição que consolava e auxiliava aquelles homens illustres. Nas "descidas" ministeriaes raro é o senador que deputado que não explique a queda, propria ou dos amigos, recordando um facto igual que se passou sob Walpole, Pitt ou Gladstone.

E os ministros ficavam tranquillos. Havia o precedente... Um precedente historico que illustrava a retirada. A serenidade voltava-lhes ao espirito. A cita ingleza espoucava impressionando. Assim para o imponente marquez do Paraná como para o bonachão Martinho Campos a egide era uma só. Variavam o indumento. Lembravam a satisfação interior do exilado duque de Olivares quando Gil Blas o comparou ao imperador Diocleciano, plantando couves em Salone...

Quando surgia uma identidade espiritual nascia esta dum manejo politico. Nunca do raciocinio ou da logica. Se os "politicos" fossem imponentes para realisar a campanha, então appellava-se para o povo numa logica sentimental que não falhava. Assim a Maioridade e a Abolição. Na Republica o povo não teve tempo de ser consultado.

*

* *

Uma explicação possivel dessa dessemelhança entre estadistas e governados talvez fosse o orgulho natural de querer que o Brasil ficasse num nivel mais alto que os outros povos do continente. Quando lá fóra os movimentos da independencia foram feitos, em percentagem alentada, pelos ajudantes d'ordens de Simão Bolivar, o Brasil destôava desse diapazão. A sua independencia sahira duma machinação erudita, tramada entre sabios,

advogados e frades cultos. Medira-se frente à frente com os tribunos da metropole nas sessões das Côrtes de Lisbôa. Dom Pedro surgira como um principe conquistado e rebelde ao seu paiz de origem. A victoria brasileira era uma victoria sobre o portuguez fidalgo, lugar-tenente de El-Rei D. João VI.

Comparar o Uruguay de Oribe e a Argentina de Rosas com o Brasil imperial de 1850 é ter-se uma surpresa pela distancia duns e outros comvisinhos. O reinado do "corta-cabeças" uruguayo e do "Tigre de Palermo" argentino não pode soffrer confronto com o Brasil de Olinda, de Paraná, de Cayrú, de Maricá, Brasil de diplomatas, economistas, tribunos e poetas. E quando lá fóra as melhores expressões de intelligencia, plateña e porteña, estavam exiladas, as brasileiras governavam administravam, dirigiam, presididas por um Imperador que fazia versos e media orbitas dos astros.

Essa era a ordem dos espiritos rythmados da nação. O instincto popular seria o mesmo dos seus visinhos se as comportas se rompessem ao impulso das tendencias.

*

* *

O progresso brasileiro foi sempre de enxertia. Uma continuada tentativa de adaptação. Nós nunca nos livramos da idéa de cotêjo, de padrão,

de modelo. Se tivessemos uma civilisação dessemelhante ao figurino europeu não era civilisação. E' preciso que a civilisação brasileira pareça com outra. Que exista uma para ser imitada. E' esse habito renitente e tenaz de respeito, do respeito supersticioso ao-que-se-está-usando que torna macaqueante e comica a nossa physionomia internacional.

*

* *

Careciamos doutro factor que foi impressionantemente formidavel em toda terra sulamericana. O soldado-politico. Não tivemos um arrebatador como Rosas, caudilho e "meneur", idolo e fetiche, repulsivo e adorado, forte, bello, irresistivel, impessoal e predestinado como um cataclysma. A nossa gloria militar era Caxias, de barão a duque, de tenente a marechal, ganhando galões e titulos em continuações de victorias sobre rebeldes ao governo constitucional, derrotando ininigos do regime ou adversarios da patria. Ha sempre no militar brasileiro o fermento da obediencia ao poder civil que elle viu construir a nação. Na revolução de 3 de outubro de 1930, dirigida por soldados, foi immediatamente apoz o sucesso entregue a civis. Mesmo empolgante como Juarez Tavora. suggestionador como João Alberto ou sereno e culto como Bertholdo Klinger, a mentalidade não varia. Lá na Bolivia, Perú, Argentina eram

coroneis os presidentes das Juntas Governativas. Nós tivemos logo, bem depressa para não quebrar a continuidade do habito, um civil, um paizano, um bacharel, presidindo o governo que emergia duma revolução vencedora. A proeminencia de Getulio Vargas, Oswaldo Aranha e José Americo de Almeida sobre o elemento militar que todos nós supunhamos director do paiz, servirá como referencia até onde a cultura e a tradição sobrelevam o instincto e a logica collectivas.

Esse elemento de ordem rigorosa, que era uma herança dos praxistas respeitosos de Coimbra, "Coimbra docet", distanciou-nos do continente. O caudilho brasileiro foi sempre um futuro official submisso às ordens. Dos coroneis e generaes "farroupilhas" sahiram os grandes soldados que levaram a bandeira do Imperio a tres capitaes sul-americanas.

A impressão de sympathia collectiva pelos homens rispidos, seccos, magneticos, de acção mysteriosa, energica, sem lyrismos e sem phrases, prova, em Feijó e Floriano, que o povo do Brasil sahiu do mesmo fermento dos soldados de Aljubarrota, sustentando uma rebellião, e dos fieis a D. João IV, dando um throno a um insurrecto.

Com o amor pelos uniformes vistosos, enremilhetados a oiro, pelas procissões polychromas,

pelo brilho dos altares, pelas musicas ruidosas, pelos desfiles de gala, o brasileiro esteve, depois de 1831, governado por civis, homens vestidos de preto, cerimoniosos, recatados, modestos, inimigos de rumor, de grita e de acclamação.

*
* *

Da Europa nos veio a idolatria pelas monarchias parlamentares dos inglezes e pelos reis-democratas de França com suas Camaras sonoras e lindas. Depois de 1870 o fulcro é Washington. Rutila o iman que Joaquim Nabuco dizia estar suspenso na cupula do Capitolio. Agora republicanos e liberaes exaltados já têm sua "marotte" E ella veiu até nossa geração que inda tactêa indecisa a substituta entre Roma e Moscou.

*
* *

Que foi, nesse complexo, a figura de Pedro de Araujo Lima, marquez de Olinda?

Filho de senhor-de-engenho, pernambucano de velha familia, educado em Coimbra, deputado às Côrtes de Lisbôa, morre senador, ex-Regente do Imperio, numa continuidade de marcha espiritual. Elle é um dos vagos indicadores da politica de lentidão e de vagar que o Brasil necessitava. Elle é o inimigo da cultura politica que só apparece nos povos exhaustos de todos os regimens.

Olinda não illude com a magia da phrase rapida e brilhante nem o seduz o prestigio duma doutrina com o sello europeu. Calca o solo da patria e nelle se radica, duro, serio, pezado e sincero.

Não tem a intelligencia plastica de Nabuco de Araujo nem a palavra vitriolica de Zacarias. Como não se cercou do halo prestigioso do som e dos prelos é o mais esquecido dos politicos imperiaes. Elle não se exgotta como Rio Branco no afan de desarmar adversarios, fazendo justamente o que elles não puderam fazer. Não contemporiza como Cotegipe. Não desafia como João Alfredo.

Sua mentalidade é de analyse, de perscruta, de exame, de estudo. Não ha nelle o arrojo da experiencia, a ousadia do inusitado, a obediencia, a popularidade, a manietação dos partidos. Olinda é uma entidade isolada, unica, definitiva. Não muda, não acceléra, não retrograda, não pára.

A gloria aposentou-o com todos os vencimentos da Historia. Está tão estudado no Brasil como se fôra o mordomo-mor dum pharaó.

Este livro não tem o merito de resuscitar o Marquez de Olinda. Cumprirá o destino que lhe foi dado se indicar, indecisa e provisoriamente, os traços essenciaes de sua biographia politica.

Março de 1931. Em Natal.

LUIS DA CAMARA CASCUDO

I

Nascimento. Familia. Baptisado. Primeiros annos. Educação. Parte para a Europa. Seis annos de Coimbra. O doutor em Canones.

No dia 22 de dezembro de 1793 o enjenho ANTAS alvoroçou-se. Nascia o filho de Manuel de Araujo Lima e de sua mulher, dona Anna Teixeira Cavalcanti. Dia de São Ischirião, santo Honorio e são Flaviano. Apezar do uso o recem-nascido não terá o nome-do-dia. Será Pedro. Nome do avô materno.

ANTAS é enjenho inda existente na freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Villa Formosa de Serinhaem. Umas quatro leguas da então villa.

O governador capitão general de Pernambuco era dom Thomaz José de Mello, da mui illustre casa dos marquezes de Alegrete. Dom Thomaz blasonava o leão de purpura dos Silveiras e o quartel de oiro liso dos Telles. Governou até 1798. Fez administração trabalhada. Da-me impressão de homem divertido. Fizera no Recife pitoresco dos fins do seculo XVIII uma Côrte que dom Pedro I.º imitaria. Tinha um anti-projecto da marqueza de Santos, a senhora dona Brites, e

possuia um arremêdo do commendador Chalaça na pessoa trombuda e melancolica do senhor Domingos José Fidelis, secretario de sua excellencia.

E' essa dona Brites a cantada nas chulas tinintes à viola quando dom Thomaz se foi embora por vontade de dona Maria, Rainha Nossa Senhora.

A galera fez aguada
Dom Thomaz já vai partir
Dona Brites desgrenhada
Finge chorar, mas sorri...
Pinicó...có...có...
Dona Brites
Ficou só!...

A familia dos Araujos Limas era velha e se alliara por matrimonio aos Cavalcantis senhoriaes e duros. Os avós paternos do pequerrucho eram Antonio Casado Lima, sargento-mor e sua mulher, dona Margarida Bezerra Cavalcanti. Os avós maternos, coronel Pedro Teixeira Cavalcanti e dona Luiza dos Prazeres Cavalcanti.

Manuel de Araujo Lima commandava o districto de Serinhaem. Os Araujos Limas, segundo Mello Moraes, vinham dos Barbosas Corrêa de Araujo, fidalgos minhotos de Ponte de Lima que acompanharam Duarte Coelho quando este viéra para sua capitania de Pernambuco.

Quando Araujo Lima teve seu brasão (passado a 30 de outubro de 1828) recebeu-o de ordenação singular. Estão representadas as armas dos Casados, Limas, Silva e Souto Maior, Cavalcantis e Araujos. Ha, entretanto, uma brica por diferença indicando brasão anterior. Não pude saber a quem pertenciam essas primeiras armas.

Os Limas, na lição de Sanches de Baena, originarios da Galliza, tiveram brasão por dom Pedro II.° para premiar os esforços de dom João Fernandes de Lima, o Bom, na batalha de Navas de Tolosa. Brasão no anno de 1212. Em campo de oiro quatro palas vermelhas. Leonel de Lima, o primeiro visconde de Villa Nova de Cerveira, teve como armas; — Escudo partido em tres palas: na primeira as quatro palas vermelhas em campo de oiro: as outras duas palas esquarteladas; o primeiro quartel em campo de prata um leão de purpura armado de azul, que é dos Silvas; no segundo no mesmo campo de prata tres faxas xadrezadas de oiro e vermelho, que é dos Soutos-Maiores. Silva era da mãe de Leonel, dona Thereza de Souza e o Souto Maior vinha da avó, dona Ignez de Souto Maior.

Este brasão é justamente o segundo quartel do de Araujo Lima. Vem dos Lima do Visconde a sua "casa"...

A 3 de março de 1794 baptisaram o curumim. O capitão mor Henrique Luis de Barros Wander-

ley segurou a véla e levou o menino à pia. Dona Luiza dos Prazeres Cavalcanti foi a madrinha.

Onde se baptisou o futuro marquez? Na capella do enjenho Goyanna, desta freguezia de Serinhaem, dizem os documentos, inclusive a certidão de baptismo. Pereira da Costa, biographo de Olinda, jura sobre o dicto. Araujo Lima que devia saber onde fôra baptisado declarou, nos papeis apresentados em Coimbra, o ter sido na capella do enjenho ANTAS. Mas a certidão mata a controversia. Dá Goyanna, nome de enjenho. Com licença do padre vigario Antonio Teixeira Luiza, o reverendo Manuel Simplicio baptisou e pôz os santos oleos na cabecinha do jovem Pedro de Araujo Lima.

Mas da-se que não existe nem existiu enjenho Goyanna na freguezia de Serinhaem.. Todos os biographos vindos duma mesma fonte, a certidão de baptismo que o "Diario de Pernambuco" publicou em julho de 1870, copiaram um erro que nunca tiveram tempo de rever. Não é Goyanna o enjenho mas "Goycanna". O enjenho "Goycanna" pertence hoje ao municipio de Rio Formoso.

De 1793 até 1813 o pequeno não sahiu de Pernambuco. Durante estes vinte annos leva naturalmente a vida agil e livre dos filhos dos senhores-de-enjenho. Adivinharam estes a educação rotularmente humana e logica que se dá em

Oxford e Cambridge. Pedro de Araujo Lima deveria ter espalhado nos alagadiços e cannaviaes de Serinhaem seus annos de alegria e de força expontanea. Deve ter exgottado a impulsão dessa contenteza ingenua que é a mais nativa expressão do equilibrio physiologico nos piàs do nordeste brasileiro. Araujo Lima sahiu da infancia sizudo. E ficou sizudo o resto da vida. Mas levou a espinha forte, os hombros largos, o dorso firme, a mão decidida, o olho altivo dos herdeiros de bôa raça velha.

A familia educa-o com mimos. Familia rica. Um seu grande protector é o padrinho, aquelle ornamental capitão-mor Barros Wanderley a quem Araujo Lima, já deputado às Côrtes de Lisbôa em 1821, chamava carinhosamente "*Meo muito amado Padrinho e Senhor*"...

Veio estudar em Recife. Faz ahi os estudos de latim, geometria e philosophia racional e moral, certificados que leva e apresenta na Universidade de Coimbra.

Dessa maneira vê elle o Recife que Henry Koster e Tollenare pintaram, Recifes dos Arcos e das feiras, da cor vibrante e acceza do sol e do mar, das festas religiosas com dansa e canto, o São João no Poço, no Cabo e nas egrejas de Olinda, o banho no Capibaribe, o pique culinario dos quitutes, o café-com-leite das mulatas roliças e rebolantes. Recife pictorico e vibratil dos pa-

dres politicos, de José Luis de Mendonça e do commerciante Domingos José Martins. Antonio Carlos seria ouvidor em Olinda. Arruda Camara ensinava no Areopago de Itambé. Governava Caetano Pinto de Miranda Montenegro, simples, bom, apathico, sereno, opportuno fornecedor de melancias para dom João VI. Caetano Pinto, o futuro marquez da Villa Real da Praia Grande, tres vezes ministro, senador do Imperio, substituia, depois duma junta governativa anodyna e atarantada, o genio péga-fogo de dom Thomaz. A chamada lei das ondulações universaes que o rumaico Basilio Conta haveria de formular um seculo depois, já acumulava argumentos. Para a alta-dom Thomaz vem a curva lenta Caetano Pinto. Luis do Rego, vermelho-sangue, apparece depois de Caetano, azul, claro e doce...

Destinam Pedro de Araujo Lima para a Universidade de Coimbra. Coimbra era a grande escola veneravel e tradicional. Diplomou Paranaguá, Abaeté, Sepetiba, Sapucahy, Monte Alegre, o segundo Caravellas, Itaborahy, Abrantes, Paraná. Oitenta por cento dos chefes politicos sahiram de lá. Depois de 1832 é que surge a geração dos "formados em Olinda". Eusebio de Queiroz já é de Olinda, logo da primeira turma...

A Pedro de Araujo Lima estava indicado o destino de assistir em terra alheia a liberdade da

propria. Elle havia de ver que a região infinita que o genio portuguez trouxera cohesa e sadia, defendida de soldados de França e da Inglaterra, contra a indiada e contra o Hollandez; desde a fronteira oscilante do sul onde o odio ancestral impellia o castelhano para um destendimento nas linhas lindeiras até o norte tenebroso e assombrador, convulso e desmarcado mundo de florestas sem fim e de rios sem margens; toda essa herança formidavel era demais para aquelle povo unico na historia da Terra. Soara o minuto da retensão. A força expansiva que povoara todos os mares e continentes, curvava-se para o seio gerador. Aquelle movimento centripeto surgia como uma resposta da natureza aos prodigios dispersadores da energia nacional.

Araujo Lima segue em outubro de 1813 para Coimbra...

II

Regresso a Pernambuco. Relações. Trabalho litterario. Eleição para as Côrtes de Lisbôa. Viagem de Olinda para Portugal.

Apresentando certidão de idade e dos exames de latim, geometria, philosophia racional e moral, matriculou-se Pedro de Araujo Lima no primeiro anno juridico. A frequencia das disciplinas no primeiro anno era commum a Canones e Leis. Dahi a trapalhice de dar o rapaz como doutor em leis. Nem "in utroque jure" andou elle. Cano nes simplesmente. Estava matriculado no dia 29 de outubro de 1813.

Agora é um correr monotono e certo de estudante aplicado e sincero. Não ha noticia de coisa alguma. Nem barulhos nem amores. Nem matinadas ruidosas nem fados cretinamente deliciosos. Araujo Lima era um alumno a serio. Teimoso. Obstinado. Destes que estudam com os pés nagua fria num afugentamento do somno. Desses incriveis que decoram expositores ouvindo guitarras e rumores de capas esvoaçantes e romanticas. Tambem naquelle tempo não havia romantismo nem as tricanas usavam "vicentes" de velludo negro.

Agora é um lento escorrer de datas e de "nemine discrepante" até o doutoramento. Devo estas notas integraes e completas à alta bondade do sr. dr. Domingos Fezas Vidal, reitor da Universidade de Coimbra.

Matriculado, deram-lhe dilação até antes do acto de exames para apresentar certificado de rhetorica. Prorogaram para matricula do anno seguinte. Araujo Lima fez um optimo exame no primeiro anno. Primeiro "nemine discrepante". 20 de junho de 1814. A 7 de outubro matriculava-se no 2.º anno. Exames e outro "nemine discrepante" a 9 de junho de 1815. A 9 de outubro passava para o 3.º anno. Foi então que satisfez a secretaria da Universidade apresentando o certificado de rhetorica. Naturalmente o fizera em Coimbra. Terceiro "nemine discrepante" a 26 de junho de 1816. Ficou no quarto anno de Canones por matricula em 2 de outubro de 1816. Mais um "nemine discrepante" a 29 de maio de 1817...

Pernambuco ardia numa revolução idealista, theorica, verbalista e feita sob medida para citações em anthologias. A chamma linda atirou-se lambendo e atroando a somneira colonial de quatro regiões.

Pedro de Araujo Lima, depois de prestar o symbolico Juramento da Conceição, recebia o grau

de Bacharel em Canones. Carta passada em 4 de agosto de 1817.

No dia 13 de outubro do mesmo anno matriculava-se no quinto anno. Só descansara nove dias o papa-nemines...

A Congregação da Faculdade de Canones em 19 de maio de 1818 considerou-o habilitado à dispensa das provas do quinto anno. Um decreto de 15 de março de 1817 concedia essa dispensa que equivalia ao acto de formatura. Passaram-lhe uma outra carta em 15 de janeiro de 1819. Era a de "Formatura". Faltava-lhe a terceira e ultima. A do doutoramento. Em 1819 era assim...

Como bacharel-formado obteve da Congregação as seguintes informações:

> "Em procedimento e costumes, aprovado por todos; em merecimento literario, muito bom por cinco e bom por quatro; em prudencia, probidade e desinteresse para o desempenho das funções do Estado, aprovado por todos".

Não sei que seria de muito bacharel-formado se estas informações fizessem parte do curso...

31 de outubro de 1818 matriculou-se no sexto anno de Canones. Fez acto de repetição aos 17 de julho de 1819 dissertando sobre o *"Cap.º Exposuisti, vers. 7.º Tit.º De corpore vitiatis ordinandis vel non"*. Tinham-lhe dado esse capi-

tulo em Congregação de 16 de novembro de 1818. Em 28 de julho de 1819 ganhou mais um "nemine discrepante" no exame privado. No mesmo dia recebeu o grau de Licenciado em Canones. Carta em 27 de agosto de 1819.

Dom Sebastião de Jesus Maria José, Dom Prior do Real Mosteiro de Santo Agostinho da Santa Cruz de Coimbra, Geral da Congregação de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, do Conselho de Súa Magestade e Cancelario da Universidade, entregou ao jovem licenciado sua carta victoriosamente conseguida.

A Congregação de Canones deu outra informação a 31 de julho de 1819. Pedro de Araujo Lima obteve como licenciado: —

> "Em procedimento e costumes, aprovado por todos; em merecimento literario, muito bom por um e bom por seis; em prudencia, probidade e desinteresse para o desempenho das funções do Estado, aprovado por todos".

Vê-se pela informação que Araujo Lima era mais uma expressão moral que intellectual.

Dom Sebastião deu-lhe o grau de Doutor em Canones. Carta passada a 27 de agosto de 1819.

Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Senhor de Côja, do Conselho de Sua Magestade,

Reformador e Reitor da Universidade de Coimbra que o foi até setembro de 1821, assignou e entregou-lhe o pergaminho.

Dilectus nobis Petrus Araujus Limicus podia voltar. E voltou. Em dezembro de 1819 estava em Pernambuco com suas tres cartas em latim repleto de encomios.

Vinte e seis annos robustos. Um temperamento frio, pausado, rythmico pela vontade. Dahi em diante ter-se-á que, nos minutos em que se julga surgir o ex-estudante de Coimbra, o ex-deputado às Côrtes de Lisbôa, emerge, tranquillo e grave, o doutor em Canones...

Chegado a Pernambuco a 11 de dezembro Araujo Lima recebe em 1820 (1) uma nomeação para Ouvidor de Paracatú. Não acceita. Que ia fazer o novo doutor em Canones, rico, sadio, ambiado por duas familias poderosas, de olhos fitos em caminho facil, numa comarca do interior de Minas Geraes?

E' provavel que durante essa estada residisse no enjenho ANTAS. O enjenho fôra conservado e sempre Araujo Lima amou os recantos onde passara os primeiros annos.

---

(1) A nomeação é de 12 de julho de 1820. Em 25 de agosto do mesmo anno D. João VI nomeava-o Provedor da Fazenda dos Defuntos e Auzentes, Capellas e Residuos da comarca de Paracatú. Araujo Lima não assumiu.

Frequentava Recife e de perto seguiu os agitados momentos até 1821.

A familia Araujo Lima não apparecera na revolução de 1817. Estava em situação favoravel junto ao general Luis do Rego com quem o moço doutor privou.

Pertencendo aos Cavalcantis, herois populares em 1817 e tendo as sympathias do omnipoderoso governador, Araujo Lima ficou depressa em primeira plana. Não surge nas baralhadas da época mas sua inclusão na chapa para deputados às Côrtes de Lisbôa denuncia-lhe o prestigio.

Deve ter sido nesses dois annos que Araujo Lima escreve uma composição literaria e a dedica a Luis do Rego, exploradamente odiado pela população pernambucana. Sacramento Blake não menciona esse trabalho entre os do marquez de Olinda, mas o descobri por uma referencia em discurso na Camara dos Deputados em 1866. (sessão de 14 de setembro). Era um discurso de Araujo Barros, da bancada pernambucana: —

> "S. Excia. que já lançára em culpa ao distincto e nobre marquez o ter dedicado uma composição litteraria ao general Luis do Rego, que aliás foi muito bom liberal, como

escriptores de grande nomeada o têm qualificado..."

A 1.º de junho foi eleito deputado às Côrtes de Lisbôa. Partia a 8 de julho de 1821. Ganharia quatro mil e oitocentos réis diarios de subsidio.

III

As Côrtes Portuguezas. Aspecto geral. As bancadas. Os typos. A eloquencia parlamentar do momento. A representação do Brasil. Luctas. O inutil torneio. Formação politica de Olinda. O ambiente portuguez. O fim. Viaja para Inglaterra. Os Georges. Ministros e gabinetes inglezes. Volta para o Brasil.

Na sessão de 29 de agosto de 1821 a commissão de poderes encarregada de verificar a validade dos diplomas dos deputados pernambucanos apresentou parecer. A commissão era de tres membros, Rodrigo Ferreira da Costa, Antonio Pereira e João Vicente Pimentel Maldonado. Não chegara acta e Pedro de Araujo Lima não assignara o papel exigido. Os seus companheiros levaram a papelada em ordem. A commissão opinou pelo reconhecimento de todos. O resultado da eleição pernambucana viera e fôra lido no dia anterior. Foi mandada franquear entrada aos novos deputados. Eram os primeiros que iam do Brasil. Manuel Zeferino dos Santos, João Ferreira da Silva, Felix José Tavares de Lira, Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira, o padre Francisco Muniz Tavares, o padre Ignacio Pinto de Almeida Castro, vigario de Jaboatão, norte rio grandense e mano de frei Mi-

guelino, e Pedro de Araujo Lima prestaram juramento e tomaram posse.

As Côrtes estavam num grande dia de agitação e facundia. Todo ambiente vibrava nessa facil e atroadora eloquencia dos sinceros e inexperientes. Repetia-se o scenario da Convenção Franceza. Legislava-se num sentido de subjectividade ingenua e confiada. Julgavam que todo Portugal attonito e parado assistia à scena grande da sua vida liberal. Appoiados por elles mesmos, sem estimulos, sem povo e sem tropa, esquecidos das tradições populares que rebentariam nas jornadas confusas de Villa Franca, os deputados falavam como se "pozassem" para immortalidade. Eram uns desraizados. Plagiavam sempre a si-mesmos. Os do Norte de Portugal, beirões e minhotos, ensinavam uma linda doutrina de respeito ao Rei e de demagogia ao povo. Aquelles homens inda hoje comovem. Têm uma vivacidade arythmica que lhes denuncia o falseamento da base que pisavam. Têm a voz larga e segura de quem será ouvido. Detraz delles havia desolação, indiferença e mizeria. Trabalhavam numa caixa-estanque. Sem communicação e vinculo com o resto do mundo. Todos elles eram theoricos. As Côrtes foram a experiencia antes de ser a analyse. Menos de tres lustros depois um homem sozinho, Mousinho da Silveira, faria tudo que as Côrtes tentaram fazer em sua

acção convulsiva de patriotas inexperadamente dirigentes.

Quando Pedro de Araujo Lima sentou-se Borges Carneiro começou a falar. Borges Carneiro, deputado pela Estremadura, era um dos leaders naquella assembléa que seria romana se tivesse um só centurião. Palavra serena, clara, duma nitidez dagua forte, farfalhante de citações, de leves ironias, de previsões presagas, Borges Carneiro batia terreno adiante ao discurso difuso, implacavel, triturante de Fernandes Thomaz. Elles dois levaram às Côrtes o exemplo palpavel dos "meneurs" sem pratica. Contentavam o orgulho compatricio na sua presença de rebellados constitucionaes, de doadores de direitos, revolvendo a nação informe para crear um sentido novo de patria.

O dezembargador do tempo de Dona Maria I.ª já não supria o figurino. Não mais era a Lisbôa de Ratton nem de Beckford. Escoava, no embate das luzes incipientes, a silhueta gorda de Pina Manique. O pata-de-boi, vestido de briche nacional que Alexandre Herculano dizia ser horrorosamente grosseiro e bastante caro, com a suissa à orelha, gravata-manta lambendo o pescoço, collete de decote, hirto, duro, sinistramente sério, querendo ser apenas grave, cheio de pudor, de Bentham e do livro Quinto das Ordenações, resumia outra especie de grandesa. Sahia esta

do espirito que era do tempo e não daquelle meio, vagas reivindicações classicas, ideas inamoviveis e teimosas, feitas de desinteresse e de vontade, de lazeres em leituras inadaptaveis e de afoiteza tranquillà e bôa. Essa aristocracia de acção, egressa de villas tristes do interior e de existencias trabalhadas, trouxera para Lisbôa o aspecto inusitado e semi-esquecido das outras Côrtes, as velhas e saudosas Côrtes, consultivas e pacatas. Desta feita o scenario mudara e era ao proprio El-Rei a quem se dirigiam ordens diminuitivas dum poder que durava tanto quanto o Reino.

Borges Carneiro deu a Pedro de Araujo Lima o primeiro modelo de sua futura eloquencia parlamentar. Em poucos periodos simples o deputado pela Estremadura fazia o quadro das eleições directas —

> "Julgo que a eleição directa pode considerar-se melhor em quanto se considera mais livre, e como aquella em que o Povo perde menos dos seus direitos: mas nem sempre o que é mais livre tenho que seja o melhor, porque se este principio fosse verdadeiro, seria melhor que o Povo fizesse leis. Por outra parte assento e tenho para mim, que estas eleições directas têm grandes tumultos, e podem ser resultados da ignorancia e influencia maligna. Numa cidade muito culta, como é Lisbôa, eu não duvidaria dar o meu voto para que o

Povo houvesse de eleger logo os deputados mas havemos de olhar em geral para a extensão do Reino, para o estado actual das provincias".

Borges Carneiro perdeu por 66 contra 29 votos. Araujo Lima votou contra o projecto. Seducção da maioria? Dos pernambucanos Tavares Lira foi o unico que acompanhou Borges Carneiro. Araujo Lima guardou a exposição. Trinta e quatro annos depois, na batalha descentralisadora da lei eleitoral dos circulos, Olinda enfrentaria Paraná, evocando a figura esvaecida do tribuno portuguez.

As Côrtes tinham existencia que o perigo accelerava o rythmo. Sentiam o lento descer da nau poderosa, presa da vasa e às plantas enlaçadoras e longas. Dia a dia viam-na abater entre marulhos de revoltas e o silencio terrivel dos rebôjos e corredeiras. Para immobilisar-lhes no futuro os perfis tranquillos e confiados sacudiam a revoada de decretos, avisos, leis e decisões, como nagua revolta do mar se atira o adeus da vida estrebuchante em linhas breves na viagem incerta das garrafas.

As Côrtes repetiam o morrer em guerra, ante inimigo. Desciam para o abysmo em grande estylo, tripulação formada no convez, officiaes em gala, clarins e tambores, a bandeira drapejan-

do e, no alto do mastro, num desafio de desespero, o pavilhão do almirante...

A deputação ida do Brasil é solidaria a essas ideas. Ha uma excepção: — Araujo Lima. E' o unico que não atrôa, não ruje, não ameaça. Para elle não se fez a gloriola das galerias nem a honra amarga de ser chamado à ordem. O Brasil completa a scena. Antonio Carlos, o leader insubmisso e teimoso, arranca das bancadas da Beira o direito da apostrophe ciceronica. Elle sozinho esbarra o mar montante. Fala duas e tres vezes. Lento, igual, estalando de colera concentrada, polido, equilibrado, infindavel. Barata de Almeida, deputado montanhez, pequenino, feroz, atrevido, duma audacia fria, incrivel, espalhando sarcasmos e odios, citando povos colonisados que venciam sempre, imperturbavel na tempestade e, como um petrel, a desejando numa provocação diaria; Lino Coitinho, agil, maneiroso, furando situações numa recta consciente; Muniz Tavares, impulsivo, ingenuo, guardando toda a historia de Pernambuco para apartes inesperados e bruscos, Vergueiro, Feijó, que quasi não fala, satisfeito com o discurso de Abril de 1822, Villela, impressionante, subtil, dialetico, todos amam a theatralidade, as attitudes de effeito, os gestos de coragem declamada e ostensiva. Acceitam a independencia como um encontro de estrada entre sua intelligência e a necessidade da patria longe.

Arrostam a população lisbôeta. Respondem taco a taco o discurso de Borges Carneiro como a phrase solta de Fernandes Thomaz. Sente-se que estudaram um papel de cuidado para outro theatro e outro publico. É o impulso frenetico de um mixto de vaidade e de amor. Pouco a pouco se foram convencendo do que pregavam. Acabaram martyres e precursores.

A bancada paulista era a unica que levara instrucções detalhadas. Possuia conjuncto de acção. Os outros deputados agiam ao impulso da logica. Logica dos acontecimentos inesperados. Accediam prestamente à suggestão da colera e da inspiração. Perdiam polvora em fogo-de-salva. Depressa tiveram a noção de constituirem um grupo de extranhos na obrigação de combater a massa esmagante dos portuguezes. Em face da reação elles tiveram a cohesão precaria dos animaes acossados.

Araujo Lima raramente fala. E quando fala é cauto, sinuoso, córtez. O ambiente era esse. Uma idéa de Fernandes Thomaz, mentor das Côrtes —

> "Se o Brasil com effeito não quer unir-se a Portugal, como tem estado sempre, acabemos de uma vez com isto; passe o sr. Brasil muito bem, que por cá nós cuidaremos de nossa vida". — (sessão de 22 de março de 1822).

Amostra de Borges Carneiro. Sessão de 20 de setembro de 1822.

> "Todo o tempo se nos vai com as coisas do Brasil, e tudo para ellas é pouco. Nesta carreira um só dia não passa sem encontrarmos algum espinho, e para o tirar nunca chega uma sessão".

Esta attitude dos espelhos dava padrão à conducta dos restantes. O deputado de Tras-os-Montes, Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Gyrão, tinha a lingua tão comprida quanto o nome. Extranhava estar-se prodigalisando tantos carinhos com rebeldes e facciosos. O deputado da Beira, José Joaquim Ferreira de Moura, chefiava uma especie de extrema-esquerda. Rompia quasi sempre delle a palavra mais aspera, a idea mais estulta, a objeção mais comica ao reino do Brasil. A frente-unica brasileira queimava cartuchos em pura perda. As baterias mascaradas só rompiam fogo de barragem ao acceno de Fernandes Thomaz. Este usava a velha tactica que vencera D. Sebastião. Cansava o inimigo em escaramuças com patrulhas avançadas. E a votação quasi unanime afogava o protesto indignado de Antonio Carlos, o protesto sapateado de Barata de Almeida, o protesto vibrante de Lino Coitinho.

O diapazão de Araujo Lima era comedido. Educava-se na deseducação alheia. Um trecho de seu discurso de 23 de março de 1822:

"Eu não sei quaes são as causas verdadeiras deste descontentamento, nem direi que sejão justas; mas já disse que na efervescencia das paixões não se raciocina".

Eis aqui um estrondo de Barata respondendo a Fernandes Thomaz:

"Quando lanço os olhos, sr. Presidente, para o estado do reino do Brasil no dia de hoje, e observo os voluntarios movimentos de todas aquellas provincias, desde o cabo de São Roque até o rio da Prata, e todo o interior na mais fraternal união; parece-me que tambem podia dizer agora; — Adeus, sr. Portugal, passe por cá muito bem, adeus, sr. Tejo; fique-se com as suas areias de ouro; possua cada um o paiz que a natureza lhe deu em partilha; fiquem os portuguezes no seu Portugal, e os brasileiros no seu Brasil".

Isto em 19 de setembro. Antonio Carlos era mais explicito. Em 22 de julho declarara: —

"Pela minha parte digo com toda a franqueza, que a minha opinião será sempre a da minha provincia; se o Brasil quizer a separação e independencia, julgo dever religioso para mim adoptar o que elle seguir".

E no mesmo dia: —

"Tenho dito, a sorte do Brasil ha de sempre ser a minha, se a minha provincia for rebelde, eu hei de sêl-o!..."

O diapazão continuava o mesmo. Luis do Rego chegando a Lisbôa é preso e processado. Constitue um thema de sessão nas Côrtes. Moura, Castello Branco, Arriaga, Pessanha, Borges Carneiro elogiam o marechal que tanto fez numa cabilda de rebeldes. Gyrão estalou um discurso que é um encanto de fôfice mental e presumpção vasta. Sessão de 8 de julho. O padre Muniz Tavares teve este aparte: —

"Eu levanto-me tão somente para dizer, que se decrete já, que é benemerito da patria o perseguidor dos innocentes, o flagello dos Pernambucanos, o delapidador da fazenda publica!"

E sentou-se.

Araujo Lima é nesse meio um estudante. Não assigna o protesto bravio contra Moura que pedia ser o Brasil declarado indigno de ser a séde da monarchia. Não se mette nas discussões do caso Barata-Pinto de França. Este desgostara Barata que o esperou numa sala. O dia 30 de Abril ficou memoravel pela serie de bate-bocca que provocou. Barata cobrira seu collega da bancada bahiana, marechal e orador conspicuo, de bofetadas e o levara até a rua! E o extranho duen-

de, vestido de algodão de mescla, tecido no Brasil, alimentado á brasileira, bilioso e trefego, a cabelleira immensa descendo-lhe até a cintura, ficara esbravejando, sedento...

Araujo Lima assiste toda a batalha lenta contra o principe dom Pedro. A Constituição vai-se fazendo num cansado esforço de quem já a considera abrogada. O Brasil officialmente não é sinão uma colonia, onde um principe veraneia. Não tem tribunaes, nem administração propria, nem autonomia administrativa, nem tropas. Daquelle casarão modorrento partiria a palavra diaria para o paiz desmarcado e longinquo. A escola declamatoria dos deputados brasileiros estava ambiada para as expressões fortes de protestos.

Singularmente os brasileiros esperavam uma libertação legal. Uma dadiva de autonomia. Indulto por trabalho feito. Curioso acompanhar-se a luta para que Portugal nos faça constitucionalmente independentes. A lógica dos adversarios não era bifronte. Desviava-se, coherente, na encruzilhada dos interesses. Os paulistas e pernambucanos, netos dos grandes desobedientes a El-Rei, teimavam em voltar ao Brasil com um decreto equiparando os dois Reinos. Os descendentes dos campo-mestres, capitães de bandeira, preadores de indios, emparelhavam-se aos pernambucanos, quasi todos ex-reus da revolução de 1817, no requerimento ao constitucionalismo da revolta. Não

falar seria a expressão pura do protesto. Araujo Lima, teve esse dom. O dom de ficar calado e ouvir . Ouviu até o fim. Deixou o theatro quando este apagara as luzes, despedira os actores, o publico dispersara. Sahiu e veio, naturalmente, como quem espera a continuação da peça, assistir no Brasil, nos outros actos politicos, a resposta, o corollario, o seguimento da que vira em Portugal.

Araujo Lima assistiu trabalhando. Ensaiando. Via Barata pyro-technico, faulhando sem effeito os prodigios de sua coragem admiravel. Sentia Antonio Carlos, demosthenico, invencivel, afrontando a multidão para melhor conduzil-a. Talvez pensasse em vel-o ao seu lado, no Brasil independente. Nunca pensaria em tel-o, formidavel, guiando a maré do povo carioca, explorando todas as emoções collectivas, quebrando a golpe de palavra vermelho-branco a sua situação de privilegio e poderio.

Quem uma vez os visse no salão das Côrtes Portuguezas teria a explicação de suas conductas futuras. Antonio Carlos, radiante de coragem patriotica, aparando os ataques, ripostando, coberto e firme, sem recuo, prompto a ser o guia e a victima, era capaz de derrubar um governo para experimentar a extenção de sua influencia. Araujo Lima, silencioso e sereno, severo, impassivel, respeitado, vagamente ameaçador pela attitude mysteriosa e tranquilla, dava a idea justa do que seria.

Seria sempre a força de resistencia, de appoio, de raciocinio, de analyse. Seria a contraprova da precaução e da desconfiança, inimigo de tudo que renovasse o ambiente em que se habituara a respirar. Seria elle a imagem da idea que se fez preconceito. O preconceito guerra aberta á experiencia em collectividade, em bloco, em massa. Seria, em quarenta e nove annos de vida publica, o lastro do bom-senso. Sua estada nas Côrtes marcara-lhe o piso, a trilha, o compasso da pisada igual, pezada, incansavel.

Elle representa naquelle meio de ideologistas e doutrinadores sem alumnos um espectador com caderneta de notas. Annota mentalmente as peripecias da caçada ao tempo. Presencia a derrota dos deputados brasileiros reduzidos ao silencio e a ver votar a redução do Brasil ás epocas do governo geral de Thomé de Souza. Está presente quando as Côrtes recusam a licença a Feijó que se queixa dos olhos e de accessos de melancolia. Recuzam a permissão de Antonio Carlos e Barata não voltarem ás sessões. Annos depois elle confidencia a Mello Moraes o conhecimento que tivera da projectada fuga dos sete collegas para a Inglaterra. Offereceram-lhe passagem a bordo do "Malborough" que o capitão Bull commanda e que, por licença do ministro inglez em Lisbôa, Lino, Feijó, Antonio Carlos, Aguiar, Agostinho Gomes, Silva Bueno e Barata deixariam Portu-

gal. Recuza por não querer sahir sem passaporte. A declaração de Falmouth, tão ao sabor romantico das posições extremadas e decisivas, não lhe causa surpresa.

Assigna a Constituição. Todos os deputados pernambucanos assignaram. Eram oito com o deputado pelo sertão, Manuel Felix de Veras. Fazem estes oito pernambucanos (com o norte-riograndense Almeida Castro) parte dos trinta e seis brasileiros que assignaram a Constituição Portugueza. Araujo Lima jurou a 30 de setembro. Continúa a merecer a confiança reinol. Na sessão de 26 de outubro de 1822 o presidente nomeia uma commissão de doze membros para ir participar a El-Rei que as Córtes se fechariam a 4 de novembro. Araujo Lima é um dos escolhidos.

Nesse anno morria Fernandes Thomaz. O sete-de-setembro irrompera tempestuosamente. Uma chuva de pasquins denunciava a vida secreta dos deputados. Os ex-reis das Côrtes estavam à mercê do populacho, de Carlota Joaquina e de dom Miguel, o Desejado. Inda em setembro lia-se em Lisbôa destampatorios que peroravam assim:

> "Quem governa Portugal desta sorte que vedes é o hereje Manuel Fernandes Thomaz, filho de um barqueiro da Figueira, chamado o Estriga; é o libertino José Ferreira Borges, filho de um armador de egrejas do Porto, em

cuja cidade arrastou pelo chão a veneravel imagem de Nossa Senhora em uma procissão noturna de pedreiros livres; é esse maldito Moura, letrado da provincia da Beira, que trazia as familias daquella provincia todas intrigadas em demandas; finalmente, é esse José da Silva Carvalho, filho de um cabreiro de S. João das Arêas, que roubou o cofre dos orphãos do Porto!"

Passando o ciscador em cima das mentiras estava feito o elogio anonymo aos soldados da jornada de 1820. Não lhes perdoava o povo sua origem. Comprehenderiam um governante fidalgo. Fosse o corpazil de Cadaval ou a cretinice de Lafões. Filho de cabreiro dominar um neto de D. João IV é que se dava uma inversão. Inversão de valores em que o povo julgava da altura porque o ponto de referencia era o cabreiro de São João das Arêas...

Araujo Lima teve a escola de aprendisagem directa. Perto de si applicava-se "in anima nobile" processo estudado em livro e visto de longe em terras de França. Esse estagio, numa especie de "short curse" constitucional, explicará sua acção posterior. Elle desconfiará de todas as formulas, substitutivos e evoluções que não tragam a somma das experiencias parciaes. Elle será modelarmente um Poder Moderador. Um seu companheiro de Côrtes que crearia no Brasil o espirito de discipli-

na, um seu collega, adverso politico, entregar-lhe-ia a regencia do Brasil vendo nelle o que jamais poderia ser — Um Rei Constitucional! O futuro Olinda comprehendeu depressa sua função expontanea na mechanica politica do Brasil. Actuaria como silenciador.

O curso fôra cruel e duro. Araujo Lima era de familia profundamente monarchista. Capitalisavam-se nelle successivas dedicações atravez das idades. Nobreza territorial, plantara o respeito ao Rei como uma homenagem inconsciente, irreprimivel, expontanea. Vindos do Reino com o donatario, confiavam muito mais na real sigla que em sua propria tenacidade...

Portugal de D. Maria I.ª, do arcebispo de Thessalonica, um dos rarissimos juizos da epoca, do bispo de Algarves, sentado em esteiras cantando lundús à viola, todo aquelle mundo de peraltas e secias, de mizeria e de apparato, de fidalguia fim-de-rama e de clero balofamente ignorante, uma cidade coberta de lama, de mendigos repelentes e de joias incriveis e lindas, gritava um desmoronar inevitavel que os estalidos denunciavam e previam.

Araujo Lima poude ver de perto um Rei e sua Côrte antes de ter a sua. Vira o militarismo politico, a desorganisação administrativa, a prenatalidade apavorante, o exercito dividido e deliberante como uma assembléa, a marinha apodrecendo nos caes desertos de armazens, o commercio nullo, a

sangria aberta da emigração, um Rei entimidado, atarantado, bolindo o corpão molle, pendurando o beiço trombudo num esgar de chôro, correndo em velhas seges de Queluz para Cintra, de Cintra para Bemposta, de Bemposta para Necessidades, sem Côrte e sem amisades, uma aristocracia que dois seculos de parasytismo apagara a tradição heroica d'alem e d'aquem mar em Africa, senhor da Guiné, jungida ao Erario, ao real bolsinho, estupida, mollenga, inutil, hebetada, principes creados em cavallariças com picadores e toireiros e uma malta de marialvas brigões e doidos de orgulho e de coragem, de força physica e de superstição conservadora, envolvendo, alagando, espraiando onda larga de desestima e rancor entre todos e tudo. E por fora o esmalte lustroso duma nação européa, equilibrada, cohesa, segura. Em redor das aguas velhas das naus das Indias e do Brasil, aos ventos que açoitaram a bandeira das Quinas em todos os quadrantes, rondavam as patrulhas inglezas. Acção policial da Inglaterra que permitiria escrever "dependencia" e não alliança nos tratados diplomaticos. Da grande terra portugueza Sir Frederik Lamb diria para o Foreign Office: "— *Which releasses country from its ancient dependance upon us...*"

Araujo Lima aprendeu lição decorada. No Brasil toda sua vida é uma acção disciplinar, dura, massiça, inquebravel. Quando as Côrtes termi-

naram elle completara o curso. Estava, real e metaphoricamente, doutor "in utroque jure".

Não fôra da Inglaterra, França e Italia que elle aprendera aquella impassibilidade, aquella rigidez honesta, a inadaptabilidade dos convencidos e a fereza dos sinceros. Trouxera, impressa directamente sobre sua mentalidade moça, as graves physionomias, os arranques injenuos e formidaveis, o desinteresse tranquillo dos Vintistas portuguezes.

A 21 de fevereiro de 1823 partiu para Inglaterra.

Araujo Lima sahira dum paiz supersticiosamente inglez. Qual teria sido sua impressão? A Inglaterra estava sob George IV. Tivera o moço ante os olhos limpos de preparação classica o estado daquella terra onde o desregramento de tres soberanos nada diminuira de sua força impulsiva? Que pensaria elle de George I° bebado, inutil, grosseiro, cercado de concubinas e de vicios, morrendo duma indigestão de melão? De George II° que não fallava inglez e mais se preoccupava com o Hanovre que com a Gran-Bretanha? George III°, plagio infeliz de Luis XIV, caricatural, educado para ser um verdadeiro rei, lutando vinte annos para vencer o parlamentarismo e morrendo louco?

Quando Araujo Lima chegou a Londres, George IV, devasso, desconfiado, suspicaz, mordido de sestros, arrastava seu titulo de rei que para elle deveria ser uma interinidade effectiva.

A impressão inesquecivel teria naturalmente dos ministros. A vida dos partidos jamais lhe sahiria da memoria attonita. O gabinete no poder era do "tory" lord Liverpool. Canning e Peel eram ministros. Canning, tutelar, desdobrava uma actividade tão complexa e detalhada que não se supunha um só homem. Dirigia sereno e risonho, acolhedor e simples, toda a teia de aranha que o tempo fazia escapolir das mãos finas do principe de Metternich. Canning estava tanto em Portugal como em Londres. Tanto na America do Norte com Quincy Adams como na America do Sul empatando jogo com a França no reconhecimento das ex-colonias espanholas. Peel conservava, no julgar de suas primeiras victorias, a faculdade que Guizot lhe louvaria — transformar as revoluções em reformas. Huskisson iniciava a guerra ao protecionismo commercial, substituindo-o pelas defesas tarifarias e majorações em artigos de importação. Duraria uma batalha de tres sessões no parlamento para vingar a idea que trazia a irradiação industrial da Inglaterra. No ministerio

"tory" cada membro tinha attitudes pessoaes e o proprio Canning preparava uma breve ponte-de-oiro para adherir aos "whigs", numa fracção que mais se approximava de sua politica feita de audacia, uma audacia que era cautela e memoria. E chefiando os "tory" havia a face dura de Wellington, o vencedor de Napoleão, "iron duke" para seu proprio partido e para si mesmo. Araujo Lima, sem transição passava do parlamentarismo theorico das Côrtes portuguezas para um outro, assente em bases profundas, evoluido em campanhas longas onde se provava a tempera dos combatentes num prolongado passe d'armas que durava seculos. Seu espirito de raciocinio frio, de observação demorada ter-se-ia encantado com esse aspecto para elle inteiramente novo.

A lembrança immensa de Napoleão ficava inda mais avivada no contacto dos seus vencedores. Aquelle povo de mercadores, regido por soberanos estrangeiros, era mantido em recta constante, numa teimosa recta de acção contínua e fixa pelo pulso dos seus ministros. Elles immobilisavam a força terebrante do povo inglez, restringindo-a a um só ponto, o mesmo, até a conquista, numa tenacidade cujo estimulo vinha das opiniões collectivas, dispersas e anonymas mas vivas e possantes numa invisivel presença moral.

Não se procure, depois de annos, a explicação de Olinda conservador levar ministros liberaes em seu gabinete. Olinda, ex-regente, crear o partido progressista e morrer em opposição aos saquaremas. Não se pergunte o modelo distante que seus olhos viram na mocidade...

Araujo Lima demora pouco. Embarca para o Brasil. A 30 de abril estava no Rio de Janeiro...

IV.

Eleito para a Constituinte Brasileira. Espirito politico da Constituinte. Os deputados. O Imperador e a Constituição. Marcha dos trabalhos. Episodios. Discussões e debates. A gangôrra dos ministros. Antagonismo. Dissolução. Olinda ministro de tres dias. Volta á Europa.

Nas eleições de março Araujo Lima fôra eleito deputado à Constituinte Brasileira. Pernambuco enviava ao primeiro Congresso dois dos ex-representantes às Côrtes de Lisbôa. Monsenhor Muniz Tavares e Araujo Lima.

Havia outra ordem de actividade. Os combatentes nas Côrtes encontraram no Brasil uma nova classe de cidadãos. Eram os da Independencia. José Bonifacio rythmava, com metronomo absolutamente seu, a força dispersiva das vontades. Raros, regressando de Lisbôa, foram para a Constituinte. Alguns de papel alto não tiveram essa honra. Noutros, circumstancias se encarregaram de afastar. Barata não assumiu. Veio em seu lugar Silva Lisbôa, o futuro visconde de Cayrú, a quem José Bonifacio chamaria depois "fracção de gente"...

A idéa politica era uma só. Os homens é que variavam. As tendencias mudavam de caminho

na razão quasi directa de maior ou menor approximação ao throno. O republicanismo de uns era tão literario como a demagogia de outros. Deste desequilibrio emergiam os Andradas numa solidariedade que o nome por si só cimentava. A vida desses deputados à Constituinte era brilhante. A escolha fôra completa. Não havia um só que não se destinguisse. O predominio dos Andradas era um encontro de pontos de vista. Quando não coincidiam, perdiam elles. Fica assim respondido o erro teimoso de Armitage dando aos deputados da Constituinte a mediocridade collectiva para resaltar os manos Andradas. Quasi todas as provincias estavam representadas. Pará, Maranhão e Piauhy andavam em luctas com os portuguezes. A Cisplatina não mandou deputado. As sessões preparatorias começaram a 17 de abril. Araujo Lima chegou da Europa a 30 desse mez. Empossou-se na solemne abertura da Constituinte — 3 de Maio de 1823.

O aspecto da Constituinte justificava o receio de José Bonifacio. Seria inevitavel o encontro della com o Imperador. E com elle proprio. São Paulo mandara Vergueiro e Antonio Carlos. Bahia enviara José da Costa Carvalho. Ceará, Pedro José da Costa Barros, preso na fortaleza da Conceição. Gonçalves Lêdo, foragido, fôra eleito. Araujo Lima, curiosamente, veio

com fama de liberal ardente, capitulado entre os suspeitos.

A acção de José Bonifacio era de controlador. Emquanto poude refrear o Imperador, refreou. Sabia elle que o inimigo não estava alli. Estava no ambiente, na epoca, no scenario que tornara heroicas todas as rebelliões. Frente a frente estavam Imperador e uma aristocracia de espirito que não o reconhecia apto a dirigi-la.

Os paulistas e mineiros trouxeram em suas pessoas respeitosas a tradição de rebeldia e de livre iniciativa. O norte era a terra classica das batalhas pela "liberdade". Estavam vivos os martyres de 1817 e seu historiador era deputado. Todos elles, no intimo, eram monarchistas. O insustentavel da situação era o lusitano de origem, o principe por direito divino que não podia deixar de repontar num herdeiro de throno, cuja educação daria um bolieiro. Teve elle de Carlota Joaquina o genio resoluto e trefego, o agitado das attitudes, o amor ao luxo, o impulso atrabiliario que o levava às desnorteantes situações diversas. Por sobre tudo, inconsciente e continua, reinava-lhe no espirito a lembrança viva dos seus maiores. Imperador, queria "dar" uma Constituição. E a Constituinte fôra reunida para "faze-la". Era de esperar o antagonismo irremediavel. Demora-lo-ia uma mentalidade de contemporalisação e de ta-

cto. Mais anaplastica que cirurgica. José Bonifacio estava longe de ser isto. Esse minuto historico repetir-se-ia, sessenta annos depois, no gabinete Ouro Preto quando deveria ser Cotegipe. Todos os deputados à Constituinte revestiam-se de poderes auto-doados pelo Passado. Realmente o Imperador vencera mas o principe portuguez cahira e cedêra à pressão popular da Independencia. E a luta posterior contra as Côrtes de Lisbôa já o fôra de nação a nação. Havia uma entidade espiritual, uma força animica e cohesa que nada mais era que a propria nacionalidade consciente de sua soberania emergente. A feição territorial baseava-lhe o orgulho. Elles levaram à Constituinte um programma tacito. Iam demonstrar officialmente sua capacidade politica e uma exhibição de que a liberdade actual nascêra duma somma de combates seculares. Ante elles D. Pedro poderia significar uma ficção, um symbolo de realeza que se acclamara brasileira. Todo o Brasil estava convencido de ter dado um throno a um principe. A qualquer principe. O povo escolheria. Portugal não tinha força para effectivar um só periodo dos discursos das Côrtes.

José Bonifacio pretendeu recuar a luta. Espaçou-a. O preamar arrastou-o e elle, indirectamente (com o simples effeito de sua demissão), apressou o embate insustentavel.

Araujo Lima durante os trabalhos da Constituinte tem um papel de saliencia discreta. Nunca os Andradas desconfiaram delle. Não ascendeu a dominar nenhum dia de sessão tumultuosa. A 5 de maio é eleito para a commissão da Constituição. Antonio Carlos, Pereira da Cunha (depois Inhambupe), Costa Aguiar de Andrade (primo dos Andradas) um mineiro, Bettencourt e Sá, Monsenhor Muniz Tavares e José Bonifacio fechavam a lista. Desta commissão Antonio Carlos, escolhido relator, diria na Camara dos Deputados em 24 de abril de 1840:

> "Eu tive a honra de ser nomeado presidente desta commissão, que em pouco tempo me apresentou os seus trabalhos; e eu tive a semcerimonia de dizer que não prestavam".

Deram-lhe o direito de redigi-la sosinho. Quinze dias depois trazia o projecto.

A Constituinte é uma pagina singularmente brilhante. Inda não se fez a justiça que ella merece. Nunca se trabalhou e se falou tanto em curtos oito mezes. Eram homens duma coragem serena, duma tranquilla e raciocinada teimosia. Legislavam convictos. Cada discurso é estirado e seguro. Lindavam fronteiras que inda hoje não foram alcançadas. Um cotêjo entre elles e as legislações que vieram até mesmo 1875, mostrará em que doutrina justa se filiavam. Apenas o Brasil

não se acomodaria naquella rêde abstracta de leis. Nem o Imperador suportaria o nivelamento progressivo entre um e outro poder. Cada um ficava coherente. O terceiro factor não foi contado. Nem no segundo Imperio. Nem agora. Era o Povo comprehendido collectivamente em seu ambiente territorial e não em papel impresso de ministerio e falaria. A impressão geral é que o Povo, como um côro de tragedia grega, dispensa idéas. Contentar-se-á em repetir, confusa e sonoramente, as queixas e phrases dos personagens em scena.

Araujo Lima é respeitado. Depressa alcança uma attenção carinhosa derredor de si. Esta sympathia se evidencia na eleição para a Commissão da Constituição. Antonio Carlos obtem 40 votos, Pereira da Cunha 30, Araujo Lima 20 votos. Os outros membros tiveram de 19 para baixo. José Bonifacio teve deseseis votos.

A Constituinte seguiu seu destino. Deixou-nos o exemplo de incrivel desinteresse, honestidade, decisão e uma coragem de attitude dificilmente vista. Os episodios onde a cultura e a altivez se juntam à ingenuidade pictoresca, denunciam a extensão daquellas consciencias. Sabiam que nada se perderia do trabalho feito. Nem um gesto. E tinham razão.

A turumbamba inicia-se no Voto de Graças. Respondia-se a Fala do Throno. José Bonifacio escrevera-a. O Imperador repetiu-a, fiel e pomposo.

Esperava Sua Magestade que a Assembléa fizesse uma Constituição digna do Brasil e delle. Bastou. Mal sahiu o executivo o legislativo queimou cartuchos de pura eloquencia. Foi a 3 de maio. Quizeram discutir a Fala. Antonio Carlos, a primeira voz da Constituinte, a palavra seductora e terrivel que tudo attrahia e que elle proprio teimava em distanciar, Antonio Carlos que, em 1817, o francez Tollenare escrevera que "*ninguem justifica melhor do que elle uma providencia ou uma opinião*" e terminou comparando-o ao cardeal de Retz, Antonio Carlos, campeão imperial, aparou o golpe. No dia 6, o padre Luis Ignacio de Andrade Lima (Pernambuco) abriu fogo, extranhando que o Imperador julgasse a Assembléa capaz de fazer trabalho indigno. José Antonio da Silva Maia (Minas Geraes) queria que se perguntasse ao Imperador as condições com que queria entrar para o pacto-social. Se não chegassem a um accordo, D. Pedro não seria reconhecido como Imperador. Muniz Tavares (Pernambuco) declarou que a Assembléa fizesse uma Constituição sem pedir bases a ninguem. O Imperador fizesse o que quizesse. Antonio Carlos disse que uma pessoa não podia acceitar senão o que julgasse digno de si. Martim Francisco (Rio) e Rodrigues de Carvalho (José Antonio, Ceará) pediram confiança para o Imperador. José Bonifacio extranhou que se destilas-

se veneno do mel purissimo. O mel eram as palavras imperiaes. Esse foi o começo.

Logo na installação houve um bate-bocca. Acertaram o voto declarado porque, dizia Muniz Tavares, quem tivesse mêdo não se sentasse naquelle augusto congresso.

As primeiras etapas na Assembléa foram as discussões sobre o voto, a sanção, o véto, a divisão dos poderes politicos, a divisão territorial, a cidadania, os direitos individuaes, o jury, a liberdade religiosa, liberdade de industria, garantia de propriedade, liberdade de imprensa.

Sobre o véto as sessões foram cheias de peripecias curiosas. A idéa geral é que a Constituição independia da sanção e o véto imperial teria effeito suspensivo apenas. Repetia-se Fernandes Thomaz. Logo em oração famosa o padre José Custodio Dias (Minas Geraes) propoz que o adulador fosse exterminado. E quando tudo se concertou, Montezuma (Francisco Gê Acayaba de Montezuma, (Bahia) pediu tres vivas ao Imperador. Antonio Ferreira França (Bahia) achou que dar vivas num enthusiasmo de menino de escola era indecoroso. E os vivas não foram dados.

A Constituinte estava com o vicio de todas as primeiras assembléas populares destinadas a crear uma lei basica. Desdobrava-se em actividades inuteis. Recebia reclamações contra toda classe de abuso, queixas, pedidos de emprego, pagamen-

to de soldo, offertas de contracto, suggestões, ameaças, louvores, versos.

Antonio Carlos trouxe o projecto da Constituição. O véto era suspensivo. O Imperador não podia sancionar a Constituição. Como remettel-a ao Imperador? Depois de muito discurso enviaram o projecto por intermedio da secretaria. D. Pedro desmanchou-se em agradecimentos.

Entraram na discussão do projecto. Logo no titulo Antonio Gonçalves Gomide (Minas Geraes) protestou. Dever-se-ia dizer projecto "*da*" Constituição e não "*de*" Constituição. E deitou o verbo explicando regras grammaticaes. O peior foi alguns minutos depois. No preambulo haveria a invocação ritual. A Constituição portugueza resava "*Em nome da Santissima Trindade*". Os deputados brasileiros deram para mostrar sabedoria no assumpto. Dizia o texto que a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil, depois de ter religiosamente implorado os auxilios da Sabedoria Divina, conformando-se aos principios de justiça e da utilidade geral, decreta a seguinte Constituição.

Manuel Ferreira de Araujo Galvão, brigadeiro e deputado bahiano, não concordou com o "*religiosamente*". Tratando-se da Sabedoria Divina, subentendia-se. Fez questão da conjunção "*e*" para separar a Sabedoria da Justiça que eram coisas differentes. Desprezaram a emenda.

Silva Maia não gostou da Sabedoria Divina. Propoz Santissima Trindade. Lembraram então tudo que havia sobre o thema. Veio o Ente Supremo da Assembléa revolucionaria franceza até o Deus Todo Poderoso da constituição espanhola. Silva Lisbôa deu sua opinião. Queria a Santissima Trindade, Pai, Filho e Espirito Santo. E depois da invocação benzeu-se, ajoelhado no meio da sala. Com muitas horas de falação concordaram em manter a Sabedoria Divina e a Santissima Trindade.

A Assembléa amava as questões grammaticaes. Na divisão territorial alarmaram-se pela incongruencia de dividir o que era indivisivel. O Imperio seria uno e indivisivel. Como ajustar-se a divisão do Imperio em comarcas, districtos e termos? Nova sessão destinada á eloquencia inutil e empenachada. No final comprehendeu-se que a indivisibilidade era politica e não territorial. Bateu-se a respeito de indivisivel ser synonimo de inalienavel. Socegaram uns minutos para romper noutra questiuncula sobre confederação. Ferreira França queria que o Imperio comprehendesse confederalmente as provincias. José Luiz de Carvalho e Mello (depois visconde de Cachoeira, Bahia) achou que Ferreira França tivera uma idea que só a inconsciencia poderia dictar. Montezuma explicou que confederação vem de "*foedus*" que quer dizer amizade, alliança, bôa-fé. Quasi toda Assembléa se metteu no deba-

te. Silva Lisbôa (depois visconde de Cayrú) horrorizado comparou a palavra *"federação"* a uma bala pestifera. O padre Venancio Henrique de Rezende (Pernambuco) declarou-se partidario da federação. Montezuma ensinou que a Inglaterra começara pela heptarchia que era uma confederação. Silva Lisboa criticou o latim alheio. *"Foedus"* quer dizer alliança entre paizes amigos ou inimigos. Citou Dido moribunda. Eram assim em 1823...

A luta era vehemente e havia uma trepidação de energia vibrante. Fóra não era o aplauso nem o voto de louvor. Aquelle salão significava o terreno neutro onde todas as actividades se encontravam e agiam sem maiores atrictos. Alastrava-se um incendio lento e cheio de fumaça. Fôgo de monturo que só o contacto denunciava combustão. Naquelle ambiente de letrados dir-se-ia uma assembléa de autoridade insophismavel. E vivia numa precariedade, commentando nos corredores a esperada dissolução, preparando-se para cahir em grande estylo, escolhendo, antecipadamente, seu logar na Historia do Brasil. Nunca outra assembléa possuiu menor efficiencia e maior força moral. O Imperador não a enfrentou senão nos dois ultimos dias. E inda mais, só se desmascára e age com o sopro da soldadesca que aquecia no Imperador a coragem de dissolvel-a. Os deputados sem armas e sem alliados, com o apoio aleatorio dos berros popula-

res, presididos nas sessões agonicas por um elemento instruido pelo Paço, arrostam, calmamente, a tempestade e nos ultimos instantes de sua vida social, inda mantém a dignidade da casa, obrigando o ministro Villela Barbosa a falar de pé e descoberto.

O cuidado detalhista da Constituinte immobilisa em oiro vivo a comprehensão que ella possuia dos seus direitos e deveres. Um exemplo é a discussão da liberdade religiosa. Havia na Assembléa um bispo e quinze padres. Não ha um só que peça restricção á liberdade religiosa.

Venancio Henrique de Rezende lembra que a intolerancia religiosa na Inglaterra preparou o terreno a Henrique VIII e foi sobre essa fermentação de odio que o Rei creara a Igreja anglicana. Muniz Tavares fala duramente contra o "horrido" Santo Officio e diz já se estar longe do tempo da estupidez em que o monge São Bernardo promettia ao sire de Chantillon uma extensão de terreno no paraiso igual a que elle doasse para uma abbadia em Ligny. Toda opressão trazia como consequencia a coragem ao lado da duvida. Antonio da Rocha França quer que se estenda até o judeu a liberdade de crença. Diz que é doutrina vinda de Deus. *"Ubi autem spiritus domini, ibi libertas!"* Todos os tres oradores eram sacerdotes. Antonio Carlos discursou defendendo. Carneiro de Campos (José Joaquim, depois marquez de Caravellas.

Rio) apoiou. O porta-bandeira contrario foi Silva Lisbôa, o breve visconde de Cayrú, uma das mais amplas culturas da epoca, cultura de humanidades, caracter teimoso, firme, agarrado a si-mesmo, pirrhonico, disputador infindavel. Em poema satyrico José Bonifacio, numa pennada bocagiana, disse-o "*fracção de gente, charlatão idôso*"...

Ainda sobre os direitos de cidadão é notavel a escaramuça em defesa dos negros. Silva Lisbôa fala ininterruptamente, apregoando as excellencia duma doutrina mais liberal para os homens de côr que para elle era "*phenomeno physico que varia segundo os graus do Equador, influxos do Sol e disposições geologicas*".

Sobre o jury, o embate foi ruidoso e erudito. Logo ao principiar o futuro Cayrú disse ser preferivel dar aos jurados as causas civis e não criminaes. Fez o historico do jury. Trouxe-o dos antigos germanos para a Inglaterra. Citou Tacito e Montesquieu. Explicou que o povo não estava preparado para exercer e comprehender as vantagens do methodo. Lembrou um ditado popular; "*Aos mortos sepultura e aos vivos escapula.*" Curioso é que todos esses deputados queriam o civil entregue a juizes de facto devido á prevaricação dos togados. Cada orador contava casos. O futuro visconde de Cachoeira veio dizer que os romanos tambem conheceram o jury e este teve origem na Grecia. E para envergonhar o atrazo fez notar

que havia jury na Serra Leôa e na India. Cayrú susteve o ataque dizendo que os inglezes mandavam educar os futuros juizes em Londres. O proprio ministro Carneiro de Campos era partidario do jury sem diminuição de capacidade julgadora em qualquer feito. Quando iam nesse diapazão o deputado Costa Aguiar (José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada. São Paulo) desmanchou a figuração dos companheiros. Citou a Historia do Jury de Aignan. Todo o manancial de sabedoria estava no livrinho... Quatro dias depois votam-no para as causas crimes. Teve só um voto em contrario. Foi o de Silva Lisbôa. Votou sosinho.

Na discussão sobre a liberdade de industria Silva Lisbôa defendeu as corporações de officios. Hoje seria um illuminado. Naquelle tempo apanhou a pecha de retardatario. Chegaram ao artigo 24 quando a Assembléa foi dissolvida.

A Constituição discutida de 15 de setembro a 7 de novembro quando o derradeiro embate se realizou, occupara 54 dias para 24 artigos. O projecto era de 272 artigos. Seriam seiscentos e doze dias para a conclusão. Era um decalque de actividades. Sempre melhor que a copia de 1824 seria a fastidiosa Carta-Magna de 1823. Com a delonga verbosa é que a Assembléa imitava o Parlamento Barebone. E para elle se fez a phrase de Guizot: *"S'étaient disputés trois mois sans parvenir à s'en-*

tendre sur le sens d'un seul mot, le mot "hypotheques" (incumbrances)".

A 12 de Novembro a Assembléa era dissolvida. D. Pedro chefiava em pessoa os batalhões que marchavam sobre o Paço onde a Constituinte se reunira. O presidente estava ao par e passo seguindo a tactica imperial. Para dar motivo plausivel suspendera uma sessão relativamente calma. Os Andradas apeados do poder mantinham muito mais o medo para o chefe do governo que a rebellião. Os jornaes da época o "Tamoyo" e a "Sentinella na guarita da Praia Grande" possuiam a popularidade que só o povo dá a quem escreve de forma comprehensiva. O "Tamoyo" era dos Andradas e a "Sentinella" de Barata de Almeida. Desaforo mesmo só escrevia o "Diario do Governo"...

A presença dos Andradas na Assembléa justificava o imperial pavor. Umas bengaladas dadas por engano, uma reclamação á Assembléa, em vez de ir ao Intendente de Policia, tres discursos vivos, o povo enchendo o salão, o berreiro ephemero dos apoiados, trazem a somma da dissolução. Um dos futuros autores da Constituição foi justamente quem presidiu a Assembléa na noite ultima da sessão permanente, a chamada "noite da agonia"; — João Severiano Maciel da Costa, deputado por Minas Geraes e depois marquez de Queluz.

Os mais activos da Assembléa foram presos. Antonio Carlos teve um dos seus gestos

duma expressão de ironia tranquilla. Passou por uma das peças de artilheria posta em frente à entrada e comprimentou-a, risonho e cerimonioso: — *"Respeito muito seu poder"*. E tirou o chapeu reverente...

Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, um andradista fiel, conta, annos depois, ter visto na mão de José Bonifacio uma carta da imperatriz Leopoldina accuzando José da Costa Carvalho (depois marquez de Monte Alegre) por ter dado doze contos de réis a Domitilia de Castro para que esta influisse. E o "batalhão de Domitilia", luzido e pichozo, quasi abriu a marcha sobre a Assembléa.

Costa Carvalho aplicava os methodos do duque de Aiguillon junto á condessa du Barry. O resultado provou a excellencia do golpe.

Os tres Andradas seguem para o exilio. Outros deputados ficaram mettidos nas fortalezas do Rio de Janeiro. Raros fugiram. Araujo Lima não fugiu nem foi preso. Não era andradista nem imperial. Ficara apenas como um vertice de angulo entre os proceres dum e doutro lado.

Apezar das palmas e das acclamações populares o dia era bem o que José Bonifacio dissera ser: *"hoje é o dia dos moleques"*...

Na festa que se fez pelo anniversario da Imperatriz o palacio de São Christovão ficou quasi vazio. Ha um meio silencio que é uma reprova-

ção. Raras casas de brasileiros illuminaram as fachadas em regozijo de ter o Imperador "calcado a hydra da anarquia".

O terceiro gabinete cahira. Francisco Villela Barbosa (depois marquez de Paranaguá, o primeiro do titulo). Fôra ministro cinco dias (10 a 14 de novembro.) Acceitara só para fazer o serviço na Assembléa. Feito este, Villela Barbosa não era homem para catar recursos e descobrir allianças. D. Pedro convidou Araujo Lima para o primeiro logar do ministerio — Ministro do Imperio. O convidado estava com trinta annos. Apresentou escuzas delicadas. Era moço, inexperiente, desconhecia a engrenhagem administrativa. O Imperador insistiu. Attrahia para seu lado os ex-deputados. Araujo Lima acceitou. Foi o Ministro dos tres dias. 14 a 17 de novembro. Substituiram-no por Maciel da Costa. Costa Barros, nomeado a 15 deixou a 17 e foi mandado governar o Ceará. A Assembléa deixava aos seus membros o direito de ser ministros. Felisberto Caldeira Brant Pontes (depois marquez de Barbacena). Carvalho e Mello, tiveram pastas. Outros deputados seguiram para presidir as provincias do Imperio. Ignacio Accioli de Vasconcellos para Espirito Santo. D. Nuno Eugenio de Lossio Seilbitz para Alagôas. O Imperador nomeara um grupo de homens sizudos para elaboração da lei substantiva. Seria este grupo o nucleo do Senado do Im-

perio. Era uma satisfação ao nativismo. Todos tinham nascido no Brasil.

O ex-ministro do Imperio desapparece nesse ambiente. Teria ido a Pernambuco para os negocios de familia allegados ao Imperador? De meados de novembro de 1823 a abril de 1824 Araujo Lima não deixa rasto sensivel.

A 6 de abril de 1824 assignava-se seu passaporte. Ia voltar á Europa...

V

A França de 1824. Carlos X e Pedro I. A Italia. A Inglaterra. Estudos em Paris. Volta ao Brasil.

Pedro de Araujo Lima é nesse 1824 um homem de trinta e um annos. Tem um metro e setenta de altura, olhos azues, um nariz fariscador de novidades. Usava barba. Levou um escravo. Fôra duas vezes deputado e ministro do Imperio durante setenta e duas horas. Parece ter ido directamente á França. Em julho já se achava em Paris.

Luis XVIII reinava de direito e Villéle reinava de facto. A reação dos ultra realistas abria combate em campo razo a um punhado de liberaes ferozmente sincéros. Laffite, Lafayette, Foy, Casimir Perrier, Manuel e Benjamin Constant resistiam num quadrado onde o desespero tocava de fogo a eloquencia terrivel. A imprensa desapparecera. Vivia clandestina, irosa, irrompendo denuncias e clamando ameaças. Chateaubriand cuidava tanto da phrase quanto da gravata negra. Em setembro a sombra de Luis XVIII, gordo, triste, pezadão, desilludido, sem affectos e sem esperanças, deluia-se, lenta e duma vez para sempre, das Tuileries. O conde de Artois sempre verde, ardego, irriquieto, politicoide, tendo

mais odios que cabellos, mudava de quarto por que morava e dirigira facções no pavilhão Marsan, nas Tuileries. *"Que Charles X ménage la couronne de cet enfant"* dissera o rei moribundo numa benção de agouro ao duque de Bordeaux. E o duque não reinou. O pai, duque de Berry, herdeiro do throno, cahira duma punhalada, na sahida dum baile e morrera emquanto se dançava estrondosamente na Opera.

Carlos X deu a Araujo Lima uma desculpa e um elogio a D. Pedro. Teve o moço brasileiro ante os olhos uma politica de combate. Não escaramuças que dependiam de palavras e de actos. Não era o amuo imperial de São Christovão, a perrice de rapaz coroado, de chefe de governo com vinte e cinco annos, creado entre picadores e eguariços, afeito muito mais á queda-de-corpo, às rasteiras e ao jogo-de-pau que ao estudo. Não era um Imperador que dizia, meio machucador de sua incultura, vendo a viva attenção do filhinho: *"Eu e o mano Miguel seremos os ultimos ignorantes da familia"*.

Quem o justificava, elevando pelo cotejo do ambiente, era um Bourbon de linha recta, neto de Luis XV, educado na mais polida côrte do mundo. A tradição de elegancia do conde de Artois vivia pura na lembrança de quem o vira vestido de seda, a fita azul do Espirito-Santo cingindo um busto impeccavel de dansador de minuetos na sala-dos-

espelhos. O ultimo Rei de França passara annos longos no exilio. Estudara, vira, raciocinara. Era rei aos cincoenta e sete annos. Voltara velho exigente quem fôra moço leviano...

Araujo Lima teve tempo de aprender como um rei governava. Assistiu á desmontagem systematica de todas as conquistas liberaes. Vira a resposta do irmão de Luis XVI ao povo que o acclamara. Indemnisação aos emigrados, lei do sacrilegio, "droit d'ainesse", lei de imprensa. Reparou que a batalha não se feria em grandes lanços espectaculosos e ingenuos como os de dom Pedro. A tatica era outra. Mais fria, mais serena, mais lenta, calculada, inflexivel. Emfim, mais civilizada...

Em Paris, Pedro de Araujo Lima vigiado pelos secretas do prefeito de Policia-Geral teve occasião de medir aquelle com o ambiente que respirava no Rio de Janeiro, o Rio creôlo, irregular, pictoresco e theatral de 1824.

Fica todo 1824 em Paris. Segue um curso na Escola de Direito. Passeia muito. Vai aos museus, bibliothecas e academias. Passa com pouco dinheiro. Domingos Borges de Barros (depois visconde de Pedra Branca) estava trabalhando pelo reconhecimento do Brasil-Imperio junto a Carlos X e seu enfatuado e sonoro Chateaubriand. Borges de Barros livrou Araujo Lima da matilha

policial parisiense. Não havia para elle o longinquo terror de D. Pedro. Estava todo guardado para os Andradas que se distrahiam fazendo satyras e respondendo artigos de insulto.

A lição dessa temporada recordava-lhe naturalmente a Inglaterra de 1823. A Camara dos Deputados ensinava-lhe a resistencia tenaz, reducto a reducto, palmo a palmo, sem desfallecer e parar. As attitudes do Senado francez, mais cioso de si-mesmo, de suas prerogativas que de dogmas reaes ou populares, deram a extensão dum poder immovel, inquebravel, só temivel quando attingido em luta.

Uma face desse mundo escapou-lhe. Não viu o trabalho collectivo, o esforço unisono do paiz. Apezar de Luis XVIII e Carlos X a França multiplicara suas industrias. Araujo Lima, coherentemente, deixou de olhar o que sempre constituiu mysterio para o politico brasileiro, a progressão economica alicerçada em finanças previstas e estudadas. Foram elles, os politicos do Brasil, maravilhados partidaristas, geniaes sectarios, excellentes soldados de partidos. A noção real da politica escorregava-lhes entre os dedos como agua premida. Inda hoje a politica possue a synonimia singular e empirica de sciencia tacteante. E' o regime do palanfrorio, questão de bandeira, de campanilho, de eleição e, especialmente, de promessa. Não ha revolução sem promessa, diria depois

Lenine. A especulação abstracta não foi apenas uma technica, passou a ser uma mentalidade.

Borges de Barros consegue fornecer-lhe passaportes para Italia. Novembro de 1825.

A impressão seria curiosa e simples. A Italia desse tempo não dava impressão. Semilhava um jogo de puzzle entre cegos. Os mais extranhos resultados surgiam inesperados, bruscos, insopitaveis. Havia no cadinho da peninsula todas as tendencias, todos os impulsos duma revolução em estado endemico. Fazia-se experiencia de heroismo nacional. Media-se, com trena de sangue, o tamanho exacto da italianidade. Galeria universal com todas as figuras de lenda e de mysterio, de loucura e de genio, a Italia surgia num lento e gemido esforço de parto. Emergiam, à tona de ajuntamentos e de paizes pequenos como lenços, pedaços sangrentos da nação. Ella esperaria, quarenta e cinco annos, o minuto historico da cohesão.

Por toda parte a linha branca dos uniformes austriacos riscava o traço da fronteira dentro da patria. Movimentos esparsos sacudiam nomes lindos de "Risorgimento", "Italia Nuova"... A Santa Alliança vigiava, attenta, os inicios leves...

Araujo Lima deveria ter ficado indeciso entre aquelles reis e o seu Imperador, estouvado e romantico, dissolvendo uma Constituinte em novembro e jurando uma Constituição em março.

A 7 de agosto de 1826, com passaporte, segue como correio diplomatico para Inglaterra. Ainda um obsequio de Borges de Barros.

A Inglaterra politica de 1826 era a mesma de 1823. Continuava no poder os "tory" com lord Liverpool (Robert Bank Jenkinson). George Canning estava, imperturbavelmente, à frente do Foreign Office. George IV continuava caçando, estroinando, adoecendo. Robert Peel continuava vencendo. Toda Inglaterra continuava... Tem sido esse seu lemma. Não salta, não corre, não cai. Continúa...

Araujo Lima volta logo a Paris. Uma nota para o prefeito de policia di-lo seguindo seu curso de Direito, visitando os monumentos publicos *"presque toujours accompagné des sieurs Rego Barros et da Silva Santiago"*...

O "sieur" Rego Barros seria Francisco de Rego Barros, depois Conde da Bôa Vista. Nessa epoca estudava elle mathematicas na Universidade de Paris. Rego Barros, seis vezes deputado geral, tres vezes presidente de provincia, brigadeiro e senador do Imperio, nunca pensou estar sendo espiado pelas "moscas" de Carlos X. O "sieur" Silva Santiago é que não identifico.

Para um temperamento refletido e controlado como o de Araujo Lima, a França completava a educação politica. Essa segunda viagem servira-lhe de curso de aperfeiçoamento.

A França creara o parlamento para que o povo assistisse seu proprio destino. O interesse, a attenção collectiva ambiavam as grandes batalhas parlamentares. Desta maneira houve um prolongamento de acção. O eleitor fiscalisava seu enviado. A educação liberal fazia-se naquella universidade popular e gratuita, aberta a toda analyse, minuciosa, detalhista, implacavel. O povo aprendeu os gestos tribunicios. Elegia mentalmente os futuros guieiros. Toda rebellião iniciada entre discursos terminava nas barricadas. Era a tribuna livre das galerias que não se podiam manifestar doutro modo.

Araujo Lima guardaria, sua conducta posterior confirma, a fidelidade dos partidos, aos seus credos até que estes não collidissem com suas idéas filtradas da observação ambiental.

No palco francez, dum e doutro lado, a acção era intemerata, altiva, arrostando, num desassombro convicto, o embate formidavel das duas correntes adversas.

O proprio Carlos X era coherente, claro e nitido em sua trajectoria. Antes de corôar-se em Reims com o apparato lento e longo dos velhos Capetos, affirmara *"Il n'y a que M. de La Fayette et moi qui n'ayons pas changé depuis* 1789". O conde de Artois fazia seu elogio de Rei. Depois é a reação, a teima heroica e obstinada contra o tempo presente. O ex-pastor watteauriano do Petit Tria-

non não mudára. E não tinha culpa dos costumes serem outros. *"C'est mon métier, à moi, d'être royaliste"* diria elle como o imperador Joseph II.°. E o foi. Sua desgraça é ter encontrado gente mais realista que elle proprio.

Araujo Lima deparou por todo canto a guerra acceza às ideas que elle deixara na sua Assembléa dissolvida. Viu de perto Benjamin Constant. E na mesma terra que o hospedara viviam os Andradas, ameaçadores e gigantescos como tres numes barbaros...

Só em 1827 é que Araujo Lima voltou ao Brasil...

VI

Deputado á Assembléa Legislativa Brasileira. O ambiente de São Christovão e da Assembléa. Caracteristicas. A marqueza de Santos. Sua excellencia o Commendador Chalaça. Ministerios politicos. Olinda ministro.

Em principios de 1827 Araujo Lima chegou ao Rio. Em 1826 Pernambuco reenviara-o como deputado geral á Assembléa Legislativa do Imperio. Araujo Lima não se empossara e o dr. Manuel Gomes da Fonseca substituira-o como supplente. Em 1827 Araujo Lima toma conta da cadeira. Em maio assigna um parecer como membro da Commissão da Constituição. Este parecer desvia por pouco tempo a carreira entre a Assembléa e o Imperador. A commissão escreveu um parecer ambiguo, cinzento, cheio de portas-falsas. Por elle o ministro da guerra, general João Vieira de Carvalho, (depois marquez de Lages) era a um só tempo insultado e defendido. Estava no poder o visconde de São Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro). A sessão parlamentar de 27 é um desafogo. A anterior ficara anodyna, incolor, inodor e insipida. Desta feita queria voltar aos velhos tempos sonoros de 1823.

O sol imperial descia. Inda mais luminoso e tepido mas sem o vivo explendor das cavalgatas decorativas de outróra.

Era o tempo da marqueza de Santos, do senhor visconde de Castro, do commendador Francisco Gomes da Silva, do creado Berquó que passara a homem-rico e a marquez de Cantagallo. Os partidos não se pronunciavam mas estavam perfeitamente esboçados. A reação brasileira ia indo. São Christovão guardava o nucleo irradiante do poderio luso. Todo ambiente imperial era portuguez. A clara intelligencia de D. Pedro alagava-se na ternura humida de Titila. O commendador Chalaça governava o Brasil. Era homem sabido, manejando duas linguas, activo, com uma das mais complexas capacidades de trabalho da epoca. Entendia, arranjava e despachava tudo. Sua Magestade ia assignando... Chalaça tinha sobre os ministros a superioridade do contacto diario. Não houve influencia politica que equilibrasse a sua. Para exila-lo, o pomposo Barbacena fe-lo ministro do Brasil em Napoles. E Chalaça não fez feio. Acabou pagando ao visconde de Almeida Garret umas memorias. Chalaça tinha todos os vicios e virtudes agradaveis a D. Pedro. Era forte, agil, afoito, conquistador, bebedor infatigavel e comilão emerito. D. Pedro arrumou-lhe as malas aos soluços. E Chalaça merecia...

No anno anterior a filha de dona Domitilia fôra feita duqueza de Goyaz. O Imperador perguntava nos corredores de São Christovão aos duros fidalgos e ministros sizudos — *"Marquez! Não beijou a mão da duqueza minha filha? Já viu a duqueza de Goyaz?"* E a marqueza de Santos dava jantares às tres horas da tarde *"em obsequio da senhora duqueza de Goyaz"*. Dona Isabel Maria de Alcantara Brasileira, duqueza de Goyaz, tinha tres annos de idade... Um encanto de vida. A imperatriz Leopoldina morrera em dezembro de 1826. Complicações de parto agravado com os ponta-pés dados pelo imperial esposo. Quem espalhava a bôa-nova era o barão de Daiser Sylbach, encarregado de negocios da Austria, em carta para o barão Neumann que estava em Londres...

As sessões reataram depressa o diapazão preterito. O padre José Custodio Dias reclamou ter D. Pedro dito "Augustos e Dignissimos Representantes da Nação Brasileira", esquecendo o "Senhores" como estava escripto na Constituição.

A Assembléa era incontestavelmente de outro estylo. Mais percuciente e grave que a ideologia sonora de 23. Gonçalves Ledo, Lino Coitinho, José Clemente Pereira, Januario da Cunha Barbosa, Costa Carvalho, nomes populares no tempo da Independencia, vieram. Minas enviara uma bancada que ficaria celebre. Candido José de Araujo Vianna (depois visconde de Sapucahy), Bernardo

Pereira de Vasconcellos, Antonio Pereira Limpo de Abreu (depois visconde de Abaeté) e como o marquez de Valença passasse para o Senado veio para a mesma bancada o jornalista Luis Augusto May, o redactor da "Malaguêta", em quem José Bonifacio mandara dar uma sóva. De S. Paulo Vergueiro e Feijó valiam immensamente. Maranhão estava presente em Odorico Mendes e João Braulio Muniz, um dos futuros Regentes. Pernambuco iniciara a remessa dos seus gentishomens "compagnards", fidalgos de mando alicerçado em grandeza territorial. Esses embaixadores do latifundio pernambucano deram a nota mais agreste e viva ao embate. Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque (visconde de Albuquerque) tinha a coragem e o verbo muito maiores do que o nome. O futuro barão de Maranguape (Caetano Maria Lopes Gama) o norte rio grandense Thomaz Xavier Garcia de Almeida vieram tambem. E Thomaz Antonio Maciel Monteiro, depois barão de Itamaracá, o "beau" Brummell constitucional, adamado, infallivelmente côrtez, eloquente, mundano, sommando as victorias do salão ao lado das tribunicias, appareceu fazendo sensação, com suas gravatas de gorgorão negro, a colleção de camafeus, as bengalas de ebano, as luvas perfumadas. Era este Itamaracá que se queixava, já velho naturalmente, de ter as mãos callejadas de tanto apalpar sêdas.

Araujo Lima nesse meio andava sem alliados. Não havia pontos de coordenação entre elles. Hollanda Cavalcanti indispoz-se com o companheiro de bancada. Na batalha da regencia será um dos generaes adversos, o mais ferrenho, ataçador, insensivel aos golpes recebidos como um lebreu de raça. Insensivelmente Araujo Lima se destaca. Immobilisa-se esperando. A sua foi uma victoria da bôa educação.

A Assembléa rompe fogo aberto ao ministerio. Nenhum ministro possuia sympathias. E o gabinete tivera na pasta da Justiça um referendador do decreto da dissolução da Constituinte, Clemente Ferreira França, marquez de Nazareth. Na resposta á Fala do Throno, Araujo Lima sai do seu silencio para indicar a pista à matilha impaciente de caça levantada. Explicou que a Fala sendo peça ministerial era sugeita à discussão na Camara. Bernardo de Vasconcellos abre caminho ao seu nome. Enfrenta, em successivos ataques de gladiador elegante, a massa pezada dos ministros atarantados. Dahi em diante Bernardo é um dos leaders naturaes da Camara e a fascinaria, tantos annos depois, já quebrado de molestia, immovel na cadeira de paralytico, dirigindo, não mais pela força convincente da palavra mas pela ação catalytica do nome.

O trabalho parlamentar não é mais uma parallela à trajectoria official. Cai numa perpen-

dicular ousada, à pique, sobre os gestos ministeriaes que denunciam o fantasma do governo pessoal que então se chamara absolutismo. Arredavam da popularidade os ministros como prolongamentos que se responsabilisavam pela conducta imperial.

O jornalismo subia. A estreiteza do "Tamoyo" cedera a função a um tempo educada e percuciente da "Aurora Fluminense". Evaristo Ferreira da Veiga e Barros inicia o jornalismo divulgativo. Passa em troco miudo e ao alcance do povo os periodos retumbantes da Assembléa. Sua critica infiltrada num estylo tranquillo e transparente, levava a toda parte uma convicção que já era raciocinio. Vasconcellos, Vergueiro, Feijó batiam adiante o pensamento. O sexto gabinete desce numa curva lenta e continua. Fechadas as sessões o Imperador podia entrar em concessões. E chamou Pedro de Araujo Lima.

O gabinete de 20 de novembro de 1827 é uma victoria parlamentar. E' a desafronta da Constituinte. Não se precipitou em combate sustido pelo pulso de Araujo Lima. Não se tinha pensado em fazer jogo de peão em vez de arriscar uma torre de partido. Araujo Lima dahi em diante teria alliados em todas as bancadas. Levou Miguel Calmon du Pin e Almeida (marquez de Abrantes)

Fazenda, Lucio Soares Teixeira de Gouveia para Justiça, todos deputados. Foi buscar no Senado os titulares de Extrangeiros, João Carlos Augusto de Oyenhausen, marquez de Aracaty e da Guerra, general Bento Barroso Pereira. Para Marinha arranjou um marinheiro, Diogo Jorge de Brito.

VII

Tentativa de popularidade imperial. Guerra cisplatina. Revolta dos batalhões estrangeiros. Demissão de Olinda. Campanha na Assembléa. Adhesão senatorial. Reentrada do Patriarcha. O derradeiro cartucho. Demissão Barbacena. Explicação do filho. A defesa prophetica de Barbacena. Crepusculo imperial. O gabinete dos Marquezes. A conspiração parlamentar. O apoio dos soldados. O sete de abril de 1831.

Araujo Lima deixando a Camara para tomar parte no gabinete 20 de Novembro de 1827 deixava espalhadas amisades. Presidira-a. O gabinete São Leopoldo creara os cursos juridicos em Olinda e São Paulo. O Imperador nomeara-o director do de Olinda. Araujo Lima não se empossou. O interino Lourenço José Ribeiro ficou dirigindo o curso.

O gabinete 20 de Novembro tenta popularisar D. Pedro. Havia a guerra no sul e o Imperador cedera sem juros sua dotação dum mez. E despachou para São Paulo a marqueza de Santos. *"Honra muito a Vossa Magestade a saida da marqueza de Santos"*, escrevia-lhe de Paris o marquez de Resende. Araujo Lima possuia a virtude de ser sizudo e grave. Dahi em diante será um dote. Num paiz vibrante e alacremente luminoso, com Imperador rapaz, amigo de cavalhada e de argolinha, de queda-de-braço e de revistas às tropas em-

penachadas, raça afeita á procissão, á brutalidade envolvente dos entrudos, à toda expressão quasi physica de luz e de côr, era um bem inestimavel a sizudice. Denunciava a maturidade do raciocinio, a precaução no passo, a cautela das attitudes. Araujo Lima teve esse dote. Era circumspecto. Naturalmente circumspecto. Não havia nelle o artificialismo que distancia as dedicações. Era coherentemente grave. E' elle o homem publico de menor anedoctario.

O ambiente na Assembléa é outro. Claro, justo, equilibrado. A Fala do Throno sôa deluida em palavras que não tinem como as esporas dos Dragões da Independencia. Na resposta á Fala ha um periodo habil. Duma habilidade afoita e respeitosa. A nação brasileira continuava *"esperançada antes nas virtudes de V. M. Imperial do que alliciáda pelo explendor do seu nascimento"*. Lopes Gama (Maranguape) extranhou a phrase. Toda gente lhe negou apoio. O ministro da Justiça achava-a natural e logica. E o periodo veio até Sua Magestade Imperial...

Toda harmonia estava dependendo da imperial creança. Aquelle regio coruminassú parecia representar um duplo papel de serenidade e de arrebatamento. O caminho seguia igual, macio, amplo. O horizonte se não recuava ao menos ficara immovel como uma moldura àquella tentativa de construcção silenciosa.

O povo tranquillisado retomava o velho rythmo quotidiano. O ajustamento era fortuito. Um caso-raro de visita de saude entre o povo e o Imperador. Te-lo-ia salvo uma serie de victorias decorativas no Plata. Mas a guerra contra os libertarios uruguayos era a menos sympathica das guerras. Chamavam os caudilhos orientaes de "herois". Quasi toda gente dizia ser o mesmo caso do Brasil a libertação uruguaya da tutella estrangeira. A Camara dos Deputados, por maioria integral, negou-se felicitar o Imperador pela campanha cisplatina. A desorganisação do exercito era simplesmente comica. O Imperador poderia ter galvanisado os batalhões com a sua presença enthusiasmadora. Mas dona Domitilia de Castro não pôde entrar na camara onde a Imperatriz Leopoldina agonisava. E Titila se queixou ao Imperador, ao seu Demonão, ao seu mimoso Fogo-Foguinho. D. Pedro voltou. Na mais rapida das embarcações. E demittiu ministros, creados, familiares. O exercito ficou apodrecendo na indiferença do Imperador e do povo. Já se dizia que os liberaes eram alliados dos uruguayos. E o seriam no desejo expontaneo da desopressão. Tal era o estado ambiental de 1826 a 1828...

D. Pedro para demorar a popularidade esvaecida foi alijando uma a uma as suas virtudes politicas. O maior defeito era não ser dissimulado. Punha as cartas na meza sem jogar bridge. Mos-

trava os trunfos. Perdeu todas as paradas. Ás vezes tinha jogo superior.

A sahida de Araujo Lima em 15 de junho de 1828 é um desses casos. As tropas de mercenarios revoltam-se. São allemães, irlandezes. Tres batalhões que se derramam pelas ruas saqueando, matando, bebendo. Fôra apenas um surto de fome reprimida. De mizeria contida. De isolamento, opressão, desprezo. Mal pagos, ignorando o idioma, cercados pela desconfiança ambiental, tidos como hereges, emparedados nos quarteis infectos, disciplinados á chibata, os soldados estrangeiros irrompem como agua represada que bruscamente a comporta rompesse. Para acrescer o horror da população ainda Evaristo da Veiga acusava-os de desordeiros contumazes. Explodindo a intentona são cinco dias de escaramuças, de tiroteios, de caçadas á clavina e facão. Reduzidos a bala são enviados para o interior. Outros centos repatriados. Os marinheiros inglezes e francezes haviam descido para guarnecer São Christovão. A cidade tremera de pavor ante aquelles gigantes vermelhos que se batiam urrando coisas incomprehensiveis. Nem o carioca lembrou o orgulho tradicional da primeira victoria do capoeira contra o "extranja", pezado e massiço.

D. Pedro vê nesta somma apenas uma parcella. E' a indisciplina. Pouco caso do ministro. Ignorancia do verdadeiro estado do exercito. Dá

outro salto inopinado. Demitte Bento Barroso Pereira sem ouvir o resto do ministerio. Nem o portador da pasta do Imperio, departamento mais visinho de sua confiança, ensaio de presidente de gabinete.

Araujo Lima péde sua demissão no mesmo dia. Miguel Calmon obtem a sua tres dias depois. Teixeira de Gouveia abandona a pasta da Justiça. Oyenhausen ficou. O da marinha tambem. Não tinha nada com o peixe. D. Pedro substitue Barroso Pereira pelo futuro visconde de Jerumirim, Francisco Cordeiro da Silva Torres. Isto a 15. No dia 24 Joaquim de Oliveira Alvares foi nomeado ministro da Guerra.

Araujo Lima voltou calmamente para a Camara. Não mais seria ministro. Breve D. Pedro deixaria de ser o Defensor Perpetuo. A sua solidariedade nascera dum sentimento intimo de comprehensão. Calmon e Teixeira de Gouveia fizeram apenas a figuração impressionadora de independentes. Accendiam a vela a São Christovão emquanto deixavam outra, discreta e tremula, ardendo aos idolos populares da Assembléa.

José Bernardino Baptista Pereira, deputado pelo Espirito Santo, offereceu em sua pessoa o ultimo cartucho de salva para o enterro da alliança. D. Pedro tirou-o da Camara como elemento de razoavel independencia e mandou-o occupar a vaga de Calmon que se fingia amuado. Gouveia se pa-

recia impulsivo não era absolutamente. Voltou a São Christovão. D. Pedro tirou José Bernardino da Justiça e passou a pasta a Gouveia. 22 de novembro de 1828. José Bernardino tivera o gosto de ser ministro de duas pastas. Em 25 de setembro sobraçou a da Justiça como já ficara desde 15 de junho com a da Fazenda. Os demissionarios se arrependeram. Gouveia a 22 de novembro e Calmon a 25. Pouco mais de tres mezes D. Pedro tinha o mesmo gabinete que iniciara o milagre das pazes. Quasi todo, porque Araujo Lima não voltou...

José Clemente Pereira substituiu Araujo Lima. José Clemente Pereira tinha tão grande poderio entre o povo quanta antipathia na Assembléa. O seu gabinete inaugura uma oposição violenta, irritada, theatral. Oposição na Assembléa sedenta de pretextos viaveis. Começa ahi a agonia do primeiro Imperio. A Assembléa preludiava o 7 de abril de 1831...

Os ministros do Imperio (José Clemente Pereira), Justiça (Lucio Soares Teixeira de Gouveia) e Guerra (Joaquim de Oliveira Alvares) são accusados, denunciados e absolvidos. Clemente Pereira que gerira interinamente a pasta da Guerra de 5 de agosto a 4 de dezembro de 1829 teve que enfrentar duas tempestades. D. Pedro andou cabalando pessoalmente os votos necessarios para absolvição de seus ministros.

Na resposta á Fala do Throno rompe-se o canhoneio. A creação das juntas militares em Pernambuco leva o ministro Joaquim de Oliveira Alvares a ter uma tremenda serie de discussões. Clemente Pereira teve um parecer assignado por Limpo de Abreu, Odorico Mendes e Moura julgando procedente a accusação pelo recrutamento e compra de armamento. O Senado absolveu-o.

Nas lutas da Assembléa contra Oliveira Alvares, Vasconcellos de Drummond, inimigo seguro de Gonçalves Ledo, conta uma anedocta da epoca. O Imperador ia todos os dias ao Paço da Cidade que ficava defronte da Assembléa. Acompanhava dahi o movimento de defeza ao seu ministro. Ia recebendo e despachando correios com as novidades. De repente disseram que Ledo estava falando admiravelmente a favor de Oliveira Alvares. D. Pedro teve um riso sacudido:

> "Forte tratante! E' a terceira vez que o compro e de todas me tem servido bem!"

Pedro Dias Paes Leme, depois marquez de Quixeramobim, camarista de semana, passou para o bico de Drummond que tambem chama Calmon o *"maior moedeiro falso do Brasil"*. Cunhara seis mil contos em cobre. Intrinsecamente o cobre empregado valia quatro vezes menos...

A sahida de Araujo Lima trouxera este desmoronamento. Fazia-se oposição para contrariar

o Imperador, sabidamente susceptivel, irritadiço, epileptico. Começava-se contrariando os seus ministros. Isoladamente. Depois atacar-se-ia o conjuncto. Agora orientava-se a Assembléa em parallela firme. Onde quer que estivesse e actuasse a acção imperial encontraria aquella linha de reação continua, implacavel, obstinada.

Restava, sobrenadando num destroço de popularidade, o traço da coragem pessoal, da altivez ingenita do Imperador. O caso das prezas que o almirante Roussin vem reclamar como pagamento de conta antiga a pagador relapso, esfrangalha o resto da bandeira que drapejava n'alma collectiva.

A Assembléa dá inicialmente a impressão de incrivel solidariedade. Arregimentara-se o velho ao novo elemento liberal. Formam a frente unica que avança cohesa, compacta, inteiriça. Cream a "guarda da Constituição". Esta commissão é de cinco membros. Costa Carvalho, Teixeira de Gouveia, Bernardo de Vasconcellos, Lino Coitinho e Araujo Lima. Cream-na trinta e sete dias depois de Araujo Lima deixar o gabinete. 22 de junho de 28. Gouveia regressando do circulo imperial perdeu o lugar na guarda. E' uma função symptomatica. O symbolo mal encobria o alvo visado.

A presumpção valia tanto para a Assembléa como uma prova. E os nomes conhecidamente "imperiaes" estavam condemnados à lista negra. No reconhecimento, Manuel da Cunha de Azevedo

Coitinho Souza Chichorro é suplente de deputado por São Paulo. Campos Vergueiro passara para o Senado. A Camara por setenta e dois contra um voto resolveu não dar assento ao Chichorro. O crime de Chichorro fora pedir a D. Pedro que declarasse a nullidade da Constituição e assumisse a autoridade absoluta. E Chichorro não veio. Quem substituiu Vergueiro foi o dezembargador João de Medeiros Gomes.

A acção de Araujo Lima é cauta, impalpavel, dissimulada. Acção de presença é o que julgamos. Acção de infiltramento é que foi. Ninguem poderia julgar os recursos que a intelligencia traria áquella impassivel face de legionario.

O prestigio de Araujo Lima se consolida nesses dias tormentosos e asperos. Sua cultura irá pedir como lastreamento illustrativo as reminiscencias desses mezes de guerra franca, intensa, incessante, atroadora.

O Senado adheriu á reação da Camara no caso da eleição de João Vieira de Carvalho. O Senado fôra o entrincheiramento onde D. Pedro guardava sua esperança de apoio. O Senado recusa a carta imperial nomeando Vieira de Carvalho porque inda não tinham chegado todas as actas eleitoraes. José Clemente Pereira tangenciou, cobrindo a Corôa. Disse ser engano pessoal o ter tomado pela somma total um resultado parcial. O Imperador recuara dum reducto seu. Um sopro

de alegria rodou em toda parte. D. Pedro fez o recusado, conde de Lages.

Aqui está um errinho de historia mirim. João Vieira de Carvalho era barão de Lages por decreto de 12 de Outubro de 25. Conde, 12 de Outubro de 26. Marquez em 25 de Março de 45. A eleição de senador foi em 1828 (30 de Abril). Já se vê que não houve elevação nenhuma e peço licença para dar um quinau no padre Galanti. Vieira de Carvalho em I.º de abril de 1829 era senador pelo Ceará. E a fortuna entendeu de pagar-lhe o aborrecimento de 28. Quando falleceu em 47 fôra nove vezes ministro, presidente do Senado e onze vezes chamado ao Conselho da Corôa.

O Senado cedera. A verdade era esta. A omnipotencia imperial restringia-se. A influencia minguava. Para Araujo Lima não consistia surpreza. Vira elle as successivas camadas de senadores que Carlos X enviara para suster a maré montante dos liberaes francezes.. Vira tambem que as successivas camadas empurradas pelo rei serviam apenas para elevar e fazer mais forte a queda d'agua já de si impetuosa.

Em 1829 D. Pedro dá o estylo que deveria ser imitado em discurso de encerramento. A 3 de setembro, com manto de papos de tucano, sceptro e corôa, leu solemnemente as sacramentaes e eloquentissimas palavras:

"Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Brasileira, está fechada a sessão!"

Esta Fala significava muito. A tradução se fez immediatamente. A veracidade da versão foi corroborada pelos acontecimentos posteriores.

Araujo Lima sentia, numa presciencia que a observação lhe dera, o fio das escaramuças que se desenrolavam. Tinha elle como os cegos a percepção longinqua dos obstaculos. Não fica na primeira plana dos generaes que investem contra o desconcerto imperial. Ficava como um moço dirigidor que uma só batalha sagrara. A sua retirada do gabinete 20 de novembro de 1827 dera-lhe a força moral que têm os sacrificados. Com a defecção de Gouveia e Calmon inda mais lhe cresceu o predominio manso e incontestavel. Calmon, que seria um dos seus intimos amigos, bem cedo vaticinou-lhe a proximidade do mando.

O scenario ampliara-se. José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos estavam no Rio. Caravellas orientava a oposição no Senado onde Cayrú, pequenino e vibrante, arrostava, quasi sosinho, a descida inimiga. Barbacena, egresso de embaixadas que competiam com as de Marialva, namorava a politica cerca-cercando a influencia avassaladora de José Bonifacio. Negociador do segundo casamento, amigo a quem se confiara a Rainha dona Maria II[a], Barbacena teve o seu ex-

plendor. Explendor tão rapido, brilhante e estralante como o pipôco dum foguetão de festa.

A vinda de dona Amelia Augusta Eugenia Napoleão de Beauharnais sacudiu fóra do baralho o naipe victorioso da marqueza de Santos "et sa suite". As festas deslumbraram muita gente. Nesse tempo usava-se pedir emprestado o apparelhamento para uma festa. D. Pedro não escapoliu da regra. Em 1835 Joaquim José de Azevedo, que era marquez de Jundiahy e dono duma das mais gabadas baixellas do Rio, escrevia a Aureliano Coutinho que inda não era o senhor visconde de Sepetiba —

> "...para o segundo casamento do mesmo sr. (como o marquez de Jundiahy escrevia em 35 chamava o ex-imperador "Duque de Bragança") que á excepção das iguarias todos os ornatos da meza herão de minha casa".

A manobra Barbacena foi collocar o nome de José Bonifacio ante a Camara convulsa. Corre por conta de Drummond esta historia da conversa entre Barbacena e o Patriarcha:

> "V. Excia. não conhece a influencia que tem no animo do Imperador. Os seus inimigos podem abalar essa influencia na ausencia de V. Excia., mas logo que V. Excia. se apresenta ao Imperador este não resiste mais, en-

trega-se nas suas mãos. Finalmente seria de desejar para o bem publico uma das duas, ou que eu tivesse os seus talentos ou V. Excia. as minhas manhas".

A resposta do Velho é um encanto de orgulho expontaneo:

> "Cousa impossivel, porque V. Excia. não teria as suas manhas se tivesse os meus talentos".

Barbacena pôz as manhas em marcha. D. Pedro, fazendo do ladrão fiel, fez Caravellas ministro a 4 de dezembro na pasta do Imperio. Esse 1829 derribara José Clemente Pereira. Calmon, geitoso e polido, trepara para a pasta dos Negocios Estrangeiros. Barbacena, senador por Alagôas desde 1826, ficou na Fazenda. Entendia elle tanto da producção como provara saber da circulação e consumo da riqueza? Barbacena é figura central no ministerio. Ganha popularidade com um jogo dificil. Consegue mandar para Europa o commendador Chalaça, *fac-totum* imperial. Com Chalaça, Barbacena fez seguir João da Rocha Pinto, outro curinga respeitado. Mandou-os fingindo representantes do Brasil em Napoles e Suecia. Chalaça apellidara o ministerio de *"creôlos"*...

A subida de Barbacena sahira duma alliança com Calmon. O futuro marquez de Abrantes levava comsigo uma quasi garantia de estabilidade.

Possivelmente a traça viera de José Bonifacio. Seria o derradeiro ministerio homogeneo. Os outros, de 19 de março e de 5 de abril, cahiriam com o Imperador.

Caravellas, Barbacena e Calmon sustentariam com possibilidades de resistencia um luta na Camara. Mas o ministro da Marinha (Villela Barbosa, senador e marquez de Paranaguá) e o da Guerra (Thomaz Joaquim Pereira Valente, official general do Exercito, conde do Rio Pardo), são suspeitissimos.

A Camara de 1830 conserva o mesmo nivel intellectual. Maranhão, Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio, Minas, São Paulo reenviaram seus grandes nomes. Braulio Muniz, Odorico Mendes, Antonio de Moura, os manos Antonio, Luiz e Francisco, filhos do coronel Suassuna, Lino Coitinho, Alves Branco, Calmon, Costa Carvalho, Araujo Vianna, Limpo de Abreu, Ledo, Clemente Pereira, Bernardo de Vasconcellos, Custodio Dias, Gouveia, Feijó, Souza e Mello, Honorio Hermeto retomaram seus logares. Vinham homens de nomes novos que o futuro faria conhecidos e venerados. Pernambuco, reelegendo Araujo Lima, mandara Francisco e Sebastião do Rego Barros, de tão limpa e linda tradição. Evaristo da Veiga viera por Minas. Lopes Gama por Matto Grosso. José Martiniano de Alencar pelo Ceará. Calmon, que passa-

ria em 1831 para o Senado, traria como suplente um ex-constituinte, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, depois visconde de Jequitinhonha. O Rio Grande do Norte era representado pelo seu presidente, José Paulino de Almeida e Albuquerque, velho pedreiro livre que D. João VI mandara prender. Depois de 1830 o suplente padre Francisco de Brito Guerra, o amigo de Feijó, appareceria. Aureliano Coutinho surgia por Minas Geraes. A cohesão se mantinha na mesma altitude. O contingente moderno carreava uma força mais agil e desenvolta. Menos percuciente e mais affeita ao predominio popular que á grandeza intrinseca das idéas.

Martim Francisco fôra eleito por Minas Geraes.

A Camara se biparte em moderados que appoiam, no possivel, o Governo e os independentes que subiam ao vertice duma opposição systematica. Os dois lados, vez por outra, estavam unidos. Uma doutrina assentaram logo. Nada haveria de commum entre Portugal e Brasil. O Imperador pedia o agazalho para os liberaes portuguezes que seguiam D. Maria II. E vagava um boato de Barbacena ter gasto fortunas defendendo os direitos da filha de D. Pedro ao throno portuguez. Canning morrera e o "tory" Wellington esbarrara a expedição libertadora que vellejava para a ilha Terceira. O

ministro do Brasil em Londres, Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa, visconde de Itabayana, teria serias contas a justar por ter consentido nas retiradas do ouro da caixa confiada á sua guarda.

Oliveira Alves e Clemente Pereira serviram para demonstrar a irritação da Camara. Foram reconhecidos, apezar de regularmente eleitos, por maioria de seis votos. 41 contra 35. E o reconhecimento fôra defendido pelas vozes largas de Evaristo da Veiga, Paula e Souza, Ledo e Feijó.

Até o encerramento discutiram politica. Um deputado pelo Rio Grande do Sul, que servira ás ordens do general Madeira na Bahia, teve a victoria por dois votos. 40 por 38. Encerrada a 2 a Camara abre as sessões extraordinarias a 8 de Setembro. Precisava-se de tudo. Convoca-se em vez de prorogar. Servia para dar ao povo a certeza da Camara perder tempo com especulações e nonadas.

Em Outubro houve o escandalo Barbacena. O Imperador demitte-o . Cinco de Outubro dizem Rocha Pombo e o padre Galanti. A dois, diz o barão de Javary. Barbacena era uma figura da mais alta expressão de poderio em São Christovam. Aos desenove annos deveria ser capitão de mar e guerra se não fosse a idade. Marechal de campo, deputado, tres vezes ministro, senador do Imperio, negociador do reconhecimento do Brasil em Londres, tratou de emprestimos, levou D. Maria II e ajustou e trouxe a bôa nova do se-

gundo casamento imperial. Com 26 annos introduziu a vaccina de Janner no Brasil. Commandara as tropas no sul. Estava cheio de commendas, crachás e bandas honorificas. Visconde em 1824, marquez em 1826, tivera brasão no cartorio da nobreza desde 1801. Tudo isto era Barbacena além das amisades, ligações, interesses, faustos, festas e pompas.

O Imperador o demitte de ministro da fazenda num decreto secco, malevolo, eivado de subentendidos. Nomeia para substituil-o um simples negociante, José Antonio Lisbôa, e, a 3 de Novembro do mesmo 1830, entrega a pasta a Antonio Francisco de Albuquerque e Hollanda Cavalcanti, visconde de Albuquerque. O visconde de Alcantara, João Ignacio da Cunha, referendou o decreto que demittia o collega. Decreto de 30 de Setembro de 1830, diz o barão de Javary.

> "Convindo liquidar-se quanto antes a divida do Brasil com Portugal, contrahida pelo tratado de 29 de agosto de 1825, e sendo necessario, para esse fim, tomar primeiramente as contas da Caixa de Londres, examinando-se as grandes despezas feitas pelo marquez de Barbacena, do meu Conselho de Estado, tanto com S. M. Fidelissima, minha augusta Filha como com os emigrados portuguezes na Inglaterra, e especialmente com o meu casamento; e não podendo estas verificar-se le-

> galmente exercendo ao mesmo tempo o mencionado marquez o cargo de ministro da Fazenda: hei por bem demitil-o do mesmo cargo".

A mysteriosa descida de Barbacena endossava as supposições do absolutismo imperial. Sentia-se que D. Pedro atirava o marquez como uma prêa á disposição da Camara que discutia furiosamente as despezas de Londres com os lusitanos. O ministerio subira com sympathias sérias. Calmon, que era o unico deputado-ministro, sahira a 23 de setembro de 1830. Caravellas deixára de ser ministro desde 12 de agosto. Em outubro cahia Barbacena. A quéda dos tres indicados por José Bonifacio provaram a inadaptação do Legislativo ao executivo-moderador. O commendador Chalaça poderia usar o lemma "absentes adsunt". Continuava, atravez dos mares e paizes, a manter a politica distanciadora entre D. Pedro e a Camara.

Um filho do marquez de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant Pontes, segundo visconde de Barbacena, o elegante velho que morreu além dos cem annos com a serena elegancia dos trinta, explica de outra maneira a sahida do pae.

> "Pouco depois vae a palacio um illustre senador portuguez, amigo intimo do Imperador. Depois de muita conversa, de dizer que ia em caracter particular porque nenhuma influencia tinha, pediu licença para lembrar que a situação era grave, que todos os minis-

terios eram hostilmente recebidos pela Camara, que só o marquez de Barbacena conseguia tudo, prova evidente de que esse homem perigoso estava sendo apontado para a presidencia da Republica que se preparava. Essas intrigas foram a causa da segunda demissão de meu pae".

. . . .

(Entrevista do visconde de Barbacena. Almanach Garnier para 1908. Pag. 128 — Rio de Janeiro).

A quèda de Barbacena, inexplicavel, subita, inesperada, ainda mais cercou de suspeitas e odios a sagrada e inviolavel pessoa do Imperador. Barbacena não ficou calado. Abriu fogo contra o Imperador. Primeiro dirigiu um manifesto ao visconde de Alcantara. Defendeu-se. Explicou que recebera da caixa de Londres 25.788 libras esterlinas, 3 schillings e 6 pences por conta das ordens do ministro da Fazenda de então (José Clemente Pereira e depois José Bernardino Baptista Pereira) que eram de 35.000 libras. Mostrou ter as quitações dadas pelo Imperador. Sobre o casamento disse ter ordem para 200.000 libras e que só gastára 42.272 libras. Sobre os assumptos de guerra e marinha declarou ter gasto 25.834 libras, 2 schillings e 4 pence. De tudo prestára contas. A questão dos emigrados e de S. M. Fidelissima era simples e só a procura dum pretexto para desfa-

vor acharia este. A titulo de indemnização o Brasil pagaria a Portugal 600.000 libras. D. João VI retirara 250.000. Faltavam 350.000. Deduziriam-se destas sommas as despezas com a rainha menina e com a mallograda expedição á Terceira. A falha era a ignorancia em que a Camara estava dessas negociações e os fundos enviados para Londres terem sido empregados em politica em vez de amortizar a divida externa.

Barbacena prophetizava apenas. No mesmo outubro vem da Europa armamento para dez mil homens e uma continha de quinhentos contos. Em plena paz e sem autorização da Camara, o ministro José Clemente Pereira comprára aquillo. Foi uma gritaria unica. Para accender a coivára dos erros outros enganos e deslizes administrativos iam chegando com desoladora assiduidade.

O ultimo reducto imperial era o Senado. Este capitulou estridentemente. Os senadores votaram emendas augmentando despezas. A Camara regeitou as emendas e uma commissão de Lino, Limpo de Abreu e Bernardo de Vasconcellos foi ao Senado pedir a fusão das Casas Parlamentares para uma Assembléa Geral. O povo desatrelou a equipagem e puxou o carro aos vivas. Esta manifestação de quadrupedante enthusiasmo demonstra até onde ia o poder da influencia democratica dos deputados.

O Senado acceitou. Uma voz sôa, isolada, energica, maravilhosa em seu orgulho solitario — Cayrú!...

E a Camara vence uma a uma todas as propostas senatoriaes. O Imperador recebendo a lei orçamental congratulou-se amavelmente. Cumprimentava com a espada antes do assalto.

Em dezembro Barbacena enfrenta directamente o Imperador. Escreve uma carta, cuja repercussão estrondosa estremece todos os politicos. A carta é datada de 15 de dezembro de 1830 e Barbacena continuava no Rio. Alguns trechos darão idéa do conteudo aterrador:

> "Um dos tios-avós de V. M. I. acabou os seus dias em uma prisão em Çintra. V.M.I. poderá acabar os seus em alguma prisão de Minas, a titulo de doido: e realmente só um doido sacrifica os interesses de uma nação, da sua familia e da realeza em geral, aos caprichos e seducção de creados.
>
> ....
>
> Si eu nutrisse odios aos portuguezes ou abrigasse ambição de empolgar os primeiros lugares, por certo que V.M.I. pelo seu comportamento, offereceria a mais lisongeira perspectiva.
>
> ....
>
> ...no momento em que V.M. cahir, os titulos de nobreza serão titulos para proscripção

> ou pelo menos nullidade. O theatro continuará a ser o mesmo, mas os actores inteiramente outros e novos. Ainda ha tempo, Senhor, de manter-se V.M.I. no throno, como deseja a maioria dos brasileiros; mas se V.M.I. indeciso, continuar com as palavras de Constituição e brasileiro na bocca a ser portuguez e absoluto de coração, neste caso a sua desgraça será inevitavel; e a catastrophe, que praza a Deus não seja geral, apparecerá em poucos mezes; talvez não chegue a seis".

O documento Barbacena teve fama prophetica. E seria um Bandarra fidalgo todo aquelle que olhasse de perto o estouvamento do moço imperial. O doutor Casanova, que viera com o principe Augusto Carlos Eugenio Napoleão, duque de Leuchtenberg, cunhado e depois genro de D. Pedro, fizera amizade com José Bonifacio. Um dia não se conteve. Deu seu depoimento:

> "O Imperador é louco; se me vierem dizer que elle anda a atirar pedradas pelas ruas, não me causará isso surpreza".

E' justamente durante esse 1830 que Araujo Lima placidamente assume a direcção do Curso Juridico de Olinda. Quanto tempo? Quinze dias, diz o visconde de Taunay. Alguns mezes, escreve Clovis Bevilacqua. A posse é a 1.° de março. Cer-

to está elle no Rio na demissão de Barbacena. Sua estada em Olinda é curta.

Dahi em diante seria a marcha accelerada para abdicação. Morte de Libero Badaró, viagem a Minas, noite de garrafadas, todo o cortejo duma popularidade apodrecida.

Os nomes dessas semanas de incendio são Evaristo da Veiga, Vergueiro, Limpo de Abreu, e Odorico Mendes. Feijó está em São Paulo. Iniciou-se a catechese no exercito. Batia-se na velha e sempre prompta tecla da rivalidade luso-brasileira. A tactica era atirar os officiaes do Brasil sobre os portuguezes. A exaltação collectiva faria o resto.

A concentração parlamentar tocava um "reunir" discreto derredor de Vergueiro, unico senador declaradamente rebelde. Vinte e tres deputados dirigem uma representação-ultimatum a D. Pedro. Este conservara o visconde de Alcantara, o marquez de Paranaguá, o famoso Villela Barbosa a quem uma dama dissera no Paço: — *"V. excia. é "vil" até no nome". "Vil ? ella"* — retrucou o marquez num trocadilho celebre. O conde do Rio Pardo ficara tambem.

As figuras centraes da tropa existente no Rio de Janeiro eram os Lima e Silva. Brigadeiros cobertos de medalhas, de valentia, arrojo e, curiosamente, precaução. Francisco negou auxilio a

pés juntos. Mezes depois seria um dos Regentes do Imperio. José Joaquim, depois visconde de Magé, deu corda sem comprometter-se. Manuel, o futuro barão de Suruhy, commandante do batalhão do Imperador, adheriu inteiramente. O chefe da artilharia, coronel Francisco de Paula Vasconcellos, bateu os calcanhares, ás ordens.

D. Pedro recompõe o gabinete: Deixa Hollanda Cavalcanti na Fazenda, Carneiro Campos, (Caravellas) no Exterior e João Ignacio da Cunha, (Alcantara) no Imperio. Chama José Manuel de Moraes e José Manuel de Almeida para substituir Rio Pardo e Paranaguá. A 13 de março colloca Bernardo José da Gama (visconde de Goyana) no logar de Alcantara. Era o chamado gabinete 19 de março. Para fazer perder a cabeça a um estudante de psychologia este gabinete que não era popular é o autor indirecto do Sete-de-Abril. Por elle se bateu o povo...

No dia 25 de março, anniversario do juramento da Constituição, o Imperador comparece com o ministerio a um "Te-Deum" na igreja de S. Francisco de Paula. Não tinha sido convidado. Levou a Imperatriz e a Côrte. O povo acclamou-o:

"Viva o Imperador emquanto constitucional!..."

D. Pedro responde, cumprimentando:

"Fui e sempre sou constitucional!"

Na sahida as acclamações mudam:

"Viva o senhor dom Pedro Segundo!"

D. Pedro riposta. E' uma tacita confissão de impopularidade:

"Ainda é muito creança!"

O ministerio atarantado, attonito, tacteia, indeciso, apavorado, esperando o estouro.

Convoca-se a Camara. Ladeia-se, com palliativos que a incomprehensão e o medo iam dictando, o aspecto do movimento esboçado e ameaçante. Goyana, Caravellas e os outrso não tinham prestigio tão elastico que se equilibrasse com o dos deputados, commandadores da multidão. Procuraram armar o governo de auxilios que pudessem refrear a possivel revolução. Nomeiam Francisco de Lima e Silva para o commando geral das armas e do corpo de policia da Côrte. Soltam os officiaes implicados em motins. Officiam ao conde de Sabugal, representante de D. Maria II, que contivesse os portuguezes.

Os mentores da opinião publica eram os deputados. Nenhum ministro possuia amizades na Camara. E' desses dias a noticia que Armitage regista. Um deputado se compromette a apresentar proposta de declarar-se D. Pedro incapaz de governar o Brasil. No "Te-Deum" de 25 de março deram viva á Republica. Não sei a que especie de Republica... O visconde de São Leopoldo conta que Caravellas explicara todos os resenti-

mentos populares ao Imperador. Este respondeu narrando os serviços que prestara ao Brasil e dissera estar decidido a retirar-se. Não haveria contemporalisação possivel. O banho morno do ministerio acabou esfriando de todo. D. Pedro tem um daquelles impetos tão naturaes e explicaveis nelle. Demitte o ministerio 19 de Março e nomeia o de 5 de abril. No dia seis é que o povo soube. Os deputados e Vergueiro entraram em acção. O visconde de Barbacena procurara no dia 4 de abril Evaristo da Veiga e o scientificára de tudo levando a solidariedade do marquez que, desde a carta a D. Pedro, ficára com direitos ao esquecimento de sua campanha gôrada em Ituziangó. O ambiente bruscamente sóbe de temperatura. As ruas palpitam duma multidão gritante, enthusiasta, apaixonada. Os oradores se multiplicam. Bruscas tempestades de applausos seguem a passagem de qualquer deputado nacionalista.

O ministerio de Cinco de Abril de 1831! São seis senadores imponentes, gravissimos, ponderados em suas pessoas, cinco marquezes e um visconde, um ministerio imperialista mais do que o Imperador, sahido da immobilidade quasi absoluta para a acção incessante. Só mesmo um delicioso traço de alegria garôta poria aquella collecção veneranda e dura, vagamente certa do poder divino dos Reis, circumspecta e maneirosa, ao alcance dum povo dirigido por moços. Bruscamente D. Pedro

retrograda trinta annos. Põe caricaturalmente os verdadeiros ministros dum rei absoluto para refrearem a rebeldia dos subditos constitucionaes.

Ministro do Imperio, Antonio Pereira da Cunha, marquez de Inhambupe, dezembargador, senador por Pernambuco, tres vezes ministro e com setenta e um annos de sizudisse congenita. Ministro do Estrangeiro, brigadeiro João Carlos Augusto de Oyenhausen Gravenburg, marquez de Aracaty, senador pelo Ceará, já passára o cabo tormentoso do meio seculo de vida. Justiça, dezembargador João Ignacio da Cunha, visconde de Alcantara, cincoenta annos bem vividos, senador pelo Maranhão. Fazenda, Manuel Jacintho Nogueira da Gama, senador por Minas Geraes, marquez de Baependy, marechal de campo, duas vezes ministro e sessenta e seis annos de existencia. Guerra, marechal João Vieira de Carvalho, marquez de Lages, o caçula do ministerio, com cincoenta annos. Marinha, coronel de engenheiros Francisco Villela Barbosa, senador pelo Rio de Janeiro, sessenta e dois annos. Excepto Aracaty, que nascera em Lisbôa, todos os titulares eram brasileiros natos. E seguiriam fazendo vida politica sem maiores desconfianças. Naquelle dia foram-os "instrumentos do absolutismo". Ministerio dos Marquezes. Não teria sido uma demonstração da valia imperial, expondo os mais altos nomes á colera do povo? D. Pedro estendia entre sua pessoa e o povo aquelle

cordão de isolamento heraldico como figuração typica...

Chegados aos extremos a lucta accendeu recursos imprevistos para a multidão que manobras habeis orientava. O Imperador atirou a derradeira cartada. Machucava-se um pouco. Mandou Lopes Gama procurar Vergueiro, o guia senatorial da arrancada. Nada mais ancioso que aquella caçada ao escondido Vergueiro. Venceria este a rebellião? Certamente Vergueiro sabia melhor que D. Pedro a ephemeridade das dedicações da rua. Não havia partido. O apoio militar era um desabafo. Dado o escapamento de tantas atmospheras de pressão reprimida a classe militar retomaria seus quarteis. Vergueiro não arriscou sua fara de prudencia e perspicacia. No minuto terrivel preferiu continuar seu papel de reaccionario liberal a ser ministro de algumas semanas. E ficou brincando de esconder com sua excellencia o Intendente de Policia depois visconde de Maranguape... E Lopes Gama procura-o como um asphyxiado ao ar. Teria procurado mesmo ?

O palacio de São Christovão ficou sem guardas, sem alliados, sem povo. Ministros estrangeiros, os marquezes do ministerio tremulos, servos, e o silencio dos grandes corredores apagados na lembrança dos dias sonoros da Independencia.

No Campo de Sant'Anna o povo delibera. Miguel de Frias galopa com papeis. Sem espe-

ranças e sem arrebatamentos o Imperador cita, extranhamente, a Constituição. Era della a iniciativa de nomear os ministros dada ao Imperador. As horas rodam. Todas as tacticas se esboroam. Lopes Gama regressa de mãos abanando. Vergueiro continuava invisivel. Duas horas da manhã. D. Pedro sáe do gabinete.

> "Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que tenho mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado e prezado filho, o senhor Dom Pedro de Alcantara".

Era o autographo do Sete-de-Abril de 1831 ás duas horas da manhã. Agora só lhe falta antedatar a nomeação de tutor para José Bonifacio. E lhe falta uma phrase que fique. Phrase de anthologia. Simples, modesta, resignada, patriotica.

> "Aqui está minha abdicação: desejo que sejam felizes! Retiro-me para a Europa e deixo um paiz que tanto amei e ainda amo!..."

No Campo vivava-se Dom Pedro Segundo. Os escaleres de navios extranhos iam cortando agua rumo doutras bandeiras levando o primeiro soldado da Independencia. Outra campanha romantica e atribulada abrir-se-ia para aquelle doador de corôas. E seu nome ficaria, irregular, tre-

fego, brilhante, na dupla saudade do heroismo e do desinteresse.

Agora que a figura do Imperador se esbatia na amurada duma nau que o levaria para longe e para sempre, a reacção liberal apresenta a mais nitida e completa segurança. Subitamente os conductores retezam os musculos para conter o arremesso victorioso. Evaristo da Veiga é a expressão pinacular dessa brusca parada em pleno movimento ascencional. Será elle o mantenedor do principio monarchico. Preparará uma Regencia que desmoraliza o uso da Republica. Evaristo ficará sozinho até que surja o segundo marco que é Feijó, rythmando a vida politica, subjugando com dez dedos de aço todo erguimento de intentona militar, toda vibração demagogica mesmo sincera. Creou uma idéa de supremacia civil. Baseou-a sua actividade maravilhosa e omnimoda.

Bernardo de Vasconcellos levantaria um inteiro systema de autoridade. Tiraria de si proprio o exercito de seus argumentos. Evaristo, Feijó e Vasconcellos delimitaram o terreno regencial. Sem elles, no mappa politico, social e administrativo, tudo que se referisse á creação, defesa, disciplina do povo e do exercito, noção mais estendida de patria e de poder, tudo seria uma larga nodôa sangrenta. Em homenagem ao desassombro dos combatentes escrevia mão ele-

gante e desdenhosa "*Hic habent leones*". Estaria feito o elogio das forças tumultuosas que a trindade veneranda cadenciaria...

Dom Pedro estava ainda a bordo. Recebia, rindo, os fugitivos. Rio Pardo chegou tremendo. Paranaguá, o impassivel portador do decreto que dissolvera a Constituinte de 1823, veio tambem. D. Pedro recusou-lhe permissão para acompanhal-o. Paranaguá allegou miseria. Em Portugal teria alguns vencimentos. O ex-Imperador pergunta:

> "Porque não roubou como o Barbacena? Agora estaria bem..."

E o marquez de Barbacena recordava ter escripto a 15 de dezembro de 1830:

> "A catastrophe, que praza a Deus não seja geral, apparecerá em poucos mezes; talvez não chegue a seis..."

E nem chegou a seis. Nem a quatro mezes. Cento e treze dias apenas...

VIII

Depois do Sete de Abril. Evaristo da Veiga. A resistencia á dissolução nacional. Jornalismo miudo. A Regencia provisoria. Intrigas. Diogo Antonio Feijó. A teia venenosa. Hollanda Cavalcanti.

Este dia Sete de Abril abre outro acto na peça. Desta vez ensaiam-se actores brasileiros. O ponto vindo do estrangeiro é suspeito de deturpar o sentido do original. Agora não mais valerão os marquezes de Rezende e de Barbacena, o visconde de Itabayana e o senhor duque de Palmella.

Nesse dia sete os deputados e senadores se reunem. Apenas cincoenta e nove. Vinte e tres senadores e trinta e seis deputados. Que fazia o restante? Nas provincias, ligando os fios da intriga.

O Rio, que D. João VI tornára Côrte, será doravante um irradiador. As provincias resoarão. O rasto das idéas terá sempre acceso um rastilho de solidariedade romantica. Os rebeldes serão senadores e titulados. E a propria desorganização assume formas seductoras de idealismo.

Araujo Lima julgo não estar por este tempo no Rio de Janeiro. As eleições no Paço do Senado denunciam. Seu nome não apparece suf-

fragado. Era natural que Caravellas surgisse. E surgiu logo no primeiro escrutinio com 22 votos. Vergueiro teve 14. No segundo, Caravellas pulou para os 40. Vergueiro foi até 19. O deputado Almeida e Albuquerque obteve sete votos. Ainda noutro turno Almeida e Albuquerque fura 29 ante os 30 de Vergueiro. Para terceiro membro da Regencia o mesmo deputado enfrenta Francisco de Lima e Silva que tivera 16 e elle 17 votos. No derradeiro affronta-face é que elegeram Lima e Silva com uns retumbantes 35 votos. Lá fóra o povileu cantava hymnos.

Amanheceu finalmente
A liberdade ao Brasil...
Ah! não desça á sepultura
O dia Sete de Abril.

Este dia portentoso,
Dos dias seja o primeiro:
Chamemos "Rio d'Abril"
O que he Rio de Janeiro.

E uma zumbaia aos recem-eleitos Regentes;

Huma Prudente Regencia,
Hum Monarcha Brasileiro
Nos promettem venturoso
O Porvir mais lisongeiro.

No balanço da "Volage" o ex-Imperador espiava a cidade fugitiva.

Experimentariamos de tudo e "in anima nobile". Successivamente as situações cream estados novos. Ha uma actividade desbordante, insofrida de applicação. E' o esboço longinquo de Republica, a funcção centralizadora, as tentativas de desvincular da Côrte o cortejo das provincias. E os homens dessa época agem em linhas rectas. Podem dar angulos mas são angulos rectos. Duramente rectos. Aquella gente da Regencia via nos tachygraphos o chronista da posteridade. O futuro se antecipava e aquellas vozes irritadas e altas ecoavam longe, num assomo de força tenaz e de consciente orgulho. Todo o paiz fermentava, borbulhando de guerrilhas, de odios theoricos que não eram sinão uma contensão nervosa em corpo collectivo. Os partidos fixam depressa suas fronteiras. Logicamente as fronteiras de terra inimiga não deixam de ser comvizinhas. Ver-se-á o Liberal exaltado recuar ás barreiras do Conservador aferrado e os republicanos alliarem-se aos "caramurús", forma immovel da fidelidade.

O Sete de Abril não fôra o "desquite amigavel" de Joaquim Nabuco nem a "journée des dupes" de Theophilo Ottoni. Nem os exaltados nem os inda não existentes "caramurús" fizeram o sete-de-abril. Com a abdicação do Imperador

houve um movimento que não era surpreza pelo resultado mas pela facilidade com que este se obtivera. Dá que pensar a pagina de Vasconcellos de Drummond em Paris com José da Silva Carvalho, o "Mr. Facilité", chefe liberal da revolução de 1820 em Portugal. Carvalho assegurou estar em correspondencia com Chalaça e João da Rocha Pinto, os dois trunfos no baralho de São Christovão. Desejava que os brasileiros fizessem sahir D. Pedro necessarissimo em Portugal para assumir a direcção das guerrilhas. Drummond reconheceu a letra imperial. A correspondencia particular de Rezende, Itabayana, Palmella demonstra que, desde 1828, D. Pedro dedicava noventa por cento de sua attenção aos assumptos portuguezes.

O sete-de-abril foi uma especie de entrevista do "Camp du Drap d'or". Encontro de tendencias, demonstrações de technicas, explosões incontidas de politiquice ingenita, desenrolaram festivamente bandeiras e gonfalões vistosos. E nenhum, verdadeiramente, serviu. O brilho seductor attestava contra a durabilidade do tecido. Ficaram de frente, numa tentativa de alliança, as duas expressões politicas do Brasil. O liberalismo democratico, emergido de heranças de revoluções infelizes e gloriosas e o liberalismo aristocratico do Imperador. Um tinha a convicção de ter feito a liberdade constitucional do paiz e o

outro enxergava na nação que se erguia uma som ma de parcellas alinhadas por sua vontade. E continuava liberal a seu modo. Esse modo não era o modo brasileiro...

Os exaltados nunca possuiram influencia para sustentar uma situação administrativa. Em todo tempo o partido exaltado é o mais popular e o mais ephemero depois da victoria. A vibração continua irrita quando se faz mister o socego do campo. Os exaltados de 1831 podiam, como fizeram, toldar a torrente que descia, mas o obstaculo consistia nos seus dedos abertos contra a agua impetuosa.

Araujo Lima não assume posição de realce. E' um elemento de confiança, de sympathia popular. Foi um que não se amoldou á politica imperial. Fica como um piloto que não está "de quarto". Assiste e entende... A revolução do Sete de Abril abria e abalara popularidades. Era momento dagua revolvida e só os desentendidos confiavam nos "meneurs" da hora que passava. Aquelles nomes scintillantes eram cunhados com um ouro reluzente e rapido. Apagar-se-iam depressa e valeriam as moedas de cobre feio já habituadas nas algibeiras dos pobres.

A primeira Regencia reune as expressões do momento historico. Caravellas era homem que sahira da opposição e do Paço. Entendia de am-

bos. Quieto, maneiroso, conciso. Agradava sua pessoa a um tempo imponente e familiar. Vergueiro fôra escolhido pela perseverança que o animara em "esperar". Fôra o ex-futuro-salvador. Unico senador ostensivamente alliado aos deputados, para elle o Imperador appellara nos derradeiros minutos de 6 e 7 de abril. Lima e Silva, o Deodoro da Regencia, soldado victorioso e chão, significava uma carta de eterno trunfo nas mãos dos politicos civis. Era a classe militar com todos os prejuizos de uma alliança momentanea que ameaçava vitaliciedade. Lima e Silva ha de ser um illudido que teima em ver realidades. Um oculista que soffre de daltonismo...

Os partidos delinearam seus raios de acção. Uma maré de jornaes alagou o Rio. Todos os grupos possuiam seus jornaes. A linguagem por ser mais facil era o desaforo. "Nova Luz Brasileira", "Exaltado", "Jurujuba" embandeiravam em arco as virtudes do Duque de Bragança que era o titulo do ex-Imperador. Elle voltaria para salvar o Brasil. Esse sebastianismo de elites, soldados e commerciantes, durou a vida de D. Pedro em Portugal. Dissolve-se em 1834 quando o monarcha falleceu. E o partido se infiltrou nos liberaes opposicionistas. Saltava de oito a oito mil... Mas a imprensa moderada, "Independente", "Astréa", "Aurora Fluminense", dava resposta. E um rol miudo de pasquins berrava in-

sultos. O titulo já lhes servia de programma. "Matraca dos Farroupilhas", "Enfermeiro dos Doidos", "Dois Compradores Liberaes", "Dr. Tira Teima", "Medico dos Malucos", "Buscapé", "Brasil Afflicto", cujo director, Clemente Oliveira, escreveu taes infamias contra a familia de Lima e Silva que um filho deste, Carlos Miguel, atravessou o jornalista com sua espada. Só Evaristo da Veiga destoava nobremente...

A 17 de junho a Assembléa Geral elegeu os tres Regentes Permanentes. Caravellas regressa ao Senado. Costa Carvalho subiu. O futuro Monte Alegre dizia muito com esta eleição aos trinta e cinco annos. Elemento moderado, adversario dos Andradas suspeitos, espirito claro, agudo, de uma suspicalidade acceza e alerta, adivinhava, longe, os inicios da desagregação administrativa. Será o primeiro a sahir da Regencia pretextando molestia inexistente. E em São Paulo assiste a pateada que receberia se estivesse no palco. O visconde de Alcantara, que julgavam bem morto e bem enterrado, prestigiou a indicação de um seu sobrinho, deputado pelo Maranhão, João Braulio Muniz. Lima e Silva foi o unico que continuou...

O Senado vae constituir um reducto imperial. José Bonifacio, reaccionario furioso, é mantido como tutor. A Camara representaria todas as nuanças da opinião publica. É, como ella, irre-

gular, infixa, movediça. "*A facção que reina no Brasil é garrula*" escrevia de Boulogne o visconde de Itabayana.

A' nota grave soada no Rio as provincias afinam os diapasões. Pará, Parahyba, Sergipe, Santa Catharina viram situações e dão alarmes.

A suspeita de um exercito deliberante e partidario crêa a Guarda Nacional. 18 de agosto de 1831. Lima e Silva, coherentemente, ficou em Piracicaba. Emquanto tivesse collegas, bulindo e agindo, por lá se deixava ficar. A figura principal não era ainda o ministro do Imperio mas o da Justiça. Lino Coitinho, do Imperio, èra fraco demais e muito falador. A occasião daria o homem-providencial. O heroe rythmador. Os Regentes convidam Diogo Antonio Feijó. E a 5 de julho Feijó era ministro da Justiça. Acceitára dando condições. Contava com os elementos contrarios aos Andradas. Com Evaristo. Elle mesmo emergia de um meio-estado entre demagogia e liberalismo theorico. Homem de força disciplinadora, nitido, implacavel, impulsivo, intolerante, sem ambições e sem medos, pobre, austero, estoico, preparava-se numa escola de adversidade e trabalho que fôra toda sua vida. Elle ficará como o Disciplinador. É o braço que faz cumprir a Lei. Não vê adeante nada mais que insubmissos e turvadores. Conta comsigo. Não attrahe, não congrassa, não allia.

É rispido, arrostador de situações loucas. Sereno, duro, inteiriço. Como o ambiente só pedia justamente estas virtudes Feijó eclipsou os nomes dos tres Regentes. E' o periodo-Feijó. Para elle o Poder era uma Repressão. Quando essa actividade ficou desopportuna Feijó cae. Cae lindamente. Não como um Hercules cansado de espatifar monstros mas como um Gulliver, atado pelos cabellos aos fios invisiveis de Lilliput. Feijó é o refreador. Tornado o ambiente de lucta em guerrilha politica elle perde terreno. Sustinha-o a penna de Evaristo da Veiga. A logica de Feijó era a acção...

Singularmente todos os partidos o acatam. Coherentes com a educação da época luctam a mão armada. Caem os ministros que não concordam com o castigo. Feijó usa de armas multiplas. Desde o embate dos batalhões fieis até o empurrão brutal da populaça, sabe todo genero de combate. Elle vae triturando, lento, o mechanismo já sabido das opposições guerreiras. Enfrenta as intentonas militares como os tumultos na Camara. Age rapido, inciso, cortante. Dissolve, prende, demitte. Aquella physionomia inflexivel havia de ter sympathias fanaticas e inimigos irreductiveis. Foi o original de Floriano Peixoto sem a pecha de dubiedade anterior. Mas Evaristo fôra seu contraforte externo. O jorro vinha esbatido pelo primeiro encontro lá fóra. Feijó ser-

ve-se da manobra sentimental de pedir demissão dizendo-se impotente. Era apenas um tacito pedido de mais força, uma maior amplitude no raio fulminador. Imitava a tactica de Pisistrato. E' desse momento de cohesão ephemera que surde o ministerio dos tres homens. Tres homens para seis pastas. Bento Barroso Pereira fica com Marinha e Guerra, Hollanda Cavalcanti com Imperio e Fazenda e Araujo Lima com Justiça e Estrangeiros. 3 de agosto de 1832 a 13 de setembro do mesmo anno. E' o Ministerio dos Quarenta Dias. Hollanda Cavalcanti péde autorização para emittir tres mil contos em apolices. A commissão de orçamento regeitou. Cavalcanti pede demissão e Araujo Lima pela segunda vez cae arrastado numa solidariedade. E caro lhe custaria esta...

O futuro Acto Addiccional andaria. Era um resumo das idéas de Feijó. Por isto Vergueiro apoiava-o seriamente contra a dialectica de Caravellas, amuado porque passára de Rei a Valete. Era tal a influencia da Camara que a proposta do Senado converter-se em "camara temporaria" cáe por um voto. E no proprio Senado.

Hollanda Cavalcanti é um rosto que immobilizou suas linhas definitivas nessa época. Esse senhor Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, em 1854 visconde de Albuquerque, tenente coronel, duas vezes deputado,

nove vezes ministro, senador do Imperio, conselheiro e mais partes, merece uma demorinha para conversar. Não existe pessoa mais curiosa, atrevida, eloquente e feliz. Começa por ser filho do coronel Suassuna. Era mano do visconde de Suassuna, do barão de Muribeca e do visconde de Camaragibe. Significou o maior poderio eleitoral e economico que Pernambuco possuiu numa só familia.

> Quem para Pernambuco
> Presidente for mandado,
> Ou ha de ser Cavalcanti
> Ou ha de ser cavalgado!...

Hollanda Cavalcanti tanto tinha de audacioso em palavreado como em planos. Propôz a Eduardo Pontois, encarregado de negocios da França no Brasil, um negocio de polpa. Dava-se á França a margem esquerda do Amazonas para fronteira das Guyannas, a navegação commum nesse rio, um tratado de commercio parecido com aquelle de Portugal com a Inglaterra atravez do habil Meutwe e mais cousas opimas. Em troca a França auxiliaria com vinte mil esterlinos, armas e navios. Hollanda Cavalcanti ficaria com um Brasil começando da Bahia. Pontois mandou contar a proposta em officio de 28 de setembro de 1830. Em officio de 6 de dezembro de 1831 a França recusava. Luis Felippe estava muito occupado na Argelia para dar attenção a essa serodia

França equinocial. Esta historia escusa e pouco conhecida foi-nos revelada por Alberto Rangel ("Textos e Pretextos"), fonte unica mas autorisadissima. Hollanda Cavalcanti passou o resto de sua vida de sessenta e seis annos a pedir forcas para ministros e a espalhar protestos toda vez que se falava em consentir navegação em rio brasileiro. Pois foi esse Hollanda Cavalcanti uma das maiores forças dispersivas e sympathicas que tivemos desde 1797 até 1863 quando prestou contas a Deus Nosso Senhor...

Depois da galopada do hanoverano Augusto Hugo auf Houser, auto-titulado barão von Bullow, Feijó ficou deante de José Bonifacio que desmascarara as baterias. Pediu que o demittissem de tutor. O Senado regeitou por um voto que bem poderia ter sido de Cayrú.

A tactica dos Regentes estava simplificada. Braulio Muniz, doente e meio desconfiado de Lima e Silva, Costa Carvalho em São Paulo, davam um exemplo de fraqueza e de desunião. Fizeram então, na tourada politica da Regencia, o jogo velho que sempre impressiona. Cansados de bandarilheiros e de moços de forcados, bruscamente a Regencia mandou abrir a fileira dos seus homens que corriam ladeando o touro enfurecido. Pediram Feijó. E puzeram-no frente a frente á féra. Ia começar a "suerte" do "Espada"...

O Senado recusa a demissão de José Bonifacio e Feijó abandona o ministerio. Diz não querer assistir ao desmoronamento de tudo. Sobe o MINISTERIO DOS QUARENTA DIAS. Com Araujo Lima e Hollanda Cavalcanti que era tão diplomata quanto o gigante Golias.

Mas a razão era outra. Feijó fizera uma longa reunião de chefes mais ou menos approximados a sua politica ou amigos de Evaristo da Veiga. Accertaram que o fortalecimento do poder seria o alicerçamento do regime. Acreditavam piamente em sua durabilidade. Nem dom Pedro cria nella... Traçado o plano, Feijó deixa o ministerio em agosto de 1832.

Já nessa epoca Araujo Lima estava desligado de todos os partidos esboçados. Não era naquelle mar de sargaços, emaranhado fluctuante, que seu espirito julgasse cimentar poderio e crear solidariedades. Pairava um pouco acima. Nem alto que as situações desapparecessem nem baixo que nellas se imiscuisse. Não lhe era extranho a retirada de Feijó, golpe estrategico de resultado infallivel.

Aguardou a sazão. O outro acto começaria...

IX

Olinda e a eleição regencial. O golpe que falha. O papel de Honorio Hermeto. A eleição para Regente Uno. O plano do visconde de Itabayana. Divisão das sympathias. Feijó-Hollanda Cavalcanti. As guerras inevitaveis. Feijó Regente.

Ao sahir Feijó do ministerio qual seria a posição de Araujo Lima? Marca-lhe o destaque o numero de votos para membro da Regencia Trina Permanente. Lima e Silva abrira o escrutinio com 81 votos. Era a hora das popularidades capciosas. Como em 1889 a espada terminaria fixando uma situação. Depois dar-se-ia dispensa de serviço... Costa Carvalho entra com 75 votos e João Braulio Muniz com 49. Nesse já remoto 17 de junho de 1831 os eleitores eram trinta e cinco senadores e oitenta deputados. Costa Carvalho é deputado pela Bahia. Muniz pelo Maranhão. Arrastam sympathias e allianças. No maranhense inda existe a influencia do tio-senador, o visconde de Alcantara. Araujo Lima obtem trinta e cinco votos. Cifra exaggerada se pensarmos que elle estava fóra das cogitações do momento. Antonio Carlos teve 27, Caravellas 17, Vergueiro, omnipotente mezes antes, chega até seis votos. Diogo Antonio Feijó, que então ia surgindo, conseguiu tres votos...

Agora quem obtivera tres votos sahia dum ministerio onde governara e deixara uma trama delimitada e certa, propiciando um combate ruidoso. A situação dos tres Regentes era triste. Costa Carvalho voltara para São Paulo. Dava desculpas de molestias teimosas como caprichos. Braulio Muniz, veletudinario, melancolico, suspicaz, vivia tolerado por Lima e Silva, altaneiro e voluntarioso. Soldado feliz, ensaiou um pensamento de dictadura. Escreveu ao collega de S. Paulo alludindo a "pouco firmeza de alguem" (Braulio Muniz.) e insinuava que "ou abandono este lugar que tenho porque não sei infringir a Constituição, ou tomarei uma attitude inteiramente militar". Carta de 13 de janeiro de 1834. Costa Carvalho mandou-lhe uma palavra de calma. Lima e Silva voltou a ter juizo.

Fóra, os dois grandes partidos, sem nome mas já formados e programmados, batalhavam. Não me refiro aos "caramurús", aos liberaes-moderados ou exaltados. As ideas geraes eram de duas ordens e visavam ambas as provincias. Quasi toda historia do Brasil é um desenvolvimento de forças municipaes. A descentralisação partia de fortes bases historicas em Minas, em S. Paulo, em Pernambuco, em Bahia. Raros, avisados como Bernardo de Vasconcellos, enxergavam a necessidade de ir cedendo com o vagar remorado de quem lastreia um barco leve e agil em face do vento sol-

tó. O commercio, as altas patentes, a administração oscillavam entre a recordação de D. Pedro e uma formula equivalente. O Senado constituia a barricada dessas forças tradicionaes e obscuras de conservação e temor. Sem que tivessemos parlamentarismo expresso na Carta de 1824 este surgiu depressa e se afirmou como uma forma seductora de fiscalisação popular. As ideias absolutistas não perdiam adeptos em todas as classes. A Camara, pela voz atroadora de seus oradores, é que alumiou terrivelmente o fantasma vagaroso dos velhos habitos em terra nova. Os levantes amiudavam-se numa sequencia que denunciava o impulso inextinguivel. O decreto de amnistia era recebido como o oleo que acalma as ondas. Ficava-se esperando a resposta fatal. Attesta isto a ida de Limpo de Abreu a Minas Geraes. Attesta o projecto anterior de Hollanda Cavalcnti, o indiscutivel chefe dos "avançados". A campanha pelo Acto Addicional seria uma ponte-de-oiro entre os grupos. Uma especie de "no men's land" para as facções insaciaveis de acção.

Naquelle tempo anormal e lindo um homem sosinho encaminhava toda uma situação. Foi quando os amigos de Feijó, depois das intentonas caramurús, tentaram um golpe de Estado. O ministerio demittir-se-ia e vigoraria a chamada "Constituição de Pouso Alegre". Esta trazia no bojo algumas caracteristicas do Acto Addicional.

A maior era descentralisação politica e administrativa das provincias, autonomia municipal, supressão do poder moderador. Honorio Hermeto Carneiro Leão aparou o golpe. Feijó não reagiu porque sentia a mão de Evaristo ponderadora e serena: A unificação do Executivo, que seria quatriennal a eleição, traria para o padre de Itú a clava rude para a cabeça das hydras classicas.

O Acto Addicional é lei de 12 de Agosto de 1834. Bernardo de Vasconcellos é a figura pinacular desse periodo. A unidade executiva trazia melhor defeza ao Poder. Erguia-se o principio de autoridade. Desapparecia o Conselho de Estado. Os Conselhos Provinciaes passavam a Assembléas Legislativas Provinciaes. Ficava para sempre distanciado o pesadelo da secceção. Mas começavam estridentemente as politicas regionaes. Agora cada provincia terá sua côrte e seu tyraninho para "fazer" eleições. Bernardo não se illudia com o futuro. "Entrego-lhes o Codigo da Anarchia", disse elle passando aos collegas o autographo da Lei.

A morte de D. Pedro, 24 de setembro de 1834, matou o partido "caramurú". José Bonifacio alquebrado e doente, ficaria em Paquetá, ilha idylica, volvendo ás horas doces de poeta arcade.

O Senado, vencido no Acto Addicional, apagava-se, imponente mas inocuo.

A eleição para Regente Uno ficou marcada para abril. Feijó e Hollanda Cavalcanti candidataram-se.

Na Europa o visconde de Itabayana não descansou. Assombrou-se com o Acto Addicional. Aquillo era o assassinato do Imperio. Um Regente?... Quanta coisa absurda! E um Regente eleito, sem ser um principe, filho de Rei, um brasileiro mandar em S. M. I. o Sr. D. Pedro II.°?... Horror! Itabayana multiplicou-se heroicamente. Escreveu a toda gente grande e pequena. Ao duque de Palmella, que era o primeiro Ministro de D. Maria II, irmã do pequeno Imperador do Brasil. Ao marquez de Rezende, velho voltairiano, typo espirituoso, leve, agudo, intelligentissimo. O plano seria fazer as Côrtes de Paris, Londres, Vienna, onde reinava o corcunda Metternich e era Imperador o avô de D. Pedro II.°, Lisbôa declararem que não reconheciam a Regencia Una do Brasil. Cazariam a princeza dona Januaria (tinha doze annos então) com um principe do Wurtemberg e este assumiria a Regencia. Os artigos 122, 124 e 130 da Constituição "*convenientemente interpretados*" dizia Itabayana, autorisavam perfeitamente a Regencia ser entregue a um principesinho wurtemburguez. Itabayana interessou lord Palmerston e o conde de Appony, embaixador austriaco em Londres. Falhando esse plano, Itabayana tinha outro. Era as potencias obrigarem o Brasil a acceitar a

duqueza de Bragança, ex-Imperatriz, como tutora dos enteados. Itabayana falou a este respeito com o principe Augusto de Leuchtemberg, marido de D. Maria II. "*A facção que reina no Brasil é garrula; mas não é forte, e curvará a cerviz à attitude severa das mencionadas potencias*". Felismente gôrou a traça do visconde de Itabayana. Para assegurar a alliança franceza aconselhava elle ao marquez de Rezende insinuar o casamento da princeza brasileira dona Francisca (então com dez annos) com um dos principes da Casa de Orléans. Nove annos depois D. Francisca casava com Francisco de Orléans, principe de Joinville. Itabayana, que só morreu em 1846, deveria ter-se recordado do falhado plano de 1834.

No Brasil o pleito de abril auspiciava-se renhidissimo. Hollanda Cavalcanti era expressão do vanguardilheiro liberal exaltado. Inda hoje não sabemos bem que entendia Hollanda Cavalcanti por liberalismo. Pessoalmente era chefe duma familia immensa e poderosa, feudalisada e omnimoda em Pernambuco. A projecção dos deputados e senadores pernambucanos era serissima. Feijó chegou a ser considerado como "partidario dos Moderados". Hollanda Cavalcanti não comprehendia oito nem oitenta. Só sentia oito mil e oito... Poder-se-ia prever quaes eram os reductos de Hollanda. Elle teve a honra de dirigir uma facção cognominada "hollandeza". Serve como symbolo,

Não havia outra explicação que o valor e a suggestão pessoal do futuro visconde de Albuquerque.

Hollanda Cavalcanti vence no Rio de Janeiro, 277 contra 257 votos. Em Bahia, 435 contra 229. Em Pernambuco, 354 contra 179. Nalguns collegios houve uma desproporção consideravel. Em Parahyba e Sergipe obteve 155 e 288 votos respectivamente, emquanto seu competidor tinha apenas 32 e 15 votos...

Feijó teve uma maioria total de seiscentos votos. S. Paulo não lhe deu maioria. Hollanda vê seu nome com 190 para os 268 dados a Feijó. Desviaram votação para outros nomes. Costa Carvalho teve 847 votos. O mais votado depois dos dois antagonistas. Localidades houve em S. Paulo que não votaram em Feijó. Em Santos, terra dos Andradas, não lhe deram um sò voto. Nem Iguape... A resposta veio dos centros conservadores. Minas Geraes com 976 contra 95 "hollandistas", Goyaz com 129, corriam parelhas com outras provincias que descarregaram a votação exclusivamente em Feijó. Assim Piauhy, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, por exemplo, deram-lhe 66 votos contra 27 a Hollanda. O Rio Grande do Norte estava obediente ao padre Francisco de Brito Guerra que Feijó faria Senador (aliás o unico norte-rio-grandense que foi Senador do Imperio) e de quem era intimo.

Nesta eleição Araujo Lima apparece novamente votadissimo. Suffragam-lhe o nome 760 votos. Lima e Silva tivera 629. Estava dispensado do serviço activo...

O ambiente na Camara não estava tranquillo. Horizonte carregado e tectrico. O deputado paulista Francisco Alvares Machado escrevia ao ex-Regente Costa Carvalho:

> "... está fóra de duvida que Feijó sáe eleito Regente, e por consequencia temos nova eleição para Regente, porque Feijó não acceita: não acceita porque disse que não acceitava, e porque está convencido que elle não pode obter meios de governar, o que outro qualquer poderia obter".

O Governo não tinha maioria parlamentar·

> "A Camara dos Deputados conta em seu seio noventa e sete deputados: destes, cincoenta e trez fazem a maioria *hollandeza;* quarenta e quatro são o nucleo da antiga *moderação;* e no entanto estes quarenta e quatro esperam fazer recuar a maioria..."

Tal era o scenario que esperava Feijó.

Que fazia Araujo Lima? Estava com Bernardo de Vasconcellos construindo o famoso "partido de regresso", o nucleo irradiante do Partido Conservador do Imperio.

Bernardo reunira os elementos dispersos e sem bandeiras. Era o "caramurú". Era o dissidente de Feijó. Era o mineiro. Era emfim o partido Nortista, o Cascudo...

Os chefes trouxeram para elle contingentes de alliados. Carneiro Leão, o futuro marquez de Paraná, inesquecivel de bravura, Rodrigues Torres, depois Itaborahy cuja fazenda "Saquarema", na provincia do Rio, daria o nome popular ao partido, vinte outros.

Araujo Lima alistou-se immediatamente. O acampamento armado annunciava a duração do cerco.

No dia 12 de outubro de 1835 Diogo Antonio Feijó assumiu a Regencia do Brasil.

X

Carta-scenario de Feijó a Barbacena. Opposição. O Partido de Regresso. Bernardo de Vasconcellos. Olinda pacificador. Feijó guia de si mesmo. Olinda na lista triplice pernambucana. Escolhido senador. Posse. Ministro. Feijó abdica e Olinda assume a Regencia.

Feijó, ao assumir a Regencia, era senador pelo Rio de Janeiro desde 1833 e Bispo eleito de Marianna.

Entrou com todas as garantias de sua tenacidade e todos os prejuizos do seu genio. Só poderia retardar uma derrota encontrando quem o "explicasse" na Camara. O Senado esmorecera, tonto, dos golpes populares no Acto Addicional.

Feijó procura cercar-se de elementos influentes. Na primeira lista ministerial surgiram os nomes de Araujo Lima e Barbacena. Lista publicada e depois morta. Quem sustaria sua effectivação? Deveria ella ser uma suggestão de Evaristo, o livreiro-guia, orador impassivel, conhecendo de perto o mundo da Camara. Mas Araujo Lima foi posto á margem.

O ministerio sahia habilmente construido. Insustentavel no conjuncto. Realçava-lhe a existencia a coragem inesquecivel de Limpo de Abreu (depois visconde de Abaeté.) e de Alves Branco

(o segundo visconde de Caravellas). Araujo Lima continuou na Camara como presidente.

Feijó não esqueceu Barbacena. Mandou-o á Europa com encargos multiplos. Ia o marquez com poderes para trazer colonos, instrumentos agrarios, engenheiros para perfuração de poços artesianos, machinistas para barcos de vapor, planos de colonização, banco ou companhia bancaria que tirasse da circulação o papel-moeda existente, etc., etc.

Antonio Augusto de Aguiar nas 974 paginas de sua "Vida do marquez de Barbacena" esqueceu-se de dizer porque seu biographado não foi ministro de Feijó. Dá, entretanto, uma carta de Feijó que espelha a situação do Brasil administrativo e politico no ultimo mez de 1835.

> "Meu bom Marquez — Ainda estou vivo, posto que cada dia mais desacoroçoado de por a caminho esta machina desmantelada onde faltam peças importantes para cuja factura não vejo por óra artifices.
>
> Acham-se ainda vagos os ministerios do Imperio e da Marinha; mas ha necessidade de preenchel-os porque o actual, soffrendo bastante de molestia endemica, não pode desempenhar bem a accummulação de tão pouco trabalho.
>
> Vou tentar para o Imperio o Barroso, e caso se recuse, como é provavel, entrará

para elle J. I. Borges, que talvez não regeite, e o juiz do civel Paulino para Marinha, ou Lages, ou finalmente quem requerer a pasta, porque em praça muitos a pretenderão. A nomeação de Andréas para presidente do Pará e a concessão que fiz de inculcar-me officiaes do exercito e marinha para o acompanhar; a nomeação do Lucio para presidente da relação e de José Cesario para presidente de São Paulo, e de Costa Carvalho para director do curso juridico da cidade daquelle nome, tem feito convencer aos melhores caramurús de que, fiel ao meu manifesto, não excluirei a quem tiver capacidade. Mas não basta.

A caramuruada reles, nos seus periodiquinhos mostra descaradamente seus desejos de excluir os moderados e de que se entregue só a elles os empregos todos do Estado, e como cada dia se tornam mais ousados de lingua, cooperam não pouco para augmentar o estado anarchico em que vivemos; e a reunião da assembléa fará por meio da intitulada opposição crescer em força o partido descontente.

Porém como são males previstos e emquanto a mim irremediaveis, não me assustam.

Nesta occasião o ministro de Estrangeiros lhe encommenda a remessa de 500 homens em direitura ao Pará para a marinha ali estacio-

nada e eu lhe advirto que só desejamos nisto muita brevidade e bôa gente, e que ella se destina, parte para marinheiros e parte para unir-se ao exercito de terra com o pretexto da necessidade e provisoriamente, e isto póde ser declarado aos engajados que o deverão ser por dous annos. Bem sabe que com a denominação de marinheiros podem receber á entrada 20$ e o soldo mensal, creio eu de 10$.

Talvez em abril possa eu ter no Pará 2000 pessôas de terra e 1000 de mar, com a esquadrilha de 12 vazos pequenos, uma corveta e um barco de vapor; e se Manuel Jorge não estivesse pateta, não deixaria de tomar posição e assegurar-se da provincia toda em bom sentido, á excepção da capital de que os tamoyos são senhores; a que elle tem seria força sufficiente para sua conquista; mas o que terá elle feito? Não sabemos.

Sr. Barbacena, apresse as outras encommendas. O que mais me assusta é o Rio Grande. Mandei para presidente o mesmo José de Araujo Ribeiro e este até hoje não se dignou escrever-me uma linha, desembarcando no Rio Grande, onde se diz esperava respostas de officios de Porto Alegre deliberar-se, e consta que, crescendo a anarchia, já duvidava-se de acceital-o emquanto a assembléa provincial não resolvesse etc. etc.

Vai-me parecendo inevitavel a separação da provincia, posto que com o tempo ella tornaria a voltar se o respeitavel publico consentisse nas medidas que se proporiam á assembléa geral e que ella sem duvida regeitará, ou não decidirá.

Quer Braga como Barretto portaram-se miseravelmente, a ser verdade que fugiram deixando a provincia inteira á discreção de Bento Gonsalves.

Ora, o governo tem absorvido todos os recursos para o Pará, para onde em principios de janeiro marcha o presidente com o resto da ẽsquadrilha, gente, dinheiro, etc., tendo eu já mandado adiante 120 marinheiros, munições de bocca e de guerra, armamento, etc. e V. Excia sabe muito bem que sem grande apoio interno, mui difficil seria a todo Brasil conquistar o Rio Grande, e que toda a tentativa temeraria, só teria por fim firmar a rebellião, desacreditando o governo e acabar com os restos dos recursos que ainda se podem procurar.

Em todo o Brasil se recruta e por ora a Côrte deu 101 voluntarios e seis recrutas!...

Noticias vagas ha, a de que em Pernambuco trata-se de promover a separação e de que emissarios nesse sentido se tem enviado á Bahia, onde a idea não encontra muita sym-

pathia; comtudo Sergipe, Alagôas e Parahyba farão côro com Pernambuco.

Lá se avenham; Deus as ajude. Como eu não tenho nem nunca tive parte nas discordias do Brasil, tendo pelo contrario sempre querido remedial-as, tudo correrá por conta e risco dos que tiveram parte na desordem.

Adeus, Sr. Barbacena; tenha saude, seja feliz, volte logo para ajudar-nos e ouvir as insolencias que nós já ouvimos e que algumas já lhe dizem respeito.

Se me é licito saudar a Exma. Sra. viscondessa e seu Exm.º esposo, eu de bôa vontade o faço.

Rio, 10 de dezembro de 1835.

Do teu patricio affectuoso e obrigado servo.

DIOGO ANTONIO FEIJO'.

Este Feijó Regente não é o Feijó-Ministro. Essa carta é um retrato psychologico do grande ituano. Carta de dezembro. Elle era Regente em outubro. Nota-se, indelevel e fixa, a nocção clara da responsabilidade. Tambem o desanimo, a descrença, o mau-humor. A nenhuma confiança que elle tinha nos homens e em suas convicções está patente. Tudo está immovel nessas linhas de Feijó. Até a mistura dos tratamentos. De tú a V. Excia...

E era esse o homem que deveria enfrentar uma situação anormal. A parte politica, no sentido restrito do termo, sobrelevaria tudo. E, nas provincias, as revoluções estouravam...

Depressa a figura hirta do Regente isola-se magnifica de orgulho, de coherencia, de tenacidade. No embate na Camara, Limpo de Abreu repelle sosinho a solidariedade do odio collectivo ao paulista solitario. A posição é insustentavel. Não somente Calmon, Hollanda Cavalcanti, Rodrigues Torres são as forças abaladoras. Vasconcellos, desmarcado de eloquencia e de astucia, guerreiro inimitavel, gentilhomem e "sabreur", esgrimista de florete e de montante, é o guieiro nas investidas quotidianas e terriveis. A Camara revive o ambiente sonoro das luctas ao vencido do Sete-de-abril. A atmosphera atordôa e desvaira.

O caso do bispo do Rio, onde Feijó impulsivo desafia a Santa-Sé, o convite aos irmãos moravios para a catechese, a guerra no Rio Grande do Sul são os assumptos inexgotaveis para vozes soltas e fecundas. Voltam as apostrophes impressionadoras. Bernardo de Vasconcellos atrôa.

> "Napoleão, filho da Liberdade, tu assassinaste tua propria mãi! Eu direi ao nosso governo; Filho da Imprensa, e da Imprensa só, novo Nero, tu conspiras contra a vida de tua propria mãi."

Immediatamente Evaristo da Veiga ou Limpo de Abreu elevava a defesa.

No encerramento da Assembléa, trinta e tres membros assistiram funebremente. Feijó estalou uma resposta fulminante.

> "Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação. Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir adequados remedios aos males publicos; elles, infelismente foram em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembléa Geral possam satisfazer ás urgentes necessidades do Estado! Está fechada a sessão!"

Era D. Pedro em 1829...

Em maio de 1837 sobe outro ministerio. Era, sem contar as substituições, o quarto. São os ultimos combatentes resistindo. Sóbe Alves Branco. E' a vez de Francisco Gê Acayaba de Montezuma, da Costa Pereira, de Tristão Pio dos Santos. Um ministerio de salvados.

O divorcio com os deputados estava completo. Agora Limpo de Abreu era apenas um collega. O Governo vencia numa precariedade lamentavel. Cinco votos davam uma victoria...

Na sessão de 20 de maio o major José Joaquim Vieira Souto, deputado pelo Rio, depois de propor uma resolução declarando "inconstitucional" o decreto que alterava o codigo criminal na

parte referente aos delictos de abuso de liberdade na imprensa, apresentou um projecto dispensando o Imperador da maioridade legal e que entrasse no pleno exercicio dos poderes politicos que lhe eram outorgados pela Constituição. Todos os deputados falaram ao mesmo tempo. E cada qual tentava uma linguagem mais agressiva na esperança de convencer pelo pavor.

Araujo Lima deixou a cadeira presidencial e falou. Naquelles momentos foi elle uma coordenada serena entre forças bravias e desordenadas. Seu discurso é uma curta exhortação aos deputados. A voz pausada, impassivel, na mesma tonalidade rythmica, trouxe á Assembléa convulsa o sentido exacto da realidade. Bruscamente toda aquelle gente enfurecida e tempestuosa acalma e silencia...

Aos cincoenta e tres annos athleticos de Feijó nada seriam as escaramuças da Camara. Quem o estudou se convenceu de seu talento sem plastica e de sua cultura sem brilho. O sr. Eugenio Egas focou-o nitidamente. O sr. Oliveira Vianna fixou a ausencia de senso condescendente, conciliatorio. Para uma epoca de tribunos, Feijó era um silencioso. Para um tempo de galhardetes e de plumas era um sobrio, triste, retirado e de poucas falas.

No inicio desse terrivel 1837 emmudece na morte a sua grande voz defensora. Evaristo da Veiga morre a 12 de maio. Essa impressionadora figura tem o bom-gosto de não dar-nas-vistas.

Passam por elle todos os escriptores. Evaristo de todos recebe uma phrase amavel e breve. Sem Evaristo ter-se-ia outra historia, de 1828-1837.

Feijó ficou entregue a si-mesmo. Mau guia. Seu ministerio é popularmente nullo. Politicamente inda menos. Feijó está frente a frente á Camara. O duello começa mais vivo, mais agitado, mais atrevido. Agora já não se usam ambages. A pontaria é directa e magnificos os artilheiros. A Camara não agradece ao Regente a resposta ao Voto-de-Graças.

Bernardo de Vasconcellos continúa abatendo dia a dia o equilibrio administrativo do ministerio. A apocripha "Carta Posthuma", cuja autoria é dada a D. Pedro, chamava-o "architecto de ruinas". E o grande Bernardo não estava construindo em ruinas mas construindo com ruinas. Araujo Lima, um chefe de grey, assistia compensando com a austeridade do vulto a afoiteza agil dos alliados.

A guerra dos Farrapos troava nas coxilhas gaúchas. Bento Gonçalves, vencido em Fanfa, seguira preso para o Forte-do-Mar na Bahia. Os jornaes, em falta de melhor, accusavam Feijó de "farrapo". No meio de tudo ribombava Hollanda Cavalcanti discursos applaudidissimos. Perdera um pouco o predominio politico, mas conservava o prestigio de sua suggestiva combatividade borbulhante. Era sempre um fidalgo que condescendia em defender direitos plebeus.

A estada de Araujo Lima no Rio de Janeiro creara-lhe derredor um halo de sympathia respeitosa. Um facto occasional deu medida de sua estima n'álma popular. Foi sua inclusão na lista sextupla do Rio para preencher as vagas abertas no Senado pelo conego José Caetano Ferreira de Aguiar e uma nova cadeira.

Martim Francisco e Antonio Carlos abriram a serie com a votação de 308 e 295 respectivamente. José Clemente Pereira veio com 289, José Bernardino Baptista Pereira com 209, Bernardo Pereira de Vasconcellos com 202, Araujo Lima, o ultimo, entrava com 198 votos. Não era, politicamente, expressão na provincia que o hospedava. Seu nome na lista que os manos Andradas encabeçavam dizia muito. O governo, Limpo de Abreu possivelmente, annulou a eleição porque alguns collegios eleitoraes não tinham votado na lista sextupla. Acto de 19 de novembro de 1836. Fazia-se necessario mandar para o Senado o ex-Regente Lima e Silva e no tumulto precisava-se de mais um amigo. Lucio Teixeira, amigão de Feijó, estava no caso. A lista distanciava-os de qualquer possibilidade de escolha decente. Nova eleição em março de 1837. Dessa vez veio a contento. José Bernardino 335 votos, José Clemente Pereira, 290, Lucio Soares Teixeira de Gouveia 284, Araujo Lima 272, Lima e Silva 270, Martim Francisco 259. Martim Francisco pulava do primeiro para o sexto lugar.

Araujo Lima do sexto para o quarto. Antonio Carlos desapparecera. Lima e Silva, o quasi-decididor do Sete-de-Abril, official-general do exercito, quasi fecha a raia. Elle e Lucio Teixeira são, natural e forçosamente, os escolhidos para o Senado. Cartas imperiaes de 16 de março de 1837.

Um mez antes morria Bento Barrozo Pereira, senador por Pernambuco. As eleições foram marcadas para julho. Araujo Lima candidatou-se. Elle nunca deixara de ser considerado um chefe pernambucano. Não tinha o prestigio local dos Cavalcantis. Essa familia era em 1837 um pouco mais forte que em 1844 quando Gussencourt, consul francez em Recife, informava ao seu Ministro:

> "Cette famille, dont les ramifications s'étendent sur tout la province, dispose de toutes les populations de l'interieur, et il lui serait facile de se présenter aux portes de la ville suivie d'une cavallarie de 10.000 Matutos. (Paysans.)"

Os manos Cavalcantis candidataram-se. Os dois ao mesmo tempo. Esperava-se que Hollanda Cavalcanti, figura de renome barulhoso, duma coragem desdenhosa, viesse na primeira fila. Dava-se ainda que a situação pedia uma demonstração de força pessoal. Hollanda Cavalcanti e Paula Cavalcanti (depois visconde de Suassuna) sabiam que Feijó não morria de amores pelo seu

ex-collega nas Côrtes Portuguezas. A lista triplice veio com a seguinte collocação:

Hollanda Cavalcanti .... 292 votos.
Paula Cavalcanti .... 206 votos.
Araujo Lima .... 186 votos.

Os papeis deveriam ter chegado a Feijó em agosto. Era a época mais intensamente convulsa da guerra parlamentar ao Regente. Bernardo guiava a reacção como a um exercito de gigantes. Feijó perdia terreno, desalentado, doente, irascivel, invadido pela paralysia.

A escolha de Araujo Lima para Senador vem como um golpe de loucura. Feijó guardou a nomeação, esperando. No momento não seriam os manos Cavalcanti os elementos decididores do impasse entre a Camara e a Regencia. Hollanda fôra adversario nas eleições regenciaes. Feijó sabia-lhe o pulso e o destino da politica levada por elle. Araujo Lima, alliado de Bernardo de Vasconcellos e de Itaborahy, era antes de tudo uma repercussão das forças "regressivas". Não trepidou. Escolheu Araujo Lima. Carta imperial de 5 de setembro de 1837.

O plano secreto talvez fosse convidar Limpo de Abreu para ministro do Imperio se Alves Branco se obstinasse em sahir. O Ministro do Imperio era, constitucionalmente, o successor do Regente. Se Limpo de Abreu recuzasse, Aure-

liano Coutinho viria dar sua palavra de ordem. Depois dos amigos, o inimigo que menos mal faria era Araujo Lima.

No dia 6 de setembro, Araujo Lima despediu-se dos companheiros na Camara. Está com quarenta e quatro annos solidos.

Na Camara os conservadores atacam o reducto liberal. O Acto Addicional era intocavel. Os liberaes de Feijó limitar-se-iam em firmar doutrina quanto aos possiveis attrictos entre as liberdades provinciaes e o poder-central. Os conservadores desejavam fazer estes limites, interpretar esses direitos e fronteiras. Feijó, sem Evaristo, estava à mercê de seus amigos de campanario miudo e de orgulho duro. A Camara cortava todas as retiradas. Não podia ser dissolvida. O papel do deputado era vantajoso sobre o de Regente. Semelhava agora o combate do mirmilão e do retiario. Feijó, encouraçado, pesado de leis e de teimas, movia-se lenta e penosamente ante um adversario novo, agil, leve, com um scenario maior e com um auditorio enthusiasta. A cada minuto o silvo da rêde sinistra...

A fuga de Bento Gonçalves inda mais recrudesceu a animosidade. Accusaram o Regente de partidario "farrapo". A fuga do gaúcho fôra um acto de comedia ensaiada. O Regente era réu de alta traição. O Rio tornou a ver as tardes e noites de effervescencia popular. Gritos disper-

sos e patrulhas dobradas. Feijó chegara a ter sua noite-de-agonia... A paralysia minava-lhe a robustez. Perto delle só existiam formas de apoio pouco provavel em lucta mais seria. Montezuma, seu ministro, já o denunciara, quando Feijó vencia no tempo da Regencia Trina. Numa reunião de amigos (conta o sr. Eugenio Egas) Feijó teve a sua phrase admiravel:

— *"Não sirvo para Rei constitucional!..."*

Não se sabe quem, nesse momento, lembrou Araujo Lima. Teria sido Alves Branco ou Montezuma, capazissimo de faze-lo? Nunca se soube. A escolha de Araujo Lima abre uma porta de emergencia á atarantada posição do Regente. Limpo de Abreu recusara voltar á pasta do Imperio se Alves Branco sahisse. Feijó estava doente e abandonado. O momento dictou-lhe a solução unica. Ia passar ao chefe adverso o mando. Guerreiro politico, duma tempera inflexivel, deu a ultima ferida em Bernardo de Vasconcellos — escolheu outro.

Araujo Lima procurou-o para agradecer-lhe a escolha de sua pessoa na lista senatorial pernambucana. Conversaram longamente. No dia 18 de setembro Feijó nomeava-o para ministro do Imperio na vaga de Alves Branco que se demittiu neste dia. Pela letra constitucional cabia-lhe a sucessão regencial. Como Feijó esperava, Limpo de Abreu negou-se substituir Alves Branco. Aure-

liano Coutinho recusou tambem. Araujo Lima na forma do artigo 30 do Acto Addicional substituiria o Regente em suas faltas e impedimentos. Quando elle assume a direcção do ministerio do Imperio toda gente comprehendeu Feijó. O biographo deste, o sr. Eugenio Egas, escreveu, leve:

> "...o bom rei constitucional... ia para o Senado, como viéra para a Camara, por fallar pouco, ter bôas maneiras e saber fazer diplomacia".

O neto do sargento-mór Casado Lima ia governar o Brasil.

> "Illmo. e Exmo. Snr.
>
> Estando convencido de que a minha continuação na Regencia não pode remover os males publicos que cada dia se aggravam pela falta de leis apropriadas; e não querendo de maneira alguma servir de estorvo a que algum cidadão mais feliz seja encarregado pela nação de reger seus destinos: pela presente me declaro demittido do lugar de Regente do Imperio para que V. Excia., encarregandose interinamente do mesmo lugar, como determina a Constituição politica, faça proceder à eleição de novo Regente na forma estabelecida. Rogo a V. Excia. queira dar publi-

cidade a este officio e ao manifesto incluso. Deus guarde a V. Excia. muitos annos. 19 de Setembro de 1837. Illmo. Exmo. Sr. Pedro de Araujo Lima.

Diogo Antonio Feijó."

Neste mesmo 19 de setembro de 1837 Feijó partiu para São Paulo.

Pedro de Araujo Lima, senador por Pernambuco, doutor em Canones, era Regente do Imperio do Brasil...

XI

O Ministerio das Capacidades. Idade de Ouro. Historia da Regencia. Escaramuças. A escolha de Lopes Gama para o Senado. A preparação do combate.

O primeiro ministerio do regente Araujo Lima tem um nome symptomatico. Chama-se "Ministerio das Capacidades". Bernardo de Vasconcellos é a figura maxima desta composição. Ministro da Justiça, interino do Imperio, é elle o director politico do momento. Finalmente dirigirá. O material accumulado e amplo terá a formosa e completa expressão realizadora. Calmon é o miministro da Fazenda. Rodrigues Torres, com Vasconcellos, os chefes do partido Conservador, fica na Marinha. Araujo Lima tira da bancada pernambucana dois elementos illustres. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, o futuro segundo Itamaracá, Estrangeiros e Sebastião do Rego Barros, irmão de Francisco, o amigo da mocidade, vem para a pasta da Guerra. Todos os ministros sahiam da Camara. O proprio Regente presidira-a. Era um ministerio impressionantemente forte, apto a toda especie de lide parlamentar. Qualquer um era typo de orador. Bernardo de Vasconcellos, sosinho, valia bancada. A Camara, recebeu-os como resultado de victoria propria.

Quatro dias depois de empossado o ministerio, o deputado paulista Alvares Machado interpella. Calmon faz um discurso explicativo, rapido, nitido, intercortado de apoiados e muito bem.

O ministerio "das Capacidades" espalha reformas e regulamentos. Manda presidentes para as provincias. Francisco do Rego Barros para Pernambuco, Barretto Pedroso vai para Bahia, José Cesario de Miranda Ribeiro para Minas Geraes, Souza Mello para o Ceará, Miranda Britto para o Rio Grande do Sul. Ha plethora de sangue-novo.

O rastilho gaucho estala nas provincias. Os partidos locaes transformam-se em bandos armados. Na Bahia estoura a "Sabinada", no Maranhão a sangueira hedionda dos "Balaios". Piauhy e Ceará fumegam. Parahyba e Alagôas vão alongando a linha vermelha das intentonas. O ministerio ubiquo está em toda parte. A maioria é esmagadora.

São creados o Archivo Publico Nacional, o Monte-de-Soccorro, o Instituto Historico, o Collegio Pedro II°.

A 22 de abril a eleição confirmou a escolha de Feijó. Quatro mil tresentos e oito votos effectivaram Araujo Lima na Regencia. Hollanda Cavalcanti ficou em segundo lugar com mil novecentos e oitenta e um votos. A 7 de outubro Araujo

Lima prestou juramento. Até maio de 1842 estaria Regente do Brasil.

Para affirmar o conceito do ministerio-da-Camara, Vasconcellos vai triturando os actos que impopularisaram Feijó. O caso com a Santa-Sé, a pressão sobre a imprensa, a guerra dos "farrapos", são estudados e vão sendo resolvidos a serio.

O partido liberal tocava um lento "reunir" ante inimigo numeroso. Havia nos bastidores um congrassamento theorico. Sentia-se que a situação mudaria mas ninguem ousava enfrentar o gigante mineiro.

As eleições para a quarta legislatura iam trazer a levedura àquella massa informe e suggestionavel. Presentia-se o movimento inda disfarçado em tenues reproches que uma palavra deluia e apagava. Para as provincias os liberaes semeavam boatos. Os amigos de Feijó farejavam pôdre em todo canto. O senador Francisco de Brito Guerra escrevia ao sobrinho Luis Gonzaga (depois Barão do Assú) em setembro de 1838, achando que o governo se ia arrastando *"apezar de tonto e infeliz nas suas nomeações"*. Minas mandaria o elemento cerra-fila. S. Paulo, o grito classico de independencia.

Nas eleições nomes illustres voltaram. Pernambuco enviou Nunes Machado, Minas atirou ao scenario homens de alta significação. Veio Theophilo Ottoni. Veio José Feliciano Pinto Coelho da

Cunha. Veio o padre José Antonio Marinho, como supplente. Honorio Carneiro Leão eleito por Minas e Rio, optou pela representação mineira. Seu supplente chamava-se Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho. São Paulo elegeu Costa Carvalho, Martim Francisco e Antonio Carlos, o tribuno incansavel e omnimodo, avido de rumor e popularidade, doido por descontar na Assembléa tumultuosa os quinze annos de silencio.

A linha de defesa inda era mais linda e cohesa. Honorio Hermeto, Paulino de Souza, Assis Coelho, Maciel Monteiro, Rodrigues Torres, Calmon. O Rio trouxera às bancadas da Camara José Clemente Pereira, o "meneur" do "FICO", o ministro-cyrineu de D. Pedro I°. Esperava-se ajuste de contas velhas. Para acirrar as susceptibilidades o partido Conservador, coherentemente, estava activando a chamada "lei de interpretação" onde de uma vez para sempre ficavam delimitadas as linhas communs entre as provincias e o governo-central. Os liberaes eram de opinião que bastaria "resolver" quando viesse algum caso à baila.

Muita gente acredita inda hoje no liberalismo de Ottoni contra a Lei de Interpretação. O ministerio passava por antiquado e retrogrado. O sr. Basilio de Magalhães, fascinado por Ottoni e sua "circular", estudou com nitidez essa pháse, com sympathia ao politico das "alterosas". A inter-

pretação se restringia, policiava tambem. Tutorava aquella gente solicita em demonstrar razões politicas á custa de tiro e pau.

O "ministerio das Capacidades" arrostava qualquer guerrilha. José Clemente se disse confiante. Antonio Carlos, ouvido de perto por Bernardo, ficou num geito commodo de martim-pescador. Um pé no ar e outro dentro d'agua...

Os assumptos, safados pelo uso, eram os mesmos. Revolução dos "Farrapos", Balaiada, mantença de presidentes tidos como "fac-totum" de Bernardo, não constituiam themas difficeis á uma resposta prompta e incisiva. Para que aquella posição fosse abandonada, depressa os liberaes se convenceram disto, só um movimento desaggregatorio no ministerio. De fóra para dentro o orgulho era muito denso para deixar passar vestigio de influencia alheia. N'aquelle passe d'armas o proprio Regente descobriu-se. E tamanho era seu predominio que a estatura continúa imperando. Céde aos poucos, em detalhes, como uma barreira que a agua ataca.

Foi a escolha do senador que deveria substituir Lucio Soares Teixeira de Gouveia. O lugar de senador pelo Rio aguçava os olhos de todos. Os candidatos eram diversos. O do ministerio, ou melhor, de Vasconcellos, era Miguel Calmon du Pin e Almeida, ministro da Fazenda, intimo do Regente. Elementos outros escolheram José Cle-

mente Pereira. Inda se falava no conselheiro Mattoso da Silva, pai de Euzebio de Queiroz.

A espectativa geral dirigia á Calmon a certeza da victoria. Vasconcellos deveria ter "fechado a questão" à bôa maneira de Feijó. Ou Calmon no Senado ou o ministerio na rua!... Não se acreditava que Araujo Lima resistisse a Vasconcellos. A Camara emmudeceu esperando o final. Sabia-se dos entendidos e media-se o combate pela tenacidade dos combatentes. O boatc fervilhava.

Vasconcellos veio solemnemente ao "Jornal do Commercio" affirmar que vivia no seio de Abrahão. 31 de dezembro de 1838. Lopes Gama. sahiu para atirar a luva. Contou que fôra convidado pelo Regente a 1.° de janeiro para reunir amigos e formar gabinete porque Bernardo de Vasconcellos pedira demissão. Dias depois o Regente lhe dissera, a elle Lopes Gama, que havia accommodado os ministros e estes continuariam governando. A edição do "Jornal do Commercio" deste 6 de janeiro de 1839 andou espiada como mulher bonita em terra feia. Vasconcellos não deu a honra duma resposta.

Caetano Maria Lopes Gama era outro candidato á senatoria fluminense. Dizia-se ser elle o preferido por Araujo Lima como candidato das classes abastadas, do alto commercio. Lucio mor-

rera a 21 de novembro de 1838. A eleição foi ma cada para o Rio de Janeiro em março de 1839.

A lista triplice levada ao conhecimento do Regente era a seguinte:

Lopes Gama	266 votos
Calmon	247 votos
José Clemente	218 votos

Vasconcellos não esperou pelos resultados. Demittiu-se a 15 de abril. Quatro dias depois Lopes Gama era escolhido senador.

A escolha de Lopes Gama teria sido verdadeiramente o motivo ou o pretexto para a sahida do ministerio triumphante de Vasconcellos? E Araujo Lima, comedido e sagaz, terá errado escolhendo Gama em vez de Calmon, seu antigo companheiro de guerrilhas ministeriaes? Fiel ao programma conservador não estaria mais integrado no papel de expressão conservadora, alliado natural das forças immoveis das classes ricas, o perfil do futuro visconde de Maranguape? A collocação de Lopes Gama no topo da lista antecipava a escolha. Mas o proprio Araujo Lima fôra escolhido estando no terceiro lugar. A zanga de Bernardo não tinha razões maiores. Elle mesmo fizera parte de quatro listas senatoriaes antes de ser escolhido. Duas vezes estivera collocado em primeiro lugar e só da segunda é que pertenceu ao Senado (29 de setem-

bro de 1838.) Em 1836, na vaga de Manuel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, Minas-Geraes mandara o grande Bernardo no cimo da lista. Escolheram o barão do Pontal (Manuel Ignacio de Mello e Souza) que viera em segundo lugar com 395 votos. Bernardo obtivera 409 votos... Nas eleições de maio de 1838 é que Vasconcellos chegou ao Senado. E em lista sextupla onde figuravam Sapucahy, Abaeté, Uberaba...

Annos depois Nabuco de Araujo se fez prolator da doutrina da "livre escolha" e nunca esqueceu de alludir ao lemma que o "rei reina mas não governa". O que o illustre politico olvidava era sua escolha senatorial a 26 de maio de 1858 na vaga de Cassiano Spiridião de Mello Mattos. O resultado não fôra favoravel a Nabuco que, entretanto, preteriu Zacarias de Goes Vasconcellos.

Zacarias de Goes e Vasconcellos	1.317 votos
Alvaro Tiberio de Moncorvo Lima	1.259 votos
José Thomaz Nabuco de Araujo	1.008 votos

Com a "queda" de Bernardo de Vasconcellos subiu o gabinete 16-de-abril. Gabinete incaracteristico, incolor, dispersivo. A principio um unico senador figurava e esse mesmo sem maiores relevancias — Francisco de Paula de Almeida Albuquerque, da bancada pernambucana. Candido Baptista de Oliveira, lente de mathematicas, foi para

a pasta de Estrangeiros. Interino da Fazenda. Jacintho Roque de Senna Pereira andou um mez ministro da Guerra e da Marinha. O marquez de Lages, facil prompto-allivio, acceitou os negocios da Guerra. Com Almeida Albuquerque, que ficara com Imperio e Justiça, eram os dois senadores. Gabinete votado à morte lenta por asphyxia. Nenhum ministro era orador. Parecia ter sido escolhido para melhor evidenciar o merito pessoal do cahido gabinete.

A 1.° de setembro foi substituido por outro onde entraram Alves Branco, Lopes Gama e Assis Coelho. O marquez de Lages ficou e com elle Senna Pereira. Manuel Antonio Galvão serviu até 2 de maio. Esse ministerio levou á sancção do Regente a "Lei da Interpretação" do Acto Addicional. Apezar de semi-morto não poude ser obstado pela Camara sem maioria liberal.

Esses dois gabinetes não combateram porque fugiram da lucta. Tentavam tactica de Fabio Conjunctor. Cansavam o inimigo, negaceando as investidas adversas. Tinha-se a impressão somnolenta dum fim-de-festa, sem musica e sem animo. O Regente, inexplicavelmente silencioso, agia imperceptivelmente, olhando a inevitavel offensiva liberal.

Antonio Carlos recuperara seu lugar de tribuno "hors-concours". Fazia rir, enfurecer-se e apaziguar-se a Camara maravilhada. Martim

Francisco recordava a fibra andradina do improperio. O conjuncto era acção sem maiores efficacias. Sonora zoeira de arapuás, fazendo mais barulho que mal. Araujo Lima não descuidou nem perdeu a esplendida maioria parlamentar que dispunha. Continúa a maior grandeza consciente de si-mesma. Antonio Carlos conservava mais admiração que influencia. O mesmo caso de Ruy Barbosa na Republica...

As accusações ao Regente tinham a natureza de lisonjea-lo. O Imperador para elle, como o Rei para Chateaubriand, não era um raciocinio, era um instincto. A maneira por que elle, velho senador, beijava a mão do imperial bébé, deu themas a Ottoni e J. J. Rocha...

O partido liberal attingira o maximo do treino. Só lhe faltava o minuto de agir. Fremia de impaciencia como um animal de raça ante a caça levantada e rapida. Depressa se constatou a maioria do Regente na Camara. No Senado não se discutia. O Senado, refractario aos lances patheticos, mantinha uma attitude de discreção e gravidade. Os "velhos" mediam o patriotismo pela meticulosidade das letras constitucionaes. A Camara seria o perigo se Araujo Lima não tivesse atraz de si a multidão do seu partido.

Para derribar toda aquella organização só o Tempo. Os outros factores, impaciencia popular, desanimo administrativo, instabilidade minis-

terial, ansia de renovação e de novidade, ambição de partido sem esperança de dominio sob formas communs e legaes, influiam disparatadamente no espirito ambiental da Camara. Influiam sem predispor.

Araujo Lima levava, com vontade ou sem ella, ante sua impeccavel polidez todo aquelle mundo resmungador e theorico, impulsivo e sedento duma distensão nervosa sob moldes que immortalizassem o esforço e a coragem da possivel desobediencia.

Assim até 1840...

XII

A Maioridade. Na Camara. No Senado. Na rua... As nove horas de Bernardo de Vasconcellos. A palinodia de Martiniano de Alencar.

No dia 15 de abril de 1840 reuniam-se em casa de José Martiniano de Alencar, senador pelo Ceará, os deputados Antonio Carlos, Martim Francisco, Peixoto de Alencar e José Marianno, os senadores Costa Ferreira (depois barão de Pindaré). Hollanda Cavalcanti e Paula Cavalcanti (depois viscondes de Albuquerque e de Suassuna). Antonio Carlos e Martim Francisco, paulistas, Costa Ferreira maranhense, Peixoto de Alencar, José Marianno e Martiniano de Alencar, cearenses e os dois Cavalcanti, pernambucanos. A nata liberal.

Esse 1840 desilludira os futuros "luzias". Araujo Lima mantinha uma maioria tão segura como esmagante na Camara. Era preciso, para abalar-se a estructura intima, um golpe de effeito anormal, extranho, fóra dos rythmos usuaes e costumeiros. Agora não se confiaria a um movimento de colera popular o segredo da mudança administrativa. Araujo Lima, sem a dura physionomia de Feijó, não fugia do posto e levava a cam-

po alheio seu avassalador prestigio. Não seria no terreno das votações parlamentares que Hollanda Cavalcanti ou Antonio Carlos levasse a esperança da decisão partidarista. Appellar-se-ia para um movimento impressionador, romantico, suggestionando inevitavelmente a mobilidade da multidão. Atirar-se-iam frente ao amor-proprio duma creança, a hirta tradição constitucionalista do Senado, a sympathia collectiva e a ambição cauta e suspicaz dum partido votado a mais tres annos de arredamento administrativo.

No dia 15 de abril fundava-se secretamente o Club da Maioridade. Antonio Carlos é o presidente. D'ahi em diante, as adhesões crescem. Theophilo Ottoni, José Antonio Marinho, José Feliciano Pinto Coelho, a expressão segura dos liberaes extremados de Minas, os breves heroes de 1842. Manda-se pedir a opinião do velho marquez de Itanhaen, tutor imperial. Sua excellencia é favorabilissimo... Depois é a vez de Acayaba de Montezuma. Conversa-se nos corredores da Camara. Fazem o computo dos provaveis votos senatoriaes. A lucta iniciar-se-á no acampamento adverso.

Começou na resposta a Fala do Throno. Antonio Carlos e Montezuma eram da commissão. Commissão de tres. O terceiro era Aureliano Coutinho que a patuléa chrismaria de "chefe dos aulicos". Na resposta á Fala metteram um periodo

simples: *"A Camara... vendo com prazer approximar-se a maioridade de V. M. I."*. Isto a 7 de maio. A 13 Hollanda Cavalcanti abriu fogo no Senado apresentando o projecto da Maioridade. A 15 a Assembléa Provincial do Rio congratulou-se. O estopim fumegava. Araujo Lima enfrentou o combate. No mesmo dia, 18 de maio, deu dois golpes de mestre. Mudou o ministerio. Lopes Gama, Silva Maia, Roque de Senna e Salvador José Maciel foram ministros. Na Camara, Honorio Hermeto estendeu o escudo á pancada da clava.

> "Reforma do artigo 121 da Constituição para poder o Imperador ser declarado maior.
>
> A Assembléa Geral Legislativa decreta:
>
> Artigo Unico:—Os eleitores dos deputados para a seguinte legislatura lhes conferirão nas procurações especial faculdade para reformar o art. 121 da Constituição, afim de que S. M. o Imperador actual, o Senhor D. Pedro Segundo, possa ser declarado maior antes da idade de 18 annos completos.
>
> Paço da Camara dos Deputados aos 18 de maio de 1840. — HONORIO HERMETO CARNEIRO LEÃO."

A legislatura actual seria a mesma de 1841. A que tivesse poderes especiaes já não aproveitaria a manobra liberal. O Imperador ficaria "maior"

antes dos beneficios da concessão. O termo seria 2 de dezembro de 1843.

O embate a Honorio Hermeto foi serio e prolongado. Acayaba de Montezuma, mais realista que o Imperador, ficou litteralmente furioso. Sentia-se roubado.

Votação no Senado. 20 de maio. Discurso de Paranaguá, o amavel e sereno adivinhador de cataventos politicos. Discurso a favor. Trechos bombasticos, reboadores, pedindo palmas das galerias já então, como agora, deliberantes e aparteadoras.

> "O governo das Regencias apenas tem feito á nação um unico beneficio; todavia o mais relevante, que é o de firmar nos corações brasileiros o amor da monarchia, desenganando, por meio de uma dolorosa experiencia, aos credulos dessa decantada bondade dos governos de pouco custo, ou baratos, dos governos electivos e temporarios; dos governos democraticos; dos quaes por certo mui pouco difere, si não é a mesma cousa, o governo regencial pela forma acanhada e quasi republicana, que lhe demos."

Assim falava Francisco Villela Barbosa. O conde de Valença, vice-presidente, dirigia os trabalhos. O projecto Hollanda Cavalcanti cahiu por dois votos. 16 por 18. Depois da votação chegaram

mais dois amigos do governo, Bernardo de Vasconcellos e dom Nuno Eugenio.

Emmudecera a primeira bateria desmascarada. Na Camara o trecho capcioso não demorou. Cahiu por cinco votos. 37 por 42. O Club da Maioridade perdera o jogo inicial.

Na reunião, depois das duas derrotas, Montezuma disse a grande phrase animadora no meio do desalento dos socios: — "*Senhores! Estamos na vespera do triumpho*". Effectivamente assim era. O imperial menino saberia de tudo. Todo São Christovão fremia de enthusiasmo. Faltara o povo. A massa vibratil e necessaria como caixa de resonancia. Appellar-se-ia para elle...

No dia 17 de julho, ao sahir D. Pedro duma festa religiosa, vivou-se o Imperador-Maior. A musa popular irresistivel e difusa espalhou cantigas ingenuas e arrebatadoras:

"Queremos Pedro Segundo
Embora não tenha idade:
A nação dispensa a Lei,
E viva a Maioridade!..."

Araujo Lima estava antecipadamente vencido. Outro era o ambiente onde se levava a guerra. Depressa esta se tornou popular. Thema de modinha, desabafos romanticos, anceios de preteridos, esperanças de todos. Araujo Lima luctou. Seu estado-maior foi um milagre de estrategia, de tacto, de opportunidade. Contra elle movia-se,

lenta e ampla, a opinião informe da multidão. Allega-se a illegalidade do governo regencial. Dona Januaria, e não Araujo Lima, era o legitimo Regente. O discurso de Alvares Machado estalou na Camara como um petardo. A verdade é que a princeza só seria Regente, tendo vinte e cinco annos e não desoito. Mas o thema serviu muito tempo.

O Club da Maioridade obteve José Clemente Pereira que era escravo das predileções populares. Teve Limpo de Abreu. Todo o partido liberal. Todos os sem-partidos. O debate na Camara versava sobre o artigo 121 ser revogado por uma lei ordinaria. Araujo Lima retomava, lentamente, as posições supremas.

Limpo de Abreu tentou a jogada de mestre. Era o projecto-sonda-de-profundidade. 20 de julho. Propoz uma commissão de tres membros para offerecer a Camara a providencia mais conducente a solver a questão da Maioridade. Já então ser maiorista era ser popular. Explorava-se a grosseria irritante como manifestações de desassombro patriotico. A Camara acceitara a idéa de Limpo de Abreu. Foram à votação para escolha dos tres membros. Essa commissão decidiria a sorte da Regencia. Francisco Ramiro, 49 votos, Gonsalves Martins 48, Nunes Machado 47, Limpo de Abreu 44, Aureliano Coutinho 44, Antonio Carlos 42. Venceu Araujo Lima. A commissão sahia de entre seus amigos.

Antonio Carlos, o menos votado, propõe a Maioridade desde já. A sessão de 20 de julho é tempestuosa, irregular, admiravel pelo denodo dos combatentes. Andrada Machado (era o nome parlamentar de Antonio Carlos) volta no dia seguinte com um projecto igual. A Commissão dos Tres dá a resposta esperada pelo partido Conservador:

> "A Commissão especial, encarregada de offerecer à Camara e com urgencia o que lhe parecer conveniente sobre a maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro Segundo entende, que, sendo a materia de que tem de occupar-se sobre todas grave e ponderosa, converia sem duvida ser coadjuvada por uma commissão da Camara Vitalicia como em algumas circumstancias se tem observado; e em consequencia é de parecer que, com urgencia, seja o Senado convidado a nomear do seu seio uma commissão especial, que tenha de occupar-se com a desta Camara de um objecto de maxima importancia.
>
> Paço da Camara dos Deputados aos 21 de julho de 1840. FRANCISCO RAMIRO, GONSALVES MARTINS, NUNES MACHADO."

Araujo Lima sem mudar de sector pedia reforço. A idéa era victoriosa. No Senado o criterio é que se fizesse "constitucionalmente". Mas não se poderia prejulgar a marcha dos debates. O mi-

nisterio coheso e disciplinado arrostaria impavidamente todos os encontros. Araujo Lima, nesse dia immediato, atirou, bruscamente, à liça um dos mais completos luctadores — Bernardo de Vasconcellos. Lopes Gama que era ministro dos Estrangeiros, desde setembro de 1839, estava no actual ministerio acumulando a pasta do Imperio. Araujo Lima convida para ella o grande Bernardo. Substituia este quem o vencera no longinquo pleito senatorial fluminense. A 22 de julho era elle ministro do Imperio. Assumia o commando de todas as frentes naquella batalha de interesses onde o menor e mais serio era justamente o do pequenino Imperador. O plano talvez fosse repetir com Bernardo o que Feijó fizera com Araujo Lima. Verdadeiramente, durante nove horas, Bernardo de Vasconcellos foi o Regente do Brasil.

A sessão de 22 de julho iniciou-se calmamente na Camara. Bernardo já era ministro. Antonio Carlos pedia urgencia do projecto. Barreto Pedroso analysava sua conveniencia. O secretario leu a communicação da nomeação do novo titular do Imperio. Um movimento de surpresa correu as bancadas. Mal se sopitava quando nova leitura annunciou o decreto transferindo a Assembléa Geral para 20 de novembro. A tempestade estourou. Bernardo adiava a discussão. Concentrava forças para asphyxia-la. Legalmente a lucta estava finda. Os liberaes comprehenderam. Limpo de

Abreu, Alvares Machado, Martim Francisco falam estentoricos e vehementes. As galerias gritam applaudindo. Antonio Carlos salvou a situação unica. O impasse collocava aquelles homens entre a obediencia ás leis juradas ou a revolução. O appello ás armas surgiu como formula conciliatoria de uma derrota parlamentar. E o Andrada, demosthenico, soldado de 1817, voz troadora nas Côrtes Portuguezas, lançou o brado definidor, a apostrophe ao raio:

> "Quem é patriota e brasileiro siga comigo para o Senado. Abandonemos esta Camara prostituida!..."

Toda gente sahiu com elle. Nesse terreno Araujo Lima estava vencido. Aquella theatralidade desnorteante, opportuna, sonora, inundava de enthusiasmo fremente a multidão. A caminhada para o Senado foi um triumpho.

No Senado Paranaguá recebeu-o como a um alliado natural. Uma commissão parte para Bôa-Vista. Toda de maioristas. Vae pedir ao Imperador de quinze annos que salve o throno, salve a elles todos, salve tambem o partido liberal que aquella revolta consagrará. A commissão chega a palacio. Lê a mensagem-ultimatum. Araujo Lima chega, frio, impassivel, sereno. Acompanha-o Rodrigues Torres, um dos ultimos fieis. O Imperador recebe-os em conferencia secreta. Araujo Lima nestes derradeiros minutos de magestade

defende-se ainda. Explicou que a transferencia da Assembléa se destinava a preparar com mais solemnidade a imperial acclamação para 2 de dezembro, anniversario de D. Pedro II. Concluia, queimando o ultimo cartucho que lhe restava em face do rapazinho impaciente de honras e sem idéas de mando, *"se V. M. I. queria ser acclamado a 2 de dezembro ou se queria se-lo immediatamente"*. Veio a resposta que D. Pedro negava, velho e sabio pelo contacto dos homens e dos livros:

"Quero já!"

A Commissão, chamada á imperial presença, assistia tudo, num pé e noutro. Araujo Lima pergunta se a Assembléa poderia ser convocada para domingo. Pedro II remira a commissão que lhe supplica urgencia.

"Convoque para amanhã!"

Commandou. Araujo Lima despede-se reverente. Luctara até o minuto que lhe chegara ao alcance da logica desesperada dos acontecimentos.

Bernardo de Vasconcellos assignou o decreto da convocação para 23 de julho. Era o dia da Maioridade. Fôra ministro nove horas, *"as mais honrosas de minha vida publica"*, escreveu elle. E o foram, como todas as outras de sua nobre existencia patriotica...

Na "exposição" Bernardo mostrou sua coherencia e demonstrou á saciedade que a força mili-

tar estava fiel e prompta a debandar os manifestantes. Não o fez porque Bernardo sentia atravez da bandeira verbal de Antonio Carlos a vontade imperial. E soberbo, o mineiro illustre, escrevia magnifico de orgulho insopitavel e alto:

> "Venham sobre mim todos os males; ainda estou impenitente. Longe de arrepender-me, ufano-me do meu procedimento, sujeitando-me ao juizo imparcial dos brasileiros".

Guerra de partido que explora a sensibilidade popular, a Maioridade fez do Imperador um trunfo decisivo. Mas o relevo está com seus antagonistas. Com elles estava a logica da situação brasileira. Estava o equilibrio. A calma e a segurança do regime pesavam nos hombros robustos do filho de Serinhaem.

Um chefe maiorista, o senador José Martiniano de Alencar, annos e annos depois, na presença do Imperador abstracto e desilludido, lia, sincero estes periodos:

> "Se a monarchia não perigava sob o Regente existente, se não havia commoção real no paiz por elle motivada, o que convinha aos interesses da nação? Esperar os quatro annos que faltavão para a maioridade legal do Imperante, e não dar-lhe o pouco edificante exemplo de desrespeito a essa Constituição, segundo a qual devia elle governar. Menino

ainda, recebia do povo um pacto violado: e por isso enfraquecido".

23 de julho de 1840, acclamação do Sr. Dom Pedro II. 24 de julho, novo ministerio. Não perguntem o nome dos ministros. São os vencedores da Maioridade. Os que salvaram o paiz, a elles, ao throno e essencialmente ao partido liberal. Os doadores da corôa a seu dono. Antonio Carlos. Limpo de Abreu, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (que agradara subtilmente a Mafoma e ao toucinho). Martim Francisco, Hollanda Cavalcanti e o mano Paula Cavalcanti...

Primeiro ministerio da Maioridade. Prestigio que uma possivel gratidão infantil cimentasse em perpetuidade administrativa. Oito mezes depois cahiria. Era a reacção conservadora que subiu com Sapucahy ou a reacção do bom-senso? Ficára, porém, o fermento das revoluções politicas. Agora, intrinseca e alta, subiria para os ceus a linha flamejante das coivaras guerreiras. Agora se evidenciara que um Regente não resistia a um "pronunciamiento" bem urdido. Quanto mais um ministerio. E possivelmente um Imperador que reinava por um gesto da vontade popular, guiado por uma facção, havia de ceder, como cedera a quebra do artigo 121 da Constituição do Imperio.

Essa mentalidade veio puxando pela redea o cavallo ornamental de Deodoro...

XIII

Que fez Olinda na Regencia do Brasil. Antonio Carlos no poder. Sepetiba. Olinda é feito visconde. Dominio liberal até 1848.

Araujo Lima voltou para o Senado. Chegara aos quarenta e sete annos ao cimo da administração politica do Brasil. A explicação desse movimento ascencional continuo não está na grandeza da provincia que representava, partidariamente dividida. Um factor efficiente é a ponderação de maneiras que o ex-Regente possuia e usava. Pre-sente-se uma irradiante confiança que a serenidade physionomica presagiava.

Que fez elle nesses dois annos, dez mezes e quatro dias de Regencia? O commercio de importação era em 1837-38 de 40.757:113$813 e de exportação 33.511:052$014. Em 1840 estava a importação em 52.358:600$000 e a exportação ..... 43.192:458$000. Passara de um total de ...... 74.268:165$827 para 95.551:148$000.

A actividade politica no Brasil cifrou-se a uma série longa de discussões. Governo que construa terá que emmudecer as assembléas deliberantes e substitui-las por turmas de analystas technicos. Não entregar aos technicos o cuidado de tudo

resolver. O technico é politicamente um obliterado. Seu horizonte expira na orla dos seus conhecimentos e não ha nada neste mundo mais intolerante e estreito que um technico olhando themas alheios á sua alçada. Começa por negar-lhes existencia e necessidade.

No Brasil imperial da ultima Regencia a escola de politica gesticulante e eloquente ensaiava vôos largos. Para realizar seria preciso circumscrever aquella gente num ambito de rarefacção influenciadora. Araujo Lima era um supersticioso da Lei.

A politica depois da Maioridade é inteiramente outra. Distingue brasileiros e rotúla instinctos. O gabinete de 24 de julho creou no espirito popular a mania dos partidos exaltados. Quem estivesse "de baixo" perdia o direito de vida social. Essa "capitis deminutio" se annunciava pelas preterições, demissões e mudanças intempestivas.

Martim Francisco fez derrubada no Thesouro, fisco, alfandegas. Limpo de Abreu atirou-se á magistratura. Nas eleições os juizes de paz da Côrte foram suspensos para que os supplentes "amigos" funccionassem. Antonio Carlos demittiu quatorze presidentes provinciaes. Era um modelo novo que não agradou.

Os presidentes deixados ficar estavam ligados ao ministerio por qualquer laço. Rego Barros não sahiu de Pernambuco porque o parente Hol-

landa era ministro da Marinha. Lima e Silva ficou no Maranhão porque outro qualquer prolongaria a guerrilha dos "Balaios" e a Camara teria assumpto para falação. Manuel Felizardo continuou em Alagôas porque era amigo de Aureliano de Souza.

Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho foi a grande figura central dessa época. Para elle corriam os favores e os odios. Era suspeito aos conservadores por dubiedade e aos liberaes por aulicismo. Chefe da facção aulica, chamava-o Ottoni na "circular". Aureliano polido, desdenhoso, superior, fino, elegante, imponente, nascido para mandar e dirigir, presidindo São Paulo aos trinta e um annos e aos trinta e dois ministro da Justiça, dando festas esplendidas onde gastava "*mais de duzentos mil réis de sorvetes*", faustoso, agasalhador, implacavel, ironico, era bem uma entidade sahida fóra do estalão commum. Não se explicando o prestigio pessoal sinão por vontade regia, Aureliano conservou a pecha de filhote do Paço, de mimalho imperial, de ministro obstinadamente mantido.

Aureliano naturalmente esbarrou em Antonio Carlos. A principio um irmão de Aureliano não ia ser condecorado e o Imperador mandou que o fosse. Esse mano espatagraça era o dr. Caetano de Souza e Oliveira que o omnipotente irmão no-

meia presidente do Rio Grande do Sul em abril de 1841 e que em 1843 apeava Honorio Hermeto com o gabinete 20 de janeiro.

Antonio Carlos, leader da Maioridade, julgou-se acima de qualquer influencia. Seu feitio autoritario, arrebatado levava-o a considerar como ajudantes de ordens seus collegas de ministerio.

Aureliano decidiu a sahida dos liberaes maioristas. O caso veio do Rio Grande do Sul. Alvares Machado, o vanguardilheiro da Maioridade, primo dos Andradas, fôra para terra gaúcha como interventor e substituiu Andreas no posto de presidente. O general João Paulo ficou commandando as armas. João Paulo levou uma investida até a fronteira sem encontrar "farrapos" que deixavam correr aquelle campeão de velocidade e ficavam com a provincia indefesa e presa facil ás meias-luas das lanças guascas. Machado e João Paulo brigaram. Machado appellou para os Andradas. João Paulo para Aureliano. Ou um ou outro ficará no Rio Grande do Sul. Levam o caso ao Imperador que decide por João Paulo. Ao apresentar seu juizo Aureliano pede demissão. D. Pedro nega-a. Antonio Carlos só tem um caminho, pedir substituto.

Dias antes Martim Francisco dizia, protector, a Theophilo Ottoni: — *"O Imperador é bom menino, tem patriotismo e pode-se fazer alguma cousa delle"*.

A quéda liberal não trouxe desassocego. O ministerio representava um cheque pago. Contas ajustadas e os credores sem direito de sequéla.

Sóbe o gabinete 23 de março de 1841. Araujo Vianna, Paulino de Souza, Calmon, Paranaguá, José Clemente Pereira são ministros. Aureliano, derrubador dos Andradas, embora fosse casado com uma neta do Patriarcha, continuou inabalavel. Esse gabinete que os liberaes pernambucanos, com o olho na estrella de Aureliano, acompanham apoiando a votação das leis fortes, gabinete onde José Clemente hombreava Calmon, o futuro Uruguay-alliara-se ao futuro Sapucahy, que, sendo mestre do Imperador, votara contra a Maioridade, era uma composição de combate. Vem até janeiro de 1843.

A reforma do codigo criminal e o restabelecimento do Conselho de Estado exasperaram os liberaes. A Camara reunir-se-ia a 3 de maio. Os avançados da grey, Ottoni, os Andradas "et sa suite", aguardavam as sessões. Voltaria o tempo sonoro da Constituinte e da Maioridade. Vencidos à voto ainda existiria ferro nas montanhas mineiras para soldar a lamina symbolica de Felippe dos Santos. Antes prever que remediar, pensou o ministerio e o Imperador pôz em uso o paragrapho quinto do artigo 101 da Constituição. A 1.° de maio a Camara foi dissolvida. Só se reuniria dois dias depois...

Como era de esperar os liberaes correram ás armas. Agora o barão de Caxias prenderá Feijó. Agora os liberaes terão um nome que lhes recordará uma derrota. Passarão a "luzias". Sente-se o travo da reacção monarchica. Aquillo tudo era novidade. O governo "barato e de pouco custo", como Paranaguá chamara a Regencia, ainda mais barato ficava quando se cotejava ao custo com que uma organização se sustinha.

O gabinete 23 de março agraceou Araujo Lima. Fe-lo visconde de Olinda. Visconde com grandeza. 18 de julho de 1841. Na mesma data lembraram-se do esquecidissimo Lima e Silva, ex-Regente. Deram-lhe o titulo de barão da Barra Grande. Barão sem grandeza a um ex-Regente, marechal e senador do Imperio?... Lima e Silva recusou. As graças cahiram sobre muitas cabeças. Costa Carvalho em agosto viu-se barão de Monte Alegre. Calmon passou a visconde de Abrantes, o millionario José Francisco de Mesquita a barão do Bom-Fim, os marechaes Alexandre Gomes de Argollo Ferrão e João de Deus Menna Barreto a barões de Cajahyba e São Gabriel, Luiz Alves de Lima e Silva recebia seu primeiro titulo nobiliarchico, barão de Caxias. Dois maioristas foram titulados, Manuel Ignacio de Mello e Souza, barão de Pontal e Paula Cavalcanti, barão de Suassuna.

Entretanto... antes dessa gente illustre, antes de titular-se com a graça de visconde quem fôra deputado antes de o Brasil ser nação, quem fôra ministro, era senador e fôra Regente do Imperio, o derrubado gabinete liberal fizera duas "graças" muito commentadas. Déra ao filho do marquez de Barbacena, o joven Pedro Caldeira Brant, o titulo de conde de Iguassu'. Acto de 2 de dezembro de 1840. Pedro Caldeira casara com uma filha de Bento Antonio Vahia, guarda roupa do Imperador. No mesmo dia fizeram de Bento Antonio Vahia, conde de Sarapuhy. Esse senhor conde de Sarapuhy, que obtivera titulo superior aos ex-Regentes do Imperio, fôra o recadeiro entre os conjurados da Maioridade e D. Pedro. A 7 de fevereiro de 1842 deram ao visconde de Olinda a carta do Conselho do Estado.

No Senado Olinda poude, tranquillamente e pela primeira vez, assistir a acontecimentos sem que nelles tomasse parte. Sua aposentadoria official, com honras e proveito, distanciava-o da "activa".

Justiniano José da Rocha escreveu:

> "O Ministerio que dissolvendo uma Camara, tendo appellado para o paiz vê reunir-se uma Camara indecisa, devia morrer immediatamente".

É o diagnostico do gabinete 23 de março de 1841. Dissolvendo a Camara de 1842 arreou

bandeiras antes da batalha que só lhe poderia ser adversa.

Cahia uma situação conservadora mas os liberaes não subiam. Mudança de commando e não de rumo. A prôa obstinava-se numa rota batida e certa que não era para o horizonte "luzia". Era natural que subisse gente saquarema. Subiu Honorio Hermeto Carneiro Leão, o contra-forte exterior da politica conservadora. Com Honorio Hermeto faziam o gabinete 20 de janeiro de 1843 José Antonio da Silva Maia, Joaquim Francisco Vianna, Rodrigues Torres. Paulino de Souza substituiu Honorio na pasta dos Estrangeiros, ficando Honorio na Justiça. Paulino vinha de ser ministro de Sapucahy e seu discurso, tres dias depois de organizado o gabinete, levou a Camara a um movimento de solidariedade. Honorio, já era senador e conselheiro, impunha-se no Senado. O outro ministro era Salvador José Maciel. Politica de continuidade que a presença de Honorio por si só garantia. E ainda estava, ao lado do futuro marquez de Paraná, o futuro visconde de Uruguay, Paulino de Souza, realizador do "pensamento politico de Vasconcellos, para arco botante naquelle edificio impressionador. Aureliano que segundo Joaquim Nabuco representava o *"elemento erratico, movediço, fóra de toda classificação partidaria"*, já não figurava na lista ministerial.

Toda gente esperava a "revanche" do "*pontifice da seita palaciana*". A "revanche" surgiu na pessoa de Saturnino de Souza, ex-presidente do Rio Grande do Sul, inspector da Alfândega do Rio e mano de Aureliano. Honorio, desafiado pelos jornaes, não poude demittir o "mano de Aureliano". Este repetia a façanha estrategica de 1841. Desta vez em sentido contrario. De ministro com os Andradas passára para os reaccionarios saquaremas com Araujo Vianna. Agora, curiosamente apoiado pelos "praeiros" pernambucanos, esquecidos dos irmãos liberaes de Minas e S. Paulo, voltou-se para os arraiaes "luzias". De 1844 a 1848 vae ser o expoente liberal. Honorio não resistiu a uma lucta contra as "sympathias do Paço". Preferiu passar a outro o bastão que escaldava.

Falhado o convite a Monte Alegre o Imperador chamou os liberaes, e veio Almeida Torres (Macahé) com o gabinete de 2 de fevereiro de 1844. Foram ministros Ernesto Ferreira França, Jeronymo Francisco Coelho que Hollanda Cavalcanti substituiu em maio, continuando na pasta da Guerra, Manuel Antonio Galvão e Alves Branco que era a expressão de combate. Macahé dava a côr e Alves Branco a consistencia ao ministerio. Chegaram a convidar Saturnino de Souza para ministro. Exprobraram a Alves Branco essa aquiescencia humilhante mas o segundo Caravellas de-

fendeu-se dizendo que o candidato lhe "viéra do Paço".

O equilibrio continuou sustido por milagres de combinações imprevistas. Os liberaes ficam no poder durante seis gabinetes, no espaço de fevereiro de 1844 a maio de 1848. As dissenções pessoaes abriam clareiras onde o enthusiasmo saquarema espoucava presentindo o regresso ao mando. Essa phase, 1844-48, é a exhaustão liberal. O partido faz uma chamada suprema aos seus homens. Ha um revesamento que apregôa longe uma instabilidade manifesta. A maioria "luzia" é sempre uma somma e nunca um elemento que peze pela sua cohesão na marcha unanime do gabinete. Alves Branco desavindo-se com Aureliano, complica seriamente a permanencia. Os ministerios succedem-se como num jogo de pim-pam-pum. Alves Branco é justamente a força heroica desses annos convulsivos. Vem elle batalhando até a burocracia que apenas assistia a batalha como espectadora pacifica. Foi a vez de sua "circular dos direitos proprios" onde se lia:

> "... os empregos são instituidos no fim exclusivo do serviço do Estado e esse serviço exige, como condição indeclinavel naquelles que são chamados a presta-los uma sincera adhesão ao plano".

Confundir-se-ia de ahi em deante a fidelidade profissional com a incondicionalidade partidaria.

Empregado-publico é peça de Governo que lhe comprou o voto implicitamente ao pagar-lhe os serviços.

Alves Branco não descançou um instante. Pôz em pé todos os nomes que actuavam como egides venerandas. Macahé e Caravellas são maravilhosos de trabalho, de coragem e de confiança. Derredor o partido esboroava-se silenciosa e continuamente. Macahé recompõe o gabinete 2 de fevereiro de 1844 no de 26 de maio de 1845. Continua no Imperio onde Alves Branco o substitue. Limpo de Abreu é chamado para a pasta dos Estrangeiros, Hollanda Cavalcanti fica com as pastas da Guerra e Marinha, Joaquim Marcellino de Brito na Justiça depois que Macahé e Alves Branco deixaram a pasta. A 2 de maio de 1846 novo ministerio com Joaquim Marcellino no Imperio, Bento da Silva Lisbôa (barão de Cayru', filho do visconde do mesmo titulo) João Paulo dos Santos Barreto, general que dera a Aureliano o pretexto da "queda" nos Andradas maioristas de 1841, Hollanda Cavalcanti, José Joaquim Fernandes Torres, Caetano Maria Lopes Gama (Maranguape). A 22 de maio de 1847 novo ministerio com a chefia de Caravellas (Alves Branco.) O decreto n. 523 de 20 de julho creou a presidencia do Conselho. Caravellas foi o primeiro presidente do Conselho de Ministros. Trouxe para seu ministerio Francisco de Paula Souza e Mello, orgulho liberal paulista, José Antonio Pimenta Bue-

no (depois marquez de S. Vicente). Antonio Manuel de Mello, Candido Baptista de Oliveira. Estavam nas ultimas. Saturnino de Souza e Oliveira foi ministro tambem, Estrangeiros e Justiça. Caravellas arrastou até Vergueiro para uma das pastas (Imperio e depois Justiça.) A 8 de março de 1848 Macahé organiza pela terceira vez. Seu "homem" é o futuro Abaeté (Antonio Paulino Limpo de Abreu). Macahé (José Carlos Pereira de Almeida Torres) fez ministerio com Manuel Felizardo de Souza e Mello, Joaquim Antão Fernandes Leão, José Antonio Pimenta Bueno (São Vicente) e José Pedro Dias de Carvalho.

Limpo de Abreu conseguindo maioria liberal integrava numa continuidade teimosa o que não pudera fazer no gabinete de 2 de fevereiro de 1844. Visou a singular organização partidaria que se acastellara em Pernambuco, liberaes typicos que se baptizaram de "praeiros" porque o seu jornal estava situado na "rua da Praia". A lucta demorou pouco. Chichorro (*) era o nume e este derribado, a onda praeira veio reboando para a Camara . As sessões desse 1848 fremem de colera turbulenta e de indignação vibrante. Nunes Machado centralisa o fogo de campo aberto. Para accrescer a esse estado de trepidação politica o

(*) Antonio Pinto Chichorro da Gama, magistrado, depois senador pela provincia do Rio de Janeiro em 1865. Falleceu em 1887.

partido conservador reagia lindamente no Senado. Caxias, Monte Alegre, Honorio Hermeto chefiavam o estado-maior sob o commando de Olinda.

Em abril de 1844 com Aureliano na presidencia do Rio os liberaes contaram com um auxilio que não demorava em carrear todos os obices para o campo inimigo. Em 1847 o mano Saturnino fôra ministro de Alves Branco e affirmara na Camara a continuidade da politica de 2 de fevereiro. Alves Branco declarara que ia tentar a eleição directa.

No Senado a annullação das eleições de Pernambuco atirou a luva desafiadora aos liberaes. Chichorro era um nome patronal. *"É bom lavar a bocca quando se fala no sr. Chichorro"* aparteara Nunes Machado na sessão de 30 de abril de 1848. Desde o anno anterior Olinda ateara a reacção no Senado. A favor da annullação das eleições que traziam Chichorro como num andor, votaram os grandes senadores. Caxias, Honorio, Vasconcellos, Monte Alegre, Suassuna, Araujo Vianna (depois marquez de Sapucahy), Rodrigues Torres (depois visconde de Itaborahy) hastearam a bandeira reaccionaria. Por questão de poderio em Pernambuco Hollanda Cavalcanti votou contra Chichorro. Ficaram celebradas as palavras de Olinda em setembro de 1847, animando os eleitores que em Pernambuco lhe eram fieis:

"Os descendentes daquelles que souberam resistir ao rei, para melhor servir ao rei, saberão resistir aos ministros para melhor servir ao Imperador".

Nunes Machado, relembrando em maio de 1848 a phrase de Olinda chamava para ella a attenção da casa e do senhor presidente (era Chichorro) para:

"... estas palavras... ditas por um nobre senador sempre tão calmo, tão manso, sempre tão chloroformisado no meio dos mais vitaes interesses do paiz!"

O gabinete 8 de março vinha clareando uma phase de ajustar vehas contas. Pimenta Bueno, Manuel Felizardo, Joaquim Antão cercavam Limpo de Abreu duma aureola de invencibilidade. Macahé incutia animo com sua tradição de velho experimentado e habil. A liga dos liberaes dissidentes era ampla. Constava de Praeiros, cearenses, paulistas, mineiros, Ottoni, Aureliano e mais chefes occultos ou declarados. Na sessão de 26 de maio de 1848 Macahé foi derrotado na "resposta ao Voto de Graça". Perdeu por seis votos. 50 contra 44.

O partido liberal vencido na Camara por quasi elle mesmo, inda queimou o ultimo cartucho. Desta feita empurrou um nome venerando, batalhador sereno e educado, luctador de renome. Francisco de Paula Souza e Mello. Foi o gabi-

nete 31 de maio. Paula e Souza aproveitou nomes já conhecidos e ligados á resistencia liberal. Lembrara elle que Macahé dissolvendo a Camara em maio de 1844 conseguira apenas reunir uma opposição mais densa contra si. Teve o cuidado de cercar-se de homens prudentes. Dos ex-ministros escolheu José Pedro Dias de Carvalho, o general João Paulo dos Santos Barreto, Joaquim Antão Fernandes Leão, Antonio Manuel de Campos Mello. Como novidade trouxe Bernardo de Souza Franco (depois visconde de Souza Franco) para a pasta dos Negocios Estrangeiros que não tinha a relevancia com que posteriormente ficou. Esperava-se que Paula Souza não incidisse no que Salles Torres Homem (depois visconde de Inhomerim) dizia ser a *"politica de arrependimento do senhor visconde de Macahé"*.

Paula Souza veio em má hora. Seu discurso de apresentação é melancolico. Deu um tom triste de despedida e de desastres irremediaveis. Falou em não ter a *"louca pretensão de exigir o apoio da Camara inteira, nem mesmo de parte della"*. Explicando seu pensamento se disse convencido que a salvação do Brasil estava na consolidação da monarchia representativa. Palavra absolutamente vazia mas applaudida pela resonancia. Terminou por uma invocação literaria muito bonita e muito infeliz:

"Se esta persuasão pudesse ser destruida, nada mais me restava sinão deplorar a sorte do meu paiz, ("com emoção", nota o tachygrapho): semelhante ao selvagem que, exhausto de forças para luctar com a torrente que o arrebata, larga o remo e cruza os braços esperando o momento em que se precipitará no abysmo, eu elevarei meus olhos para o céo, e resignado soffrerei os males que não pude evitar".

Mau inicio de gabinete guerreiro. Apoiado por Ottoni e por Ferraz (depois barão de Uruguayana) que enfrentava diariamente a minoria atrapalhadora e irrequieta, Paula Souza, valetudinario, desilludido, vendo rarear ao seu lado as dedicações que tinha direito, espaçava dia a dia a sua presença na Camara. O deputado gaucho Jobim (José Martins da Cruz Jobim) medico do Paço, chegou a dizer que os ministros aproveitavam a ausencia de Paula Souza como as creanças de escola aproveitam a do mestre para traquinar. Euzebio de Queiroz vinha quasi sempre triturar a paciencia dos ministros com discursos impeccaveis pela polidez e logica.

Ferraz (Angelo Muniz da Silva Ferraz) ganhou ahi as esporas de ouro. Exclamava elle, perorando: — *"Não é a força que produz sectarios, é a convicção!..."*

Jobim fazia discursos extensos e comicos pela tonalidade ironica. Trechos ferozes que reboavam lá fóra como anecdotas:

> "Apresentou-se o orador no palacio de S. Christovão, abriu um reposteiro, encontrou um grupo, cumprimentou-o e dirigiu-se para diante, voltou pouco depois, o recado tinha sido curto, nada mais houve. No dia seguinte (notem a Camara e o paiz esta circumstancia) no dia seguinte, vindo o orador para a Camara, disse-lhe um amigo: — Olhe! dizem que você anda conspirando contra o ministerio actual".

Aquelle "grupo" que Jobim encontrara atraz do reposteiro e que alludia, displicente, no discurso de 25 de agosto, era o ministerio inteiro...

O gabinete Paula Souza não recuava, gastava-se pelo incessante attrito diario das discussões parlamentares. Já a resistencia liberal attingira a "surmenage". Os mesmos alliados desanimavam ajudar aquella morte estrebuchante. Um dia, num embate sem importancia sobre repressão do trafego de escravos, o ministerio desappareceu, diluido entre sombras e cansaço. A sua attitude fôra uma especie de aposta de resistencia num ambiente irrespiravel.

Todo esse dispendio de energia partidaria estava orientado num sentido abstracto de theoria

e ficção. Nenhum daquelles homens sentiu que era em pura perda a consummação da força magnifica da intelligencia e que as actividades, desviadas do criterio incisivo da praticalidade, levavam o mundo politico do Brasil a ser o mais illogico, idealista e bysantino de todo o continente.

Nunes Machado, exemplo espontaneo de partidarismo puro, teve esta phrase-medalha:

"O Brasil é só politica, não é mais nada!..."

XIV

Ascenção conservadora. O maior gabinete da monarchia. Olinda preside. Demitte-se. A nova phase na politica brasileira no Prata.

Succumbindo Paula Souza abria-se a bifurcação da estrada politica. O Imperador se obstinaria em chamar ao poder um partido exhausto? Seria de esperar a hora dos conservadores. Não havia maior figura que Olinda. Paraná desgostado arredava-se como quem se retempera para investir. Olinda estava de antemão indicado. O Imperador convidou-o.

A situação continuava tensa e delicada. Já em 1844, cahindo Honorio Hermeto, D. Pedro appellára para Monte Alegre, disposto a prolongar o dominio saquarema. Monte Alegre recusára. As razões deveriam ser de coherencia partidaria. O partido fôra preterido por um homem, Saturnino de Souza e Oliveira. Monte Alegre não desejaria desfalcar sua agremiação indo substituir Honorio que cahira defendendo a unidade. Ainda existia outra explicação e mais séria. Falava-se insistentemente que o Imperador queria amnistiar os revoltosos mineiros e paulistas de 1842. Os liberaes, responsaveis por essa revolução, justificavam o levante como tendo sido um

protesto ás medidas tomadas pelos conservadores no gabinete Sapucahy de 1841.

Ir uma composição conservadora amnistiar os liberaes de Santa Luzia e de Sorocaba significava um depoimento de inepcia reconhecidamente proclamada. Monte Alegre não fôra "organizar". Subiram os liberaes com Macahé e o decreto da amnistia geral appareceu a 14 de março de 1844. Monte Alegre se livrara de vencer o proprio partido.

Olinda acceitou. Com elle os conservadores voltavam aos postos perdidos desde janeiro de 1844. A 29 de setembro de 1848 o gabinete estava prompto. Começava a Era Saquarema. Duraria até 1862...

A organização se apresentava solidamente garantida. Monte Alegre fazia a "rentrée" politica com a pasta do Imperio. Euzebio de Queiroz recebia o prestigio official por sua campanha contra Paula Souza. Ficava nos negocios da Justiça. Manuel Felizardo na Guerra e Marinha onde foi substituido por Manuel Vieira Tosta (depois marquez de Muritiba). Olinda reservara para si Fazenda e Estrangeiros.

Notava-se a ausencia de dois chefes. Rodrigues Torres (Itaborahy) e Paulino de Souza (Uruguay) já visados como ministros, não faziam parte do ministerio. Itaborahy era chefe que viera com Vasconcellos e Olinda desde Feijó.

Paulino notabilizara-se pelo seu espirito sereno, cultura opportuna e justa e ainda mais sendo o confidente de Vasconcellos. As divergencias entre Paulino e Olinda eram as mesmas de sua geração. Enfrentavam-se politicas de avanço e de expansão, a politica de defesa e de retrahimento. Havia, curiosamente, a espectativa que se repetisse em absoluto o caso da recusa conservadora e o subsequente dominio liberal. Quem era apontado como organizador do gabinete era Monte Alegre em vez de Olinda.

A Camara nesse setembro estava superexcitada. O gabinete formado a 29 de setembro foi chamado "miguelista" porque nascera no dia de São Miguel Archanjo. Paula e Souza teve copiosas saudades. Somente a 2 de outubro na Camara houve numero e dahi em diante as sessões são tempestuosas. A colera dos liberaes é porque Paula e Souza cahiu sem razões maiores e elles mesmos vieram saber pelo "Jornal do Commercio".

Theophilo Ottoni abriu fogo logo a 2 de outubro. Rodrigues dos Santos, José de Assis, Ferraz secundam accesamente. Wanderley (João Mauricio Wanderley, depois barão de Cotegipe), defende. Quem defende com habilidade consumada é um deputado pelo Rio Grande do Norte, Casimiro José de Moraes Sarmento. A raiva liberal é o gabinete não se ter apresentado na Camara para ouvir o que ella queria dizer. Olinda

não quiz perder tempo que naquella injunctura era precioso. Não foi á Camara nem os ministros deram cabimento a lá ir. Limitavam-se a mandar officios ao primeiro secretario dando a impossibilidade por accumulo de serviço. Moraes Sarmento quasi se engalfinha com Ottoni. Nunes Machado trovejou falações ameaçadoras. Villela Tavares via a Camara cercada de policia. Urbano Sabino (da bancada pernambucana) presagiava hostilidades para Pernambuco com a nomeação de Herculano Ferreira Penna para presidir a provincia. A impressão geral era de uma victoria saquarema. Victoria absoluta, integral, completa. O gabinete parecia ter a solidariedade moral de todos os chefes conservadores.

> Urbano Sabino: — "Pela minha parte vejo no ministerio actual o sr. Honorio, o sr. Vasconcellos, o sr. Rodrigues Torres, são elles que estão no poder".
>
> Ferraz: — "O sr. Vasconcellos affirma que não está..." .

Têm-se ahi não somente o effeito da subida conservadora como tambem os afastamentos já pronunciados entre os graduados saquaremas. Como Manuel Felizardo estivesse na pasta da Guerra dizia-se que o verdadeiro ministro seria Bôa Vista, Francisco do Rego Barros, velho amigo de Olinda, barão de Bôa Vista desde 1841.

Ferraz ia mais longe. Achava que Olinda, ex-Regente, não fizesse governo pessoal (no que protestava a bancada praeira) e via em Euzebio de Queiroz o director politico da composição ministerial. Euzebio, chefe saquarema da Côrte, ex-chefe de policia em 1842, era um espantalho terrivel. O gabinete não podia receber ordens da Camara porque possuia o sentido exacto da sua superioridade. No ultimo dia de sessão veio o acto adiando a Assembléa para abril de 1849. A opinião quasi unanime da Camara era pela dissolução. Mania de sacrificio de uns e certeza do gabinete não governar naquella barafunda. Em 1848 era assim. Fizeram-lhe a vontade. O decreto de 19 de fevereiro dissolvia a Camara.

Monte Alegre iniciou a montagem da machina saquarema. Um reboliço de presidentes mudados, transferidos, dispensados, correu pelo paiz. Azevedo Coutinho para o Maranhão, Silveira da Motta para o Piauhy, Araujo Neves para o Rio Grande do Norte, Ferreira Penna para Pernambuco, Pereira de Andrade para Sergipe, Gonçalves Martins para Bahia, Couto Ferraz para o Rio, Souza Ramos para Minas, Pires da Motta para S. Paulo.

Olinda fizera época com sua apresentação no Senado. A Camara soube atravez das palavras indignadas de Theophilo Ottoni que o presidente

do gabinete, interpellado quanto á politica e programma ministerial, déra esta synthese laconica:

> "Direi que o actual gabinete não faz promessas, não quer prometter, para não se ver muitas vezes na dura necessidade de não poder cumprir seus desejos".

Em 1849, a 6 de outubro, Olinda passa a Rodrigues Torres a pasta da Fazenda. Dois dias depois deixava o ministerio.

O ministerio 29 de setembro de 1848 foi, sob muitos aspectos, o mais completo do regime. Sua bagagem de serviços é avultada e complexa. E' o ministerio que deu o codigo commercial, a lei sobre terras devolutas e sob titulo de sesmaria, creou a provincia do Amazonas, extinguiu o trafico da escravatura, reformou o Thesouro e as thesourarias de Fazenda, organizou o corpo diplomatico, incluiu o direito romano e o administrativo nos cursos juridicos, jugulou a revolta "praeira", regulou o censo do Imperio, fez o registo de nascimentos e obitos, reorganizou a Guarda Nacional, deu regulamentos aos corretores, regulamentou a hygiene publica, iniciando um trabalho vasto e seguro de consolidação economica. Cem outros. Olinda deixando o ministerio desde 8 de outubro de 1849 não assistiu a vida intima do gabinete que veio até maio de 1852. O papel de Olinda fôra reunir esse nucleo que bastava para resolver todos os problemas do momento. Esta sciencia de perspicacia e de acui-

dade administrativa demonstra-se incessantemente nas suas escolhas ministeriaes. Ex-Rei sabe ter uma Côrte illustre...

Mas a sahida de Olinda honra-o. Uma nota de Joaquim Nabuco illustrará o thema:

> "O Imperador tinha manifestado antes a Euzebio estar satisfeito com o ministerio, mas não com o presidente do conselho. "Quer V. M. que eu communique isto aos meus collegas?" — perguntou-lhe Euzebio. O Imperador disse que não. Dias depois, porém, fez-lhe a mesma declaração e dessa vez autorizou-o a falar aos collegas. Olinda declarou ao ministerio que confirmaria qualquer explicação que dessem da sua sahida, menos a de doença. Concordou-se em allegar a divergencia, que era real, sobre a politica no Prata. O conselheiro João Alfredo teve esta revelação do proprio Euzebio".

Que era a politica no Prata? Um antecedente que sacudiria o Brasil numa estrada inutil de gastos e de improveitos a não ser o renome de imperialista e de oppressor como premio e paga.

No dia em que o gabinete jurou protocollarmente, o Imperador recebia Andres Lamas, o enviado do governo de Montevideu. O partido liberal não faria a intervenção. Suspeitava-se da inconsciente alliança entre elle e os elementos que cercavam Artigas. O saquarema daria o passo para

resgatar na historia do Brasil o recuo de Ituzaingó. Olinda oppoz-se. Para elle a posição do Brasil limitar-se-ia a abrigar quem o procurasse e defender-se quando o atacassem. Na linde gaucha uma linha de bayonetas avisaria que ali começava um paiz forte e calmo. Olinda nunca pensou na grandeza incompreensivel de uma multidão suggestionada e delirante.

Paulino de Souza substitue o velho politico que não "sentia" o momento. Monte Alegre assumiu a presidencia do gabinete. A 19 de fevereiro Paulino iniciou a correspondencia diplomatica com a legação Oriental. A 25 de dezembro de 1850 fazia-se o tratado de alliança com o Paraguay. A 29 de maio de 1851 Corrientes e Entre-Rios, provincias argentinas, firmavam um convenio com o Brasil. O "tigre de Palermo" veria agora descer sobre seu logar-tenente Oribe a massa ondulada das lanças brasileiras. E sob a bandeira heroica o impassivel vulto de quem não conheceu derrotas, passando uma existencia combatendo: Caxias!

Paulino de Souza mandara para Lopez I o insinuante Pimenta Bueno, cuja voz, apenas audivel, era um milagre de penetração e de acuidade. Lopez armou-se sob a orientação de officiaes brasileiros. Na ilharga de Rosas vigiavam Corrientes e Entre-Rios.

Nova phase historica do Brasil. Phase de guerra romantica em defesa de povo opprimido e

heroico. Uma litteratura gloriosa trará nomes que despertarão o orgulho nacional. Paulino de Souza pagará em Monte Caseros o peccado mysterioso de Passo do Rosario. Em 2 de dezembro de 1852 receberá um titulo que clangora sua actividade terebrante e maravilhosa — Visconde do Uruguay.

Mas a razão estava com Olinda, o demissionario ministro do 29 de setembro. Tempos depois outra guerra, provocada por outra intervenção na mesma fronteira, batida de tropilhas bellicas, levará o Brasil a uma campanha de sangue e de soffrimento, uma longa prova de caracter collectivo temperado na dor e nas agruras de um embate inutil mas inevitavel. E quem recordasse o esquecido incidente de 1849 haveria de sentir que a previsão das desgraças estava com o velho que se demittira.

Essa retirada de Olinda em 1849 define-o. Excepto molestia acceitava todo e qualquer pretexto que os companheiros apresentassem ao publico. O pretexto que todos reconheciam veridico e explicado como injustificavel teimosia no velho estadista, tomava quasi aspectos de impatriotismo. Não havia, entretanto, para o gabinete 29 de setembro, outra attitude. Não se podia descobrir nenhuma solução para o impasse. Intervinha-se auxiliando uma facção uruguaya, naturalmente a mais sympathica aos brasileiros, ou ter-se-ia, des-

dobrada e batida pelo minuano, a bandeira heroica dos Farrapos.

A sessão parlamentar de 1848 está cheia de incidentes comprobativos. Os deputados do Rio Grande do Sul fizeram longos discursos, narrativas emocionaes, detalhando saques, citando nomes, minuciando a situação insustentavel de um cidadão que reside vizinho a um predio incendiado. Apagar o brazeiro era o impulso irresistivel do gaucho. As palavras de excitação e de appello seguiam cobertas de applausos e prolongadas em adhesões.

A linha da fronteira de facil passagem, a vida commum, os habitos vaqueanos, a herança de independencia, os costumes do campo, a tradição insopitavel da desafronta immediata, o gesto espontaneo, cavalheiresco, generoso e largo como a pampa, sacudiam o gaucho para a inevitavel situação de tornar sua provincia numa corporação politica. Antes que o Governo agisse os bandos guascas passavam a fronteira tiroteiando em "californias" ruidosas. Do outro lado existiam, numa egualdade espiritual e physiologica, inimigos e alliados.

A tecla martelada pelas arapongas parlamentares era outra. As razzias e assaltos ao povo que guardava a extrema da patria, constituiam assumpto para a suggestão ambiental do povo. O thema preferido e optimo era Manuel Rosas e seu

sonho megalomano de resuscitar o vice-reinado do Prata. Rosas conservava no Uruguay um exercito triplo do nacional. Rosas possuia em Oribe um ajudante de campo. Oribe copiava servilmente o modelo. Encabeçava as proclamações pelo ritual *"Morram los selvajens unitarios"* esquecido que os unitarios não existiam no Uruguay.

O lyrismo bellico da multidão fôra longo, intelligente e incessantemente explorado. De esperar seria que a solidariedade explodisse... Para sentir-se o obstinado idealismo do povo brasileiro bastará lembrar que Artigas era um heroe authentico. O primeiro Imperador começou a impopularizar-se guerreando um paiz que queria ser livre. A opinião publica do Brasil vivava como suas as victorias da independencia uruguaya.

Com Oribe o caso mudava. Oribe era apenas um "tyranillo" de pouco vulto, obcecado pela ambição de subjugar sua terra. Realizava o typo facil de guerreiro politicoide, partidario estreito, tendo como programma uma visão unilateral de direito. Era apenas uma expressão commum da fauna politica do continente, especimen encontradiço de soldadão-libertador, arrastando as "chilenas" de prata nos salões presidenciaes.

Defender o gaucho ameaçado pelo vizinho seria levar a este os elementos indispensaveis de sua pacificação. Ajudar ainda era auxiliar quem

combatesse Oribe. Depois ainda existiam as sussurradas razões diplomaticas. Uruguay erguera uma muralha de peitos heroicos á invasão de Rosas ás terras do Brasil. A independencia uruguaya, curiosamente para o paiz ex-dominador, constituia um garante á integridade territorial. Reservava-se á pequenina nação platina o papel de Belgica "in fieri". Dessa garantia careciamos. Não tinhamos exercito nem marinha. Os "Annaes da Camara" em 1848 dão miudamente conta desta verdade. O impulso avassalador de Rosas conter-se-ia no fio de seda do pequeno Uruguay. O Brasil confiava inteiramente que a melhor e mais alta defesa uruguaya residia na sua força moral, na historia de sua liberdade, no memorial de seus guerreiros, poetas e martyres da independencia patria...

Que desejaria Olinda? Que solução unica pensaria elle? Como teria o Brasil garantias de sua neutralidade se um outro factor de peso economico se impunha? E os milhares de brasileiros radicados na terra oriental e vinculados pelo laço da posse aos interesses em disputa?

O ambiente no Rio de Janeiro era de vibração patriotica. Os emigrados de Montevideu enchiam de narrações terriveis o quadro tetrico da guerrilha oribesca. Rosas conservava no Rio seu representante, dom Thomaz Guido. Montevideu o seu, dom Andres Lamas, recebido no dia em

que Olinda prestou o juramento ministerial — 29 de setembro de 1848.

Alexandre Dumas multiplicara as sympathias collectivas á resistencia de Montevideu. Chamara-a, num livro de enthusiasmo, — "Nouvelle Troie". A Inglaterra e a França cessaram o subsidio com que alimentava a chamma moral da defensão. Mais um incitamento ao amor-proprio do Imperio vizinho. No parlamento, nas ruas e praças, nos bancos, Oribe era o inimigo, o annunciador sangrento que batia estrada arauteando Rosas. Um movimento de solidariedade romantica empolgou os mais frios esbatedores de assumptos praticos. Mauá, millionario, raciocinador, generoso, enthusiasta, a mais perfeita e completa organização instinctiva e technica do "homem de negocios" que até agora possuimos, não resistiu ao sopro ardente que envolvia tudo. Subiu as escadas de Andrés Lamas e lhe foi offerecer armas, polvora, munições, ouro, sangue, tudo que o pequeno povo glorioso necessitasse para retomar seu caminho de progresso e de paz.

A intervenção no Uruguay foi uma somma de factores inappellaveis e fataes.

Somente Olinda resistiu, impassivel e vidente, no meio da tempestade desnorteante e lyrica...

XV

Delimitação dos partidos. Os chefes e as technicas. Acção de Olinda. O perfil de Olinda por Joaquim Nabuco. Olinda e sua nova organisação.

De 1850 inicia-se uma insensivel e continua evolução politica em Olinda. Nesse anno morria Bernardo de Vasconcellos, o paralytico que subjugava o Senado como mandara na Camara e quasi fôra Regente. Os ultimos annos de Bernardo foram de dominio moral. Elle representava a resistencia, o dominio da palavra, a abnegação, a infallivel lucidez espiritual. Já influia mais do que mandava. A sua não inclusão no gabinete de setembro é inexplicavel. Só a saude periclitante desculparia a ausencia de seu nome entre os vencedores.

Olinda era incontestado chefe conservador. Um chefe de presença um pouco ornamental e confiadamente convencido do predominio de quem fôra Rei. Havia, na logica natural do seu raciocinio, ainda magestade para quem fôra Rei. Sempre se alheiou das intrigas que davam a graça particular nas manobras partidarias. Morrendo Vasconcellos restavam, de pé e na brécha, Rodrigues Torres e Honorio Hermeto, acclamado general como se acclamavam "imperator" num campo de batalha. Honorio, sagrado depressa por uma serie de combates ruidosos, ainda possuia no "ha-

ver" do partido a sua queda gloriosa de 1843. Predestinara-se para o dominio. Accrescendo o merito manejava uma maior plasticidade que Itaborahy e Olinda não tinham. Um por questão de mentalidade, outro por temperamento. O discipulo-amado de Vasconcellos, Paulino de Souza, succedera-o. Herdara-lhe o feitio insinuante e plastico, um florete amolgavel mas de bôa tempera, inquebradiço e fino. Rodrigues Torres unia-se inconscientemente a Paulino que unido a Eusebio faria o triumvirato saquarema logo que morresse Paraná. Torres continuaria chefe, chefe com uma triade indivisa e condomina nas partilhas.

Olinda distancia-se. Magoa da retirada de 1849? Evolução gradativa para horizontes mais amplos? Sua attitude era uma resultante inevitavel. Olinda tinha idéas pessoaes, elaboração cujo cadinho se formara no começo do seculo. Elle era o unico a procurar seu proprio caminho. Não podia admittir a interferencia, observou Nabuco, de homens que ainda não entravam na politica quando elle deixara de governar o Brasil.

O nucleo inicial do partido conservador partira duma reacção a Feijó. Chefiaram-na Olinda, Vasconcellos e Torres. Torres lembrava a éra mythica em que se forjara o "partido de regresso". Morrendo Vasconcellos, Torres poude adaptar-se aos sub-chefes que incessante notoriedade impellia para a direcção suprema. Paraná era um valor

pessoal. Valia onde estivesse. Via-se nelle um transformador, um elemento cuja expansão dependia de breve tempo. Paulino, além do prestigio proprio, construira o que falhara a Vasconcellos. Tinha credenciaes duplas. Eusebio de Queiroz estava com as corôas parlamentares ganhas na guerra aos liberaes, especialmente Paula e Souza. Havia feito velada d'armas politica. Fôra chefe de policia no Rio em 1842 e seu chefe politico incontestado. Sua acção reprimidora e energica trazia, desde o gabinete Sapucahy, um halo de garantia magica a sua coragem irrefreavel. Torres tratava-os como iguaes até que Paraná se destacou, com o movimento da "Conciliação", e se impôz como chefe-supremo até 1856.

Olinda não arredou pé de onde estava. De chefe conservava o renome vasto, a inimitavel folha de serviços, a valia do passado illustre. O sr. Tavares de Lira observou que elle "*se poupava para as grandes crises politicas.*" Olinda, depois de 1850, numa coherencia psychologica, servia sempre de nucleador de energias, apaziguador de tormentas, um homem que se indica como melhor anteparo pacificador a uma tempestade ameaçante. Uma phrase de Chateaubriand sobre Luiz XVIII serve-lhe como uma luva:

> "Sa grandeur était de la patience: il n'allait pas aux évenements, les évenements, venaient à lui".

Em 1850, Olinda, meio surdo, solitario, methodico, taciturno, sem os derrames que meridionalmente dão intimidade, destituido de ironias, de "mot-pour rir", de subtilesas, duro, inteiriço, solido, attingia o apogeu de seu desenvolvimento intellectual. Não era elle um homem para fazer proselytos, alliados por sympathia e fanaticos por admiração. Olinda sempre pensava que a expressão pessoal do "chefe" não importava ao valimento divulgativo da causa que elle representasse. Quem o seguisse seguia pelas idéas que abraçasse e nunca pelo portador do guião.

Até morrer deu razão aos que o chamavam "*bom Rei constitucional*"...

Um argumento precioso, para quem conhece a psychologia do parlamentar brasileiro e sua repercussão popular, é ser Olinda o politico que deixou menor numero de anecdotas. Até o sizudo Paraná pode gabar-se dum anecdotario longo.

Joaquim Nabuco fixou-lhe o perfil senhorial e definitivo. Fica como retrato instantaneo de rara felicidade:

> "Olinda não podia ser chefe de chefes nem servir com o Imperador senão pouco tempo; faltava-lhe a flexibilidade precisa para ceder. Elle tinha em tudo idéas proprias, sentimentos ou antes preconceitos que ninguem podia modificar. Da sua actuação

de Regente ficara-lhe um orgulho natural de ser o primeiro cidadão abaixo do Imperador, uma especie de Vice-Imperador permanente, e com a sua illustração, as tradições de governo que representava desde 1823, o incomparavel repertorio administrativo que possuia, esse orgulho tolhia-o de abdicar em homens que, quando elle já estava no fastigio, inda não tinham entrado em politica.

Elle, todavia, não podia exercer o commando por se sentir, apezar de tudo, homem de outra epoca. Nesse, como nos outros gabinetes que desde então elle preside, o seu poder é todo nominal; em 1848, em 1857, em 1862, em 1865, elle tem o primeiro lugar, nada mais; a politica faz-se em redor de outros, a quem elle a deixa. Até ao fim elle se mostra fiel ás bôas tradições; é assim que os ministerios são todos compostos de homens feitos, de primeira ordem, independentes, influentes; não procura cercar-se de individuos secundarios que o não offusquem ou se mostrem obedientes por lhe deverem a promoção; governa com os chefes de partido, com todos os que querem servir; não é por culpa sua se algum dos mais notaveis fica de fóra, mal encobrindo o desejo de substitui-lo mais tarde; todos os que estão na primeira linha elle os convida".

Um retrato retocado. Olinda impessoal é impossivel. O gabinete de 1848 dá inteiro desmentido disto. Para que fizessem politica derredor do ministro indifferente seria esquecer as razões da sahida de Olinda em 1849. Se elle tivesse o valor meramente nominal pouco se lhe daria que os batalhões brasileiros passassem ou não o Prata. Limitar-se-ia a explicar vaguidades theoricas ou prever as eleições uruguayas de 1851, nas quaes os oribistas ganham. Deixar o primeiro lugar quem se contentava com isto é uma singularidade ás avessas da dedução de Joaquim Nabuco.

Dou 1850 como culminante na evolução politica de Olinda pela somma dos factos subsequentes. Em annos proximos elle combaterá a lei eleitoral de Paraná. E o substituirá depois da recomposição presidida pelo atarantado Caxias. Levará como seu ministro da Fazenda uma gloria liberal, Bernardo de Souza Franco, ex-ministro de Paula e Souza, cuja descida o fizera organizar ministerio em setembro de 1848.

Um liberal legitimo numa composição conservadora, substituindo conservadores, denuncia outro rumo de actividade partidaria. Souza Franco, que enfrentará na Camara a literatura financeira de Salles Torres Homem, dizia com sua presença, a posição mental de Olinda ante os partidos do Imperio.

XVI

A sombra de Paraná. Olinda é feito marquez. Evocações da época. Souza Franco. Opposição. Attitudes de Olinda. Paulino de Souza, marechal do Futuro. A lucta no ministerio. Liberaes e conservadores. A demissão de Manuel Felizardo. O Senado em opposição. Olinda péde exoneração.

Olinda volta ao poder presidindo a organização ministerial de 4 de maio de 1857. Era a herança do marquez de Paraná que passara pelas mãos de Caxias como num fideicommisso. Conservadores ambos, adversarios em pontos julgados capitaes, Paraná e Olinda nunca se alliaram sinão no sentido abstrato de pertencerem a mesma agremiação de que eram fundadores. Paraná empolgara o mando supremo. Havia como uma alegria de pazes entre elle e o Imperador. Nunca um chefe politico possuiu maior somma de prestigio a que se juntavam a sedução pessoal e a "maneira" voluntariosa de manobrar na Camara. Seu embate com Silva Ferraz ficara como exemplo. Suas respostas a Sayão Lobato (depois visconde de Nitheroy) eram classicas. Zacarias de Goes e Vasconcellos luctara pouco. Tinha-se a impressão do irresistivel e do inopinado. Os liberaes e conservadores foram cedendo, acamaradando, auxiliando. Ora Souza Franco e Salles Torres Homem,

ora Nabuco e Abaeté, ficaram unidos derredor áquelle impressionante modelo de energia irradiante e continua. A reforma judiciaria e a lei dos circulos constituem as caracteristicas do gabinete. A parte politica, que era essencial e omnimoda, estendia-se com o tradicional e suspirado rotulo de "conciliação". A "conciliação" do marquez de Paraná consistiu em receber quem quizesse adherir á sua fileira lusidia. Elle sentiu o enfraquecimento dos Partidos e o vacuo deixado entre elles, ou em sua ausencia, seria o lugar da anarchia na previsão do conselheiro Nabuco. Paraná poude fazer da "conciliação" um *no men's land* dirigido pelo seu genio polido, frio, calculista, honesto, sereno, apto a qualquer combate, confiante em si mesmo, certo duma victoria infallivel e segura que o ambiente rarefeito denunciava.

A lei dos circulos foi sua "marotte", a mais sincera bandeira de sua investida. Seus discursos de 1855 servem de modelo até onde a convicção realiza o milagre da eloquencia. Paraná possuia aquella logica formidavel dos homens duma só idéa. Leva-la ao fim significava uma impulsão interior a que nenhum empecilho demóra e retarda.

O gabinete Paraná fizera o visconde de Olinda Marquez do mesmo titulo. Acto de 2 de dezembro de 1854.

Olinda foi um adversario incansavel e maneiroso da lei dos circulos. Accusou Paraná de crear uma epoca de scepticismo, de amolecimento, de inercia que só seria combatida na emulação que uma vida intensa de corpos partidarios traz naturalmente. Timbrou que aquelle movimento vinha carreando um *"pensamento augusto"* Paraná (*"Paraná não se curvava"*, escreveu o Imperador annotando o livro de Tito Franco) sentiu o golpe. Agonisando ainda lembrava a phrase cruel. Os intimos ouviram-no murmurar, num discurso surdo e continuo que recitava respondendo "in mente" a Olinda: —

"Scepticismo... o nobre marquez..." (*)

No Senado Olinda tinha junto de si a palavra triturante de Eusebio de Queiroz. Paraná foi derribando um a um, numa calma pontaria de bom atirador. Olinda defendia idéas que possivelmente nunca mais tornara a pensar nellas. Recordava o discurso de Borges Carneiro nas Côrtes Portuguezas, no dia em que tomou posse. Para elle, como tambem para muitos politicos reunidos a Paraná (entre elles Nabuco de Araujo) a lei dos circulos era descentralisante e seria preferivel uma Camara intelligente e viva embora pouco idonea quanto a verdade eleitoral a uma Camara puritanamente eleita e pouco habil. Antes fossem

(*) J. M. de Macedo. "Anno Biographico", 2.º tomo.

os intelligentes mandados á Assembléa Geral, *"eleitos como quer que fossem"* como opinava o conselheiro Nabuco. Olinda prophetisava a vinda do que Paraná dizia ser *"deputados de enxurrada"*. A lei eleitoral 842, de 19 de setembro de 1855 vigorou pouco, sendo substituida pela n.° 1082, de 18 de agosto de 1860.

A morte de Paraná, 3 de setembro de 1856, semelhou o desapparecimento brusco dum general logo que o combate se inicia. Lima e Silva (Caxias) prolongou a agonia do ministerio numa inutil e dolorosa interinidade que inda mais dava saudades do morto insubstituivel.

A "conciliação" vivia realmente como erguida pelos pulsos fortes do mineiro. Abatido este, a "conciliação" descia, devagar, lenta, seguramente, num declive suave, espalhando em outros tantos nucleos politicos os elementos que se tinham unido, em conglomerado, ao gesto de Paraná.

A ascenção de Olinda era difficil por todos os aspectos. A colméia estava cheia de mel mas as abelhas já não tinham rainha. Olinda reserva para si a pasta do Imperio, Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, irmão do grande Bernardo, Justiça, Maranguape, Estrangeiros, José Antonio Saraiva, Marinha, eram os outros nomes. Saraiva alcançava seus primeiros postos destacados. Ia nesta marcha até a Republica sem que se pudesse explicar o segredo daquella mediocridade bem ins-

tallada, apurada e feliz. A surpreza eram os ministros da Fazenda e da Guerra. Para o primeiro chamou Olinda a Souza Franco. Para o segundo o brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho. Ambos liberaes legitimos e orgulhosos de o serem. Souza Franco era uma gloria do partido. Fôra o ministro contra-forte de Paula Souza e na legislatura de 1850-52 ficara numero um e unico dos liberaes na Camara unanime dos conservadores. Era elle então homem doente, fraco, triste. Dava impressão de derrotado e de fugitivo. Arrostou sosinho toda Camara. Falava duas e tres vezes por dia. Resistiu como rochedo n'agua corrente. Diante delle enfileiravam-se Nabuco, Maciel Monteiro, Zacarias, Wanderley (Cotegipe) Couto Ferraz (Bom Retiro) Eusebio de Queiroz, Silveira da Motta.

"Que importa o Souza Franco? Está só..."

Ouvindo esta phrase Bernardo de Vasconcellos respondera: —

"É verdade. Está só mas é o primeiro..."

Era esse liberal que Olinda trazia para entregar-lhe a parte financeira de seu gabinete. Souza Franco alem disto era habil tribuno. Respondia e argumentava bem. Honesto, lealmente confessando seus erros, altivo, bom, impetuoso, sincero, ia ser um rude adversario.

Escragnolle Doria conta uma anecdota curiosa. O deputado bahiano Aprigio José de Souza

atacara Souza Franco. Subito uma voz imitou o ladrar dum cão. Protestos. Aprigio aproveitou o incidente duma maneira deploravel.

"Senhor Presidente! Foi um aparte do sr. Souza Franco!"

Souza Franco ripostou como se esperasse o ataque:—

"Engana-se V. Excia. Foi o echo de sua voz!"

O gabinete de 4 de maio ia encontrar a Camara sedenta de acção e de controversia. Morrera o mestre e toda classe anciava delongar os recreios ruidosos num desabafo das aulas longas sob a ferula de Paraná.

Não seria de esperar embate a Olinda. Olinda não mais estava em posição de ser visado. Serviam-se dos ministros para que o golpe ricocheteando attingisse o presidente do ministerio, attestando a excellencia da pedra e a destresa do fundibulario. A "tabella" no gabinete de maio de 1857 era Souza Franco. Souza Franco trazia idéas e estas ainda hoje estão condemnadas. A pluralidade dos bancos emissores foi a *"cruz de fogo"* que passeou nos arraiaes saquaremas. A maioria liberal ficou cohesa esperando o minuto de entrar em fogo. Souza Franco autorisou a incorporação de varios bancos, concedendo-lhes a faculdade emissora de notas. Rompeu o ataque simultaneamente da Camara e do Senado. Sampaio

Vianna, Teixeira Junior (depois visconde do Cruzeiro) e Salles Torres Homem (depois visconde de Inhomerim) chefiaram a "descida". No Senado Manuel Felizardo, conservador puro, inspector da Alfandega do Rio, enfrentou Souza Franco. Itaborahy trouxe a certeza duma quasi victoria impugnando a pluralidade emissora. Souza Franco desdobrou-se agilmente, aparando ataques incrivelmente bem lançados. Torres Homem sosinho valia uma opposição.

O gabinete que vem de 4 de maio de 1857 até dezembro de 1858 defendeu-se muito mais de que atacou. A explicação vem de ter o gabinete a posição de homens collocados ante uma comporta que se rompe. Não se sabia, tirante a parte financeira, porque a opposição era tão ininterrupta e sonora. Aquelle arythmismo denunciava a livre expansão dos espiritos libertos da tutela e do compasso de Paraná. Uma mera impulsão do elasterio interior logo que desappareceu a força que o mantinha em pressão e rythmo.

Olinda cedo foi accusado de fazer politica conservadora, ludibriando os liberaes que o auxiliavam, fingindo união com Souza Franco, cuja presença era sempre um effeito de grego na tenda de Heitor. Interpelado por Teixeira Junior, o marquez de Olinda faz um dos seus discursos typicos. Não falta nada. Apenas não ha exemplo da eloquencia literaria que a Camara saboreava delicia-

da. Olinda diz quanto quer como se narrasse um feito. Não se apressa, não se enthusiasma, não estronda. E' justamente o contrario de Hollanda Cavalcanti que morreu velho sem deixar de ser menino. Morreu velho ficando verde, como disse do duque de Saldanha, Oliveira Lima.

No discurso de 10 de junho de 1857 Olinda passa em revista as accusações e responde-as a todas. Tem-se nesse discurso a evolução politica do ex-Regente. Já a inclusão de dois liberaes no gabinete dizia muito. Demais o escandalo era Olinda dizer-se continuador de Paraná a quem combatera. Paraná fizera organisação e politica conservadora. Dera-lhes, verdade, seja, um esmalte proprio, authenticando autoria illustre. Mas não chegou a convidar nem elevou a sua confiança elementos reconhecidos e proclamados como expressões illustres do partido adverso. Olinda tido como obstinado e teimoso, tivera e teria até a morte, esses gestos despreoccupados e lindos.

Uns topicos de Olinda respondendo ao futuro Cruzeiro: —

> "Para consolidar essa tranquillidade, para inspirar essa confiança, o governo firma-se na politica da conciliação. A politica da conciliação, senhores, é o grande programma do actual governo. Pois, senhores, é essa a mesma politica que o actual ministerio vai continuar. Se então ella não estava definida, per-

mitta o nobre deputado que eu diga que está definida hoje."

O sr. Teixeira Junior: Acceito a declaração, satisfaz-me completamente!

Olinda: — "Essa politica foi proclamada por um ministro conservador, eminentemente conservador; é proclamada hoje sua continuação por um ministro tambem conservador (muitos apoiados). Se um conservador pôde proclamar essa politica, por que não poderá um conservador proclamar sua continuação? (apoiados. Muito bem.)

"O ministerio está firme em manter a conciliação, está firme em manter os elementos que a Constituição consagra, está firme em reunir todos os brasileiros, em chama-los aos gozos que a Constituição outorga a todos, em dar ao paiz todo o desenvolvimento que a mesma Constituição permitte." "Se si faz referencia á lei das eleições alguns conservadores resistirão, oppuzeram-se á passagem dessa lei; mas tambem membros muitos distinctos da opinião liberal igualmente se oppozerão a ella quando se discutiu nesta casa (apoiados).

Fez uma pergunta innocente para aquelles senhores anciosos da primeira pedra:

"Senhores, olhemos para todos os ministerios que tem havido entre nós; não se encon-

trarão nelles individuos que em outras épocas professarão opiniões oppostas ás dos gabinetes de que fazem parte?" (apoiados.)

"E' preciso, senhores, definir a nossa situação; o governo não conhece distinção de individuos, nem a de principios, quando contidos dentro da Constituição."

Com este discurso Olinda affirmava tres pontos do programma. Politicamente seguiria Paraná. Quer dizer que, o conservador sem o que elle chamava os *"exaggeros do partido conservador"*. Financeiramente o guia seria Souza Franco com quem se disse solidario. Administrativamente tentaria sobrepor aos partidos a garantia dos direitos pessoaes de cada cidadão, ideologia que não veremos na terra sem uma intervenção divina.

O ministerio viera, fóra Souza Franco, sem projectos. Aliás era uso. Não sendo projecto politico o gabinete aproveitava o que estava sendo discutido. Não era uso dizer-se como Olinda o fez no discurso de apresentação do gabinete a 6 de maio de 1857:—

"Senhores, um programma de governo não é mais do que a maneira de resolver as questões pendentes".

Paulino de Souza, filho de visconde de Uruguay, sobrinho de Itaborahy, herdara o dominio paterno. Uruguay, contente das victorias diplo-

maticas, retirara-se insensivelmente. Retrahira-se, como se dizia então. Paulino, jovem, vibrante, incrivelmente commedido, marcado, auto-estudado, era uma intelligencia viva regulada pelo metronomo da vontade. Elle será, depois da morte de Eusebio, um Grande-Lhama dos saquaremas. Não disputará o bastão nominal a Itaborahy mas o terá, de facto, entre as mãos recem-sahidas dos babadouros. Paulino teve seu baptismo de fogo na opposição ao ministerio Olinda. Num discurso, extremamente polido e desdenhoso, affirmou a existencia duma *"politica geographica"*, creada pelo marquez de Olinda. Repontava mais uma vez o sensivel orgulho sulista. Olinda ajudava aqui saquaremas, "luzias" alli. No Senado, Jequitinhonha, em falta de assumpto, deu para moer finanças, doutrinas bancarias, suggerindo, insinuando, analysando. Na Camara o barão de Mauá era contra Souza Franco. Os orçamentos não foram votados. Não se pediu prorogação nem dissolução.

Manuel Felizardo depois de esmerilhar Souza Franco teve como resposta sua demissão da inspectoria da Alfandega do Rio. Olinda nomeou o demittido por seu ministro para presidente de Pernambuco. A impressão desse acto foi immensa. Para nossos dias Olinda continuava realmente Paraná. Acceitou o acto de Souza Franco arredando um seu correligionario e o aproveitou mandando

para administrar Pernambuco. Dava, a um só tempo, força moral a ambos.

A opposição no Senado causava mais effeito que mal. Accrescia a esse estado duas inamoviveis e oppressoras situações. O Imperador não acceitava boamente as idéas de Souza Franco sobre finanças e Olinda não avançava tanto quanto desejavam os liberaes, e já andara de mais no julgamento dos conservadores. A Olinda, pessoal ou politicamente, não se atacava.

> "A opposição do Senado, de que aliás se arrependeram alguns que a fizeram, foi a causa da mudança do ministerio, e essa opposição era sobretudo dirigida ás idéas de Souza Franco."
>
> (Notas do Imperador no livro de Tito Franco: "O Conselheiro Furtado". Revista do Instituto Historico Brasileiro. Tomo LXXVII).

Olinda não queria dissolver: —

> "Olinda não me propoz a dissolução da Camara."
>
> (opus cit.)

Nesse ministerio José Antonio Saraiva é mais espectador que actor. Aprendia elle os modos e a discreção cerimoniatica de Olinda? Maranguape, velho fiel, era de nenhuma garantia para enfrentar a legião moça que espoucava na

Camara. Saraiva inda substituiu Jeronymo Francisco Coelho que adoecera e deixara o ministerio em julho de 1858.

O Senado acastellara uma opposição que seria invencivel se fosse sincera. Monte Alegre, Caxias, Muritiba, Abaeté, Eusebio, Itaborahy, Uruguay, Jequitinhonha, Silveira da Motta possuiam pontos de vista adversos ao ministerio e contrarios aos alliados ephemeros que occasionalmente lutavam na mesma trincheira. O gabinete Olinda, chamado Olinda-Souza Franco, era organisação para o problema financeiro e este cahindo arrastaria, inevitavelmente, o ministerio. Não era composição politica como a de Paraná nem uma patrulha de repressão partidaria como o gabinete Caxias em 1861-2. Olinda pediu demissão collectiva e o Imperador acceitou. Não quiz seguir a politica rotativa dos partidos. Sobre os liberaes pesava um interdicto que só se romperia no estouro das eleições de 1860. Foi chamado Eusebio de Queiroz...

XVII

Eusebio de Queiroz. O " Papa " e os Cardeaes saquaremas. Herança de Olinda. Os gabinetes financeiros. Abaeté. Ferraz. Caxias. A desaffronta liberal nas eleições de 1860. Francisco Octaviano de Almeida Rosa. A situação Zacarias de Goes e Vasconcellos. Ministerio dos Anjinhos. A Era Progressista. Porque Nabuco de Araujo não foi chamado. Volta de Olinda ao poder.

Nessa epoca Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara é uma figura imponente e attrahidora. E' um outro Aureliano Coutinho sem a versatilidade que talvez fosse apenas a percepção auditiva dos obstaculos distantes. Tem elle a suggestão pessoal, a palavra grave e facil, a eloquencia educada e plastica, prompta a qualquer ambiente, immediata a qualquer reparo. Palavra de colorido sobrio e nitido, a um tempo severo e conciso que empolgava o auditorio para quem a idéa bôa vinha em linguagem pausada e clara. Sua intelligencia não escachôava em corredeiras e rebôjos. Não tinha bruscas quedas d'agua que enthusiasmam pelo inopinado do arrôjo e a impulsiva grandesa da projeção. Semelhava antes um rio largo e calmo, igual, irresistivel em sua correnteza limpida e perenne. O Imperador distinguia Eusebio com predilecção especial e manifesta.

O ex-chefe de policia da Côrte, o desembargador circumspecto, o Papa Saquarema, agradava a todos como uma expressão de modelo politico. Era o exemplar typico de bôa e velha educação cavalheiresca e nobre, maneirosa, austera, cerimoniatica e sincera. Physicamente dava a estampa apreciada do homem serio, methodico, rythmado. Fazia voga o renome de seus successos mundanos. Eusebio tinha tempo para tudo. O dito *"trabalhar vinte e cinco horas num dia"* deveria ter surgido applicado a elle. A omnimoda actividade de seu espirito só se emparelhava a Couto Ferraz, como elle destinado a chefe e só uma vez ministro da Corôa. Senador pelo Rio em 1854, Conselheiro em 1855, a tudo chegou sem esforço apparente. Sua não inclusão nos gabinetes que sempre lhe deviam prestigio, constitue um dos mysterios politicos que o povo explicava pelas anecdotas:—

"Com Vossa Magestade só se pode ser Ministro uma vez!"

Contavam que esta fôra uma sua phrase ao Imperador. Eusebio tinha relações vastas e profundas. Sua elegancia de inglez displicente ia ao lado do *"fashionable"* Maciel Monteiro e do imponente Salles Torres Homem.

Ministro da Justiça do marquez de Olinda, Eusebio deu seu nome a duas leis illustres. A numero 556 (25 de julho de 1850) creando o Codigo Commercial cuja elaboração se arrastava,

tardigrada, desde 1834, e a lei 581 (4 de setembro de 1850) sobre a repressão de trafego de africanos para o Brasil. Trabalhos de coordenação e de confronto não os teriam feito as commissões parlamentares se Eusebio descuidasse o açodamento systematico que nelle era apenas o desejo de organizar uma apparelhagem juridica para o velho "mercante" e sotopor-se a politica policiadora da Inglaterra.

Politicamente sua facção é de matiz carregado. Chamam-na "Vermelhos". O grupo dos Vermelhos decide administrativa e partidariamente a vida do Imperio durante alguns annos. Vai o partido, nesse dominio sem solução de continuidade, herdar o destino liberal da exhaustão e do odio. Tempos depois o conservador será accusado como responsavel pela reacção fulminante das eleições de 1860 que trouxeram Francisco Octaviano, Saldanha Marinho e Theophilo Ottoni com seu lenço branco, como erguidos num alto de pavêz.

Esses quatorze annos de predominio saquarema serão denunciados por Olinda. Elle dirá que, antes da luta eleitoral de 1860, *"a reacção estava nos espiritos"*.

Eusebio morreu em 1868. Como ninguem foi elle o animador, o sustentaculo, o guia teimoso, inflexivel e duro das jornadas saquaremas que se perpetuaram numa successão de sete gabinetes e inda dividiriam a hoste liberal para que Zaca-

rias, hirto e voluntarioso, tivesse seis dias de governo no ministerio precario dos "Anjinhos".

Eusebio fôra da primeira turma dos bachareis que o Curso Juridico de Olinda formou. Ao morrer attingira a tudo quanto desejava. Deputado, ministro, senador, conselheiro, chefe de partido... Tinha sobre o marquez de Olinda duas vantagens: não nascera no norte do Brasil e era mais ambientavel. Olinda nunca poude ser chefe supremo pela razão do nascimento. Diziam-no "*chefe politico do norte*". Eusebio estava considerado como filho do sul, carioca da gemma. Nem no Brasil nascera elle. Era de Angola. Não no accusavam de sympathias exclusivas para certas regiões. Não entrava na classe da "*politica geographica*" de Paulino de Souza. Como Abaeté tirava elle partido desse acaso que o distanciava espiritualmente das tricas de campanario.

Em 1858, entretanto, a sombra de Olinda é esmagante... Naturalmente indicado para substitui-lo na presidencia do gabinete, Eusebio reluta, discute e termina recusando. A opinião publica recebeu essa negativa como um reproche ao Imperador. Eusebio, chefe acclamado, seria o organizador logico duma situação sahida de seu partido.

O Imperador convidou Abaeté que acceitou. Andava o ministerio como menino engeitado. Abaeté não era mais uma expressão combativa e aguerrida. Já não mais era o Limpo de Abreu

valente. Ficara num vertice de angulo. Todos o respeitavam e elle presidiria grupos liberaes e conservadores como um commandante que não interroga a naturalidade dos soldados que tem sob suas ordens. Estava como um "ponto" theatral. Um "ponto" que segue, lê e orienta a peça dramatica sem que por ella se interesse intrinsecamente. Numa falta de actor o substituirá nobre e conscientemente mas sem afans e desejos de applausos nem receios de pateadas.

Organisando o ministerio de 12 de dezembro de 1858 Abaeté retira das patrulhas conservadoras nomes e forças. Elle preside o segundo gabinete-financeiro porque Olinda presidira o primeiro, com Souza Franco. Abaeté escondeu-se na pasta da Marinha onde nada fez. A parte activa está entregue ao ministro do Imperio, Sergio Teixeira de Macedo, ao da Justiça, José Thomaz Nabuco de Araujo, um pouco deslocado, ao do Estrangeiros, José Maria da Silva Paranhos (depois visconde do Rio Branco) e especialmente a Torres Homem, ministro da Fazenda e louco por justar contas com a pratica. Manuel Felizardo seria depois ministro da Guerra. Já se vê que este gabinete não hostilisa Olinda.

Eusebio de Queiroz continuou como uma egide protegendo pela repercussão de sua sympathia os ministerios sahidos de sua colméia...

Abaeté encontrou mar grosso e largo. Salles Torres Homem teve occasião de estudar o inverso de sua popularidade. Causou-lhe surpresa como a opposição conhecia suas idéas ao direito e avesso para desarticula-las numa analyse que seria ironica se não fosse austéra.

Com os fogos cruzados de Souza Dantas, Teixeira Junior, Saraiva, Paula Santos, Fernandes da Cunha, Gomes de Souza, (o fabuloso Sousinha), Tito Franco, Barros Pimentel, Martinh Campos, apoiado em Paulino, Oliveira Junqueira, Coelho de Castro, Almeida Pereira, não poude sustentar a posição conquistada. Um pedido de adiamento que o Imperador, exasperado daquella politica fluctuante e eterna, tem o bom senso de recuzar, derruba o ministerio.

Sua Magestade Dom Pedro II continuou na trilha saquarema. Chamou Ferraz. Esse Angelo Muniz da Silva Ferraz organisa o gabinete de 10 de agosto de 1859. Era ainda um gabinete-financeiro. Ferraz guardou para si a pasta da Fazenda. A composição era de combate. Paranaguá (João Lustoza da Cunha Paranaguá, depois marquez deste titulo), Francisco Xavier Paes Barreto, Sebastião do Rego Barros, João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú (depois visconde de Sinimbú), nomes do dia, entram para o ministerio. Em 3 de setembro Ferraz cede a pasta do Imperio ao deputado João de Almeida Pereira Filho. Paes Barre-

to e Rego Barros são pernambucanos e amigos de Olinda. Sebastião é irmão de Bôa Vista e Paes Barreto, morrendo cedo, arranca de Olinda esta phrase de resignada tristeza:—

"Ahi vai encerrado o resto do thezouro que eu esperava deixar á minha provincia"...

Ferraz (depois barão de Uruguayana) applicou a restricção bancaria. Fez a guerra financeira a uma praça que estava confundindo emissão inconversivel com independencia emissora. Salles Torres Homem veio á tribuna agradecer a victoria de suas idéas para cujo exito não tivera a fortuna de permanecer no poder. Ferraz controla officialmente o regime de associações que no Brasil dava a fartura ficticia do papel-moeda facil e abundante mas deslastreado e infixo. A maioria conservadora estava satisfeita de si-mesma. Ferraz teria um ministerio longo se não rebentasse a porta d'agua das eleições de 1860. A victoria liberal abalou todo edificio. Os torreões ruiram e as brechas avisaram a precariedade do equilibrio architectonico. Ferraz não aguardou o embate que lhe seria desvantajoso e humilhante. Passou o ministerio á Corôa numa pressa que faz justiça aos seus dotes de politico avisado.

Dom Pedro appellou ainda para o partido saquarema. Chamou o marquez de Caxias. Caxias era a magia, o effeito catalytico, a seducção do nome, o prestigio militar, o orgulho nacional

em sua expressão visivel de bordados, medalhas, gravidade e brio. Caxias era, politicamente, um peso morto que estabelece um possivel equilibrio. Em si-mesmo não sabia até onde seguiam os limites de sua intelligencia. Esta, francamente limitada, era séria. O gabinete de 2 de março de 1861 deu a impressão duma resposta imperial ao voto popular que vencera o reducto conservador.

O partido continuava nas mãos de Eusebio, de Uruguay, de Itaborahy. E Olinda?

> "Olinda, homem do norte, não podia representar o papel de Vasconcellos ou de Paraná e impor-se ao partido conservador. O que podia, era apressar a desaggregação; emprestar o seu prestigio ao nucleo de elementos refractarios ao jugo saquarema, nucleo que já se ia delineando entre os proprios Conservadores do Senado."

(Joaquim Nabuco, "Um Estadista do Imperio").

Tem-se aqui, e por vóz insuspeita, o afastamento gradual e continuo de Olinda. Tem-se aqui um depoimento que comprova o emprestimo de um alto nome a um nucleo de reacção que se erguia no Senado. Depois se dirá que esse nucleo sahido do prestigio e do nome de Olinda, andou formando gabinete e tendo chefes que se diziam fundadores unicos. Depois se dirá que um dis-

curso de Nabuco de Araujo e um nome de Saraiva foram o "activo" politico do Partido Progressista do Imperio (*).

Caxias levava um ministerio impressionador. O presidente ficava, coherentemente, na Guerra e o almirante Joaquim José Ignacio (depois visconde de Inhauma) na Marinha. As classes armadas estavam representadas pelas suas mais dignas expressões de renome militar. Na pasta do Imperio foram ministros, o futuro visconde de Nictheroy, Sayão Lobato (até 21 de abril de 1861), José Antonio Saraiva (substituido a 10 de julho de 1861) e José Ildefonso de Souza Ramos (depois visconde de Jaguary). Sayão Lobato era titular effectivo da Justiça. Silva Paranhos (depois visconde do Rio Branco) esteve até 21 de abril quando foi rendido por Antonio Coelho de Sá e Albuquerque e a 10 de julho por Benvenuto Augusto de Magalhães Taques na pasta dos Negocios Estrangeiros. Paranhos era titular da Fazenda. Um novo ministerio surgia, o da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, creado pela lei 1067 de 28 de julho de 1860. A 21 de abril Manuel Felizardo succedeu a Joaquim José Ignacio que inaugurara a pasta.

Caxias seguiu o modelo de Olinda nos rapidos discursos de apresentação.

(*) J. M. de Macedo ("Anno Biographico") tambem positiva a influencia decisiva de Olinda na formação da Liga.

> "Os principios do gabinete estão bem indicados pelos precedentes das pessoas que delle fazem parte. Os meus collegas e eu somos conhecidos; por isso penso que me posso dispensar de dizer qual o sentido em que dirigimos os negocios da governança."
>
> E terminava:
>
> "Os actos, senhores, devem valer mais do que as palavras, e peço a todos que nos julguem por nossos actos."

Não precisava dizer. Todos sabiam quaes os actos que Caxias ia fazer. Não se esperou por elles. Uma opposição vehemente, estalada, fremente de enthusiasmo cercou o gabinete. O effeito da composição ministerial diluira-se na luz forte da Camara.

> "Onde iria eu descobrir organisador depois das eleições de 1860?"

Perguntava a si mesmo, e annotando Tito Franco, o Imperador.

Caxias terminara a phase dos gabinetes-financeiros que vinham desde Olinda-Souza Franco, Abaeté-Torres Homem e Ferraz. Fizera um recuo para sustentar trincheira, aberta e indefensavel pela debandada dos alliados. O partido conservador, derribado em 1860, vivia a vida dividida pelos chefes pessoalmente prestigiosos. A sympathia popular estava com os liberaes. A Camara

obedecia fascinada a Francisco Octaviano de Almeida Rosa. Nas ruas vivava-se Theophilo Ottoni.

Francisco Octaviano é uma culminancia nesses annos de dominio liberal. E' uma figura que merecia um olhar demorado e carinhoso a sua vida limpa e sonora como se fosse feita de crystal. Foi uma das mais lindas amostras de que o partidarismo não exclue a polidez de maneiras nem a cavalheiresca nobreza de sentimentos. Francisco Octaviano inda realizava o mais completo typo de jornalista politico que tivemos no segundo Imperio. Delle era a claridade meridiana dos periodos, a simplicidade da phrase que não significava pobreza mas um milagre de bom-gosto sobrio e preciso num ambiente de estylo foguete-de-festa e bombo de arraial. O estylo jornalistico de Francisco Octaviano dava nivel perfeito a qualquer leitor. Liam-no todos e todos nelle encontravam o chiste leve e gracioso, a ironia fina e perfeita, a imagem opportuna e insubstituivel, a riqueza educada dum idioma que nas suas mãos era plastico, amoldavel e scintillante. Na tribuna lembrava um dos ultimos guerreiros que tendo assistido Fontenoy participasse das batalhas modernas onde a sciencia substitue a coragem. Impassivel, sereno, batia-se enluvado e cortez como se o Imperador presenciasse aquelle torneio de bôa educação entre adversarios. Nem

por ser manejada por mão elegante e fina deixa a espada de ferir. Francisco Octaviano feria sempre e sempre acertava. O que poderia succeder, para felicidade do inimigo, era este fingir não ter sido tocado por aquelle sorridente duellista fidalgo. Morreu no anno da Republica, senador pelo Rio de Janeiro, escolhido em 1867. Delle se dirá que honraria qualquer parlamento do mundo se já não fosse uma honra possuirmo-lo em nossa Historia politica. Não se terá, entretanto, o verdadeiro nivel ambiental se tomarmos Octaviano ou Jequitinhonha como referencias. Falhará o indice da educação ethica dos politicos da época. Octaviano nunca quiz ser ministro. Jequitinhonha não fez outra coisa sinão desejar ser.

A Francisco Octaviano, nesse gabinete Caxias, estava reservada a honra de abrir o hallali. Octaviano em maio de 1862, falando em nome da opposição que cerrava columnas, declarou que "*prescendia de discutir com os ministros*". A opposição pediu o encerramento da discussão do Voto de Graças e o conseguiu por um voto de maioria. Espalhou-se depois que a votação estivera empate. A emenda Zacarias, entretanto, vencera. Fizera-se a junção dos conservadores moderados com os liberaes. Era a Liga. Caxias bateu os calcanhares deante do Imperador, pedindo demissão.

O vencedor, Zacarias de Goes e Vasconcellos, ganhara o mando mas não a duração. A Camara, dividida, exhausta, excitada pela victoria, irritadiça pela continuidade dos mezes de guerrilhas, não offerecia estabilidade para nenhuma construcção ministerial. Zacarias sentiu rapidamente que a situação era sua. Não procurou o verdadeiro organisador da victoria, Francisco Octaviano. Acceitou o imperial convite e trouxe o gabinete de 24 de maio de 1862 com dois senadores e cinco deputados, inclusive o presidente do conselho. Imperio, Zacarias, Justiça, Francisco José Furtado, Estrangeiros, Carlos Carneiro de Campos (o terceiro visconde de Caravellas) Fazenda, José Pedro Dias de Carvalho, José Bonifacio de Andrada e Silva para Marinha, Manuel Marques de Souza (depois conde de Porto Alegre) para Guerra e Antonio Coelho de Sá e Albuquerque para Agricultura.

A luta durará pouco. A maioria liberal inutilisará um seu gabinete por um impulso que não poude sopitar. A 28 de maio, Zacarias apresentara-se no dia anterior, por occasião da discussão das emendas feitas e approvadas pelo Senado à proposição da Camara que regulava as promoções na Armada, foi lido e julgou-se apoiado pelo numero de assignaturas, o seguinte requerimento que foi posto em discussão:

"Requeremos o adiamento desta discussão até que a Camara possa convencer-se que o Ministerio está disposto a executar fiel e restrictamente o presente projecto de lei."

Entre as assignaturas liam-se as de Salles Torres Homem, Sergio Teixeira de Macedo, Diogo Velho, Teixeira Junior, Corrêa de Oliveira, Lima e Silva, Rodrigo Silva, Almeida Pereira, José de Alencar, Jaguaribe, Sayão Lobato, Magalhães Taques, Silva Paranhos, Pedreira, Paulino de Souza, Baependy, Oliveira Bello. Era um "*guardai-vos*" conservador. Muitos signatarios tinham sido ministros saquaremas. Francisco Octaviano requereu votação nominal. Zacarias cahiu. O Ministerio durara officialmente seis dias e politicamente vinte e quatro horas. Chamaram-no o "*Ministerio dos Anjinhos*". Morrera *bébé* e com a innocencia total das bôas intenções. Octaviano, com ou sem vontade, vencera Zacarias por "*knock-out*" no primeiro "*round*". Zacarias tinha o recurso technico da "*consulta á nação*". Nesse momento talvez recordasse que o Imperador lhe dissera ante Caxias demissionario:

"Disse ao Zacarias, na presença de Caxias, que o ministerio deste não se retirava por falta de confiança, mas porque não annuiria à dissolução ainda que m'a propuzessem."
(Notas de D. Pedro ao livro de Tito Franco).

A derrota desagradou aos proprios derrubadores. Não era justamente aquillo que se desejava mas simplesmente delimitar a raia poderosa de Zacarias. Agora o Imperador voltar-se-ia para os conservadores certo que a hoste liberal só teria existencia cohesa quando em opposição e minoria.

Não se contava, tirando alguns politicos da Camara e do Senado, com a formação ininterrupta da Liga que se creara virtualmente na queda de Caxias. Saraiva já pudera exclamar entre ruidoso e assombrado da rapida ascenção inesperada:

> "Nós, conservadores moderados e liberaes, ou antes, nós que formamos hoje o Partido Progressista do Imperio..."

A maioria dos deputados achou graça no nome. Correu um rumor de risos que Saraiva susteve falando mais alto:

> "Podem rir-se os nobres deputados. Acostumados nestes ultimos annos a outros successos, devem seguramente rir-se em presença do espectaculo mais serio e mais grandioso que o paiz tem presenciado." (Sessão de 27 maio de 1862.)

Não era certamente o espectaculo mais grandioso e serio mas dizia quasi uma resurreição imprevista. Saraiva, prudente e cauto, Theophilo

Ottoni, aguerrido e theatral, assumiam postos de evidencia. Foram as sommas de velhas parcellas dispersas a espera dum sommador opportuno. A Liga era uma somma de refugiados saquaremas e "luzias", estreantes politicos e de desilludidos das facções que se debatiam desde a Regencia.

Joaquim Nabuco pergunta porque o Imperador não convidou o pai, o conselheiro Nabuco de Araujo, egide progressista. Seria delongar uma situação indecisa. Nabuco de Araujo terminava sua evolução intellectual, de ministro do Paraná para futuro chefe do partido liberal. Sua posição no Senado não dizia ser um "ligueiro" declarado mas um conservador de nuança clara e cheirando longe afastamento aos saquaremas puros. Presidindo um ministerio teria contra si todos os liberaes, desde Zacarias até Octaviano, os conservadores, desde Salles Torres Homem âté Paulino de Souza. Auxilia-lo-iam Sinimbú, Saraiva, Paranhos (pouco provavel ainda) e o grupo pernambucano mais avisinhado aos Cavalcanti. Voltaria uma época interessante para ser evocada mas insupportavel de ser vivida; — a da politica de idéas entre partidos estreitamente partidarios e methodicamente sectaristas.

Cahindo Zacarias e afastado Nabuco de Araujo, a Liga estava em choque traumatico. A influencia da Liga já se irradiava para as pro-

vincias e estava espalhada numa popularidade ruidosa. Na Camara não havia signal de predominio quanto mais maioria. Quando Saraiva annunciou-lhe a existencia, que já era de mezes, a maioria desatou a rir.

O caminho era, notoriamente, outro. O Imperador chamou o marquez de Olinda.

XVIII

O gabinete dos Velhos. Desmoronamento saquarema. Questão Christie. A guerrilha partidaria. Olinda e os conservadores. A notação de Dom Pedro II. Dissolução da Camara. A victoria do partido progressista. Olinda deixa o poder. Aspectos do tempo.

Olinda preside pela penultima vez uma organisação ministerial. Gabinete 30 de maio de 1862. Chamaram-no logo "gabinete dos Velhos", não sómente por succeder aos "Anjinhos", como tambem por ser composto de homens já em idade provecta. Para Marinha e Guerra foram nomeados soldados legitimos e fóra do baralho politico. Joaquim Raymundo de Lamare (depois visconde de Lamare) e Polydoro da Fonseca de Quintanilha Jordão (depois visconde de Santa Thereza) se occuparam das pastas militares. Polydoro foi substituido a 20 de maio de 1863 por um outro soldado, Antonio Manuel de Mello. Sinimbú ficou na Agricultura e foi substituido em 9 de fevereiro de 1863 por Bellegarde, elemento de Caxias e ex-ministro do marquez de Paraná. Olinda escolheu a pasta politica, Imperio e deu a da Justiça a Maranguape que, interinamente, a 8 de janeiro e effectivamente a 9 de fevereiro de 1863 a passou a Sinimbú. Abrantes agradou-se do Estrangeiros e Hollanda Cavalcanti, desde 1854 feito visconde

de Albuquerque, acceitou a da Fazenda e a dirigiu até que a deixou por molestia a 8 de abril de 1863 ao collega Abrantes. Albuquerque morreu seis dias depois.

Os ministros eram velhos. Olinda 69 annos, Maranguape 67, Abrantes 66, Albuquerque 65, Polydoro 59, Sinimbú 52 e Lamare 51.

Olinda vinha com gente que denunciava velha confiança e solidariedade mutua. Elle, Maranguape, Albuquerque e Abrantes vinham atravessando desde o primeiro Imperio. Conheciam bem o palco e melhormente ao publico. Sinimbú, liberal de bôa escola, era a expressão de juventude administrativa. Não competia em viveza e eterna graça com Lamare, vencedor da idade e dos achaques. Sinimbú era, naquelle bloco de resistencias e de analyses a uma situação que vinha surgindo. um observador vigilante e cauto, especie de piloto-de-costa que por muito conhece-la inda mais a respeita e estuda. E' de prever que Abrantes, Maranguape e Albuquerque fossem o centro da acção. Olinda trazia comsigo sinão a victoria ao menos o apaziguamento das attitudes. Dessa vez porém sua posição visava outros rumos. O partido conservador, unido em face do perigo, desafiaria qualquer luta na Camara. O Senado, coherentemente, dava quasi sempre numero ás victorias saquaremas. *"On peut remuer une chambre populaire: une chambre aristocratique est sourde"*.

E' uma phrase-desabafo de Chateaubriand. Não era a moquice senatorial um vicio mas uma virtude. Defendia-se das invenções modernistas. Quando alguma reforma partia do Senado ou lá penetrava ia atravessando vitraes adormecedores da violencia luminosa. Chegava macia, acariciante, já educada a não magoar aquellas retinas de homens veteranos da vida e da politica.

A impressão geral era de neutralidade. Singular neutralidade em que se esperava o fim, o tiro de misericordia num partido que já ferido de morte inda se mantinha temivel em seu reducto. A escolha dos ministros significava possivelmente uma garantia de imparcialidade e de "distancia". Vinham doutras espheras de acção e em sua maioria tinham passado o tempo em que disputam postos de commando e de evidencia. Para o partido conservador é que a manobra não dava illusão de segurança. Aquillo annunciava um formar de pelotão de fusilamento. Havia se esquecido totalmente do passado dominio de tres lustros.

O apoio senatorial ao ministerio é frouxo, um pouco indifferente e amollentado. Nabuco de Araujo (vê-se pelo livro do filho) estava visivelmente empenhado em soprar o lume para a estôpa. Olinda não queria pedir a dissolução e esta era justamente o corollario espontaneo da nova existencia do gabinete.

O desmonte da machina conservadora não pedia sinão um impulso continuo porém obstinado e seguro. Para o norte os liberaes e conservadores moderados estendiam-se numa alta percentagem. O reducto saquarema seria onde vivessem os chefes tradicionaes. O terror parecia ser uma revivescencia dos liberaes puros emergidos duma eleição onde os conservadores estavam de antemão condemnados. A idéa do partido Progressista balançava-se na onda do momento como tabua propicia de salvamento collectivo. Semelhava, nas cantigas infantis, a toada de "sobre a ponte de Avinhão todo o mundo passa"... Para que o progressista vivesse o *fiat* unico e poderoso era dissolver a Camara. Olinda continuava indeciso. Entrava ahi tambem sua saúde que era a de velho. Tão indecisa e precaria como a da politica ambiente. Deve ter pesado em suas cogitações o facto de ter sido elle quem dissolvera a Camara em seu gabinete de 1849. Não mais se pensara em repetir o remedio violento que, depois de 1870, seria commum. Todo 1862 se passa entre apprehensões e suspeitas.

Um acontecimento popular perturbou inteiramente a marcha politica do Imperio. O povo encheu as ruas e praças como outróra. Um sopro ardente e acre de tormenta e delirio rodou por toda parte. O mundo politico foi envolvido subitamente entre os aneis poderosos da serpente de mil ca-

beças. Não se falou sinão nesse acontecimento e sua repercussão correu como uma tempestade reunindo brasileiros e patriotas. Foi a questão Christie.

William Douglas Christie, ministro inglez no Brasil, sentia-se fadado a grandes attitudes historicas. Possuia a tristeza resignada e superior de um genio preterido. Como um aviador que se empregasse numa secretaría tinha elle o tempo exgottado de esperar occasião de ser illustre. A questão que lhe tirou o nome é um exemplo de arrogancia pueril, de inopportunidade em altivez, de brio que se confunde com uma grosseria integral. Christie é apenas um homem inhabil, impulsivo, falho de perspicacia e de polidez. Ha dessa fáuna em todo Universo. A rainha de Madagascar era assim. O bey de Tunis tambem. Christie era um arremedo do bey de Tunis sem o leque. Nós, entretanto, não eramos a França...

A especie é conhecida. Naufraga nas costas desertas do Rio Grande do Sul uma barca ingleza, a "Prince of Walles". Culpa-se o governo brasileiro de tudo. Naufragio, vidas, cargas. Indenisação. Isto em junho de 1861. A 17 de junho de 1862 foi o caso da fragata "Fort", surta na Guanabara. O tenente Elliot Pringle, o guarda-marinha Geoffrey Hornby e o capellão Jorge Clemenger foram passear em terra e saudaram todos os themas possiveis de copo à mão. Regressando,

a triade illustre invadiu um posto policial na Tijuca. Não vendo gente fardada e sim tres "gringos" em pileque respeitavel, a guarda, obedecendo a tradição antiga e acceita em todo mundo, levou os dois officiaes e o reverendo capellão para o xadrez. Christie desfraldou um protesto pathetico. Pediu pouco. Baixa no alferes que prendera os homens, castigo rigoroso na sentinella que não se deixara espancar, censura ao delegado do Engenho Velho e uma observação official ao Chefe de Policia da Côrte. O Governo não respondeu. Christie mandou fazer o que chamava, muito convencidamente, "represalias". O almirante Warren andou pirateando á entrada da barra, prendendo barcos. Tempos depois o patriotismo epileptico de Christie & Warren merecia reproches no parlamento inglez.

Theophilo Ottoni veio para rua com o povo. Uma multidão ululante invadiu os jardins do Paço Imperial uivando de patriotismo. Dom Pedro falou como um Rei:

"Lá onde succumbir a honra e a soberania da Nação, eu succumbirei com ellas!"

Sabe-se o epilogo. Passaportes a Christie. Pagamento sob protesto de 3.200 libras das 6.525 pedidas. Ha um traço deliciosamente brasileiro que deve ter escandalisado Christie e seus pares. O Brasil pagou por "não convir á dignidade do Brasil occupar arbitros em negocios mesquinhos

de dinheiros". O habito escolhido foi Leopoldo da Belgica. Em 18 de junho de 1863 dava ganho de causa ao Brasil. Tinha a Inglaterra de pedir desculpas e reatar as relações diplomaticas interrompidas por Christie. Não convindo a Inglaterra andança desse tamanho adiou o passo até que attendeu a Dom Luis de Portugal e mandou um ministro cumprimentar o Imperador do Brasil em sua tenda guerreira de Uruguayana, 23 de setembro de 1865.

A Liga dos progressistas marchava. Olinda foi seu animador. Ha o depoimento de Joaquim Nabuco. Joaquim Manoel de Macedo, sabedor de viso, assim fala no seu "Anno Biographico":

> "A esse tempo (1862) fracção illustrada e prestigiosa do partido conservador, deste se separava, alliando-se por communhão de idéas combinadas e assentes em programma ao partido liberal. O marquez de Olinda animou essa combinação politica e preparou o seu triumpho politico".

O engano de Macedo é dar "combinação entre conservadores e liberaes". Houve uma fusão. Momentanea, ephemera, mas uma fusão cuja homogeneidade resistiria o impulso dos saquaremas estrebuchantes.

Olinda deixa que a Camara se reuna. Os conservadores não abrem fogo immediatamente.

Arrastam artilheria pezada para as collinas. Elegem a "meza" e as principaes commissões. Para qualquer lado que se virasse o ministerio encontraria a linha de barragem teimosa e fremente. O Imperador assim comprehendeu escrevendo á margem da prosa de Tito Franco:—

> "Se não fosse o desejo de evitar quanto possivel a dissolução, eu teria sido de opinião que se dissolvesse a Camara logo depois da organisação do Ministerio de 1862, que, pela posição da maioria de seus membros, livre de compromissos, sem haver soffrido opposição, poderia offerecer mais segurança de imparcialidade durante as eleições. Em 1863, quando se abriram as Camaras, já se via que o Ministerio encontraria opposição com que não podesse deixar de retirar-se, e o Marquez de Olinda propoz-me logo a dissolução para os novos Presidentes tivessem tempo de, com prudencia, evitar que as autoridades *abusassem* em opposição ao Ministerio durante as eleições, e eu annuí, porque o estado de incerteza politica não podia durar mais".

Olinda pedindo a dissolução continuava, em oitava acima, o emergente prestigio da Liga. Já em 1862 Caxias, interpellado por Silveira da Motta, explicára sua queda ministerial pela "soffreguidão e vehemencia que se manifestavam da parte da opposição parlamentar chamada Liga".

Fôra o reconhecimento official da agremiação. Sessão de 27 de maio. Seis dias antes o visconde de Albuquerque iniciára um discurso no Senado imitando os pregadores catholicos:—

Visconde de Albuquerque — (persignando-se):

"Pelo signal da Santa Cruz, livre-nos Deus Nosso Senhor, dos nossos inimigos. Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo...
Dom Manuel de Assis Mascarenhas:—
"Amem!"
Visconde de Albuquerque:—
"...assim começam os oradores da tribuna sagrada..."
Dom Manuel:—
"Falta a Ave-Maria..."

Era apenas um introito para demonstrar a fallencia dos partidos que o terrivel Cavalcanti conhecia da ponta do dedo até o calcanhar.

O decreto da dissolução, sendo esperado, fez apenas o effeito de debandar para as provincias os elementos "ligueiros" que permaneciam palrando nos corredores da Camara. Os conservadores foram ás urnas como os girondinos foram para a guilhotina — fazendo phrases bonitas. Servia-lhes de bandeira e de sudario o manifesto de Salles Torres Homem. Olinda forneceu o "leit-motiv" dessa pagina sonora, literariamente brilhante e

superiormente cansativa. A "traição" de Olinda aos conservadores explica para os naturalmente derrotados o segredo de sua derrocada. A impressão é que Olinda, "chefe politico do Norte", era mais um pouco do que os proprios amigos julgavam. A singular "attração dos extremos" que unira Albuquerque a Eusebio, retardaria o desmoronamento mas não o evitaria. "*A reação estava nos espiritos*" dirá Olinda, em fevereiro de 1864, opposicionista a Zacarias de Goes e Vasconcellos.

A queda conservadora recordou o colapso liberal de 1848. A maioria da Liga assegurou uma percentagem que ultrapassava a esperança optimista de Saraiva. A eleição de janeiro de 1864 fez cahir as ruinas do castello saquarema. Os candidatos conservadores vieram submissamente em numero que era uma ironia ao seu passado de pujante expressão global.

A Liga naturalmente vencedora trazia em si mesma o germem da morte pela inevitavel desagregação dos elementos componentes. Os chefes "in fieri" haviam recebido Olinda com palavras de carinho ou de tolerancia. Martinho Campos declarara logo que o gabinete lhe dava impressão de desconfiança mas o apoiaria nas medidas necessarias "para governar". Saraiva considerava uma organisação neutra. Melhor assim que sahida de partido. Não houve opposição em 1862. O gabi-

nete era esperadamente uma promessa de transição entre o conservador exhausto e o liberal desunido e avido de postos perdidos pelas mesmas razões que o adversario apresentava.

Olinda certamente não tinha velleidades de esperançar apoio da Camara difusa e confusa de 1864. Fôra situação fortemente sahida de sua vontade. No minimo de seu consentimento. A massa dissidente que formava a Liga teria agora o minimo de julgar Olinda como instrumento que satisfez sua finalidade. Para governar restava ao velho Marquez uma serie de recomposições ministeriaes. Podia ir substituindo ministros de accordo com o figurino que a Camara adoptasse, mensal ou quinzenalmente. Não se poderia acoima-lo de impatriotico. Elle levaria para o ministerio outra serie de nomes que o attrito da discussão gastaria. Esse processo de eliminação por enxertia era usadissimo.

Natural seria que a Camara não sustentasse Olinda e preferisse gente sua, ainda resfolegante, da marathona percorrida no estadio eleitoral. Olinda podia-se considerar de trabalho findo. Sustentar-se seria uma escaramuça incompativel com seus methodos de governar e de influir. Pediu demissão. Dom Pedro convidou Zacarias. Zacarias organisou o gabinete de 15 de janeiro de 1864. Tres dias depois apresentava o ministerio a Camara e discursava, imponente e convicto:

"Entre o programma do gabinete de 24 de maio de 1862 e o de 15 do corrente ha uma differença, que eu devo assignalar. Em 1862 o ministerio alludia ao concurso de duas opiniões com que contava para levar por diante o seu pensamento politico. As duas opiniões politicas, porém, que este salão viu naquella quadra, após debates publicos e solemnes, alliaram-se, sem quebra de principios, nem da dignidade de ninguem (muitos apoiados), formam hoje uma só opinião (muitos apoiados), um só partido, cujo alvo é promover sinceramente, sem nada alterar na Constituição do Imperio, a prosperidade do paiz (muitos apoiados")."

Por sua vez Olinda contava no Senado a historia official de sua descida do poder. Sessão de 18 de janeiro de 1864.

"...expuz o estado em que se achava a Camara, a divisão de opiniões, a impossibilidade de formar uma maioria. Attento esse motivo, entendeu o ministerio que, terminado o processo eleitoral, devia dar uma prova de que em seus actos não se tinha guiado sinão por os mais nobres sentimentos, e que por isso devia retirar-se, deixando a outro a direcção dos negocios publicos".

Silveira da Motta faz um signal negativo. Marquez de Olinda:—

"Não lhe agrada o motivo?..."

Silveira da Motta:—

"Não senhor!"

Marquez de Olinda:—

"Não agradará, mas para o ministerio teve muita força essa consideração".

Silveira da Motta:—

"Era um motivo para continuar".

Rodrigues Silva:—

"Apoiado!"

Marquez de Olinda:—

"No estado de divisão em que estava a Camara, e apezar da necessidade de sua dissolução, o governo devia mostrar sua imparcialidade até o ultimo ponto, e fe-lo pedindo a sua demissão, e a Corôa se dignou de acceita-la".

O gabinete 30 de maio de 1862 não foi administrativamente inutil como o de Caxias que de notavel fez o contracto com Mauá para illuminação do Rio de Janeiro. Datam do "gabinete dos velhos" o systema metrico francez, o regulamento da companhia de carris de ferro do Jardim Botanico, a regulamentação para a organisação e serviço dos telegraphos "aereos", o registo dos casamentos de acatholicos, o regulamento das Escolas Militares do Imperio, convenções consulares com a Suissa, Italia, Portugal, Espanha, etc.

Voltando para o Senado o marquez de Olinda levava como espinho cravado na ferida a lembrança do manifesto Salles Torres Homem com que os conservadores tinham ido ás urnas. A 30 de janeiro despediu a primeira flecha falando que a "anarchia das idéas precede á anarchia das ruas". No discurso de 16 de fevereiro encarou o passado saquarema e trouxe vivo e terrivel para uma critica detalhada, impiedosa e paciente.

> "A reacção não venceu em 63, não foi a dissolução que lhe deu origem, ella data de muitos annos atráz. A reacção, senhor Presidente, data da eleição que deu a Camara de 61. A reacção estava nos espiritos. A verdadeira causa foi o estado da administração."

Defendia-se de ter morto o partido que ajudara a crear. Accusava por sua vez a confusão administrativa. Para ripostar o golpe de Salles Torres Homem, golpe tão commentado e tido como irrespondivel e profundo, o velho Olinda bateu, uma a uma, todas as teclas soadas na agil musicalidade do futuro Inhomerim.

> "Não quero excluir o partido liberal quando esteve na administração; porém maior culpa cabe ao partido conservador que fez estada a muitos mais annos no poder. E sirva de lição aos actuaes ministros para que se acautelem neste ponto..."

A repercussão diminuiu o avanço dos conservadores que, diminutos, exploravam a sensibilidade lyrica do povo dando mostras de espoliados e de martyres. A palavra de Olinda fez, bruscamente, um clarão inesperado no ambiente que a facil piedade dos vencedores esquecia aos poucos. Salles Torres Homem sentiu que a phrase "anarchia das idéas" lhe era dirigida. Não lhe convinha a lucta com o ancião que regera o Brasil e tinha nos velhos pulsos os cordeis que agitavam as bandeiras politicas do Imperio. Deu, sabiamente, o episodio por terminado.

Zacarias fizera gabinete sensivelmente moderado. Não retirara do palco os grandes figurantes. A organisação agradava regularmente porque não offendia o amor-proprio dos actores preteridos. A não ser elle e João Pedro Dias de Carvalho nenhum outro ministro do gabinete de 24 de maio fôra aproveitado.

A Liga, entretanto, vencera em toda linha...

XIX

Esplendor e miseria do partido progressista. Scizão e dissidio. Furtado. *Ecce iterum.* Abaeté. Olinda preside o Ministerio das Aguias. Martinho Campos. Os ministros de Olinda. A recusa de Octaviano. As baterias da Camara. O Imperador parte para o Rio Grande do Sul. Adia-se a Assembléa. Crise ministerial. O eterno caso do Banco do Brasil. Substituições de ministros. Fusão das Camaras. A ultima victoria de Olinda. A questão financeira dissolve o gabinete. Olinda deixa o poder em pleno fastigio.

Olinda no Senado poude acompanhar o esplendor e a decadencia do partido que nascera porque elle assim o permittira e morreria pela esperada desunião dos nomes que o guiavam. A Camara tinha a agitação partidaria, mesmo disparatada e esteril, como signal de vida forte e de seiva borbulhante. Zacarias não se mantem no torvelinho. Um seu ex-ministro da Justiça no gabinete de 24 de maio succede-lhe no posto. E' o ministerio 31 de agosto de 1864. Francisco José Furtado é uma das figuras mais curiosamente empolgantes desse tempo. Não tem elle uma intelligencia arrebatadora, desigual e brilhante que attrahisse pelo inesperado e offuscasse pelo relampejo. E' simples, cauto, sereno, tenaz, com uma força de vontade que é um milagre de raciocinio e de teima, incapaz de desanimo, fertil em expedientes, maneiro-

so, incisivo, acolhedor. Sua organisação ministerial é accentuadamente "luzia", liberaes quasi sem mistura. A scisão nas fileiras da Liga estava visível e continua. Os "progressistas" e "historicos" dividiam entre si as honras da jornada sem querer ceder dos ganhos da lucta. Cada qual julgava seu contingente como factor decisivo. Furtado appareceu para scindir uma união que não tinha mais razão de existir. Não possuia tradição nem renome. Seus partidarios sahiam da sympathia à sua pessoa e não da lembrança de seus serviços. Furtado foi uma surpreza. Uma deliciosa surpreza em trabalho, actividade, prumo administrativo, em perspicacia. Nenhum, em tão curto espaço de tempo e de ambiente, mostrou tanta e tão differente operosidade. Os mais serios problemas surgiram uns sobre os outros. Por sobre tudo pairou a guerra com o dictador do Paraguay como uma herança sinistra do ministerio Zacarias. Furtado fez frente a essa multiplicidade de themas cuja solução dum só notabilisaria um estadista. A mais terrivel crise commercial abala a praça carioca. A guerra pede uma união que nunca houve na Camara. Furtado consegue o que seria possivel e explicavel conseguir um chefe de tradicional e largo tirocinio.

Politicamente quasi não havia espaço para pensar-se em tricas partidarias. A Liga bipartia-se. Era a inevitavel absorpção pelos liberaes historicos. O partido conservador ganharia os

dissidentes. A Liga com seis annos de vida não poude resistir aos maiores inimigos das facções no Imperio — a falta de solidariedade dos chefes depois das victorias.

A vinda de Furtado até maio de 1865 é um padrão de energia moral, uma coordenada de forças disciplinadas num ambiente convulso e desencontrado. De um lado o movimento de colera dos conservadores, cuja demissão de Paranhos por Zacarias e sua substituição por Octaviano, levara ao desespero o orgulho de classe officialisada por longos annos de usança no governo. Doutro lado Zacarias estava em opposição a quem governava em seu lugar e sem ter uma folha-de-serviços comparavel a sua.

Olinda no Senado mantinha posição imparcial. Furtado tinha alli dois chefes adversos, irreconciliaveis e famintos de um encontro com seu ministerio. Paranhos e Zacarias aguardavam a hora das contas como um momento supremo de justiça. O facto de ter Olinda votado pelo convenio de 20 de fevereiro que era uma pedra de toque conservadora, predispuzera para seu lado a opinião saquarema. Os liberaes não tinham como inimigo quem concorrera para a derrubada conservadora de 1863. Furtado sabia de antemão sua retirada ante as Camaras de 1865. Logo no inicio uma votação em escrutinio secreto empata as duas forças. Furtado não pediu votação nominal nem verifica-

ção para não conhecer a procedencia do golpe que partia de seus arraiaes. Pediu demissão. Guardava a gloria de ter organisado o inicio da defesa brasileira em meio da imprevidencia total.

O Imperador chamou Abaeté. Chamou Saraiva. Chamou Nabuco. Recebeu tres recusas. Uma sincera e duas por impossibilidade, a primeira politica e a segunda moral, de "crear situação". Dom Pedro voltou-se para Olinda. Já então este, desligado de partidos e caminhando sem programmas preestabelecidos, parecia-lhe uma garantia de independencia e de imparcialidade na gerencia dos negocios publicos.

Olinda visitara Pernambuco. Trinta e cinco annos de ausencia. Ficou lá de 4 de janeiro a 11 de abril de 1865. Demorou em Recife onde governava a Provincia Antonio Borges Leal Castello Branco. Em Bahia fôra recebido com salvas e vivorio o que custou a demissão do presidente Luis Antonio Barbosa da Silva.

Em Pernambuco residiu no velho engenho "Antas" onde nascera. Ahi é que o procuram, visitam e festejam. Em 1866 estava novamente em Pernambuco. No velho "Antas". Viajara depois de agosto e não é esse tempo que se encontra um clima doce em Recife, canicular e esbrazeado. O casarão do "Antas" abrigou pela ultima vez o velho politico...

Olinda convidado para organisar gabinete acceitou. Nunca recusara olhar de frente situações insustentaveis. Quasi todos os grandes chefes politicos do segundo Imperio temem certos momentos. Convidados para dirigir a administração do paiz recusam, negaceiam, apresentando desculpas, explicações, pretextos. São esses, todavia, os primeiros que alardêam prestigio na Camara e tudo confiam na força moral dos governos. Olinda não tem de commum com esses methodos de medo e precaução como certos medicos que, para que se mantenha integra a fama de grandes cirurgiões, só operam numa alta probabilidade de successo, mandando para os "principiantes" afoitos o segredo de errar-acertando.

Olinda nunca recusa á Corôa o auxilio pedido. Em 1848 em maioria liberal, como em 1863 em maioria conservadora, o ex-deputado às Côrtes de Lisbôa segue para a Camara com uma naturalidade que escandalisava.

O ministerio tomou o nome do dia. Era o gabinete 12 de maio de 1865. O ultimo que Olinda presidiria. Apresentou-o a 13 de maio. Nabuco e Saraiva entraram como ministros da Justiça e da Marinha. Olinda com a pasta do Imperio, José Pedro Dias de Carvalho, ministro de Zacarias, na Fazenda, Antonio Francisco de Paula e Souza para Agricultura, fechavam o conjuncto. Quem fazia sua reentrada com honras de barulho era Angelo

Muniz da Silva Ferraz, o presidente de 1859, na pasta da Guerra.

A cahida de Furtado exasperara os liberaes tanto quanto a retirada de Paula e Souza em 1848. Os maiores desapontados eram justamente os autores da derrubada.

Olinda fez um discurso pequenino. "A gue é o grande programma do governo". Sentou-se e um ex-ministro de Furtado, José Liberato Barrozo, contou-sem-contar a demissão do ministerio. Houve um movimento de applausos aos serviços prestados. Apenas um liberal sizudo e valioso deu o nivel do estado espiritual da Camara:

> Liberato: "Descendo do poder, sr. Presidente, levamos a consciencia de ter feito quanto nos era possivel..." (Apoiados!)
>
> Silveira Lobo: "Não apoiado!"

Na sessão de 26 de maio Martinho Campos abriu a questão. Estalou um discurso longo, monotono e feroz de ser ouvido. Extranhou a presença de Nabuco e de Saraiva, de Olinda e de Ferraz. Talhou para cada um uma carapuça ampla e commoda. A de Olinda era assim:

> "... a posição eminente que S. Excia. occupa, posição excepcional, faz do nobre marquez de Olinda no nosso paiz uma personagem que se acha collocada por forma tal que não póde ser considerado como chefe, nem como homem de

partido, e portanto como chefe de um governo parlamentar. A posição de S. Excia. é tão superior à dos partidos que se póde quasi dizer que se assemelha á de um rei constitucional."

Depois dessas amabilidades Martinho Campos entra rijo com a sem-cerimonia que lhe era congenita. Explicou que Olinda fôra chefe conservador, mas já não queria ser. Poderia ser chefe da Liga mas S. Excia. se demittira depois da victoria. E, vehemente:

> "Que S. Excia. não quizesse continuar o ministerio de 30 de maio, que era verdadeiramente uma negação do governo representativo, comprehendo e louvo; o que porém não posso comprehender é que S. Excia. tendo-se collocado nesta posição, entenda poder ser hoje chefe de uma organisação ministerial, que não póde marchar senão pondo-se á frente dos partidos parlamentares."

Apontou os ex-futuros organisadores:

> "Alguns dos honrados cidadãos que fazem parte do ministerio foram chamados para organisar, declinaram desta honra, deste dever: o publico ignora os motivos que houve para isso, e tem direitos de os conhecer" (Apoiados).

Saraiva não demorou em acudir ao desafio. Contou que um ministerio presidido por elle sahiria da Liga e esta não mais tinha a cohesão bastan-

te para resistir ao empuxo da opposição e da desunião dos amigos. Seria a morte da Liga. Mostrou, para lisongear a maioria liberal, que se approximara de Theophilo Ottoni que era uma égide respeitada por todos. Ottoni elogiara sua lista ministerial mas notára o numero reduzido dos senadores escolhidos. Apenas dois. Saraiva propuzera substituir o já escolhido Octaviano (que se encontrava em missão diplomatica no Plata) por um outro senador á vontade de Ottoni. O segundo senador era o proprio Ottoni. Este respondeu não convir tirar da lista um nome "que era a melhor lembrança". Ficou Saraiva no impasse de modificar o assentado ou dispensar o indispensavel concurso de Ottoni. Preferiu cortar caminho a ter que romper matto bravo. Voltou a São Christovão e recusou a incumbencia que acceitára.

Nabuco de Araujo respondeu logo depois. Nabuco é antes de tudo uma expressão pura de tribuno. Inda hoje qualquer um discurso seu soffrerá cotejo com os mais lindos da época. Respondendo ao desalinhavado Martinho Campos, Nabuco faz um discurso claro, enthusiasta, com aquella sobriedade de linguagem elegante que deliciaria, num orgulho justificado, o bom-gosto do filho illustre. Inicia elle a serie das falas sobre o debatidissimo "statu quo", a necessidade de conservarse o que existia para a frente-unica diante a guerra com o governo paraguayo. Cada partido guar-

dasse sua fronteira. Depois ter-se-ia tempo e opportunidade de embate e ajuste de contas. Diz elle:

> "A Camara sabe que subindo eu ao poder devia subir com as minhas convicções, e dirigindo o ministerio, devia dirigi-lo conforme o meu pensamento; que à testa do partido, tendo sahido delle, devia inspirar-lhe este caracter, estas tendencias, estas idéas, dahi uma alteração no "statu quo"; pois bem, esta alteração se me antolhou como uma complicação no estado de guerra em que nos achamos. O receio dessa complicação foi a razão que allеguei perante a Corôa para que se dignasse de exonerar-me do honroso encargo que me havia conferido. Sua Magestade disse-me que, attentas as circumstancias do paiz, reconsiderasse a minha recusa e voltasse no outro dia. Voltando, e não me crendo como homem necessario, insisti nas mesmas razões, e obtive dispensa."

Nabuco de Araujo sempre me lembrou Hamilton, o tribuno dum só discurso. Não que o estadista brasileiro numerasse em simples unidade suas victorias de eloquencia mas se approximava do parlamentar inglez no pudor latente e sensivel da acção que parecia nelle o desvirtuamento de sua idéa logo que se materialisasse em acto. Elle foi um animador, um technico, um tactico, muito mais sabendo espalhar palavras valendo como doutrina

que unir, congregar, disciplinar e conduzir elementos que a sua propria voz dispuzera à sua influencia.

Saraiva, ao contrario, é o politico completo, typico, padronal. Depois seria o mentor, o enviado, o mestre, o "messias de Pojuca". Saraiva é um bom-senso burguez, sem pulos e sem assombros. E' um politico com a calma, o cuidado tranquillo, a nitidez asseiada dum burocrata exemplar. Funccionario publico do Poder, o exerceu sem timidez e enthusiasmos, numa acceitação tacita de responsabilidades que parecia professional. E' elle, em nossa historia politica, o problema mais curioso de adaptação e adextramento technico em materia de predominio politico. E' pessoalmente um approximador, um espirito sympathico em sua facil comprehensão. Accessivel, natural, calculadamente confiado e manhoso, é um typo bem brasileiro, depois de Martinho Campos, do "praceano" que não perdeu os traços provinciaes e delles se orgulha como uma distincção ao ambiente nivelante. Mantem os seus habitos de senhor-de-engenho nortista, de dono-de-casa agazalhador, farto, lhano, affavel. Seu bom-senso era de bôa tempera. Mediano, commum, banal mas tendo a superioridade de conhecer-se, medir-se e contar comsigo, dum modo absoluto, nos limites duma energia estudada e segura. Como Olinda, Saraiva estudou sempre e só deu lição errada quando pretendeu ensinar aos "meni-

nos" que tinham feito o 15 de Novembro, numa somma de felicidades e de acasos, como elles deviam construir e fazer politica. Os "meninos" desanimaram o velho victorioso que não quizera recolher-se à sombra de sua velhice forte e de suas recordações fartissimas.

Ferraz, o ministro da guerra, tem o retrato inimitavel por Joaquim Nabuco. Esforço de copia será fixar-lhe o perfil voluntarioso, a operosidade multipla, o impeto, o arranque fogoso de "puro sangue", sobre instinctivo e natural, sincero e desculpavel, a bondade das attitudes, a coragem alta das responsabilidades e das conductas. Ferraz é um dos mais impressionantes homens do segundo Imperio. As suas idéas sobre finanças, bancos, organizações militares, são de agora e perfeitamente apresentaveis. Ministro de qualquer pasta sabia elle notabilizar-se em todas.

Paula e Souza era puro e confiado. O Imperador escreveu que elle era "um caracter puro". Culto, simples, bom de natureza, teve o defeito dos espiritos enthusiastas e inflammaveis que desconfiam da mentalidade alheia não a vendo sentir na mesma intensidade a emoção por elles recebida.

Dias de Carvalho, liberal de escola fina, entrou para completar. Ficou, apezar do merecimento pessoal, em plano secundario aos collegas da Justiça, Marinha e Guerra. Sua retirada não desper-

tou commentarios accesos e Olinda a explicou num periodo meio zombeteiro:

> "Acceita a demissão, e acceita constitucionalmente porque não sei como é que se póde obrigar um ministro a continuar no serviço, quando elle diz absolutamente que não quer continuar."

A razão era outra e se verá depois.

O traço que destinguiria esse ministerio seria Octaviano. Olinda convidara-o para ministro dos Negocios Estrangeiros. Octaviano recusa numa carta polida, contada, pezada e medida, com a data de 29 de maio.

> "Figuravam nas combinações anteriores os nomes dos amigos politicos com os quaes tenho militado desde que resolvi alistar-me em um dos partidos. Supprimidos taes nomes na ultima e definitiva organisação ministerial, não é decente para mim, nem util para o Gabinete, que eu me separe delles, fraco e desmoralisado, para ser collega de outro cidadão contra o qual, embora meu amigo pessoal e credor de minha admiração pelos talentos que o adornam, a nação me viu a bem pouco tempo luctando na imprensa e na tribuna e luctando em época eleitoral, quando eu appellava para o povo com toda a convicção de cumprir um grande dever."

O motivo era Ferraz. A manobra de Olinda visava collocar no ministerio a menina-dos-olhos de Ottoni, o tabú liberal, totem de onde quasi todos tiravam a honra da filiação politica. Num gabinete que trazia Nabuco e Saraiva, Ferraz e Paula e Mello, os mais diversos chefes, a presença de Octaviano integraria inteiramente a representação com toda a riqueza de matizes.

A escolha dos ministros denuncia a technica de Olinda que melhor soube "organisar" no segundo Imperio.

Olinda escreveu a Octaviano algumas linhas rapidas e que o satisfizeram. Envolvia um elogio a sua attitude e enviava uma prova de confiança. Terminando, assim se expressava Olinda a 8 de junho de 1865:

> "Certo da rectidão de suas intenções e da lealdade do seu caracter, louvo o melindre do seu comportamento, com quanto sua resolução, confesso-lhe, meu caro sr. Octaviano, me contrarie em extremo. Em todo caso eu conto com sua coadjuvação nesse lugar de Plenipotenciario, no qual, como já em outra lhe disse, não pode ser satisfatoriamente substituido, e já em outra qualquer posição em que se ache. Escreva-me, que receberei suas cartas como de mão que me é cara."

Saraiva que o substituia interinamente ficou effectivo a 27 de janeiro. Debalde Nabuco pro-

curou demover Octaviano, dando-se com Saraiva como garantia da situação. Octaviano não queria vir com Ferraz, seu velho "cabrion", para as mesmas cadeiras ministeriaes. Não tinha, como seu ardente adverso, o desassombro das attitudes inesperadas. Octaviano era coherente e não pediria a sua intelligencia a defesa ruidosa e facil de situações differentes áquellas em que a Camara se habituara a ve-lo. A pasta da Marinha ficara vaga. Nabuco, que era uma especie de Ollam do ministerio, despertou Olinda para que a preenchesse. Foi nomeado Silveira Lobo, com vasto prestigio em Minas-Geraes, empatando a influencia de Ottoni em certas occasiões. Sua inclusão de algum modo compensava a recusa de Octaviano.

Na Camara a opposição seguia Martinho Campos, Nebias, José Bonifacio, os pernambucanos Godoy Vasconcellos e Urbano Sabino. A defesa estava superior em numero e às vezes em talento. Tavares Bastos e Affonso Celso, sosinhos, diziam recursos inexgottaveis. Os liberaes alliados a Furtado juravam vingança a Saraiva. O deputado Urbano Sabino dissera que todos os da roda do marquez de Olinda se haviam salientado na derrubada do gabinete anterior. O tacto de Olinda fôra inda maior diminuindo a inevitavel opposição de Zacarias que tinha um ex-ministro no ministerio e elle proprio seria convidado posteriormente.

O facto culminante da época é a partida do Imperador para o Rio Grande do Sul invadido pelos paraguayos. Joaquim Nabuco conta que Silveira Lobo fôra o unico applaudindo a ida e por isso dom Pedro lhe ficára agradecido. Na sessão de 5 de junho de 1865, Olinda communicou officialmente á Camara que Sua Magestade partiria. Os deputados gauchos levantaram-se vivando o Imperador. Toda Camara estava emocionada. Martinho Campos não perdeu tempo. Opposição é opportunidade de ataque. Atacou a ida:

> "A presença do chefe do Estado nesta Côrte tem sido e deve continuar a ser um dos principaes motivos e incentivos de actividade em todos os aprestos relativos á guerra. Os serviços que o Imperador possa prestar no Sul não são de forma alguma superiores aos que tem prestado nesta capital com a sua presença e visita assidua e reiterada, dando a todos o exemplo do zelo infatigavel e do empenho no prompto auxilio, na prompta preparação de tudo quanto tem sido necessario á guerra.
>
> ....
>
> Sr. Presidente, razões mui ponderosas devião induzir aos nobres ministros a desaconselharem semelhante viagem inspirada pelos motivos mais nobres e respeitaveis, mas se-

guramente não apoiada pela prudencia e pelos verdadeiros interesses do Imperio.

. . . .

Sua Magestade no theatro da guerra, como chefe da Nação, não tem nem pode ter acção pessoal. Sua Magestade no theatro da guerra não pode ter outra influencia sinão a de inspirar enthusiasmo, e mais coragem, se é possivel aos nossos soldados".

Silva Pereira: "Isso não é pouco!"

Martinho Campos: "Esse enthusiasmo, essa coragem a nossa bandeira ha de em todas as circumstancias inspirar, como constantemente ha inspirado até hoje."

. . . .

"A Constituição creou no soberano uma entidade alheia aos interesses momentaneos dos partidos e dos individuos e acima da responsabilidade da acção pessoal. A honra nacional está em muito bôas mãos, está confiada aos bravos que hão de ser julgados pela nação, pela Assembléa Geral e pelo primeiro representante da nação. A presença do soberano nos campos de batalha só tem inconvenientes, não lhe conheço vantagens."

Olinda respondeu immediatamente. Machado de Assis, que inda o viu, desenhou-o num traço leve e fino de agua-forte:

"Quando tinha de responder a alguem, ia sentar-se ao pé do orador, e escutava attento, cara de marmore, sem dar um aparte, sem fazer um gesto, sem tomar uma nota. E à resposta vinha logo: tão de pressa o adversario acabava, como elle principiava, e, ao que me ficou, lucido e completo."

Olinda respondeu sem retardar o espanto da Camara pelos seus setenta e dois annos doentes e o nenhum temor ante a facil desenvoltura de Martinho. Feriu todos os pontos atacados. Não ha o arabesco, a rhetorica flammejante, o clarão da imagem. Dura, hirtamente o facto, a idéa, o raciocinio.

"O Imperador como chefe de Estado executivo, ordinariamente, por via de regra, deve residir na capital; mas é porventura a capital uma prisão para o Imperador? (Apoiados). Não poderá elle sahir da capital quando as conveniencias publicas exigirem sua presença em qualquer outro ponto do Imperio?"

Martinho Campos: "A capital é o ponto principal de todas as operações".

Olinda: "Não tem sahido o Imperador da Capital do Imperio? Ainda ninguem duvidou da legalidade com que elle o tem feito (muitos apoiados). Estou certo que a presença do Imperador não fará cahir do céu os recursos que nos faltão, mas poderá levantar recursos

que talvez não appareção, se elle se conservasse na capital." (Apoiados da bancada gaucha.)

São esses os trechos mais caracteristicos. Martinho não replicou. Elle queria apenas e essencialmente cumprir seu dever. Por decreto de 8 de julho o Imperador adiou a Assembléa Geral para 4 de março de 1866.

1866 vai aos poucos reunindo a opposição parlamentar ao ministerio. O Imperador voltara em novembro ultimo. A posição de Olinda era de solidez na confiança do soberano. Olinda cumpria sua palavra de ser a guerra o programma governamental. No mundo liberal Silveira Lobo arrastava Saldanha Marinho cuja eleição para presidente da Camara fizera cahir Furtado. Octaviano, representante do Brasil no Plata, assignara o tratado da Triplice Alliança contra o "el Supremo" paraguayo. O governo dava-lhe toda força moral. Os liberaes paulistas ouviriam certamente a Paula e Souza. A sessão de 1866 vinha ameaçadora mas não invencivel. O ministerio preparava-se para a abordagem. Apenas Nabuco o julgava improprio para combate.

Nesses primeiros mezes occorreu a crise ministerial. Dias de Carvalho não podia continuar. O motivo fôra o Banco do Brasil e suas complicadas apparelhagens emissoras. O Banco do Brasil estava com suas notas em curso forçado e Fur-

tado facultara-lhe emittir até o triplo do fundo disponivel. Com o papel-moeda inconversivel as notas do Banco iam a cento e dez mil contos. Cambio baixo e a necessidade logica de emittir mais em face da guerra. Dessa inflação o cambio desceria inda mais. Dias de Carvalho tinha que restringir e contra elle se pronunciou a Secção do Conselho de Estado pela voz de Itaborahy, que era oracular e acatadissima. A suggestão de dar curso total as notas é repellida. Nem mesmo seria remedio aconselhavel a conversão porque o Banco era uma meia-fabrica de papel-moeda. O Conselho de Estado acceitou a doutrina de Itaborahy. O ministro da Fazenda cahiu em cheque. Não podia nem devia ficar.

Saraiva e Nabuco trocam palpites. Fosse Saraiva ou Ferraz para Fazenda. Se Saraiva acceitasse possivelmente Zacarias désse um bom ministro de Estrangeiros. Lembram ainda amigos velhos como Sinimbú ou adversarios de espirito como José Bonifacio ou elementos de sympathia como Nunes Gonçalves (depois visconde de São Luis). Nabuco escreve para Saraiva consultar o marquez. "V. Excia. a quem o sr. Marquez ouve mais". Saraiva não vai a Olinda. Manda Silveira Lobo, "porque elle entende-se melhor com o marquez." Silveira Lobo ouve Olinda e escreve mandando a impressão. "Acho-o muito mais disposto a entregar o bastão do que de proseguir." Olinda

foi com Lobo ao Imperador e voltou com mestre Lobo feito ministro da Fazenda interino. Zacarias recusou peremptorio o convite. Lobo não estava na lista dos palpites Nabuco-Saraiva. Por sua vez Silveira Lobo teve sua lista e a submetteu a Olinda. Tudo se dirigia a uma recomposição ministerial. Para Lobo a formula salvadora seria Paranhos no Estrangeiros, elle na Justiça, Zacarias na Guerra e Manuel Pinto de Souza Dantas, deputado bahiano, ex-presidente da Bahia e uma forte defesa ao ministerio, ficaria na Marinha. Como se vê a reorganisação arredava Nabuco, Ferraz e Saraiva. A desconfiança dos ministros chegou ao ultimatum. Escreveram uma carta collectiva ao marquez pedindo demissão porque o gabinete não era politico e teria que enfrentar guerrilhas politicas na Camara. Ferraz assignou "com restricção".

A 7 de março o Imperador nomeava João da Silva Carrão ministro da Fazenda. Carrão, liberal paulista (*), vivo, teimoso, intelligente, neste 1866 trazia as idéas para o problema economico. Carrão fôra vetado na correspondencia de Nabuco para Saraiva porque estivera na primeira linha de ataque quando da "descida" de Furtado. O gabinete ficou novamente "em pleno".

Em abril, por delegação ministerial, Affonso Celso experimentou a solidariedade da Camara. Fez, por uma questão de preferencia, questão-

(*) Carrão (1810-88) nasceu em Curityba.

ministerial. O gabinete teria a votação como signal de apoio ou de retirada. Pedro Muniz, ministerialista, requereu votação nominal. Olinda venceu por vinte e nove votos, 59 contra 30. Sessão de 9 de abril de 1866. Tal era o prestigio na Camara.

A grande batalha foi no Senado. Lá se acastellava uma opposição illustre pelos seus dotes de tradicional valia na vida administrativa do Imperio. Olinda não trepidou em acceitar o combate, o derradeiro que dava em campo aberto, num desenvolvimento de todas as forças que dispunha.

Serviu de pretexto a prorogação do orçamento. A Camara manda observar o orçamento de 1866 para 1867. O visconde de Itaborahy apanhou a luva apresentando uma emenda que marcava o prazo de quatro mezes para a prorogação. Nabuco, tão animoso em combate como receioso antes de enceta-lo, previa a derrota. Olinda esperava a desforra integral. A Camara regeitou a emenda Itaborahy. Haveria, forçosamente, a fusão das Casas do parlamento.

O visconde de Abaeté presidiu. 5 de junho Paranhos rompeu fogo bravamente. Ottoni, Godoy, Martinho Campos, Urbano Sabino, toda a opposição da Camara temporaria acompanhou-o em apartes. José Bonifacio entrou fazendo o appello sempre terrivel á sua eloquencia seductora. Nabuco mediu-se com os adversarios. Aparou todos os golpes, respondeu a todos os argumentos,

emmudeceu toda uma parte clamorosa de inimigos palradores. Silveira da Motta foi a favor. Pimenta Bueno contra, brilhantemente contra. A surpreza do ministerio foi a attitude de Zacarias. Desdobrou-se numa actividade miraculosa, derribando os adversarios do ministerio a golpes de ironia e de cultura, num discurso vehemente onde se entrechoca e vibra todo o recurso prodigioso dum tribuno admiravel. Ha trechos onde o eterno duende irrita todos e tudo, num calculado descuido feito de bom-humor e de perversidade.-

> "Ora, ainda ha um terceiro grupo de repre sentantes da nação que naturalmente votarão contra a emenda: é a dos politicos bem intencionados... (vivas reclamações.) Retiro a expressão substituindo-a por esta — esse terceiro grupo é formado por aquelles que considerão a situação com animo desprevenido." (Novas reclamações.)

Vai a emenda a votos. E' rejeitada por setenta e nove contra sessenta e quatro votos. Viram-se contra o gabinete, Muritiba, São Lourenço, Pimenta Bueno, Paranhos. Dom Manuel, Theophilo Ottoni, Chichorro, Furtado, Souza Franco, Caxias, Itaborahy. Favoraveis Olinda contou com Zacarias, Sapucahy, Bôa-Vista, Paranaguá, Silveira da Motta, Dias de Carvalho, Jobim, Nunes Gonçalves. Vencera por quinze votos...

O Banco do Brasil, que já alijara Dias de Carvalho, attrahiu Carrão, mestre na Faculdade de S. Paulo e homem senhor-de-si, prudente e suspicaz. A 9 de abril Carrão leva a proposta á Camara. Queria que se substituissem as notas do Thezouro pelos bilhetes do Banco na importancia das notas recolhidas pelo Banco á caixa de amortisação, retirando este da circulação igual quantia de suas notas. E ainda, pagar o Governo ao Banco as letras do Thezouro pelo mesmo Banco descontadas em apolices que só venceriam juros depois de cessar o curso forçado, retirando o Banco da circulação quantia igual á de suas notas. Era a restrição com o controle official. A 13 de abril Ferraz fez um longo discurso sobre mil e um assumptos. Teve a respeito das emissões uma phrase-medalha que synthetisou sua opinião: — "A base de todo banco de emissão deve ser a conversibilidade de suas notas em ouro". Disto não se lembrara Carrão nem se poderia lembrar. A dedução dava ganho de causaa quem se oppuzesse ao ministro da Fazenda. A circulação posta em gyro pelos bancos, tornada conversivel e posta a inconversibilidade nas proprias notas do Banco do Brasil, responsabilisariam pelo total circulante o fundo disponivel e a carteira já de si insufficiente para o fim a que se destinava.

Carrão viu-se cercado duma onda violenta de protestos. Banqueiros, agricultores, commerciantes levaram aos deputados amigos o clamor da re-

pulsa furiosa. A restrição começou creando um mal-entendido feroz entre Carrão e o presidente do Banco do Brasil, senador visconde de Jequitinhonha. Recusou este fornecer as informações pedidas pelo ministro e Carrão ouviu no Conselho de Ministros a opinião de seu collega Nabuco que dizia poder Jequitinhonha mandar as informações particular e não officialmente para não causar panico á praça. Itaborahy declarou-se contra Carrão. O Banco demonstrou um excesso, além do triplo do fundo disponivel. Iniciar-se-ia a corrida do papel moeda? Carrão, meio vencedor depois da demonstração, mandou retardar o mais possivel a emissão em vez de accelera-la.

Paula e Souza, "como deputado", apresentou um projecto (11 de junho) autorisando a emissão de oito mil contos para desafogar a praça. Foi o chamado "projecto dos trocos e miudos". Nebias, Martinho, Ottoni (Christiano), José Bonifacio provaram a inutilidade da tentativa. O Banco do Brasil que deveria ter setenta e sete mil contos em circulação, rodava oitenta e dois mil. Havia um excedente de cinco mil e quinhentos contos. O projecto Paula Souza, sendo lei, daria o credito supplementar de oito mil contos e como já existia, inexplicavelmente, uma "boia" de cinco mil e quinhentos contos, tinha-se que o auxilio legal à praça era, officialmente, de dois mil quatrocentos e poucos

contos. Apenas risivel para um ambiente que precisava no minimo cincoenta mil contos...

Por esse tempo, Paula e Souza apaixonou-se pelo projecto que Silveira da Motta apresentara no Senado. Desejava elle dividir o Banco do Brasil em Banco de depositos e descontos e Banco Hypothecario. Carrão ficou inimigo declarado do projecto. Paula e Souza fez-se, por sua parte, cavalleiro andante do mesmo. A incompatibilidade estalou, irremediavel, diaria, absoluta, entre os dois.

Olinda, seguro da maioria nas duas Camaras, dava toda independencia aos ministros. Seu fim era exclusivamente assegurar a tranquillidade politica e administrativa do Imperio como garantia do proseguimento regular da guerra contra o "tyranillo" paraguayo. Já sua velhice, posição moral de respeitabilidade, a surdez que o perseguia, tornavam-no um distanciado das escaramuças entre os ministros. Nenhum delle ousava abordar o velho marquez com intimidade e commodo. O proprio Imperador desculpava-se do prestigio que lhe merecia Olinda com uma reticencia amavel onde seu defeito physico surgia: — "Não se póde discutir com elle". O desejo de Olinda era ter os recursos plenos para que o exercito e a administração não soffressem demora por causa de reviravolta partidaria. Paula e Souza, mais susceptivel, impressionavel, iniciou a crise. No Conselho de Ministros Carrão declarou que preferia sahir do ministerio

a ligar seu nome ao projecto Silveira da Motta. A maioria dos ministros apoiou-o. Paula e Souza vencido esperou a occasião para falar alto e forte. Soube a 28 de julho que Carrão, em nome do Governo, declarara á commissão de Finanças do Senado a não acceitação do projecto Silveira da Motta. Paula e Souza escreveu no mesmo dia a Olinda pedindo sua demissão. Olinda insistiu pela sua demora e ambos ouviram do Imperador palavras de appello para que o gabinete não se dissolvesse. Mas Paula e Souza era homem de decisões teimosas. Escreveu novamente a Olinda a 30 de julho. Punha a questão em dilemma. Carrão ou elle. Nabuco que já dissera "desenganem-se, com o sr. marquez de Olinda eu não presidirei ás eleições", estava querendo um bom motivo para sahir. Silveira Lobo era unha com carne com Paula e Souza. Este escrevera a Olinda e repetiria depois na Camara a triste historia do ministerio que morrera sem adoecer:

"... na divergencia minha com o sr. Carrão Sua Magestade tinha dois caminhos a seguir, se não queria mudar o ministerio, ou dar-me minha exoneração, que eu mui respeitosamente pedia, porque fôra vencido em conselho de Ministros; a isto se oppunha Sua Magestade por causa da declaração do sr. Nabuco de seguir-me assim como o sr. Silveira Lobo, ou dar a exoneração ao sr. Carrão, que tem con-

tra si Senado, praça, banco, Camara, talvez grandissima maioria do paiz, e que então, isto é, no sabbado, ainda eu não sabia que arrastava qualquer companheiro, como hoje me declarou V. Excia. o faria se elle sahisse; mas em nenhum caso a continuação de nós ambos, porque o desprestigio de qualquer de nós derramar-se-hia por todo o ministerio e tirar-lhe-hia o resto da força".

As notas do Imperador ao livro de Tito Franco expressam admiravelmente seu pensamento sobre este ministerio cuja alta imparcialidade lhe agradava e era, sob outros aspectos, o unico compativel na occasião. O povo baptisara-o por "Ministerio das Aguias". Dom Pedro envidou todos os esforços para que o ministerio ficasse. Temia a guerra dos partidos, a parada momentanea mas sensivel na administração e acima de tudo a ausencia duma força moral como Olinda que por si só estabilisava uma situação politica com o pezo de sua tradição e o conhecimento perfeito da creação e evolução da vida partidaria no Brasil. Não se convence verdadeiramente o imperador que o gabinete o deixa. Nunca elle se descobre tanto, exigindo a continuação dum ministerio. E' preciso que os ministros lhe enviem uma carta pedindo a demissão collectiva. Parecia não querer acreditar na retirada duma organisação vencedora no Senado e na Camara, na opinião publica e em sua

confiança. Assombrava-o o pulso do velho Olinda mantendo aquelles homens desunidos e fracionados numa mesma recta, igual e continua, nos ultimos como os primeiros dias de governo. E o Imperador escreve: *"Não pude conserva-lo por mais que me esforcei"*. Olinda não cahira. Seu gabinete esborôara-se sem que nenhuma força extranha influisse na estructura que parecia desafiar toda a duração da guerra.

A 31 de julho D. Pedro chama Zacarias de Goes e Vasconcellos, o alliado de Olinda na fusão das Camaras. Sómente a 3 de agosto acceita elle a prebenda. O gabinete vai á Camara para a praxe da apresentação a 6 de agosto. Ahi fala Paula e Souza contando o caso. Carrão responde. Uns da opposição subiam. Outros adheriam. Martinho Campos ficara onde sempre estivera — em opposição. Ferraz passava dum ministerio para outro na pasta da Guerra. Dizia-se à bocca pequena que o proprio Imperador suggerira a Zacarias a permanença de Ferraz, seu companheiro na viagem de Uruguayana cujo titulo receberia tres mezes antes de morrer.

> A 4 de agosto Olinda explica no Senado a retirada da sua composição: "Não havia, senhores, no ministerio perfeita harmonia."
>
> Dom Manuel: "Ha muito tempo..."
>
> Olinda: "... todavia entenderam os ministros que, em presença de uma guerra deviam conservar-se nos seus lugares, porque uma

> mudança poderia empecer a marcha dos negocios: a tanto mais se persuadiram disto, quanto era de esperar que a guerra se approximasse, como se approxima, do seu termo. Neste estado de cousas, não parecia conveniente uma mudança..."

Contou a historia das brigas Paula e Souza & Carrão, a troca de cartas e a insistencia imperial para que o gabinete ficasse.

Theophilo Ottoni, não perdoando a Nabuco o jogo empatado em Minas Geraes nem a Olinda a escolha de Octaviano e depois de Silveira Lobo para seu ministerio, desfalcando Ottoni de uma facção consideravel para oppor-se na Camara aos conservadores e restos da Liga, veio logo analysar as declarações de Olinda e referiu-se, deliciado, a pseudo-quéda de Nabuco a quem, como quasi toda gente naquelles mezes, dizia minar a posição do marquez em proveito proprio. Falava Ottoni:

> "... não ha circulo politico, o mais superficialmente informado do que vai pelo mundo governamental, que ignorasse o abysmo profundo que separava o nobre ex-presidente do conselho e o nobre ex-ministro da Justiça: cada um era designado pelos seus intimos como o organisador do novo gabinete."

E nem um nem outro.

XX

Olinda em opposição no Senado. Actos. O conselheiro de Estado. O grande Organizador. Ouro Preto. A politica da época. Idéa de protocollo. Evolução de Olinda. Divisão de partidos.

Com este gabinete que chamaram "das Aguias" Olinda se despede da politica directa. Está com setenta e tres annos activos que a surdez distancia do convivio. Fica frequentando o Conselho de Estado e sua opinião vale, curiosamente, como base firme e solida nos commentarios dos collegas. Olinda é a concisão, a synthese, o laconismo que desconcerta e aturde. Não ha uma palavra de mais, um recurso à imaginação e ao colorido verbal, substitutos da logica.

Nas interpellações aos ministros Olinda responde com o minimo essencial. No Conselho de Estado, como era o primeiro a falar, resumia, antecipada e inconscientemente, o juizo dos companheiros. Venciam estes em riqueza vocabular, em brilho idiomatico, em technica literaria. Olinda despresava toda e qualquer indumentaria à phrase que lhe sahia dos labios. Indistinguia a confusão da abundancia.

Uma anecdota, que não encontrei nos "Annaes" de 1848 a 1870, dá uma idéa dessa conci-

são curiosa num paiz de verbaes. Naturalmente a anecdota é falsa mas comprova o julgamento popular a respeito de Olinda. Tem-se, num schema, altivez, simplicidade, synthese. O sentimento occulto, indenunciado mas sensivel, seria o desprezo e a alegria da resposta ironica e precisa ao interlocutor animoso e moço. Conta Almeida Nogueira ("Tradições e Reminiscencias". S. Paulo 1909) que fizera um deputado interpellação longa e vibrante, fechando com tres quesitos. Olinda ouvira-o imperturbavel. Deu-lhe a resposta:

> "Sr. Presidente. Ao primeiro quesito, respondo sim; ao segundo, não; ao terceiro, prejudicado. Tenho concluido".

A pilheria veio naturalmente do gabinete das "Aguias". Ha uma resposta de Olinda às interpellações referentes á licença de deputados que eram presidentes de provincias onde o marquez termina pouco mais ou menos igualmente. A anecdota estylisa, levando ao minimo das linhas caracteristicas, a formula parlamentar das respostas. Para elle a bôa technica se approximava do conselho de Zacarias:

> "... a verdadeira eloquencia parlamentar deve consistir essencialmente em expor com lucidez os motivos que determinão uma convicção profunda, revelando-se na valentia da argumentação e não em ornatos e clamores desnecessarios".

Olinda confessava-se, natural e physiologicamente, affeito a essa eloquencia sem carrilhões e clarinadas, justa e nitida, precisa, regular, polida e necessaria.

A literatura politica retrata-o sempre como typo perfeito da inamovibilidade espiritual, da teimosia partidaria, do misoneismo absoluto. Olinda, na projecção das paginas trazidas até nossos dias, mantem a hirta figura dum doutor que tendo visto e privado com Diegaffonso Machaanca e João das Regras conservasse a linha dura e hirta desses tempos recuados. Doutor em Canones em 1819, deseja-se que elle seja agil e infixo como Ferraz ou Inhomerim, accessivel e plastico como Rio Branco ou Sinimbú. Para o velho marquez nunca se pensou no ambito em que formára as idéas, nem no mechanismo do habito mental que lhe automatizara o raciocinio.

Olinda escravocrata é tão natural como Nabuco de Araujo abolicionista. Não se explicará Zacarias enfrentando Rio Branco no ataque a lei de 28 de setembro. Zacarias é um iniciador abolicionista. Sua palavra de guerra ao movimento que despertara sôa numa intonação de Themistocles nas tendas dos reis persas. A coherencia de Martinho Campos nunca foi posta em duvida. Vale como prova de sua intransigencia batalhante.

Olinda não é a imaginação, a experimentação, o projecto. E' a tradição, o habito, o passado. Elle possue a coherencia das attitudes esperadas. Sua

mentalidade não é innovadora. E' de adaptação, de raciocinio, de estudo. Elle é um assimilador, jamais um creador de formulas politicas e de technicas administrativas.

Nenhum homem do segundo Imperio reuniu melhor auxiliares que valiam por agremiações inteiras. Chefe conservador traz Souza Franco, como depois, creador prestigioso da Liga, trará Rio Branco. Seu grupo ministerial de 1848 não tem igualha em meio seculo de gabinetes. Retrogrado, crêa a divulgação dos actos officiaes, mandando-os publicar. Christiano Ottoni escreve que Olinda "é de todos os nossos estadistas aquelle a quem mais deve a Estrada de Ferro de Dom Pedro II". Em dois gabinetes Olinda auxiliara vastamente a Estrada. Em agosto de 1857 com doze mil e setecentos contos de emprestimo que valeria por doação, antecipa o acto de julho de 1865 transferindo para o Estado o restante das acções. Os manos Ottoni foram grandes adversarios de Olinda. Foram contendores inevitaveis, prolixos, infalliveis no discurso sem-fim, esmoedor e fastidioso. Vem desse casal de almas rudes e nobres o julgamento sereno á curiosa retrogradação de Olinda num tempo em que Thiers não achava que os caminhos de ferro servissem á França...

E' o amigo de Mauá. O sr. Alberto de Faria reviveu essa amizade numa pagina linda do seu

grande livro de amor sobre Irineu Evangelista de Souza.

Olinda é um espirito hirto que allicía os mais diversos temperamentos. Tem a confiança de Octaviano como possuiu Eusebio de Queiroz por ministro, a unica e derradeira vez que o imponente "papa" saquarema se dignou acceitar uma pasta, elle que distribuia tantas...

Um traço leal no caracter de Olinda é o reconhecimento dos erros proprios. Combate a lei dos circulos do marquez de Paraná. Estudou-a na pratica. Foi no Senado penitenciar-se da guerrilha e dahi em diante constituiu-se o defensor de sua pureza, o guardião de sua unidade.

Quando elle é alcançado pelo segundo Imperio já fôra deputado, presidira a Camara, senador do Imperio e Regente do Brasil. Trazia comsigo, no curso do sangue, a convicção de seu merito e a certeza de sua força tranquilla. Nunca o accusaram como a Nabuco, Rio Branco e Zacarias, de verbalistas, fabricadores de theorias, illusionistas politicos, aturdindo o Senado e Camara com o jogo malabar de phrases habeis. Olinda sentia, em materia de tribuna, o conceito lindo de Joaquim Nabuco: — a torrente quanto mais barrenta mais forte.

Não se esboçava ainda a reacção decisiva ao imperio verborrhagico que invadiu soberanamente a Republica e inda hoje reponta, ligeiro e raro mas

sempre impressionador de multidões. Vozes isoladas apontavam esta eloquencia vazia, esteril e falsa. Um desses criticos exasperados pela solemnidade inutil dos discursos foi Amaro Bezerra, oito vezes deputado pelo Rio Grande do Norte:

> "Tendo de falar sómente de politica, sr. Presidente, declaro a V. Excia. que pretendo fazer um discurso inteiramente vazio de idéas porque são estes os que têm gozado de maior favor da moda. O "vox et preterea" tem assumido um grande imperio; e eu não desejo ficar atraz deste importante progresso historico. Quem sabe falar muito sem nada dizer póde afoutamente aspirar às honras de estadista e grande vulto, e está certo de colher applausos, ainda que de antemão preparados. E se souber cadenciar os seus periodos desde a entonação vibrante do tribuno até o accento lugubre e tumular do propheta de desgraças, tocará à meta do sublime."

O ambiente politico brasileiro, entretanto nunca se deixou arrebatar pela suggestão de seus tribunos. Pagavam altos juros pela sonoridade verbal. Salles Torres Homem ou José Bonifacio o Moço provaram o encanto dessa conquista. Mas não se confundia intelligencia com bôa-memoria. Nunca a opinião publica exigiu de suas glorias tribunicias sinão o prestigio pessoal da palavra que era um dom. O grande orador não foi sinão um

detalhe, um ornamento, uma expressão decorativa dos partidos. A chefia pertencia a outros, cautos, prudentes, reflectidos. A magia verbal era de mau-agouro.

Olinda reunia, para valer inda mais, o conhecimento invulgar da vida administrativa do Imperio. Assistira a elaboração de tudo. Sabia a excepção, o ponto secreto, a explicação legitima. Sua posição de ex-Regente obrigava-o a manter a dignidade, um pouco hirta mas innegavelmente natural, dum homem que fôra Rei... A compostura assumia direitos annunciadores de caracter e de bôa educação. O modelo feminino do Rio imperial era a viscondessa de Nogueira da Gama que jamais fôra vista recostada. No theatro ou na carruagem mantinha-se direita e serena como uma égide geometrica da verticalidade. O vexame dum "Grande do Imperio" apressar o passo, escorregar, falar alto, seria igual a um espirro intempestivo dum rei bysantino em meio de festa ritual.

Esse respeito supersticioso ao protocollo, ao bom-tom, não estava restricto a Côrte. Porque o velho Marques Lisbôa desmaiou durante uma festa no palacio real de Bruxellas e assistiu o final da cerimonia amparado em dois famulos, um deputado fluminense trouxe o facto á Camara e arguiu Zacarias como se o occorrido constituisse materia de deslize diplomatico. Esse deputado detalhista, protocollar, cerimoniatico, escravo da etiquêta,

não era titular nem gentilhomem da Imperial-Camara. Era o mais simples, o mais lhano, o mais accessivel, familiar e intimo dos nossos romancis tas — Joaquim Manuel de Macedo, o novellista do "Moço Loiro" e da "Moreninha".

Para socegar os melindres feridos do bom Macedo foi preciso Zacarias citar, numa resposta muito ao seu geito, secco, incisivo e desdenhoso. que:

> "Talleyrand era côxo e todavia ninguem disse jamais que a França côxeava na pessoa do seu diplomata".

E lembrou a casaca do grosso algodão que Benjamim Franklin passeava pelos salões de Paris. Macedo aquietou-se.

Não seria extranhavel os habitos de Olinda num scenario desses...

A sua evolução politica iniciada com o "partido de regresso" até os quarteis progressistas de 1864 é a mesma que descrevem Macahé, Nabuco, Saraiva, Abaeté, Sinimbú, Ouro Preto, só citando numes politicos. O inverso fez Silveira Martins vindo do liberalismo radical para constituir-se no Senado a derradeira esperança da sustentação monarchica.

Joaquim Nabuco que estuda carinhosamente a ascenção partidaria de seu Pai, elogia-lhe o lento mas seguro aperfeiçoamento espiritual. Nabuco,

ministro de Paraná, fechou a carreira presidindo o Centro Liberal. Olinda, fundador do partido em que Paraná morreu pertencendo e para o qual trabalharam seus admiradores e ex-ministros, herdou-lhe o mando succedendo-lhe na organisação ministerial e Nabuco contou especialmente com elle quando do inusitado manifesto do "Reforma ou Revolução"...

Em Olinda as resistencias inconscientes eram maiores e mais vastas. Fôra elemento de Coimbra e sem a plastica agil e prompta de Monte Alegre ou scepticismo interesseiro de Abaeté, nunca deixou de acceitar postos de evidencia que se tornavam melhores alvos para o tiro de ataque. O pezo morto de sua educação de fileira partidaria vinha do tempo em que vivêra El-Rei Dom João VI. Olinda ministro progressista fôra ministro de D. Pedro I, presidente da Camara na guerra a Feijó, anti-maiorista, anti-democrata, anti-moderno. Se houve maior victoria contra a força immovel e terrivel do Passado que se quer fixar em bussola, compete a Olinda reivindicar para si a parte séria de denodo e de vontade.

Na campanha liberal Olinda está com os ministros que enfrentam o imperial curumim. Mantem-se fiel, hombro a hombro, com os collegas na Camara. Na Regencia ao lado de Vasconcellos e de Itaborahy, funda o "partido de regresso". o passo atraz heroico de resistencia ao impulso

destravado que levava à demagogia as forças tumultuosas do Sete de Abril.

Elle se afasta lenta, continua, progressivamente, dos conservadores justamente na ascenção de 1848. D'ahi é a evolução para as idéas liberaes mas disciplinadas a um rythmo proprio do seu espirito naturalmente methodico, ritualista e protocollar. Não se comprazia nas multi-divisões liberaes que davam na Camara o aspecto comico de uma briga-de-familia. As discussões mais prolongadas, os debates mais acalorados, as interpellações que degeneravam em analyses pessoaes, em notas detalhadas de politiquice provincial, pertenciam, em grande percentagem, ao partido liberal.

A divisão liberal lembrava o odio sectario entre apostatas e fieis. Christiano Ottoni, liberal illustre, declarava no governo de Zacarias:—

> "Antes quero um ministerio conservador do que a actualidade".

Olinda não teve adversario mais lucido, infatigavel, agil e brilhante que José Bonifacio o Moço, ex-ministro de Zacarias em dois gabinetes. Em 1866 José Bonifacio olvida que Saraiva é liberal. A felicidade de Zacarias em seu ultimo gabinete é ter como ministro da Marinha um dos mais perfeitos typos de parlamentar que tivemos: — Affonso Celso de Assis Figueiredo, o futuro visconde de Ouro Preto, o derradeiro fiel ao regime, o doutor Butkine, paciente e fervoroso ao

lado da catastrophe final. Ouro Preto não era somente a rapidez do argumento, a promptidão da resposta, a segurança do porte, a intrepidez fulminante da contradita que aturdia, desnorteava o adversario; Ouro Preto era a coragem, o desassombro, a cultura polymathica, especialisada, insubstituivel, complexa. Elle é o ministro da Fazenda, de 1889, que enfrentará o desmoronamento do edificio monarchico e terá tempo para obter a conversão da divida externa do Imperio de cinco para quatro por cento e iniciar, com exito, a consolidação do meio circulante, tudo isto em cinco mezes de governo.

A divisão liberal de 1866 corria parelhas com o odio conservador ao "progressista". Historicos e Conservadores, numa politica de extremos, já se alliavam inconscientemente, convencidos da preterição administrativa, certos que constituiam os dois unicos partidos regulares do Imperio. O "terceiro partido", vituperado diariamente, era espurio e condemnado á morte. O conjuncto mais brilhante era, incontestavelmente, essa facção tida como insustentavel e falsa. Derredor de Nabuco, Saraiva, Lobo, Octaviano, o partido se avolumava consideravelmente.

Os chamados "Historicos" ficaram com Souza Franco, especie de puritanos, de quakers insubmissos e teimosos na Fé. Os progressistas tinham os "Historicos" numa sub-classe inimiga

pela casmurrice e inadvertidamente inoffensiva pelo minguado dos partidarios. Dos liberaes avançados sahirá o manifesto republicano de 1870. Os "historicos", repetindo ás avessas a união dos caramurús com os liberaes-vermelhos, unir-se-ão aos conservadores. O partido progressista, com alguns elementos "historicos", constituirá o partido Liberal até 1889.

Para marcar o espirito conciliativo de Olinda note-se que as duas grandes expressões "historicos" e "progressistas", Souza Franco e Saraiva, foram ambos seus ministros.

A posição de Olinda afastava-o das chefias e dos lugares-tenentes. Elle, desde 1850, já não "servia" para dirigir nem para obedecer. Ficou, intelligentemente, num inter-campo onde os politicos se chocavam num debate de programmas e de tactica. Seria, pois, uma incoherencia indesculpavel Olinda demagogo, Olinda discursando nos "meetings", Olinda presidindo circulos, pedindo votos, explicando "plataformas", inviaveis e bonitonas.

Nenhum partido o possuirá inteiramente. Zacarias, Paulino, Cotegipe, Saraiva, foram typicos. Tiveram o animo, o espirito do "clan", a intuição psychologica que o chefe é um totem e não se deve orientar para o lado que disperse a tribu-familia. Elles tiveram o conhecimento quasi physionomico dos componentes da grey, a memoria dos

serviços, a falha dos habitos, o segredo das predileções, o pendulo dos instinctos e das fraquezas.

Olinda é sempre um inactual. Na Constituinte Portugueza como nos ultimos gabinetes fica na mesma linguagem; na palavra prudente que dava a sua attitude o renome de indifferença e de frieza. Seus discursos de trinta annos trazem o traço do homem que morrerá rastejando os oitenta. Distanciados no tempo e no ambiente, divididos pelos movimentos politicos que creavam soluções de continuidade, repetem, na mesma intensidade, as idéas-bases em materia de religião, de justiça, de autoridade e de governo. Não são iguaes mas têm a mesma vibração orientada e certa. Têm a mesma duração, pezo e côr. Poder-se-ia dizer que tinham a continuidade na intermittencia ..

XXI

Viagens de Olinda a Pernambuco. O latifundio e sua influencia na politica brasileira. O senhor-de-engenho. O antigo barão. A nova fidalguia. Olinda e suas opiniões. Traços mentaes. A vida domestica. A veneração collectiva. Surdez convencional? Os casos politicos. Olinda em opposição. Ultimas sessões no Senado. Morte. Enterro. O marquez de Olinda na historia do Brasil.

No segundo Imperio uma grande força influenciadora era o latifundio. A propriedade constituia um feudo autonomo, divisivel por dotes de casamento, transmissivel em linha recta o nucleo principal. Com sua aparelhagem especial de capatazes, rendeiros, acostados, trabalhadores livres e escravos; com sua hierarchia domestica onde os mais velhos senhoriavam os mais moços, com a figura do pater-familia com direito de alta e baixa justiça, o latifundio era um mundo cuja base larga de servidão levava orgulho e seiva ao vertice que era o senhor. Uma população inteira nascia, amava e morria dentro dos mesmos horizontes, vendo a mesma familia a quem votava obediencia por herança e dedicação por habito.

O engenho, no reconcavo bahiano e zona assucareira pernambucana, foi um factor de sociabilidade, de elegancia e de conforto. Ao viver simples e rustico dos ricos sulistas o senhor de

engenho do Norte era um bom exemplar de riqueza aproveitada. A escravaria vasta povoava as senzalas em pombal, centros de folguedos africanos que o amo tolerava e mantinha, irradiava as festas typicas, a satyra mestiça dos Bumba-Meu-Boi, a monotonia langue e romantica das Cheganças que remembravam as lutas de mouros e christãos n'agua azul do Mediterraneo, os rimances sem-fim do Fandango, não mais dança da peninsula mas um auto, os deturpados autos populares das Lapinhas e Pastoris. Além dessas o senhor financiava as orchestras negras. Era a vez dos ganzás e puítas roncadores, dos mangonguês pequenos e dos gongáes immensos. E surgiam historias velhas do continente mysterioso. Repetia-se a guerra longa da rainha Ginga de Loanda com Henrique, rei do Congo. E nas noites do Natal, S. João e Reis a escravaria estrondava os atabaques até madrugada clara. Na casa-grande o luxo das roupas brancas de linho fino, abertas em rendas-de-traça, a prataria abundante, a fartura da meza, o preconceito da hospitalidade faustosa, os cavallos de raça, a carroagem obrigatoria, a guarda pretoriana dos negros-de-fiança, as mucamas de servir, recadeiras, cosinheiras, açafatas, enredando, mexericando, enfeitiçando, os moleques de estimação que levavam bilhete e teciam amores com suas mãos pretas de são Benedictos alvares, a originalidade da cosinha onde se jun-

tavam aos picantes da especiaria africana, o denso saboroso da culinaria lusitana e modos de preparar peixe e carne a moda dos indios, tudo halôava o senhor-de-engenho de um prestigio original e expressivamente proprio.

Eram de esperar a convicção de sua força e o orgulho de seus direitos que se baseavam na tradição, uma especie de "commom law", respeitada por todos. Tambem o senhor-de-engenho representava a superstição da palavra dada, o pudor do interesse e da honra, a altivez de maneiras, a dignidade da posição social, o prestigio da autoridade.

O Senado do Brasil possuia uma bôa porção desses exemplares de raça velha. Minas Geraes mandara Bittencourt e Sá, Jacintho Furtado de Mendonça, Campos Vergueiro, o marquez de Itanhaem, o barão de Camargos, o visconde de Jaguary, o engenheiro Theophilo Ottoni, correspondendo ainda a Martinho Campos, Oliveira Lobo, o paranaense barão de Antonina, o conde de Baependy, aos pernambucanos Silva Ferrão, os tres Cavalcanti de Albuquerque, Suassuna, Albuquerque e Camaragibe.

Esses repercutiam, alem da força pessoal, o poderio tido nas provincias pelos fazendeiros e senhores de engenho. Epoca do segundo barão do Paty dos Alferes, do visconde de Parahyba, o

barão de Paraopeba, do visconde de Parnahyba, do conde de Pinhal, do primeiro barão de Piracicaba, do visconde de Guaratinguetá, do visconde de Campo-Alegre, do barão de Morenos, do barão de Muribeca, do de Ipujuca, do de Capivary. do visconde de Itaguahy, do barão de Contendas, do visconde de Pirapetinga, do de Itabapoama, dos barões de Mogy-mirim, e de Mogy-assú, cem outros, reuniam a classe dos agricultores e creadores de gado, com pendores de mando que se expressavam no gosto indisivel de "fazer" eleições.

A base economica era o latifundio que nós accusamos agora no tempo do distribuitismo de Belloc e Chesterton. O latifundio foi a propriedade-inicial e não podia ser outra no Brasil velho. Defeito de origem logica. Das donatarias de cincoenta leguas de largo passamos às sesmarias de doze, oito e depois tres leguas de comprido, engolindo outras tantas de largo graças á indecisão das fronteiras oscillantes e convencionaes, o latifundio creou o sentido da posse e para o povo a noção do dominio, de suzerania, de mando. Ter terras, inda hoje pelo nordeste, é synonymo de independencia. E' inutil affirmar que do latifundio ao distribuitismo vai uma correlação inevitavel. A sesmaria se destacou em heranças, em doações patrimoniaes, de capellas que crearam as villas e cidades do interior. A divisão se fez incessantemente pela impulsão economica equiva-

lente á impossibilidade do sesmeiro administrar aquellas lonjuras que lhe pertenciam.

Sem o latifundio primitivo não tinhamos povoamento nem disciplina. A paz monotona das grandes fazendas senhoriaes de outróra, com seu systema corporativo, distava mil leguas do torvelinho pittoresco e bravio dos "arruados", villasinhas e povoados sertanejos. Ausencia de chefes que a terra prestigiava...

A mentalidade festeira do fazendeiro é uma expressão infallivel de sua consciencia de "superior". Quando a escravaria diminue e as terras se dividem, surge, obstinadamente, a percepção economica que nenhum senhor de engenho possuia.

Depois do gabinete Rio Branco, o golpe de 28 de setembro de 1871, affectando directamente o braço escravo que plantava e colhia a canna de assucar, guardava e tangia o gado, semeava e apanhava a baga do café, fez recuar o prestigio da classe julgada omnipotente. O barão gastador nas eleições, enthusiasta pelos chefes da Côrte, embandeirador das ruas e queimador de milhares de foguetes no dia da victoria, foi desapparecendo, ferido no amor-proprio.

A politica eleitoral perdeu seu encanto theatralesco e barbaro, espetaculoso e rixento. De 1872 em diante é a phase das allianças na Camara, dos grupos, dos conciliabulos. O nome do partido é falso e ôco. Só se sabe o nome dos

chefes. A fortuna inicía o refluxo do campo para a cidade. Os titulares são agora commerciantes banqueiros, benemeritos de associações abolicionistas ou literarias. E' a vez do barão de Itacurussá, do barão de Itahype, do barão de Campos Geraes, do segundo barão de Diamantina, do barão de Engenho Novo, do conde Figueiredo, do barão de Inhanduby que libertou vinte e tres escravos, do barão de Guararama, do barão de Itarocahy, do barão de Soccorro que alforriou cincoenta e seis escravos, do barão de Itapema, do marquez de Itú, do barão de Monte Cedro, do barão de Vassouras, do visconde de Nacar, do visconde de Monte Mario. São commissarios de café, capitalistas, fundadores de usinas, directores de bancos, negociantes na Côrte, financistas, proprietarios ruraes, introductores de apparelhagens mechanicas na agricultura, no beneficiamento de cereaes, creadores de colonias, uma outra gente mais citadina, mais polida, mais artificial e seductora que o velho senhor-de-engenho, neto do Donatario e filho do capitão-mor.

A cavalgata ruidosa, enfeitada de laços de fita, não mais entrava nas cidades onde se realisavam os pleitos eleitoraes, debaixo de arcos de folhas de coqueiros. O "senhor" absorveu-se no trabalho e mandou os filhos, herdeiros ameaçados da ruina solarenga, á Côrte, ao bacharelato e ao emprego publico.

O titular de outróra era, em alentada proporção, o creador e o plantador. No Rio Grande do Norte, por exemplo, dos seus quatro unicos barões dois são senhores de engenho (Ceará-Mirim e Mipibú) o terceiro fazendeiro, (Serra Branca) e o ultimo bacharel, (Assú).

A classe sentindo-se desprestigiada desinteressou-se. O gabinete que prendêra dois Bispos e ferira de morte o senhor de engenho, prestou os dois maiores serviços de propaganda que a republica esperançaria obter. 15 de Novembro chegará sem que o velho Imperador tivesse junto a si o rico que se derrotara em seu dominio e o Episcopado diminuido em sua liberdade de pastoreio e disciplina espiritual. A maravilhosa figura de dom Vital não é um signal dos tempos, é antes de tudo um avisador de tempo-novo, de reacção, de justiça, de guerra corajosa aos doces habitos de complacencia e descanço.

A superstição da lei e a bondade unilateral de dom Pedro II fizeram a Republica.

1870 é o anno em que Olinda morre. A guerra com o governo paraguayo finda. O manifesto republicano tambem é deste anno. A idéa republicana arrebatara a fina flor liberal. Saldanha Marinho sem a esperança do Senado, Christiano Ottoni, Salvador de Mendonça, Lafayette Pereira assignaram. Um filho de Abaeté assignou tambem. A abolição fizera quasi tudo quanto a

"questão militar" completaria. Qual teria sido a attitude de Olinda ante a abolição? O marquez morre em 1870. Rio Branco é de 1871 e João Alfredo de 1888. Nós poderemos deduzir...

Olinda pensou serenamente no problema do escravo como numa incognita cuja solução envolvia o destino do Imperio. Elle nunca conseguira popularidade que vem sempre das campanhas onde o espirito do promotor e do ambiente se equivalem. E raramente um movimento collectivo acerta a direção segura. Os beneficios são resultados parciaes, imprevistos, não contados no impulso da investida. Nem toda a terra tostada na queima dos aceiros será fertil. Nem o encoivarador indica a porção onde a semente germinará mais vigorosa.

O movimento da abolição foi uma attitude de lyrismo politico sem razões sociaes immediatas. Só compensaria o desequilibrio uma corrente emigratoria que restabelecesse o nivel economico da producção. Essa não surgiu na proporção crescente que a natalidade escrava propiciava. Até agora nossa historia politica é uma historia de equilibrio instavel. Mas não se diga pertencer aos estadistas imperiaes a culpa inteira. Atravez da idéa libertaria elles viam claramente o final da jornada romantica. A responsabilidade dessa culpa feliz pertence, quasi inteiramente ao Imperador. Elle é o director, o orientador, a mão

occulta e obstinada que immobilisa a prôa da nau na róta da abolição.

Olinda, o palaciano, o aulico, a sombra do Rei, o ministro de reposteiro, o cortejador da vontade imperial, como em 1848 resistiu ao Povo, agora resistirá ao Rei para melhor servi-lo.

Em 1852 Olinda desvia a questão. Adia até 1870. Não muda intrinsecamente de sua idéa. Elle quer a abolição indistinctamente para todos os escravos, quando a massa estivesse reduzida pelas mortes e alforrias. O cuidado era estimular a libertação como gestos de iniciativa privada. O governo poderia rythmar o mechanismo mas não se immiscuiria numa these contra a posse. Ficaria resguardada a susceptibilidade do dono-da-cousa e abrir-se-ia caminho incessante às mamumissões graduaes. A diminuição da autoridade seria no sentido do peculio escravo, a indivisão da prole captiva, as alforrias por compra pessoal, a regulamentação dos castigos e das vendas sob registo rigoroso. Olinda temia que o governo entrando na questão deslocasse o assumpto para o campo meramente politico. E tudo se deu como seu receio presagiava.

Um ponto curioso onde o pensamento de Olinda se mantém até o fim e nunca a elle se allude é o seu encontro de idéas com Teixeira de Freitas no sentido da naturalidade pelo "jus soli". Nas tentativas feitas no Conselho de Es-

tado Olinda defende tenazmente o ponto de vista Julgavam nelle uma originalidade de velho excentrico. A Argentina plasmou no seu Codigo Civil a doutrina de Teixeira de Freitas. Da attitude inamovivel de Olinda não se falou...

Outro caso evidenciará as singularidades do renome. Quando em 1868 Zacarias levou para o Conselho de Estado o impasse que Caxias lhe collocara, Olinda, primeiro a falar, resumiu a situação num accento de verdade terrivel. Opinou pela retirada do ministerio e demissão de Caxias. Dependeria esta do gabinete subsequente. O Imperador fez uma só pergunta: "Qual julgariam de menor mal — a demissão de Zacarias ou a do marechal?". Olinda falou immediatamente. Abaeté, Jequitinhonha, S. Vicente, Sapucahy, Rio Branco, Bom Retiro, Muritiba, unanimes, votaram com Olinda. Nabuco fez um lindo discurso. A sua opinião que obtem a sympathia geral é conceder a demissão ao ministerio, ficando para o sucessor deste a questão com o marquez de Caxias. O discurso é rapido, luminoso, um rico metal idiomatico, plastico e sobrio, que encanta. Ninguem, posteriormente, reparou que a opinião victoriosa de Nabuco havia sido apenas a somma das opiniões de Olinda.

Para definir o homem e o politico bastarão dois factos simples. Quando se discutia o problema dos casamentos mixtos Olinda não admittia

solução que não tivesse por base uma circumstanciada consulta ao Santo Padre. Quando se estudou a creação e reforma das Faculdades de Theologia, Olinda opinou que o governo podia crea-las independente da Santa Sé. Assim o fizera El-Rei de Portugal com o curso theologico na Universidade de Coimbra.

Os derradeiros annos do marquez de Olinda não lhe esfriam no posto de ataque aos conservadores. Os liberaes-historicos visavam-no num impeto que denunciava o temor tradicional.

Vasconcellos Godoy, da bancada pernambucana, fez um discurso immenso, brilhante e culto em muitos aspectos, estudando as singularidades de Saraiva — embaixador no Uruguay. A peroração dedicou-a a Olinda. Extranhou dar este quinhentos mil réis para as despezas da guerra e recusar assistir reuniões para promover o voluntariado. O deputado Araujo Barros, sete dias depois, (11 de setembro de 1866) responde ao companheiro. Contou a dadiva de dez contos que Olinda dera durante a questão Christie, explicou a distancia entre Antas e Serinhaem para que o velho marquez a fizesse a cavallo no intuito de assistir discursos.

Esses annos tambem são as primeiras ferias de Olinda. As unicas que em vida se permittiu. Continuava o rythmo acolhedor em sua casa na rua do Lavradio. Ahi jogava o voltarete quando não

o ia fazer á residencia afidalgada de Abrantes. É dessa época a anecdota que Affonso de Taunay me communicou por tel-a ouvida a Martim Francisco.

Abrantes nunca se convencera da surdez de Olinda. Surdez politica cuja extensão e peora dependiam da vontade do doente. Começado o jogo, Abrantes, sorridente e polido, dizia baixo: — "Vê como jogas, velha bêsta!" Olinda perguntava: — "Que diz?" "Digo que jogas admiravelmente", respondia Abrantes. Olinda silenciava, mirando as cartas. Finda a partida, no momento de baralhar, perguntou, imperturbavel. — "Então, seu Abrantes, o velho bêsta jogou bem?" Abrantes gargalhou, deliciado: — "Ah! seu Olinda, eu sempre desconfiava que você só era surdo quando lhe convinha. E acertei!"

Era nesse tempo que o ambiente derredor de Olinda se requintara de respeito carinhoso. Escragnolle Doria conta que um senador maranhense, jogando voltarete, não ousava "cortar o Rei" sem pedir venia a quem o fôra dois annos. Quando o conde d'Eu casara com dona Isabel, a herdeira do throno, Olinda fôra, com o duque de Saxe, padrinho do noivo. Itanhaem e Furtado haviam sido da noiva, 15 de outubro de 1864.

A marqueza de Olinda, dona Luiza de Figueiredo de Araujo Lima, fazia as honras da casa vasta como o espirito que presidia as reuniões fa-

miliares. O genro, Joaquim Henrique de Araujo, barão e depois visconde de Pirassununga, velava por elle como por um nume tutelar. Olinda era Grande do Imperio, official da Imperial Ordem da Rosa, da Imperial Ordem do Cruzeiro, grã cruz da Imperial Ordem de Chisto, da de Santo Estevam da Hungria, da Legião de Honra, da França, da de Nossa Senhora de Guadelupe, do Mexico, da de São Mauricio e São Lazaro, da Sardenha, da de Medjidié, da Turquia e Fidalgo Cavalleiro da Casa Imperial.

Durante 1866 voltara a Pernambuco. Despedia-se da terra e da gente. Nesse 1866 Itaborahy reune amigos. Herdara o prestigio erratico dos outros chefes. Zacarias proclamou-o, numa leve ironia: — "o chefe natural, reconhecido e acceito geralmente, do partido conservador". Já se iniciára, rapida e victoriosa, a carreira de Paulino, o czarewich saquarema que obrigaria Rio Branco a dissolver a Camara, dando-lhe em campo aberto um combate fulminante. 1867 é a guerra o assumpto absorvente. 1868 dá-se a quéda Zacarias ante uma carta de Caxias que a sobranceria do senador bahiano não deixara passar sem carimba-la de "caudilhagem". A ascenção Itaborahy, em minoria parlamentar e sem cohesão conservadora, constitue o grande ponto de partida para a bifurcação das actividades politicas. No Senado Nabuco de Araujo clangôra um dos

mais completos e logicos protestos articulados duma tribuna. A moção que José Bonifacio justifica entre palmas (17 de junho) tem como resposta a dissolução no dia immediato. O sr. Oliveira Vianna data desse anno o "Occaso do Imperio". Occaso que illuminaria muitos annos radiosos e lindos, mas o sol não mais se ergueria para guiar as cavalgatas ruidosas do regime.

Em 1869 Olinda, vez por outra, surge na tribuna, combatendo o partido no "poder". A sua grande saudade é a terra pernambucana. Seguelhe o destino, attento, pedindo melhoramentos.

No mez de outubro, (sessão de 4) faz um discurso justificando o prolongamento da estrada de ferro para Bezerros, difficultado por Itaborahy sob pretexto da região ser despovoada. Olinda argumenta:

> "Nos Estados Unidos quando se trata de edificar uma cidade nova no deserto... não se pede população para fazer a estrada: a estrada é que ha de dar população".

O anno de 1870 trouxe a paz com a tragedia do Aquidabaniguy. A féra que se torna, num gesto unico e ultimo, heroica e respeitada, abatese entre as ruinas da terra paraguaya, dilacerada por suas garras. Com Francisco Solano Lopez (*)

(*) Minha opinião a respeito de Solano Lopez e a Guerra do Paraguay está no meu ensaio "LOPEZ DO PARAGUAY" (Natal. Typ. d'A Republica. 1928) onde reuni documentos ineditos e notas mais ou menos opportunas.

esfarela-se no ar o derradeiro tyranno classico sul-americano. Sua existencia inutil, terrivel, barbara e suggestiva, serviu para medida de extensão à resistencia maravilhosa da raça paraguaya. Agora, literariamente, possue outro gábo postumo — dá themas aos seus agiologos apressados e retardatarios, mudos ante as provas vastas, surdos ante a evidencia, tentando, numa obstinação de vontade furiosa, a tardia canonisação civica do "tiranillo" hediondo...

Tambem politicamente o Brasil escolhia, indeciso, rumos longes. A França e a Inglaterra já não constituiam mercado unico das idéas. Os Estados Unidos fulguravam, suggestionadores e visinhos. E a idéa republicana que no Brasil se confundira, na logica das revoluções idealistas, com a liberdade da Patria, sahira de grupos utopistas, de senadores preteridos, de rapazes cuja cultura mnemonica cégara o senso ambiental e ethnico. Da "olygarchia monarchica" corriam à olygarchia politica. Nessa ultima haveria, disfarçada e latente, a possibilidade duma dynastia pessoal.

Na abertura das sessões preparatorias do Senado, Olinda não comparece. Officia participando molestia. A 27 de maio elegem as commissões permanentes. Olinda fica na de Instrucção Publica e Negocios Ecclesiasticos com Zacarias e Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Não apparece

no Senado todo mez de maio. A 2 e 3 de junho surge. Deu aos senadores a impressão de lord Chatam...

No dia sete de junho, terça-feira, às quatro da madrugada, fallecia o marquez de Olinda.

O barão de Pirassununga communicou as duas casas parlamentares. Abaeté falou. Discursinho curto e sem maiores expressões, escapando aos lugares-communs que significavam desencargo de consciencia. Saraiva pediu em cinco segundos o levantamento da sessão. Octaviano lembrou que sendo o enterro no outro dia á tarde seria melhor não haver sessão no dia 8. A "casa", consultada, accedeu unanime.

No outro dia, enterro. Coche imperial, batalhões, salvas, continencias, vinte moços de estribeira da Casa Imperial com tochas accesas e montados ornamentalmente. Agarrados aos cordões do feretro o conde de Iguassú, camarista de semana, por Sua Magestade o Imperador, o conde de Lages, por Sua Alteza o conde d'Eu, Abaeté pelo Senado, Baependy pela Camara dos Deputados, Itaborahy pelo ministerio e Muritiba pelo Conselho de Estado.

Enterraram-no no cemiterio da Ordem Terceira de São Francisco de Paula, em Catumby. A 22 de dezembro Olinda teria setenta e sete annos...

Com o marquez de Olinda desapparecia o mais velho senador do Brasil. Este e o caso de ter sido Regente do Imperio pareciam constituir a total afinação dos necrologios.

Sem livros publicados, sem memorias, sem anecdotas, com uma documentação esparsa e difusa, Olinda é tão difficil de ser visto em conjuncto como em detalhe. Inda perguntamos por sua efficiencia. O estadista é posto em duvida. O politico é visto atravez de lentes liberaes. Vem até nós um homem hirto e grave, coberto de crachás e de medalhas, tendo sido tudo quando outros nada puderam ser valendo o duplo.

Olinda foi no segundo Imperio um approximador, um elemento que reune factores de contacto difficil e de união rara. Elle teve o senso das escolhas, a intuição das capacidades, a coragem dos appellos definitivos. Não tem o espirito sectario, a estreiteza da casta, a superstição do "clan" partidario. Reune, congraça, cohesifica. Seu nome é uma garantia de segurança, uma prova de estabilidade, um coefficiente de força methodica e tranquilla. Homem de occasião, foi-lhe o supremo reproche. Olinda justamente merece, na bôa accepção do vocabulo, este titulo. Homem de occasião que sómente elle terá permanencia, equilibrio, dedicações. Quando o irresistivel Saraiva recua e o invencivel Abaeté abdica, Olinda "faz a situação" e administra. Assim foi em 1862 e em 1866.

É logica a ignorancia popular ao seu nome. Olinda nunca foi popular. Elle é diametralmente opposto ás campanhas populares que sagram os "meneurs". Na Maioridade a jornada de Antonio Carlos é contra elle. No inicio da Abolição o doutor em Canones abstraía totalmente a sensibilidade para ver um problema economico onde a propriedade se apoiava.

Não foi orador nem tribuno eleitoral. Seus discursos parecem informações ministeriaes. Pezam os conceitos emittidos num estylo sobrio, duro, igual, monotono pela simplicidade.

Aquelle velho imponente, impassivel, cerimonioso, só deixa saudade á geração que não o teve por companheiro. Quando o Imperio oscilla, batido pelas idéas que a tolerancia imperial multiplicara na indifferença que era bondade, a figura de Olinda avulta, enorme, immovel, como um ponto de referencia denunciando a distancia dos methodos empregados.

Na Regencia fôra um disciplinador. Continuara, sem a theatralidade espontanea de Feijó, a inflexibilidade das rectas politicas.

Depois de sua morte, sem que haja influido o espirito de sua época, a politica brasileira é feita de concessões e de licenças. A maré-montante subirá em proporção inversa a rareada defesa dos estadistas.

Só surgirá Ouro Preto, para, sozinho e desajudado, enfrentar o preamar espumejante e aspero, rôtos os diques da compressão rythmadora e soado. o alarme de panico num acampamento que não mais possuia estandartes.

O visconde de Ouro Preto, num symbolo curioso, organisa o derradeiro anteparo monarchico num anniversario da morte do marquez de Olinda.

Sete de Junho marca o final e o inicio de duas grandes e nobres dedicações brasileiras...

Praia de Areia-Preta. NATAL, 20 de fevereiro de 1930.

ADDENDOS

CARTA DE BRAZÃO

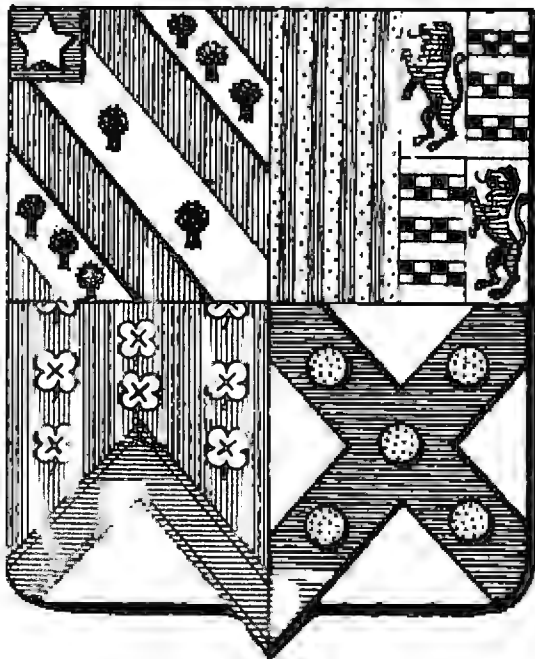
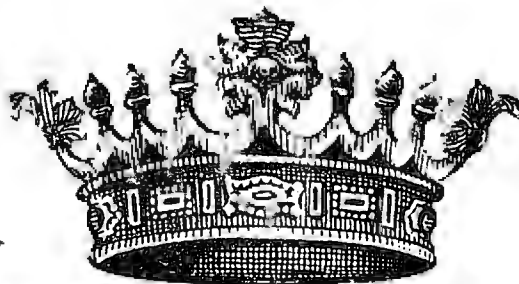
Collecção Marquez de Olinda.
Instituto Historico Geographico Brasileiro.

Dom Pedro Primeiro, pela graça de Deus e unanime Aclamação dos Povos Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Imperio do Brasil.

Faço saber aos que esta minha Carta de Armas de Nobreza e Fidalguia virem, que Pedro de Araujo Lima do meu conselho, natural da Provincia de Pernambuco, Me fez petição dizendo que pela sentença de justificação de sua Nobreza, e Fidalguia, a ella junta, proferida pelo Dezembargador Corregedor do Civil da Corte, e Caza de Supplicação; o Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, subscripta por Francisco Luiz da Silva, Escrivão do mesmo Juizo, e pelos documentos a ella tão bem juntos, se mostrava que elle he filho legitimo de Manuel de Araujo Lima natural da Provincia de Pernambuco, e de D. Anna Teixeira Cavalcanti natural da mesma provincia de Pernambuco, Neto paterno de Antonio Cazado Lima, e Neto materno de Pedro Teixeira Cavalcanti ambos naturaes da mesma provincia, descendentes das mais distinctas familias. Os quaes seus Paes e Avós são pessôas de qualificada e antiga nobreza e Fidalguia, e como taes sempre se trataram a Ley da Nobreza, com Armas, Criados, Cavallos, e toda a mais ostentação pertencente a sua jerarchia servindo no Politico e no Militar nos logares e Postos mais distinctos do Governo, sem que em tempo algum cometessem crime de Leza Majestade Divina ou Humana. Pelo que me pedia elle Suppli-

cante, por mercê que para a memoria de seus progenitores se não perder a clareza de sua antiga Nobreza lhe mandasse dar Minha Carta de Brazão de Armas das ditas familias, para dellas tambem uzar na forma que os trouxerão, e forão consedidas aos ditos seus progenitores.

E vista por mim a dita sua petição, sentença e autenticos documentos, e constar tudo o referido, e que a elle como descendente das mencionadas familias lhe pertence uzar e gozar de suas armas, segundo o meu Regimento e Ordenação da Armaria; lhe Mandei passar esta minha Carta de Brazão dellas na forma, que aqui vão Brazonadas, Divizadas e Illuminadas, com côres e metaes segundo se achão registadas no Livro de Registo das Armas da Nobreza, e Fidalguia do Meu Imperio, que tem Meu Principal Rei D'armas. A saber:

Num escudo esquartelado, no 1.º quartel as Armas dos Cazados que são em campo vermelho trez bandas de prata, e sobre cada qual trez molhos de trigo de sua côr, com espigas. No segundo quartel as Armas dos Limas, que são escudos partidos em palla, o primeiro de Aragão em Campo de ouro quatro barras vermelhas, e a segunda palla esquartellada de Silva e Souto Maior, que são Silva em campo de prata hum Leão de purpura armado de azul, e Souto Maior são em campo de prata trez faxas enxequetadas de ouro e vermelho de trez peças em palla. No terceiro quartel as dos Cavalcanti que são em campo de prata numa asna azul coticada de negro, e o campo de cima vermelho semeado de flores de prata de quatro folhas. No quarto quartel as Armas dos Araujos, que são em campo de prata huma aspa azul com cinco bezantes de ouro em ella. Timbre dos Cazados, que he trez molhos de trigo de sua côr com espigas, Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos Metaes e côres das Armas, e por differença huma brica azul com uma estrella de ouro.

Brazão d'armas concedido em 30 *de outubro de* 1828 *ao snr. Telho de Araujo Lima, depois Visconde* (18-*VII*-1841) *e Marquez de Olinda* (2-*XII*-1854).

O qual Escudo, e Armas poderá trazer, e uzar tão somente o dito Pedro de Araujo Lima, assim como os trouxerão e uzarão os ditos Nobres, e antigos Fidalgos seus antepassados em tempo dos Senhores Reys Meus Antecessores; e com ellas poderá entrar em Batalhas, Campos, Reptos e Escaramuças, e exercitar os mais actos licitos da Guerra e da Paz, e assim mesmo os poderá trazer e uzar em seus Firmaes, Aneis, Sinetas, e divizas, postas em suas Cazas, Capellas e Mais Edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura; e finalmente se poderá servir, honrar, gozar, aproveitar dellas em tudo, e por tudo com á sua Nobreza convem. Com o que, Quero e praz; que haja elle e todos os seus Descendentes todas as honras, Privilegios, Liberdades, Graças, Mercês. Izenções, e Franquezas, que hão, e devem haver os Fidalgos e Nobres de antiga linhagem, e como sempre de tudo uzarão e gosarão os ditos seus antepassados; e seus sucessores não poderão uzar deste Brazão e Privilegios sem que novamente lhe seja a cada hum delles confirmado. Pelo que; Mando aos Meus Dezembargadores, Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, e mais Justiças do Meu Imperio, e em especial aos Meus Reis de armas, Arautos, E Passavantes, e a quaesquer outros Officiaes, e Pessoas a quem esta Minha Carta for mostrada, e o conhecimento della pertencer, que em tudo lhe cumprão, e guardem como nella se contem, sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim he Minha Mercê. Pagou de Novos Direitos Cinco mil reis, que se carregarão ao Thezoureiro delles a folha 222 do Livro II de sua Receita, e como consta do Conhecimento em forma Registado a fls. 20 ver. Livro VII do registo Geral dos mesmos.

O Imperador do Brazil o mandou por Felix José da Silva, cavaleiro Fidalgo da Sua Imperial Caza, e seu Principal Rey de Armas.

Antonio Bernardo Cardozo Peçanha de Castello Branco, Cavaleiro Professo Na Ordem Militar de Sant-Iago da Espada, Fidalgo de Linhagem, Cotta de Armas e Solar conhecido, e Escrivão da Nobreza e Fidalguia do Imperio do Brazil, a fez em a Muito Heroica e Leal Cidade do Rio de Janeiro, Côrte do Imperio, aos trinta do Mez de Outubro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte e oito. Setimo da Independencia e do Imperio.

FELIX JOSE' DA SILVA

NOTA: Devo este documento á captivante bondade do sr. dr. A. C. d'Araujo Guimarães, descendente do Marquez de Olinda.

DESCENDENCIA DO MARQUEZ DE OLINDA

O Marquez de Olinda casara com D. Luiza de Figueiredo, filha do dr. José Bernardo de Figueiredo, Presidente do Supremo Tribunal de Justiça do Imperio, (1769-1854).

A Marqueza de Olinda falleceu no Rio de Janeiro em 13 de novembro de 1873.

Os marquezes de Olinda tiveram apenas um casal de filhos:

PEDRO DE ARAUJO LIMA, fallecido aos 14 annos, bacharel pelo Collegio D. Pedro II.

LUIZA BAMBINA, que se casou com o Visconde de Pirassununga, Joaquim Henrique de Araujo Filho, official da Imperial Ordem da Rosa, Commendador da Ordem de Christo e da Ordem de S. Silvestre, Barão em 6 de dezembro de 1858 e Visconde a 11 de outubro de 1876. Falleceu no Rio de Janeiro a 14 de outubro de 1883. Tiveram quatro filhos:

A — JOAQUIM HENRIQUE DE ARAUJO OLINDA.

B — LUIZA DE ARAUJO.

C — PEDRO DE ARAUJO LIMA, fallecido aos 14 annos de idade.

D — MARIA BIBIANA DE ARAUJO.

A — JOAQUIM HENRIQUE DE ARAUJO OLINDA, casou com D. Laura Faro. Filhos:

A-1: dr. Joaquim Henrique de Araujo Olinda Filho.
A-2: Laura.
A-3: Eurico.
A-4: Luiza, casada com o Dr. Charles Koening, residente em Paris.
A-5: Maria Georgina, casada com o Embaixador Raul Regis de Oliveira.
Filha: Sylvia de Araujo Regis de Oliveira.

B — LUIZA DE ARAUJO, casada com o Dr. José Antonio Alves Souto. Filhos:
B-1: Dr. José Antonio Alves Souto Filho, casado com D. Alice dos Santos. Filhos:
B-1-2: Arino dos Santos Souto.
B-1-3: Anna dos Santos Souto.
B-2: Luis Gonzaga Alves Souto.
B-3: Luiza Souto, casada com o Dr. Constancio Pereira Lima.
B-4: Judith de Araujo Souto, casada com o sr. Manuel de Gouvêa Jardim.
B-5: Henrique de Araujo Souto.
B-6: Alberto de Araujo Souto.
B-7: Eduardo de Araujo Souto.

D — MARIA BIBIANA DE ARAUJO, casou com o Tenente Coronel Domingos Custodio Guimarães Filho, Barão do Rio Preto (decreto de 23 de setembro de 1874), falecido em Valença a 12 de fevereiro de 1876. Filhos:
D-1: Domingos Custodio Guimarães, casado com D. Maria Augusta da Alliança. Filhos:

D-1-2: Domingos Custodio Guimarães Junior.

D-1-3: Aída Guimarães, casada com o dr. Antonio Teixeira de Sá Fortes. Filha:
Maria da Gloria de Sá Fortes.

D-1-4: Marietta Guimarães, casada com o Dr. Apolinario Guimarães Mascarenhas. Filhos:
Ilza Mascarenhas.
Sylvia Maria Mascarenhas.
Maria Helena Mascarenhas.
Bernardo Guimarães Mascarenhas.

D-2: Arthur de Araujo Guimarães, casado com D. Anna Marques Leão. Filhos:

D-2-2: Jayme de Araujo Guimarães, casado com D. Jessy Caldas de Araujo Guimarães.
Filhos:
Luis de Araujo Guimarães.
Yolanda de Araujo Guimarães.
Isa de Araujo Guimarães.

D-2-3: Maria Regina de Araujo Guimarães.

D-3: Pedro de Araujo Guimarães.

D-4: Carlos Alberto de Araujo Guimarães, casado com D. Magdalena Macedo. Filhos:
Alberto de Araujo Guimarães.
Carmen de Araujo Guimarães.
Branca de Araujo Guimarães.
Angelina de Araujo Guimarães.
Izabel de Araujo Guimarães.

D-5: Marietta de Araujo Guimarães.

D-6: Julietta de Araujo Guimarães, casada com o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. Filhos:

D-6-1: Antonietta de Andrada, casada com o Dr. Francisco de Salles Baptista de Oliveira. Filhas:
Sylvia Maria Baptista de Oliveira.
Margarida Maria Baptista de Oliveira.

D-6-2: dr. José Bonifacio Olinda de Andrada.

D-6-3: dr. Fabio Bonifacio Olinda de Andrada, casado com D. Clarisse Andrada. Filhas:
Ilka Maria de Andrada.
Luiza Maria de Andrada.

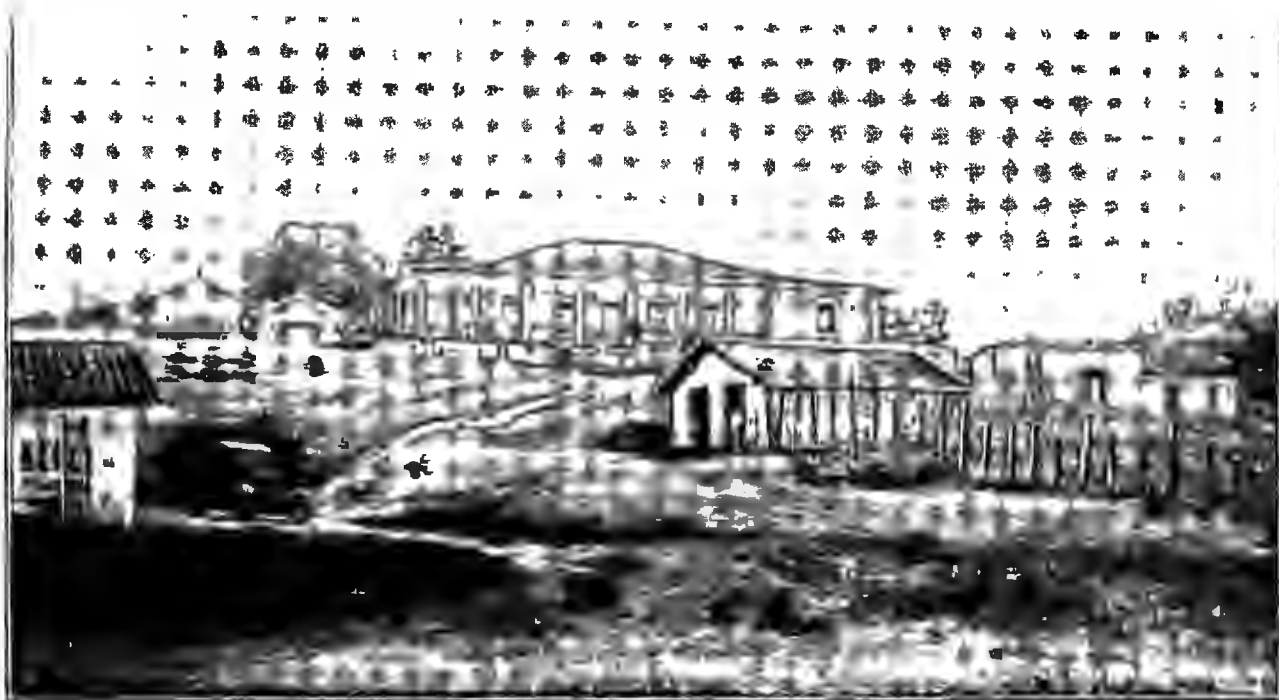
D-7: Maria de Lourdes de Araujo Guimarães, casada com o Dr. Bernardo Ferraz. Filha: Maria Haydée de Araujo Ferraz.

Ao dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, que teve a captivante bondade de enviar esta nota sobre a descendencia do Marquez de Olindá, presto as homenagens do meu agradecimento.

L. da C. C.

CERTIDÃO DE BAPTISMO DO MARQUEZ DE OLINDA

"Genuino Gomes Pereira, parocho collado na parochia de Nossa Senhora da Conceição de Serinhaem, etc. etc., Certifico que, revendo os livros de assentos de baptisados desta freguezia, no livro 12º dos mesmos assentos, à folha 8, está lançado o assento seguinte: — "Aos 3 de março de 1794, na capella do engenho "Goyanna", desta freguezia de Serinhaem, de licença do rev. vigario Antonio Teixeira Luiza, o rev. Manuel Simplicio baptisou e poz os santos oleos à Pedro, branco, nascido em 22 de dezembro de 1793, filho de Manuel de Araujo Lima e de sua mulher D. Anna Teixeira Cavalcanti, neto paterno do sargento-mór Antonio Casado Lima e de sua mulher D. Margarida Bezerra Cavalcanti, e materno do coronel Pedro Teixeira Cavalcanti e de sua mulher D. Luiza dos Prazeres Cavalcanti; foram padrinhos o capitão-mór Henrique Luis de Barros Wanderley e sua avó materna, de que mandei fazer este termo, em que me assignei: — O vigario João José de Saldanha Marinho. Nada mais consta deste assento que fielmente copiei e affirmo em fé de parocho. Villa de Serinhaem, 2 de julho de 1870. O vigario Genuino Gomes Pereira."

Esta copia foi-me gentilmente enviada por Naasson de Figueiredo que a tirou da mesma fonte de Pereira da Costa, o n.º de 16 de julho de 1870 do "Diario de Pernambuco". Posteriormente Gilberto Freyre mostrou-me a confusão entre "Goyanna" e "Goycanna", verdadeiro nome do engenho onde Olinda se baptisou.

Casa-Grande do engenho «Antas» onde nasceu o Marquez de Olinda. Pertencia a Serinhaem e agora faz parte do municipio de Gameleira (Pernambuco)